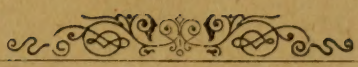


3 1761 07041580 7

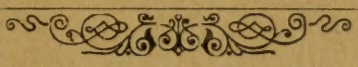
I

(19)

862c



CAMILLO CASTELLO BRANCO



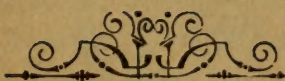
CANTINO CASTELLO BRANCO

SERGIO DE CASTRO

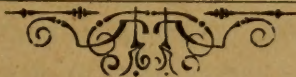
Camillo Castello Branco



Typos e episodios da sua galeria



VOLUME III



1914

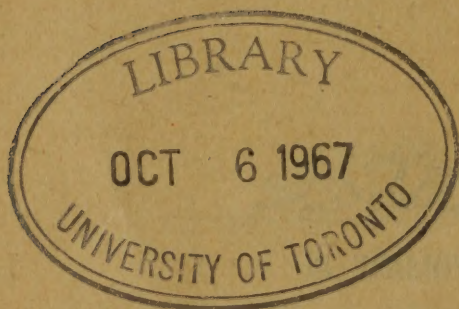
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PQ
9261
C3Z64
v. 3



1914

OFICINAS TIPOGRÁFICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Da Parceria António Maria Pereira

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Prologando

Ao encetarmos a coordenação do terceiro e ultimo volume sobre os *typos e episodios da galeria camilliana*, a situação, com respeito ao consagramento nacional de Camillo, de uma fórmula historica, continúa a ser a mesma que deixámos registada: absolutamente negativa.

E' que o paiz, a nossa querida Patria, que certamente todos estremecem, mas por ideaes tão oppostos que esse amor se inutilisa; é que o nosso paiz, no actual momento incoercível, alheia-se de homenagens aos que sahiram da Vida, para se entregar com muitas folganças ao festejo dos idolos de hoje, como ainda não houve no mundo, atravez as civilisações, idolos tão abundantemente thuribulados de mirrhas e incensos.

E as gerações futuras, de critica despreoccupada, tirarão a limpo, se elles mereceram tambem a consagração da Historia, ou se não foram dignos, sequer, de chegar aos patamares do seu templo.

Não temos uma edição definitiva da sua obra completa e complexa, embora o inventario se encontre feito com a possivel perfeição, não se facilitando, mesmo, que

a benemerita *Parceria Antonio Maria Pereira* acabe a editoração mais extensa que até agora se tem feito dos romances, dramas, versos, comedias e criticas de Camillo Castello Branco, e que fôra iniciada por Pedro Correia da Silva, o fundador do *Diario Illustrado* e do *Correio da Europa*.

Não se lhe projecta, nem sequer em alvitre que se garanta de realidade, um monumento em Lisboa, Porto ou Rio de Janeiro—as tres grandes cidades em que se falla e escreve a sonora lingua, que elle tanto aperfeiçoou e engrandeceu!

Não se lhe fazem bustos de vulgarisação, nem se lhe pintam retratos que se guardem nos museus do Estado ou nas galerias das pessoas ricas!

Os typos dos seus romances e comedias, tão bem acabados, tão bem individualisados, com tanta realidade de feitio e com tanto realismo de verdade, nas épocas em que se descrevem, quer sejam historicas, quer sejam contemporaneas, não merecem a applicação do cinzel dos escultores e da palheta dos pintores. Nem, pelo menos, o lapis dos caricaturistas!

Tendo todos elles, e tanto e tanto, por onde imprimirem a feição dos nossos costumes por meio d'essa caricatura!

Os seus restos mortaes, do homem de genio, que criou typos que sempre hão de viver na litteratura portugueza, por mais que se sommem os seculos e se multipliquem as gerações, lá permanecem em jazigo de emprestimo, até que por ventura se confundam e baralhem, dando-se-lhes uma consagração hypothetica, como se fez aos restos de Camões!

A commissão, encarregada de cuidar da sua memo-

ria, que deixa passar os dias, deixa passar os mezes e deixa passar os annos sem um arranco de acção definitiva, se de quando em vez dá signal de si, é somente para que se registe com tristeza que o desleixo chega a ponto, embora sem deshonestidade sua, que um donativo importante não chegou ao destino que se lhe dava, e para se noticiar nas gazetas, sem que á informação se siga uma rectificação immediata, que a modestissima lapide, em que se regista o seu nascimento, se encontra errada na data do anniversario do grande homem!

Apenas, como singela consolação, apparece o annuncio de que na casa de S. Miguel de Seide, ninho dos seus amores e refugio das suas amarguras, se vai organizar um museu, archivo regional onde piedosamente se reuna quanto possa colleccionar-se de cousas e lembranças que fallem da sua vida de escriptor, de pae que foi amantissimo, de amigo que foi extremoso e de critico que foi de intuições luminosas sobre ser de determinações conscientes: cousas e lembranças, que ainda quando sejam pequenas, ficarão sendo enormes, pois se avolumam por dizerem respeito á poderosa individualidade de quem, por privilegios da natureza e dons do Senhor, tão grande se affirmou!

Apenas. . .

Apenas, e ainda assim se o alvitre feliz alcançar, de facto, a realisação que tanto é para desejar.

E' muito para lamentar tamanha incuria. E' muito para lastimas tanta indifferença socialmente criminosa.

Bem sabemos que Alexandre Herculano, Visconde de Almeida Garrett e Visconde de Castilho ainda não teem monumentos.

Mas o grande historiador e os grandes poetas vive-

ram e morreram n'um tempo em que o jornalismo não alcançava a vulgarisação e a força de agora: força que chega e sobra em apothese de cousas mínimas, mas que abandona, quando tudo podia fazer ou obrigar a fazer, a memoria de Camillo Castello Branco, collocando-o no sombra feita pela evidencia de tantas gentes, que nem sequer podiam, pela subalternidade, formar cauda no sequito da sua immortalidade.

Mas essa imprensa ainda está a tempo de obrigar ao pagamento da divida nacional. Acorde os poderes publicos. Independentemente de commissões, que parece terem renunciado, abra subscripções como quem abre o gazofilacio que amigalhe o obulo dos devotos. Incite os artistas. Congregue os admiradores, se elles forem de possivel congregação. Dirija-se á capital. Dirija-se ao capital. Appelle para o Brazil.

Faça tudo, porque tudo pode fazer.

E' tempo e mais que tempo, e honrar a memoria de Camillo Castello Branco é uma das melhores fórmulas de engrandecer o nome portuguez.

O tempo vai sendo todo de politica, tornando-se mister que seja de mais alguma cousa; e assim, n'um principio de renascimento, comecemos por consagrar nacionalmente o nome e a obra de Camillo Castello Branco.

16 de Janeiro de 1913.

Theatro

Não é sem difficuldade de espirito, ou antes não é com aquella boa vontade com que abordamos os romances, a critica, a polemica e a historia do grande homem de letras, que nos achegamos dos seus dramas e comedias.

Porque é onde elle foi *menos*, embora deixasse traços testemunhativos e affirmativos do muito que podia ser, se á vontade, desde que possuia o condão do genio, quizesse submetter as suas inclinações, e a vida romantica que caracteriza toda a sua existencia social.

Mas não podendo fugir á generalidade do programma que nos impozemos, vamos passar revista.

O theatro de Camillo Castello Branco. . .

Este capitulo, para um erudito, que o fosse de verdade ou que imposturasse de sê-lo, teria um prologo extenso e abundante.

Mas não somos eruditos, nem desejamos, fingindo, envergar o figurino de molde certos e conhecidos.

Por isso, o menos que poder ser.

Os espectaculos a que chamaremos *organizados*, —

porque antes, em *theatro livre*, e antes de Antoine se encontrar no embrião da massa das cousas possíveis, sempre os houve na humanidade —, começaram ahi pelo seculo IV da nossa era.

Houve os theatros de Dyonisio em Athenas, de Scyonis em Sparta, de Epheso, de Sagestis na Sicilia, e por ahi fóra uma *invasão* da Arte, disseminando-se pelas raças e pelos idiomas, acomodando-se-lhe, como de resto acontecia com as invasões de todos os generos.

Mas a parte *material*, exterior, de scenario, é o menos; o principal é a evolução da tragedia, do drama e da comedia atravez as civilisações, havendo a considerar, especialisadamente, o theatro grego, o romano, o da Edade Média, o moderno, o modernissimo, o scientifico, o declamado, o cantado, o pinoteado, o de invenções, o de costumes, o de caricaturas, o de ensino, o de perversão, o de generalidade, o de these, o de . . .

Paremos. O principal é consideralo nessa corrente, desde que a acção das paixões ou dos interesses postos em scena foi simultanea ou se tornou successiva.

Principiaríamos assim, indo por ahi adiante, com Larousse na frente e o *Theatre en liberté*, posthumo de Hugo, ao alcance da mão direita.

Assim iríamos fazendo, se porventura nos preparássemos, retroactivamente ao seculo XVII para apresentarmos uma memoria á Academia dos Singulares, e no presente para fazermos uma conferencia na Academia das Sciencias de Portugal, presididos pelo sr. dr. Theophilo Braga e secretariados pelo sr. Cabreira.

Mas repetimos que não é de fórma alguma, nem podia ser esse o nosso proposito.

Libera nos, Domine.

Se déssemos o espectáculo erudito, a desproposito do theatro de Camillo, o seu alto espirito, lançar-nos-ia, como o Pombal de Garrett, a sua luneta de trocista, parando nas avenidas dos Elyseos.

Libera nos, Domine

Vamos, pois, simplesmente, muito singelamente, terra a terra, ao theatro camilliano; theatro que o auctor escreveu, da extrema mocidade á velhice prematura, sem se lembrar de academias e academicos, de que sempre foi desdenhoso, chegando a ver-se rejeitado, como individualidade que não acreditava a douta corporação, pelo... *Instituto* de Coimbra.

Mas não compliquemos a narrativa com episodios pittorescos, que nos estão acudindo á porfia aos bicos da penna, erudita sómente d'estas miserias da vida.

Os dramas e comedias de Camillo encontram-se hoje coordenados em edição, quanto possivel completa, como seria para desejar que estivesse editada toda a sua obra, principalmente em materia jornalistica e critica, porque nesse campo ainda ha, de certo, muito e muito que juntar e pôr em ordem—tarefa esta que se torna urgente, pois que vão rareando os que se podem considerar *habilitados* a metter-lhe hombros.

Os dramas e comedias abrangem 5 volumes da collecção editada pela *Parceria Antonio Maria Pereira*, e pela ordem em que nessa edição se enfileiram, e que aliás não é a ordem da elaboração do auctor, são os seguintes:

Agostinho de Ceuta, drama em 4 actos.

O Marquez de Torres Novas, drama em 5 actos.

Poesia ou dinheiro, drama em dois actos.

Justiça, drama em 2 actos.

Espinhos e Flores, drama em 4 quadros.

Purgatorio e Paraiso, drama em 3 actos.

O Morgado de Fafe em Lisboa, comedia em 2 actos.

O Morgado de Fafe amoroso, comedia em 3 actos.

O ultimo acto, drama.

Abençoadas lagrimas, drama em 3 actos.

O Condemnado, drama em 3 actos.

Como os anjos se vingam, drama num acto.

Entre a flauta e a viola, comedia num acto.

O lubis-homem, comedia em 3 actos, com um prologo do sr. Alberto Pimentel, e que foi pela primeira vez publicada em 1900, em edição da livraria Guimarães, Libanio & C.^a.

A Morgadinha de Val de Amores, comedia em 3 actos.

Ao todo 15 peças em 35 actos, chegando algumas á 4.^a edição, como o *Agostinho de Ceuta*, sendo este drama

um dos primeiros trabalhos litterarios de Camillo, pois data de 1846.

Esta enumeração, só por si, materialmente, tem o seu valor, porque mostra quanto trabalhou aquelle homem de letras, pois que no genero a que manifestamente dedicou menos attenção produziu cinco volumes, que mais não são os do theatro de Almeida Garrett, que só pelo genero dramatico se lhe avantajou na historia da litteratura portugueza no seculo XIX.

O muito que elle trabalhou no meio de uma vida que nunca foi tranquilla, antes foi sempre aventureosa e difficil quasi que no expediente quotidiano d'essa vida!

E' assombroso e é unico, pois que já não havia Mecenas, nem elle os requestaria; já que não tinha, como os homens da Academia Real da Historia, boas sombras protectoras a que se achegasse!

Mas proseguindo, vinha agora, porventura, a proposito, um pequeno discreteamento sobre o theatro portuguez, para no seu meio historico collocarmos a producção do auctor.

Mas conhecendo diversos processos applicaveis ao intento, e podendo, por meio de convencionalismos, inventar outros, a que fossemos ajustar os dramas e as comedias referidas, não faremos uso d'esses instrumentos de tortura, já porque esses processos criticos chegaram, com toda a sua technica, ao supremo descredito, pelo muito que d'elles se tem abusado, já porque muitas vezes temos accentuado que escrevemos estes livros despreoccupados de todas as erudições, quer ellas acudissem espontaneamente ao intento, se possuissimos essa riqueza de sabedoria, quer as rebuscassemos com maior ou menor habilidade na contextura.

De Gil Vicente a Antonio José, o *Judeu*, parecidos com seculos de permeio; do theatro de Sá Miranda, imitativo, ao de Antonio Ferreira, nacional puro; da Arcadia ao resurgimento de Garrett, e de Garrett a Mendes Leal, que é o maior da turba do seu tempo; passando por alto o que appellidam de *moderno theatro*, para não melindrarmos susceptibilidades vaidosas, representando aliás este theatro, com Marcellino Mesquita na frente, um grande esforço louvavel no meio da concorrência do industrialismo estrangeiro e de outro industrialismo de peor raça ainda—o das revistas e operetas, em que se abastarda e corrompe o criterio das multidões, que nunca foram mais exploradas que no tempo em que se diz garantir-se-lhes todas as regalias—; nesta longuissima jornada atravez os tempos, apreciando homens e considerando civilisações, nós podiamos tracejar larga escripta, de onde aliás nada se concluisse de positivo e certo, porque seria loucura o procurarmos *logar* para a producção dramatica de Camillo Castello Branco, pois que elle no drama como na comedia é Camillo sem mais nada, não se parecendo cousa alguma com os que vieram *antes*, como se não parecem com elle os que vieram *depois*.

Já o dissemos: de todos os generos litterarios que elle abordou, o dramatico é aquelle em que se apresenta com menos elevação e grandeza. Porventura chega a subalternisar-se, em comparações com outros que valiam muitissimo menos. Mas ainda mesmo, *na mão d'obra*, elle conserva a sua individualidade, sem possivel emparceiramento, a não o artificiarmos pelo receitauario de quem protomedicatisma na especialidade.

O dramaturgo e o comediographo não medem pela

craveira alta do romancista e do polemista; mas ainda ahi mesmo se garante pelas affirmações do seu talento genial, porque deixou paginas de alegria e de commoção intensa que são muito para serem consideradas, como temos ensejo de o notar quando fizermos referencias especiaes aos dramas e comedias pela ordem da sua ultima editoração.

Andam esquecidos esses dramas e essas comedias; pois neste tempo em que *se faz theatro* erudito de quando em vez, a que muita gente boa concorre para fingir que gosta e que entende, tambem se podia fazer resurreição do theatro de Camillo, com a differença de que muitos haviam de gostar e todos haviam de entender.

Ponto final, e vamos ás promettidas referencias especiaes.

Agostinho de Ceuta

Como já referimos, este drama foi escripto em 1846. Estava Camillo em Villa Real; ali se representou em casa de familia sua, e foi impresso em Bragança.

Tudo se passou, assim como se vê, em Traz-os-Montes, a provincia mais querida de Camillo, pois que do Minho disse elle muito mal.

Não tinha *preparação* para o genero; porventura nunca a veio a ter, por completo, pelos tempos adiante; mas que a não tinha então, elle o regista no prologo de uma das edições:

«Ha doze annos que um rapaz sem leitura,

sem meditação, sem critica, sem gosto, escreveu um drama para ser representado num theatro de provincia.»

E acrescenta que havia lido ao todo quatro dramas portuguezes, e alguns do *Archivo Theatral*.

Reconheceu o seu *atreuimento*, mas não devemos nós reconhecê-lo, porque essa dramatisação sem pretensões, de ha tres quartos de seculo, corresponde mais á verdade do meio historico, que algumas peças reclamadas do nosso tempo de reclames, que apenas produzem aleijões esmirillados, quando, lisongeando turbas politicas e *cotteries* litterarias, annunciavam photographar ao vivo, por observação justa, antigos ambientes de uma não inventada sociedade portugueza.

Em pouco se conta a acção de *Agostinho de Ceuta*.

D. Affonso VI, um degenerado que já se generalisou a uma degeneração dymnastica, lembra-se de arrastar ao lodaçal das suas paixões alucinadas, por intermedio do alcaiete Henrique de Miranda, a D. Leonor de Mello, apaixonada do pagem Agostinho, que afinal se descobre ser filho de D. João IV e de Soror Constança da Natividade, abbadessa do mosteiro da Madre de Deus.

Neste meio produz-se a conspiração triumphante do Infante D. Pedro em scenas bem traçadas, e os namorados recebem o premio do seu amor, conquistado pela constancia atravez de todos os perigos e todas as difficuldades.

E neste drama, é da mais pura democracia, como hoje é de uso dizer-se, a phrase final do último acto, proferida pelo Duque de Cadaval ao irmão de Leonor :

«D. Manuel de Mello!—Os braços do pagem estavam escriptos nas suas acções: não te maravilhe o seu nascimento, que a sua honra mais é para admirar. Os mysterios de Deus são verdades claras, quando o homem carece de luzes.»

De pura democracia, excepto o periodo final, é claro, porque em summa... toda a regra soffre excepções.

O Marquez de Torres Novas

E' complicado o enredo, desdobrando-se a acção principal acercada de muitas outras, sem que por isso soffra perda no seu interesse.

O Marquez de Torres Novas, casado clandestinamente com D. Guiomar Coutinho, filha dos Condes de Marialva, é desterrado por influencia do Infante D. Fernando, a instigações da pervertida mulher.

O Marquez foge da India, e sabe, por um velho escudeiro, da vilissima traição.

Surprehendendo os dois amantes em colloquio de requêros e finezas, e quando ella, inclinando-se sobre os hombros do Principe, o incita a que mate o marido que renega, dizendo-o apenas um perigoso impertinente, dá-se a scena final do 1.º acto nestes termos:

«*O Marquez*: Infante D. Fernando! (*Elles desenlaçam-se*). Choras no seio de uma adúltera! Essa mulher é casada!

(*Aproximando-se de D. Guiomar*):

«—Nobre senhora! Braço de homicida não vol-o dou porque o não tenho; mas um punhal aqui o tendes!»

Declamatorio? Rhetorico? Pode ser; mas hoje apenas se mudou de feitiços de rhetorica e declamação.

A heroína, porém, não é das que retrocedem. Vai para diante, não conhecendo pundenores. Procura envenenar o marido, como procura perder o judeu Ezequiel, que fôra testemunha do casamento, mas os dois conseguem sahir da prisão, com o intuito de matarem D. Guiomar Coutinho e D. Maria de Noronha, sendo esta a amante do judeu.

Neste ponto tudo se baralha em confusão enorme, e o protagonista, cuidando assassinar Guiomar, dá a morte a Maria, suicidando-se Ezequiel.

Epilogo: o Marquez de Torres Novas enlouquece; morre o Infante, e Guiomar expira, supplicando o perdão do marido, que não chega a conceder-lh'o.

Este drama documenta-se em um capitulo dos *Annaes de D. João III*, de Fr. Luiz de Souza, que por sua parte tirou a narrativa dos archivos da Ordem de S. Domingos, referentes ao convento de Nossa Senhora da Consolação de Abrantes, onde foram sepultados o Infante, sua mulher e sua filha D. Luiza.

Mas, cousa extraordinaria! a acção do drama é fundamentalmente contraria á memoria historica, porque o Marquez não é uma victima, mas sim um calumniador e embusteiro, que pelo supposto casamento se queria levantar com a fazenda de D. Guiomar; e amaram-se

tanto, o Infante e sua mulher, que até Fr. Luiz de Souza sublinhou com singulares homenagens este episodio dos seus amores :

«... teve filhos, e tanto do gosto d'elles, e da Condessa Infante, que lhe aconteceu, subindo ambos uma escada, em tempo em que andava pejada, lançara-lhe elle mão dos chapins para que tivesse menos pena na subida.»

Não se percebe bem, mas devia ser scena muito de ver-se e admirar-se, o Principe com os chapins nas suas mãos de marido exemplar e extremosissimo!

Porventura Camillo interpretou a narrativa do registo do convento abrantino de uma fôrma diversa da que lhe attribuiu Manuel de Souza Coutinho, considerando como facto veridico o casamento; mas seja ou não seja a sua versão a mais fundamentada, o que é certo é que o drama é bem conduzido para esse fim, entremeiando-se de scenas que tiram a monotonia á acção tensissima das paixões que se debatem, com aquella fereza que era propria dos tempos, embora elles já fossem de renascença.

Podia ainda hoje representar-se e ouvir-se com interesse, e quando — *post tanto tantosque labores* — se chegue um dia á consagração solemne da memoria de Camillo, no theatro chamado *Nacional* deve representar-se o drama *O Marquez de Torres Novas*, juntamente com a alegrissima comedia *O Morgado de Fafe em Lisboa*, a que adiante faremos a referencia especial que lhe pertence.

Agora passemos a copiar. Num dialogo do Marquez com Ezequiel, que disfarçado em cego e fazendo de jo-

gral, despertava o riso dos fidalgos *que se desenfastiavam*:

«Grande cousa é rasgar a vida com versos, quando para a desfazer em lagrimas má fada nol-a deu.»

E' uma verdade que se regista, embora muitos penssem, por culpa dos criticos principalmente, que os versos apenas representam. . . litteratura!

Theorisa-se muito na actualidade sobre a acção da esmola; o problema até já chegou a ser discutido commercialmente, pretendendo-se desvirtual-a com decretos e portarias, com apostillas ao lado por banda da moral dos reporters, como se a esses diplomas se podessem submeter as espontaneidades consoladoras da bondade, que no acto de dar aos que precisam, independentemente dos inqueritos officiaes, essa bondade sente aquella satisfação intima que está fóra dos dominios da estatistica.

Mas o que é pratico, é o que se annota nesta phrase que solta o Infante:

«Deixae o desgraçado que mendiga. . . é uma infamia avexar o miseravel que nos não inspira compaixão. Não desprezeis quem pede, quando não quizerdes soccorrer.»

Ainda de um dialogo do Marquez com o judeu—passagem esta que porventura tem de integrar-se na historia de Camillo, a proposito do acto violento por que se entregou á morte, sahindo da vida fóra das regras

communs, tal qual como nessa vida entrara e nella se mantivera :

«Tu intentas o suicidio!... Oh! não sejas fraco, Ezequiel!...

«—Fraco! fraqueza de quem olha orgulhosamente para as fraquezas da terra!»

Tome-se nota para o estudo completo que haja de fazer-se, e que se ha mister que seja feito.

Poesia ou Dinheiro

Tranquilisem-se os sentimentaes, porque triumpha a poesia; ponham luto os *positivos* e *praticos* porque o dinheiro é levado de vencida.

Assim, temos uma Henriqueta, boa menina, muito prendada, que ama Julio, rapaz boa pessoa e poeta; mas o irmão da raparigá, vendo-se arruinado, pretende que ella se case com o opulento brasileiro Manuel Alves.

Nesta luta, o poeta, e ainda mesmo antes da menina se decidir, dá largas ao ressentimento, a ponto de denunciar os amores de Sophia, mulher do irmão tyrano.

D'ahi esta scena empolgante :

«—*Carlos*: Nem mais uma palavra, sr. Julio!

«—*Julio*: Ha de soffrer-me a seu e a meu pesar mais algumas. Até aqui fallou o philosopho: agora falla o profeta. Quero vaticinar o futuro d'este casamento.

«— *Carlos*: O que tem o senhor com o futuro d'este casamento?

«— *Julio*: O que tinham os profetas com as ruínas das cidades, que cahiam á sua palavra.

«— *Carlos*: Nada de romances, senhor.

«— *Julio*: Aqui o romance é a vida real. O primeiro capitulo principia n'este momento: a profecia realisa-se depois.

«— *Carlos*: Qual profecia?

«— *Julio*: Qual? Esta mulher (*indicando Henriqueta*) depois de esposa será como aquella que a tem nos braços.

«— *Sophia (baixo)*: Meu Deus!

«— *Julio*: Aquelle homem (*apontando Manuel Alves*), depois de marido, será como aquelle (*apontando Bernardo*), que o trouxe aqui, com tanto que a sua mulher appareça um homem como o senhor (*apontando Carlos*).

Tableau!

Mas perdeu a rhetorica. Manuel Alves casa com Henriqueta, *casa com uma estatua*, na sua phrase conceituosa, mas a estatua não se entrega a Julio, agonizando Henriqueta e Julio no desespero dos seus amores.

Por fim ha duello, e morrem Julio ferido por Carlos e Carlos ferido por Julio, morrendo tambem Henriqueta.

Dramalhão?

Talvez.

Mas o que são, afinal, as tragedias consagradas, se não as dramatisações de violencias, que sahem para fóra da vida commum?

Uma phrase apenas:

«Quando o amor proprio falla, o coração já tem arrefecido para todas as impressões.»

Decida-se, se o amor proprio vai adiante ou se vai atraz do coração.

Justiça

Luiz de Abreu, Lovelace ou D. Juan de 6.^a classe, ia no rol da sua quinta amante, mas ainda esta não era possuidora dos fluidos precisos para prender os seus instinctos cupidineos. E lançou mão do expediente do costume: enfasiando-se, pôl-a de banda, como traste velho que se desarruma.

E' neste intredientes que o pae da rapariga, regressando com cabedaes das terras de Santa Cruz, e encontrando-a deshonorada quando a sonhava cheia de virtudes, vai aos extremos, e mata o seductor.

E' um drama intenso; um pouco feito de phrases, mas... mas commovente até ás lagrimas, e a sociedade portugueza, aparentemente empedernida, anda necessitada de chorar aguas que venham a fundo dos mananciaes do coração.

No proprio drama, com respeito a esta questão de lagrimas, se lê o seguinte:

«Em quanto a mim, está provado que este mundo não é um valle de lagrimas, pelo menos

no todo. Ha certos pedaços do mundo onde não ha lagrimas.»

E esses pedaços vão-se multiplicando, acrescentaremos nós, embora publicistas notaveis, que tambem se multiplicam, certifiquem e apostillem que o facto é tes temunho de felicidades paradisiacas na terra.

Assim seja.

Espinhos e Flores

Este drama foi dedicado a Alexandre Herculano com as seguintes palavras de offerecimento:

«Eu sigo aquella usança de offerecer aos principes obras que a magnanimidade regia acceitava com o mesmo beneplacito para os excellentes e para os mediocres.

«No meu mundo, que se preza de não ser o mundo de todos, tambem ha principes sentados em thronos inabalaveis: na firmeza dos thronos está a grande differença entre os dois mundos.

«A obra offerecida não é adulação, nem sequer lisonja, porque não vale um grão de myrrha. Alexandre Herculano disse que não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento. Entre tantas, haverá neste folheto uma só, onde o profundo philosopho encontre a verdade do coração humano?»

Logo responderemos a esta interrogação, registando

aqui, a proposito e a titulo de curiosidade, que Camillo Castello Branco, de que nos recordemos ao correr da memoria, dedicou tambem trabalhos litterarios a D. Anna Placido, a Fontes Pereira de Mello, ao dr. Thomaz de Carvalho, a Custodio José Vieira, a Antonio Rodrigues Sampaio, a Antonio Feliciano de Castilho, a Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, a Ricardo Guimarães (Visconde de Benalcanfor), a José Barbosa da Silva, a Ferreira Girão, a Silvestre Ribeiro, a Luiz Augusto Rebello da Silva, a Francisco Martins Sarmiento, a seu filho Jorge, ao Padre Antonio d'Azevedo, a Vieira de Castro, ao Padre Balthasar Veloso de Sequeira, ao Conde de Lagoaça, a José Julio d'Oliveira Pinto, a Thomaz Ribeiro e a Manuel de Freitas Costa; e dos vivos (e por muitos annos e bons) ao general Fernandes Costa e ao dr. Teixeira de Queiroz.

Agora a resposta á pergunta, como entendemos formulal-a: encontra-se, de facto, neste drama a verdade do coração, porque sinceramente hão de chorar, em grande numero, os que o lerem e os que o ouvirem em scena.

E chora-se, embora de pouca cousa elle seja formado no seu entrecho: uma rapariga abandonada depois de ser mãe; um tio padre, que ampara a mãe e a filha; um irmão, que voltando com fortuna á patria de onde sahira pobre, procede de fórma, embora com muito orgulho, que todos se aconchegam no sagrado amor da familia, terminando pelo casamento o triste episodio d'esse abandono.

Trechos:

«Um filho que faz chorar sua mãe, causa-lhe

o pezar maior que lhe pode causar, isto é, o pezar de ser mãe.»

«O extremo zêlo em moral é o rebaixamento da caridade evangelica.»

«... a gloria dos crimes, é preciso estar muito corrompido para acceital-a da sociedade corrompida que a dá.»

Os leitores hão de concordar, os que não estiverem corrompidos, que por observação propria, no seu tempo e no seu meio, podem certificar da verdade d'estes conceitos.

Pois não teem presenciado, impune, a consagração de crimes pela gloria que se lhes outhorga?

Nem é preciso baixar a particularidades e minudencias.

Purgatorio e Paraiso

O auctor chama-lhe ensaio dramatico, e de facto nunca elle mostrou ter pretensões a dramaturgo. De romancista e principalmente de critico historico, sim; d'este peccado venial podiam marcar-se passagens em alguns dos seus livros.

Trata-se de dois irmãos que se amam, ignorando que o sejam.

Pouco mais ou menos a contextura do notavel romance *O Olho de Vidro*, romance que Camillo escre-

veu por effeito de uma referencia que vira feita no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, um dos legitimos benemeritos das lettras patrias no capitulo das suas utilidades.

Os paes dos dois enamorados viviam ignorando-se dos seus destinos, amando-se sempre. Mas como para estes amores ha protecções de fadas, a situação esclarece-se, os velhos amantes legitimam-se pelo matrimonio, e os rapazes apaixonados ficam-se adorando como irmãos extremosissimos.

A peça tem mechanica theatral, o que não é vulgar nestes trabalhos de Camillo, e nella movimentam-se, com permenores de bondade, perversão e ridiculo, typos de eleição e caracteres degenerados.

O Morgado de Fafe em Lisboa

Trata-se de um Barão que tem uma filha, de nome Leocadia, menina dada ás musas, e que sendo muito requestada, prefere a todos um poeta, que de verdade o era tanto, que a não quer para esposa quando sabe que ella apenas tem como dote o poder entregar-se ao *sport* sobre as ancas roliças do Pegaso, sustentado á farta nas mangedouras do Parnaso.

Mas isto não é nada: o muito, o tudo, é o typo do Morgado, o melhor exemplar comico que conhecemos no theatro portuguez, e portuguez de lei numa época dos nossos costumes sociaes. Typo tão completo, de comedia, ainda nos seus exageros, como no romance é o typo de Euzebio Macario.

E' tirado do natural. Falla e procede pelas leis da na-

tureza, sem limites nem restricções; e se o Capitão Mór da *Morgadinha de Valle Flor*, de Pinheiro Chagas, tem uma, duas, tres phrases caracteristicas, essas phrases de genero amontoam-se, sem monotonia, no *Morgado de Fafe*, no mais extranho dos *salsifrés* lisboetas.

Transcripções:

«A vaidade é um adorno das almas distinctas, quando se não vangloria em deslumbrár a vaidade alheia.»

Salvo o devido respeito, parece-nos que devia ser o contrario: a vaidade será distincção quando se opposer a vaidades ridiculas.

«A linguagem do coração tem o seu progresso como a linguagem das sciencias. Numa época sentimental como a nossa, o vocabulario do poeta deve ser d'este mundo o menos possivel.»

Está certo, pela razão de que numa época anti-sentimental, como a de agora, a linguagem do coração, para que fructifique e cõlha, deve ser da terra o mais possivel.

O que resta averiguar é se, de facto, o coração é que tem a palavra.

O Marquez de Fafe Amoroso

De menos valia, muito menos, que o *Morgado de Fafe em Lisboa*.

E' que o Morgado, com respeito a meios sociaes, por ter vindo a Lisboa, já perdera a virgindade, quando foi para banhos na Fez do Douro, e ali se casa com D. Vicencia, abelha mestra que fallava francez, e possuia uma cabrinha, *Dejhali*, querendo parecer-se com a Esmeralda de Victor Hugo.

E das consequencias d'este matrimonio tão dessimilhante na conjuncção dos dois não reza a historia, isto é, a comedia.

Falla um pratico da vida, dando conselhos a um ingenuo:

«Se fizeres a côrte a uma rapariga rica, riem de ti os zombeteiros, os candidatos á rapariga rica, mas esse riso só pode ser-te penoso se a mulher te não indemnisar com o sorriso d'ella. Conheço enormissimos alarves, que tentaram e prosperam. Quando um homem diz de si para si: «hei de casar rico, apesar de todos os contratempos», casa rico. O primeiro passo a dar é um homem convencer-se de que a vergonha é uma excrescencia que nos molesta, e deve ser amputada da consciencia como se corta um callo. A segunda é procurar a mulher atravez de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro atravez do saibro e do lodo. O terceiro é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto é teimar.»

Cremos bem que não pode haver duvidas em ne-

nhum espirito, devendo talvez ampliar-se o receituário com applicação a todo o genero de ambições.

Mas continúa aconselhando o mesmo sujeito, doutorado nas experiencias espertas da vida :

«Cuidam vossês que é da tarifa devorarem em silencio, antes de se revelarem, as melhores phrases que teem para convencer? Grande contra-senso ! Parecem-se com os caçadores novatos que atiram á perdiz quando ella vai muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que principia a amar, tem oito dias de alienação. E' aproveitar-lh'os...»

Pode chamar-se a isto a *doutrina classica*, estando de accordo os mais auctorizados praxistas.

Agora, pela escripta, apresentemos o Morgado nas suas fallas :

«Vamos esmoer o almoço por essas praias fóra. Estes ares do mar não deixam parar a comida no bucho. Olhem vossês como é grande o mar!... Como se faria o mar? Porque será que o mar cresce e minga? Quantos peixes haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acabou!... Expliquem lá isto! Lá vai a passar um vapor... Sempre o homem tem idéas! Pelos modos o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma cousa assim! Olhe, olhe como elle vai depressa!... Aquillo é que é!»

Aquillo é que é! Ainda hoje esta exclamação admi-

rativa é ás vezes a representativa maior do conhecimento *positivo* das multidões sobre os homens e os acontecimentos.

E acabou-se o Morgado de Fafe.

O ultimo acto

Anna Augusta, bonissima creatura, diz que *sim*, e casa, para saldar a vida financeira do pae, com João Pinto, que tem bolsa farta para estas liquidações.

Mas se o corpo foi para João Pinto, o coração ficou firme a Jorge de Valladares, a quem o dera.

Tal qual como nos versos de Egas Moniz a Violante:

*Vae-se o vulto de meu corpo,
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.*

Assim foi, de facto; porque Anna Augusta, sem faltar aos deveres de esposa, morre d'esse amor, assistindo-lhe nos ultimos momentos o mesmo Jorge, que se fizera padre.

E' formidavel de condensação dramatica, e, sem equal, e n'um só acto, unicamente conhecemos no repertorio nacional, que se lhe possa comparar, *A dor suprema*, de Marcellino de Mesquita.

Admire-se este pequeno trecho de um dialogo em que entram filha, pae e marido:

«—*Eduardo*: Jorge de Valladares não morreu, filha.

«—*Anna*: Morreu. A vida é a esperança. Viver é anciar a felicidade possível e impossível. Aponte-lhe a sepultura... e... (*repara em Pinto que sorri*).

«—*Pinto*: Supponho, porém, que o padecente tomou por outro caminho; pelo menos a agonia tem sido demorada.

«—*Anna*: Não insulte o infortunio, meu marido. Admire-lhe a probidade, se não pode compadecer-se. Jorge poderia ter querido perdoar o meu crime, impondo-me a condição de uma culpa... Não o fez.»

Se elle quizesse. Vontade absoluta nestas condições. Excepções?

Por ventura uma regra geral, com as suas excepções, é claro.

Abençoadas lagrimas

Faz-se um casamento, dos chamados *de amor*, entre Augusta e Jorge de Lemos (1) Augusta permanece sempre presa a este amor, mas Jorge, boboteando de

(1) O nome de *Jorge* apparece por muitas vezes nos romances e dramas de Camillo. Era nome da sua predilecção, e tanto que o deu ao filho querido e desafortunado.

flor em flor, abandona a celestial creaturinha, que fica como heroína épica entre os escombros d'esse amor.

As lagrimas tudo podem, diz-se — e por isso se chamam *lagrimas abençoadas* —, e assim o drama termina pela reconciliação.

Para sempre?

Os actos seguintes não se escreveram. . .

Ha personagens traçadas firmes, modelares nas suas qualidades: Raphael, Theotonio da Cunha e Margarida são pessoas feitas de bondade e de dedicação extrema; a Baroneza de Fanzeres é leviana e boa pessoa; o Barão é um theorico da honra, não dando na pratica pela deshõra de marido, no que foi muito feliz.

Vejamos como Jorge, antes da reconciliação e passado que foi o idilio poetico da lua de mel, entendia a felicidade que um marido deve garantir á companheira da sua vida:

«O marido que dá o braço e camarote a sua mulher; o marido que dá a sua mulher credito illimitado em casa da medista, e a expõe á admiração dos bailes, é inquestionavelmente um marido patriarchal, como deviam ser Labão e Jacob, se na Mazopotania houvesse modistas, e theatros, e bailes, e o senso commum do seculo XIX. Eu tenho camarote, vou a todos os bailes com minha mulher, sou roubado pelas modistas com a condescendencia de um martyr dos caprichos da moda. . . e não sou ainda assim um bom marido no entender da sr.^a Margarida.»

Já no seculo XIX muitas mulheres responderiam:

— Tem razão.

No seculo XX responderiam da mesma maneira... quasi todas; conceito este nosso que não queremos agora comparar com este outro conceito de Theotonio da Cunha, dialogando com o mesmo Jorge:

«As quédas de algumas mulheres justificam-n'as alguns maridos.»

Como não queremos commentar esta phrase interrogativa, do reportorio sentimental de Augusta, nestes tempos de regimen de divorcio:

«Quem acredita no amor da mulher que arrasta, por amor de fortuna, o seu marido aos tribunaes?»

Se alguém se julgar habilitado a responder com a precisa concisão, que o faça.

Dissertações dispensam-se, porque em muitas palavras tudo se sustenta, pelo menos aparentemente.

O condemnado

E' dedicado este drama a José Cardoso Vieira de Castro, e foi o theatro um dos muitos instrumentos de propaganda que Camillo empregou para imprimir sympathia ao amigo dedicado, depois d'este haver assassinado sua mulher, na tragedia otheliana da rua das Flores, da cidade de Lisboa.

E' muito complicada a acção d'este drama, e por isso temos de ir por partes e fazermos o seu extracto, ainda assim difficil.

Acto 1.º

Rodrigo de Vasconcellos, filho perfilhado do visconde de Vasconcellos, casa com Eugenia, formosa menina recolhida no mosteiro da Piedade, na cidade d'Evora, que ignorava quem fossem seus paes, averiguando-se afinal terem sido Jacome da Silveira e Martha Villasboas.

No meio d'esta felicidade matrimonial, embora muito mundana pelas inclinações de Rodrigo, apparece n'um jornal, com outros nomes, noticiado o *caso Vieira de Castro*. A joven esposa chora muito internecida, e o marido diz-lhe assim:

«Triste? de certo foi; mas não era justo que fosse alegre. Esta mulher deshonorou o marido: foi punida. Ella matou um coração honrado; elle matou um coração corrupto. Não ha comparação racional entre os dois delictos. Se tu chorasses por elle que soffreu primeiro a deshonra, e depois a condemnação a degredo de vinte annos, as tuas lagrimas podiam revelar piedade abraçadas á justiça; mas chorar pela criminosa que...

«*Eugenia* (atalhando). — Tens razão. Perdôa as minhas lagrimas. Em poucas palavras me fizeste comprehender a situação d'esse infeliz.»

Assim ficava consagrado o *crime*, mal sabendo Rodrigo que era filho do seductor e que Eugenia era filha da mulher assassinada, e tudo isto com a nota do velho Visconde de Vasconcellos estar fazendo, de momento,

propaganda contra os bailes, sendo n'uma d'essas festas que elle na mocidade encontrara a mulher que seduzira e perdera.

Acto 2.º

Comprida a sentença, apparece n'um baile de Rodrigo de Vasconcellos, Jorge de Mendanha (Jacome da Silveira) que anda em procura do homem que o deshonrara, fazendo duas victimas; mas esclarecendo-se os factos, vem a reconhecer que Eugenia é sua filha Leonor, que assim lhe surge casada com o filho do homem que o atraíçooara.

E no final do acto defrontam-se estes dois homens !

E' de pura tragedia este fim, n'uma scena empolgante, embora quasi muda.

Acto 3.º

Descobre-se tudo, e se o leitor por acaso se lembra do que atraz escrevemos sobre o opusculo — *Voltareis, ó Christo?* —, reconhecerá que no mesmo intento se inspira o drama; mas a verdade é que Camillo, querendo n'este drama fazer a defeza de Vieira de Castro, também conquista a comiserção para com o traidor da sua amizade e da sua honra.

Drama de lagrimas, mas nem tudo são tristezas, pois ha notas bem alegres entre a Viscondessa de Pimentel e Jorge de Sá. A Viscondessa, salvo o sexo, orientava-se pelos modos segundo o conselho d'esta anachreontica :

*Apraz-me rapaz bailando,
Velho bailando me apraz;
Velho que passa bailando,
Não é velho, é um rapaz,*

Em maneiras, *toilettes* e coração, a Viscondessa encobria os invernos da existência, em quanto que José de Sá, *seu contemporaneo*, mettia a riso as pretensões da secia.

Falla José de Sá :

«Ha amores que rebentam no inverno como os tortulhes com as primeiras chuvas ; e, como não achem coração onde se hospedem dignamente, recolhem-se ás cabeças, e tamanhos estragos lá fazem, que não é raro ver em bailes muitos doudos, que trazem nos miolos um Cupido mais destruidor que um rato em queijo de cabeça de preto.»

Como os anjos se vingam

D. Antonia de Valladares, irmã de Francisco de Valladares, calumniá sua cunhada Albertina, dizendo-a amante de João Lobo, medico da casa : intriga de vilôa, instigada pelo facto de Albertina, bondosamente, se oppôr aos seus amores devassos.

Mas aquelle lago de saias atazana sem descanso aquelle Othelo sugerivel, que arde em ciumes e zelos demolidores da sua tranquillidade domestica.

Felizmente a intriga descobre-se a tempo, obrigando Albertina o marido, como unico castigo dos seus infundados zelos, a que perdoe á irmã intrigista e devassa.

E' bem architectado o pequeno drama, como desdo-

bramento de uma vida simples, um quadro de scenas intimas que prendem pela exactidão da copia.

Ha por onde transcrever, mas limitamo-nos a estas philosophias de um doente de corpo e espirito, em procura de meios de se atordoar :

«Onde uma sepultura se fecha, fechou-se a bocca de um abysmo. A morte, quando se aproxima, é bella ; só vista de longe é horrivel.»

Depois, quando se curou de ambos os males, era de muito longe que a queria ver, isto é da banda de onde ella era. . . horrivel !

E somos todos philosophos d'esta escola.

Entre a flauta e a viola

A pequena comedia passa-se toda ella numa estalagem da villa de Barcellos.

No tempo das estalagens se escreveu a comedia, ou farça, mas muito bem podia representar-se ainda hoje, no tempo dos hoteis, mesmo quando elles já principiam a classificar-se de *palacios*.

Quando um creado arruma os hospedes, recommenda a Aniceto da Silva, e a sua filha, recémchegados, que não façam barulho por causa das senhoras fidalgas de Lanhoso, que indo em caminho da Foz, com destino a banhos, haviam recommendado que desejavam dormir em socego.

Mas a barulheira rebentou de estrondo.

E' que no encaço de Victorina, filha de Aniceto, ia Guterres, namorador de officio com muitas habilidades para defeiir notas de requebros no teclado vibrante do coração das raparigas.

E ao som da viola, canta:

*Eu na Povia, descuidado,
Já não sentia disvelos,
Eis que surges, luz brilhante,
E eu te sigo até Barcellos.*

Os versos foram, de certo, aos ouvidos de Victorina, mas em vez da menina appareceu Aniceto, suplicando ao tangedor que se cale, porque quer dormir.

A prosa vil no meio da poesia de cravo do Santo Antonio!

Mas, se Guterres era pretendente, José Pimenta foi o proferido, porque apparecendo de flauta em punho, e travando-se duello de instrumentos, a Victorina, pesando as vantagens de um e outro, decidiu-se pelas inspirações do sopro do flautista.

E' simples, mas os comediographos da actualidade, podiam complical-a com as suas theses, porventura estabelecendo comparações entre as psychologias das flautas e das violas, conforme o progressismo organico ou a degenerescencia do animalismo dos tocadores.

Teem elles a palavra.

Que valha a verdade, Camillo já os adivinhara por estes dizeres conspicuos de Guterres Arthur de Miramar:

«Ha periodos fataes no fluido nervoso que re-

pellem toda a violencia, e se não soffrem sem que a especie seja deteriorada por transtornos contrapostos ás evoluções polysigenicas da reprodução genesiaca, resultando d'ahi que as evoluções abafadas disparam em atrophia do susorio e outras aberrações de graves consequencias.»

Nihil sub sole novum.

O Lubis-Homem

Camillo Castello Branco deixou inedita esta comedia, e indo o manuscripto, ahi por 1900, á posse dos editores Libanio, Guimarães & Companhia, foi por elles publicada com um excellente prefacio ellucidativo do indefesso propagandista camilliano o sr. Alberto Pimentel, que considera o *Lubis-Homem* como sendo, nem mais nem menos, um episodio provavelmente exacto do seu galanteio e necessario casamento com Joaquina Pereira, do logar de Friume, concelho de Ribeira de Pena—um pedaço de terra privilegiada de naturaes bellezas, que se aperta entre os extremos de Traz os Montes e Minho.

Mais do que *provavel*, o consideramos nós como *certo*.

Conhecemos o meio onde se produziram esses amores; visitámol-o por muitas vezes; ouvimos testemunhas vivas, contemporaneas d'esses devaneios de rapaz sem cuidados, e o meio as testemunhas nos certificaram que na comedia com effeito se trata da vida alegre do futuro romancista, do idivas estroina e desabusado, personi-

fiando-se em Carlos de Athayde, que do seu natural se apresenta fallando d'esta maneira :

«Meus amigos! nunca me lembrei que o sentimento da compaixão me obrigaria a casar. Era preciso acabar com isto. Primeiro fui lubis-homem, depois alma penada, e resta-me ser *homem casado*. O homem casado tem maior fado a cumprir que o lubis-homem; anda mais sombrio que uma alma penada; torna-se mais apavaldado que o Manuel Pitosga.»

Elle o escreveu como o havia sentido: *como era necessario acabar com aquillo, casou.*

Mas vamos á comedia, por actos.

Primeiro.

Bailarica-se n'uma encamisada — ou *descamisada* como se diz no Sul — no terreiro do Tio João da Eira, onde se fazem as primeiras alusões aos amores de Mariana, que fôra apanhada com o namorado em figura de lubis-homem, queimando-se em zêlos o Manuel da Portella, que muito lhe queria de dentro da alma.

No meio da alegria da festa, apparecem tres encamisados. Arma-se barulho. Ha programma de bordoadas, mas surge o lubis-homem, e de Mariana ninguem dá conta d'ella.

Segundo.

O bom João da Eira, velho innocentissimo, procura o Vigario que ensina latim ao Carlos, e faz-lhe queixas de rapaz que é lubis-homem, revelando-lhe tambem que a mocinha anda *chupadinha* de todo.

Terceiro.

Esboça-se o scenario interessante da romaria de S. Bartholomeu, junto á ponte de Cavez.

Fazem-se exorcismos, a que Mariana se não sujeita, embora saiba *que tem cousa ruim no corpo*.

E casa, nos termos que deixámos referidos.

A comedia, se hoje fosse representada, ainda podia offerecer interesse, porque logo a 1.^a scena, movimentada de muita alegria, é um quadro da vida de Traz-os-Montes e Minho como não é facil tracejar melhor, abrindo a scena com estas quadras cantadas por Miquelina, e que pelos modos eram muito do agrado de Camillo, que em mais de um escripto as reproduz:

*Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola.*

CORO

*Sim, sim, eu vou lá,
O' Marianinha,
Sim, sim, eu lá vou
O' pequerruchinha.*

*O sete estrello vai alto,
Alto vai o pensamento.*

CORO

*Sim, sim, eu vou lá,
Etc.*

*Eu não quero mais amores,
Tenho amores mais d'um cento.*

E talvez que os amores de Camillo chegassem a mais

de um cento, conhecendo nós alguns episodios que ainda é cedo para trazer a lume.

Façam-lhe a conta d'esses amores pelos romances e dramas, como elle elaborou a estatistica das namoradas de Camões, pela referencia a nomes nos seus versos immortaes.

A Morgadinha de Val de Amores

Frederico Arthur da Costa, litterato de caricatura e escrivão de fazenda em Santo Thyrso, propõe-so a marido da Morgadinha de Val de Amores, D. Joana Cogominho de Encerrabodes, filha de Pantaleão dos mesmos appellidos, que tem brazonados registos.

Uma candidatura como qualquer outra, e porventura com menos difficuldades no recenseamento que as que se multiplicam para as eleições politicas.

A Morgadinha gosta do homem, que lhe tocou com exito no coração romantico e no espirito *idem*.

Ella assim o diz, referindo como foi, porque artes e qualidades, o Frederico lhe entrou pela janella aberta da sua alma sequiosa de amores:

«Quando eu o vi, pela primejra vez, foi na hospedaria das Caldas de Vizella, onde meu pae tratava do seu rheumatismo. Estavamos a jantar quando elle entrou, e meu pae offereceu-lhe frango com ervilhas. Elle agradeceu, mas não acceitou, dizendo que o seu jantar era um ovo quente. E d'ahi a pouco trouxeram-lhe um ôvo quente

n'uma tigela, e elle comeu o ôvo, bebeu um copo d'agua fresca e disse que tinha jantado. Como eu fiquei triste e pensativa, a olhar para elle e elle para mim. Perguntei-lhe, sem o pae ouvir, se elle podia viver só com um ôvo, e elle respondeu que a sua alma se contentava só com a esperança de ser amado por mim... e com tres ovos por dia.»

.....

Pode ser que os novos comediographos tenham desenhos mais complicados para a caricatura d'estas meninas romanticas e d'estes exploradores da sua sentimentalidade. Mas os moldes ajustam-se ao seu tempo, como os de Camillo se ajustavam aos da sua era, com a differença que o comico d'elle é que não pode ser excedido.

Mas o sr. Pantaleão, que começara por offerecer frango com ervilhas a Frederico, mudou em breve de opinião, encommendando que lhe dessem uma sova, e Cosme Jordão, deputado por Guimarães, outro pretendente, mais graduado, á Morgadinha, é da mesma opinião, planeando desfazer-se do rival, ao mesmo tempo que por estes processos rhetoricos procurava bulir no sentimento de D. Joanna Cogominho:

«A festa animou-se com a aúpiciosa chegada de V. Ex.^a. O sol no empyreo e uma senhora bella, que é o sol dos corações sensiveis, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortaes que se sentem influenciados e entusiasmados pelos lumes encantadores de V. Ex.^a.

«Falta, todavia, á minha completa dita a certeza de que os meus affectuosos requebros acham graça nos seus olhos.»

A falla era pulida e de bons termos; a referencia aos *lumes* de Joanna tinham certa originalidade, mas o abstenio Frederico, com os tres ovos por dia, calava-lhe muito mais na imaginação, e assim os requebros de Cosme não receberam o seu beneplacito.

O escrivão apetecia-lhe mais que o deputado—certo é que o amor cego não conhece jerarchias—, e tanto que, quando lhe querem matar o poeta, a Morgadinha, vestida de homem, e de estadulho na dextra, que manobra com valentia, desfaz o quadrado dos assaltantes,

E salva-o, ao mesmo tempo para a gloria das letras e para o contentamento da sua paixão.

Quem vae a estes extremos, a tudo cede para chegar á legalisação da Egreja, e assim é que, na sequencia dos enredos, Frederico se veste de mulher, e fingindo de mestra de musica, ama a Morgadinha á vontade, a coberto das suspeitas do pae; e tanto, que Pantaleão comprehende que não ha remedio senão casal-os, pois que Frederico se prestigiava tanto na opinião publica, que pondo-se á frente de uma revolta, . . . proclama a republica em Santo Thyrso!

Por estas passagens se pode fazer idéa da alegrissima comedia, que até no proprio inverosimil dá ensejo a episodios de muito movimento num palco e de muito riso numa plateia.

.....

Sé é que nós ainda sabemos e podemos rir!

Aqui termina o theatro de Camillo Castello Branco, e por elle se vê que o auctor nunca se propoz a fazer uma obra dramatica de valor comparativo com as suas grandezas litterarias.

Mas fal-a-ia se quizesse, porque elle, em letras, podia tudo.

Mas embora o valor d'essa obra dramatica seja comparativamente menor, ella bem melhor merecia o premio que obteve o massante theatro de Manuel de Figueiredo, que na edição organisada por seu irmão Francisco, em 1810, foi illustrada pelo notavel artista que se chamou Bartolozzi, que ainda entre nós não teve continuadores que se lhe pareçam.

Bem mais!

Não fazemos aqui referencia do hypothetico drama *Pathologia do casamento*, não só porque já o extractámos quando nos occupámos das *Scenas Contemporaneas*, já porque de facto, pela sua constructura, elle não tem a feição de peça de theatro, embora se intitule assim.

Dizem-nos tambem que ainda ha inedita uma comedia de Camillo—*O preço de um capricho*, mas nunca, sequer, começando por procural-a, a commissão que lhe hade honrar a memoria ínicia a sua patriótica missão!

Othelo, o Moura de Veneza

O assumpto d'este folheto de 80 paginas representa a critica feita por Camillo á traducção do rei D. Luiz de Portugal da celebrada tragedia de Shackespeare, a mais assombrosa concepção dramatica, dentro dos extremos das paixões humanas, do mundo antigo e moderno.

Teve modelos, de certo, na antiguidade, o grande escriptor inglez, mas excedeu-os, porque mais do que nenhum, feriu no coração humano a nota do amor e do ciume—o que n'esse coração existe de mais capaz de ir ao infinito das idealidades e de chegar ao cumulo dos crimes mais revoltantes.

E é, alias merecido e justificadamente, uma critica elogiativa e sem reservas do trabalho do rei, que entregando-se ás letras, continuou as tradições de antecessores seus de todas as dymnastias que se succederam em Portugal durante 8 seculos.

Paremos aqui, porque ha motivo de importancia especial para abrir um parenthesis para a historia de Camillo, na apreciação dos seus diversos estados de espirito.

Esta critica, editada pela livraria «Civilização» da cidade do Porto, data de 1886.

E' de importancia fixar esta data, porque a traducção de El-rei D. Luiz era de 1980, salvo erro, para a antepormos ás datas de 1872, 1874, 1875 e 1876 em que foram publicados os romances *A Infanta Capellista*, *O Regicida*, *A Filha do Regicida*, *A Caveira do Martyr*.

Muitas vezes as datas na sua maxima simplicidade contêm a maxima eloquencia como commentario aos acontecimentos.

Como todos sabem, aquelle primeiro romance, de que de poucos foi conhecido, e os tres em seguida enumerados, molestavam a casa de Bragança, com o qual o notavel romancista quasi sempre foi desapiedoso, havendo passagens e trechos n'esses livros accerados de ironia e ridiculo.

Apenas, salientemente, nas *Memorias do Carcere*, ha referencias respeitosas e delicadas para com D. Pedro V, a proposito da visita ás cadeias da Relação, acompanhado do ministro Thiago Horta, quando Camillo ali se encontrava encarcerado.

Por que foi então que a manifesta *má vontade*, que n'estes tres livros nossos, e em diversas alturas, deixámos assinalada, contra a Casa então reinante em Portugal, se transformou na evidente *boa vontade*, que se conclue dos incondicionaes elogios a D. Luiz I, o traductor de algumas obras de Shackespeare (*O Othelo* e *Ricardo III*)?

E' um ponto para deslindar por miudos, por quem estiver habilitado a fazel-o. E' um episodio da vida social a esclarecer, e merecendo muito o ser esclarecido, pois que para a apreciação do character impressionista do au-

ctor será o pormenor um factor de grande valia elucidativa.

Nós já aventámos a idéa das desagradabilidades de Camillo para com os Braganças representar um sentimento justificado, pelo facto dos reinantes lhe não darem provas e testemunhos de consideração, que aliaz tinham sido concedidos a Garrett, Herculano (1) e Castilho, seus eguaes, a fóra outros, que encontrando-se em situações muito abaixo, no entanto mereceram attenções de boa vontade de uma singularidade estranha.

Mas como se poderá explicar, com visos de verosimilhança, a passagem rapida do vituperio para o elogio, e nomeiadamente para com um soberano a que Camillo se referia cruelmente, accentuando, e sem verdade, a sua maldade de coração, numa breve passagem expressa em uma carta a José Cardoso Vieira de Castro?

Não decidimos; Deus nos livre de sermos sentenciadores em assumptos d'esta natureza e melindre. Apenas esboçamos a hypothese da concessão do viscondado e da interferencia n'essas relações e n'esse facto ser effeito da amisade intima de Thomaz Ribeiro, n'uma situação modesta, como homem dentro da politica, nos annos de 1872, 1874, 1875 e 1876, mas já muito preponderante n'esses dominios nos annos que se seguiram, desde que o circulo de Niza, no Alto Alemtejo, o trouxe á Camara como deputado da opposição regeneradora.

Que investiguem e decidam os que, vindo ainda a escrever sobre Camillo Castello Branco, com isso mirem

(1) Herculano chegou a recusar o pariato que lhe fóra offerecido.

a mais altos projectos que as intenções modestas d'estes livros não comportam.

De resto, o alheimento dos tres ultimos reinantes em Portugal, dos que tinham valor positivo, fóra da politica, foi um dos factores da *debacle*.

A côrte, em regra geral, era fechada, na sua muralha da China, á convivencia de sabios e homens de letras, sendo aliaz inexplicavel o facto, porque D. Luiz, D. Carlos e D. Manuel eram trez homens de esclarecidissima intelligencia e de variadas aptidões artisticas.

Fechado o incidente, voltemos a Shackespeare, á traducção do *Othelo* e á critica de Camillo por elle modestamente considerada como simples *esboço*.

Ninguem espera, de certo, que antecedamos o registo das mais significativas passagens do livro de algumas considerações que procurem corresponder á grandeza do assumpto.

E' necessario saber medir o caminho que nos está ao alcance; se não, *les jambes portent les fautes de la tête*.

O genio de Shackespeare é de tanta grandeza, que Victor Hugo o enfileira na familia dos homens que se chamaram Homero, Eschilo, S. Paulo e Job; e fallar hoje d'estas gerações é tão perigoso, que póde parecer que em nome do progresso a civilisação deu uma volta para traz.

Como unica fórma de lhe render culto, Victor Hugo apenas encontrou um expediente, para certificar da grandeza de Shackespeare: o de offerecer... á *Inglaterra* o estudo que collocou á frente da traducção que das obras do incommensuravel auctor fizera seu filho estremecido.

Já o dissemos : é incondicional o louvor de Camillo á traducção feita pelo Rei, accentuando mais de uma vez que o traductor soubera, com perfeição, encontrar a palavra ou phrase que correspondesse aos sentimentos d'aquelle vulcão de paixões, d'aquelle chilrear de idilios e d'aquelle maralhar de intrigas e perfidias.

São expressos estes termos:

«O Senhor D. Luiz I não deitou véos pudibundos sobre as figuras pudibundas do seu auctor...»

«Ao trasladar as largas e rijas movimentações de um athleta, as arremetidas possantes das gerações animaes, não apoucou a estatura do gigante em locuções amaneiradas do phrasismo precioso do Hotel Rambviollet, ou no estylo attentioso e venerador de *Feliz Independente* e de *Virgem da Polonia*. Nem deixou de arcar destemidamente e sem prevenções com uns dizeres menos honestos que certos traductores capitularam de intraduziveis. Se algumas vezes lhes modificou a brutalidade, nunca lhes degenerou o sentido.»

E exemplifica.

Fallámos de Victor Hugo. Os leitores, sem sombra de duvida, conhecem e admiram as phrases, os conceitos, as hyperboles, as imagens e as syntheses do extraordinario escriptor. Tudo luminoso, fóra do commum, parecendo que aquelle homem privilegiado tinha no cerebro as concepções de todo o espirito humano. Mas a proposito de Shackespeare, nas phrases e nos conceitos,

Camillo, que n'este trabalho propositadamente accentuou a força masculina do seu estylo, não nos envergonha pela aproximação.

Vamos dar testemunhos.

«O lexicon de Shackespeare, não obstante os seus 15 mil vocabulos, parece não possuir expressões bastantes que frizassem a sua vasta idiologia.

«Ao expender sentimentos brandos, raras vezes emoldura palavras simples e maviosas. Recorre então ás hyperboles e metaphoras que lhe enredam o pensamento n'umas locuções de espessura bravia como florestas de assombrosas vegetações impenetraveis. A analyse, porém, vai passientemente escardeando os espinheiros até encontrar a violeta, que nos indemnisa com o seu rôxo aveludado e o seu perfume ideal.»

Quinze mil palavras não são bastantes, não eram sufficientes, não chegavam para Shackespeare exteriorisar os seus pensamentos e idéas, tudo quanto lhe circulava dentro do cerebro omnipotente.

Eram poucas, com effeito essas palavras, porque no meio do progresso que nos invade e repleta de civilização, ha cavalheiros que ainda dispõem de maior numero de vocabulos, não dispondo no entanto de uma idéa que tome corpo e fôrma e para que a gente a perceba, illuminando-se e illustrando-se com elle!

Vejamos agora Camillo a abordar uma questão impor-

tante: a do valor que se deve, na arte, atribuir ás ficções.

Diz assim :

«Transijo com os anachronismos, com a desnaturalidade da movimentação dramatica, sob condições de que o natural e o passivo realcem dentre as incongruencias da acção. Por mais que me introverta do metaphisismo de uma determinada epoca de fé irracional, não consigo accommodar-me conscientemente ao absurdo. E' talvez isto um aleijão de criterio para quem compare cyclos litterarios, modos de intellectualidade evolutivos; mas não está na minha alçada admirar o que a critica incondicional rejeita, quando o aprumo da verdade descamba.»

Vai por ali a diante o periodo, sempre elevadamente, impondo-se pela concisão critica, pela amenidade do espirito a par da erudição, e, sobre tudo, pela individualidade da forma estatuarica.

A comprovar o elogio que fez da justeza com que o regio traductor se achegou das passagens asperas, dá-nos esta dissertação, igualmente critica e de gracioso humorismo :

«O sr. Visconde de Castilho (1) perpetrou um crime de mão cortada, quando tomou do *Bristo*, comedia de Antonio Ferreira, e a jarretou no

(1) Visconde de Castilho (Julio).

leito procusteano dos nossos costumes phraseologicos.

«E' uma chistosa comedia—escreve o sr. Visconde. Não quizemos deixar de a inserir nos excerptos, e por isso, tomando venia aos manes do auctor, nos afoitamos a expurgal-a de desempachos grosseiros e torpes de que o vezo do tempo consentiu ao Ferreira que rimasse. Entre as cousas que truncámos no seu *Bristo*, algumas ha (rarissimas), cujo mal é intrinseco; ha outras (muito mais numerosas), que desagradam principalmente pela palavra que as exprime, palavra que hoje corresponde a idéa torpe, mas que nas obras d'esse tempo nos apparece mil vezes quer no estylo familiar de Gil Vicente ou Jorge Ferreira, quer até no historico e épico de Barros e Couto.»

«Crime de mão cortada. Insisto para que se corte a mão do meu presado amigo.

.....

«Este phrasismo pletorico, sorna e boleado de lusitanismos, não sei para que nos sirva o plageal-o; nem já se ajustam casos em que possamos broslar em tellas esses pedaços odicos de guadalmacins com bafio de traça. Ampute alguema Gil Vicente os desmandos de palavriado chulo colhido na taverna de Martim Alho e nas mais tavernas conhecidas dos *Prantos de Maria Parda*—que já é de si um peculio de lusitanismos—e verá o que lhe fica: umas insulserias que desceriam o nivel do Plauto portuguez a baixo de:

José Daniel da *Barca dos tolos* e do *Almocreve das Pêtas.*»

Mas passemos ás phrases d'este precioso livro de critica e de solida erudição, intelligentemente applicada ao texto—muita outra de certas erudições que para ahi andam na mascaratura de suppostos sabios.

Assim, temos esta phrase, a proposito do retrato do perverso Yago, como elle nos apparece na tragedia, sem medo do inferno e sem esperanças no ceu:

«Antes da Encyclopedia havia a hypocrisia da religião. Essa acabou; mas a que existe é a hypocrisia da moral.»

De moral, e de outras cousas congeneres, sendo para lamentar que Camillo não viva ainda, como podia viver, entre outros motivos para aditar ao rol das hypocrisias muitas outras, productos da chamada civilização moderna.

E vem de ensejo ouvil-o sobre esta materia interessante de civilizações e progressos:

«... o duque de Gloucester pensava, quanto a influencias celestes, o que hoje a sciencia mais accentuadamente phrenologica pensa das influencias indeclinaveis do temperamento. A differença está em entrar de fóra para dentro, ou sahir de dentro para fóra o influxo dos nervos. Parece-me, pois, que a especie humana ha de voltar á astrologia quando a materia, absoluta que hoje reina, chegada ás penultimas

consequencias, estacar em frente da montanha inacessível, que lhe encobre as ultimas.

«A humanidade anda e desanda.»

Transcrevemos o trecho até este ponto muito de sobre posse, para fazermos sorrir algum leitor erudito, cheio e repleto de soluções *definidas, positivas, certas, indiscutíveis, cathedaticas*, inchando-se de vaidades em nome da sua sciencia escolhada pela sciencia dos outros, pois que para esses sentenciadores a humanidade vai sempre para diante.

Camillo tinha cousas muito *estratelarias*, como se diz n'uma comedia classica de repertorio hespanhol!

A humanidade vae sempre, sempre *p'ra frente*, nos termos da ordenança policial! Até chega a parecer que esses sentenciados commandam n'essa pobre humanidade segundo as prescripções da mais rigorosa disciplina militar em tempos de guerra e debaixo de fogo!

P'ra frente é que é o caminho, embora muitas vezes, para se chegar ao fim desejado, se tenha de andar por curvas e enveredar por atalhos espinhosos.

Se por ventura quizessemos arredondar escripta, e buscando para ensejo estes avanços e retrodecimentos da humanidade, trasladariamos para aqui um curioso dialogo travado entre dois homens eminentes da sciencia portugueza: Manuel Bento de Souza e José Thomaz de Souza Martins.

Mas não queremos nem podemos alongar escripta, limitando-nos a recommendar a leitura do artigo que Manuel Bento escreveu no livro *In Memoriam*, desti-

nado a commemorar a breve passagem pela vida de Souza Martins.

Muita gente sábia tinha que aprender n'esse artigo, escripto sem nenhuma preocupação nem fingimentos de critica!

Duas épochas da vida

Temos outra collecção de versos, mas, posto que as poesias que abrange se possam dizer contemporaneas das que foram reunidas no volume de que já fizemos registo, *Um livro*, com poucas differenças de idade, todas nascidas no periodo que vae de 1851 a 1854, no entanto consideramos as do *Livro* de maior valor litterario; mas não medindo, nem umas nem outras, pela grandeza do romancista e do critico.

De resto, o valor poetico de Camillo, sendo muito mais poeta na velhice, em materia de perfeição de fórma, do que fôra na juventude, pode ainda ser materia de um estudo completo.

Da parte de quem possa e saiba fazel-o, não faltando para isso as provas e os documentos humanos!

Dos versos do *Livro* pode escrever Thomaz Ribeiro, com muita verdade, que n'elle se tratava de *ais que se não podiam abafar; de lamentos que se completavam n'um riso de ironia; de preces que terminavam em blasfemia; de sarcasmos que se apagavam em lagrimas.*

Dos versos que enchem o volume *Duas épocas da vida*, e que se subdivide em tres partes—*Preceitos do coração*, *Preceitos de consciencia* e *Hosanna*—é que se não pode dizer a mesma cousa.

Os *ais*, nascidos d'alma ou do artificio amoroso, soltam-se com effeito em abundancia. Os *lamentos* expandem-se com prodigalidade, são continuos, prendem-se uns nos outros. As *préces* erguem-se com singela devoção. De *lagrimas* quentes a miude se inundam as paginas.

Mas as *ironias* são apagadas, amortecem-se e diluem-se. As *blasfemias* não erguem a voz, e os *sarcasmos* não se mostram.

Muito pouco ou nada da côr local *camillo*, ou seja a nota fincada e saliente que a tudo dá relevo e imprime character.

Livro *do coração*, é singelo e é simples, como tudo quanto rebenta d'esse manancial de amor; livro *de consciencia*, é justo, como tudo quanto se dita n'esse intimo tribunal, de uma só voz que sentençaia, sem jury nem advogados; livro *de hosannas*, é de lyrismo do ceu, ou paraphraseando os psalmos penitenciaes dos David, ou cantando, cheio de crença e fé, as sete dôres de Maria Santissima.

Como se vê, o poeta do periodo 1850 estava muito longe do *atheo*, de que reza a *correspondencia epistolar* com Vieira de Castro, do periodo de 70: *atheo* que em seguida a uma phrase de azedume de neurasthenico, dobrava os joelhos de crente perante a Bondade Infinita expressa nas perennes bellezas renovadoras de poemas da Natureza!

De resto, em pouca conta orçava o auctor o valor do

Livro, pelo minimo o escripturava no cadastro das suas riquezas, mas ainda valor menor attribuia ao merecimento das *Doas épocas*.

Elle o diz:

«O auctor, relendo este livro a fim de melhoral-o para ser impresso, achou em cada pagina uma saudade, e magoou-se. Depois, descendo da idéa para a fórma, desenrugou a fronte, e riu-se. E' que ha ahi cousas incriveis e impossiveis, descuidos que nem o proprio Cupido perdôa, nem a grammatica, nem o leitor, nem Deus nos perdoará com todo o infinito da sua misericordia.

«E sabem lá como tudo isso que ahi está me pareceu bonito quando o fiz! Como eu batia na testa, antes e depois, devendo então agora bater no pelto constricto, pedindo aos bons poetas perdão de tamanho sarapatel de anjos e lagrimas!

«Oh! meu divino Apollo, o que a gente faz quando ama! Como o teu Pegaso deslomba os infelizes que o cavalgam em pello!

«Leitor, eu entendi que devia consentir na republicação d'estas lastimas para castigo meu, e vingança vossa.»

Já haviam decorrido dez annos sobre a producção dos versos, quando estas ironias de prosa desperfumavam a innocencia d'aquelles mananciaes de poesia.

Maldito tempo, nos estragos que faz, de toda a ordem, material e moral, no desenfreno da sua corrida vertiginosa!

Maldito tempo...

Nos termos que ficam referidos, é claro que não temos a apartar trechos selectos das *Duas épocas da vida*, mas, como documentação psychologica, devemos separar tres pequenas peças dos *Preceitos do coração*, dos *Preceitos da consciencia* e das *Hosannas*.

Ahi vão, por sua ordem.

Dá-me um anel

Dá-me um anel; mas que seja
Como o anel que cingido
Tem gemido a minha vida.
Dá-me um anel; mas de ferro,
Negro, bem negro, da côr
D'esta minha acerba dôr,
D'este meu negro desterro.

Dá-me um anel; mas de ferro...
Sempre commigo hei de tel-o;
Ha de ser o negro elo
Que me prenda á sepultura.
Quero-o negro... seja estigma,
Que decifre o escuro enigma
D'uma grande desventura.

Dá-me um anel; mas de ferro,
Que resista mais que os ossos
D'um cadaver aos destroços
Do roaz verme do pó.
Entre cinzas alvacentas,
Como espolio das tormentas
Appareça o ferro só.

E o teu nome, impresso n'elle,
 Fallará d'um grande amor,
 Nutrido, em ancias de dôr,
 Pelo fel da sociedade...
 Que teu nome n'elle escripto,
 N'esse padrão infinito,
 Vá commigo á Eternidade.

Na época litteraria do *Trovador*, em Coimbra, e ainda depois na da *Grtnalda*, no Porto, e entre Antonio de Serpa, Xavier Cordeiro, João de Lemos, Pereira da Cunha, e outros, não destoava.

A Irmã da Caridade

Poetas! vêde a *Irmã da Caridade*:
 Que immensa inspiração!
 Cantae-a no fragor da crua peleja
 Com seus braços mimosos levantando
 Um cadaver do chão.

Cantae a virgem no hospital de sangue,
 Onde móra o terror,
 Fallando em Deus quando o demonio ruge
 Raivosa imprecação contra o destino
 Pela bocca da dôr.

Cantae-a n'esses mundos, onde a crença
 Arvora a Santa Cruz!
 Adorae-as tambem, porque suspensas,
 Nas mãos do Eterno, sobre a humanidade,
 São lampadas de luz!

Imperfeição de fórma? Não ha duvida. Singeleza do quadro, com fé, mas sem commoção? Certamente. Mas

superior á fórma, encontra-se a verdade moral, tão espesinhada hoje em tudo, nas menores manifestações sociaes, sem que se aviste, sequer muito ao longe, tene raio de melhor luz que a substitua!

Mas se quizerem mais eloquencia, do mesmo auctor, e sobre o mesmo assumpto, podem os devotos de Camillo recorrer ao jornal a *Cruz*, onde elle abundantemente dissertou.

Psalmo Penitencial

Domine in furore tuo

Ps. 6

Senhor! não accuseis os meus delictos
Em o vosso furor!
Inflammado nas iras da justiça,
Não olheis para mim, que sou um fraco
Bem digno de dôr!

Meu coração tremeu, senti meus ossos
Vergarem d'afflicção.
Enluctaram minh'alma os veus da morte,
Do estrado da miseria, oh! Deus! pedi-vos
Amor e compaixão!

Volvei, Senhor, volvei olhos divinos...
Volvei-os para mim!
Quebrae estes grilhões, que me angustiam...
Se desço impenitente á sepultura...
E' perdição sem fim!

Ralado entre as mãos do meu remorso
Cancei-me de chorar!
De lagrimas lavei meu leito acerbo,
Meu leito não... o estrado em que me prostro
Sem repouso encontrar!

Ludibrio de inimigos meus, e Vossos,
Meu Deus, eu fui aqui!
Apagaram-me a luz do entendimento...
Fizeram-me infeliz... cercado de impios,
No crime envelheci.

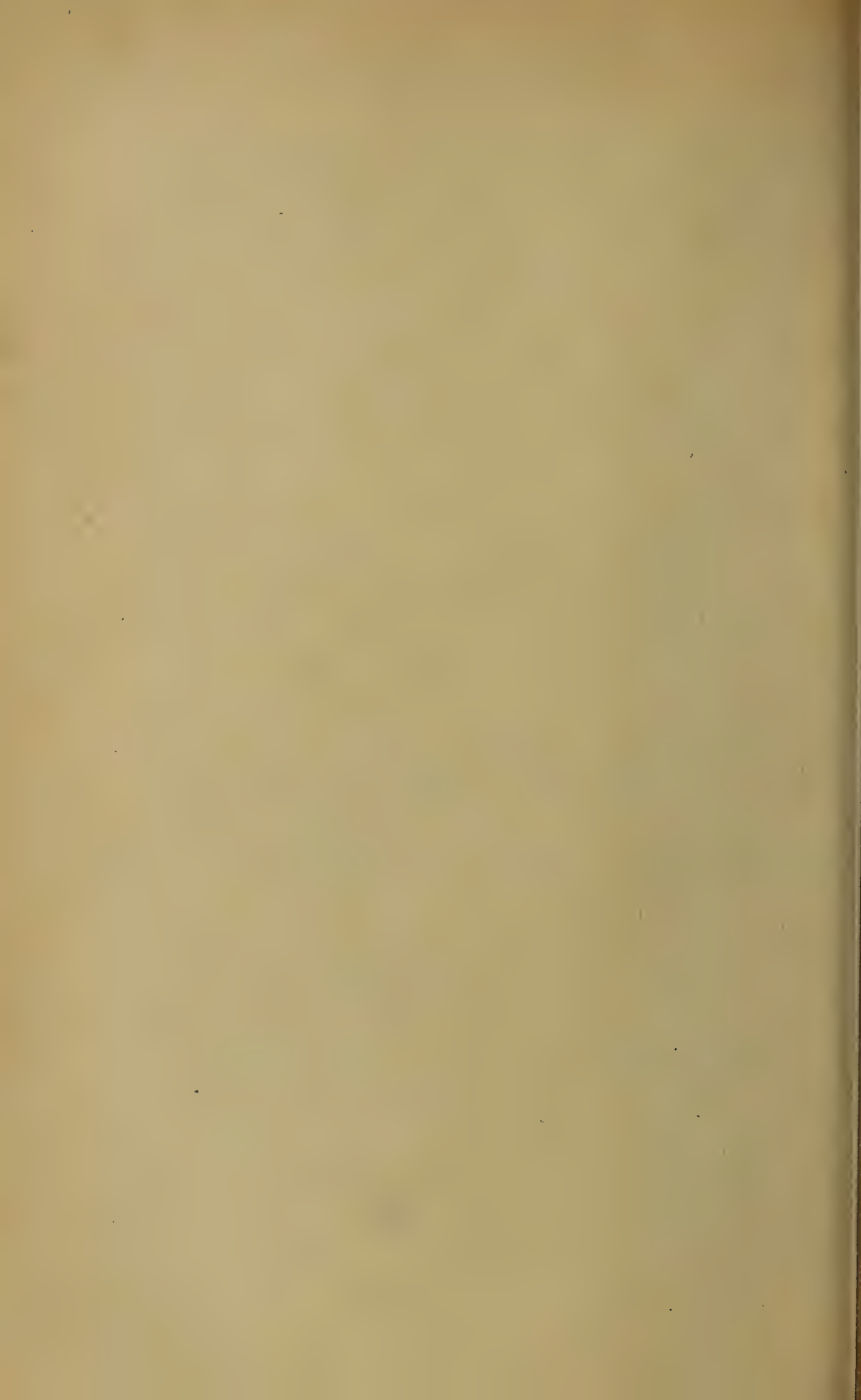
Apartae-vos de mim, homens do crime!
Malditos do Senhor!
Confundi-vos, córae, turvai-vos, impios!
Que eu, nos transes da dôr, chorei, e o Eterno
Ouviu o meu clamor.

Conhecemos traducções, e boas, e más, dos psalmos de David. Algumas vindas directamente do francez.

Mas esta, de Camillo, tem a eloquencia da *letra*. Não lh'a empresta a fórma. Sobre o poeta biblico não se sobrepõe outro, fazendo litteratura de feições á moderna.

E por aqui fechamos em materia de poesia camiliana. Sobre versos da sua inspiração não abriremos novo capitulo, mesmo porque aquelles em que o auctor atingiu a perfeição da fórma não constituem uma unidade litteraria, que se condense como trabalho seu especial.

São notas dispersas, que de certo viriam a alcançar essa unidade, se Camillo, em momento triste de perturbação do seu espirito desolado, não tivesse posto termo a uma existencia gloriosa.



Coração, Cabeça e Estomago

Este romance, no dizer mal do Porto, é a continuação d'aquelle outro que se intitula *Annos de Prosa*, em que ha passagens desapiedadas, aliaz em seguimento tambem de muitos trechos de outros livros do auctor, em que a sua má vontade se manifesta sem reservas para com a *cidade invicta*.

E no entanto é na capital do Norte, victima primordial dos seus desdens e das suas ironias, que por enquanto teem aquella moradia, a que é do costume chamar *eterna*, os restos mortaes de Camillo Castello Branco !

Mas por que seria que o romancista que ali viveu annos; que ali retouçou no periodo mais irrequieto e desinvolto da sua mocidade; que ali collaborou em muitos jornaes; que ali teve a maior roda dos seus amigos e admiradores; que ali passou o episodio mais retumbante das suas paixões; que ali se demorava por temporadas entre o jornadear continuo, no circulo das suas peripetivas pela Foz, pela Povoação, e Villa do Conde, e Braga, e Guimarães, e Lisboa; que ali muito amou e muito

sofreu; que d'ali tirou para a tela, e ao vivo, o maior numero dos seus personagens typicos: por que seria que elle tanto desafecto, e por vezes desprimores mostrou sempre pelos costumes, pelos homens, e pelas mulheres tambem, da laboriosa cidade?

Não saberemos se ainda haverá, com os devidos conhecimentos de observação directa, quem seja apto e esteja habilitado para fazer o respectivo estudo.

Se o houver, e com verdade, que esse tal, seja elle quem fôr, metta quanto antes mãos ao trabalho, pois que pelas circumstancias do tempo, que corre veloz, obliterando memorias, se torna urgentissimo.

Do desaparego de Almeida Garrett pela terra que lhe foi berço, sabe-se a causa immediata, mas é de notar que Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que do Porto tambem era natural, não leva a mal os desdens de Camillo—lisboeta reforçado pelos bons ares transmontanos—pela terra onde elle abrija os olhos á vida, embora depois se fizesse, mais do que nenhum outro seu contemporaneo de letras, jornalismo a sociedade, um francez completo, excepto na linguagem escripta, que da sua penna habilissima sahiu sempre cinzelada no phrasismo mais correcto!

Pelo contrario, em um estudo critico que publicou com respeito ao romance *Coração, Cabeça e Estomago*, T. de Vasconcellos applaude esses motejos, dirigindo-se por esta maneira aos seus patricios:

«E' caso de lhes repetir: *assim o querem, assim o tenham*. Se eu tivesse auctoridade para dar um conselho aos meus patricios, recommen dava-lhes que não assanhassem os escriptores.

Mais hoje ou mais ámanhã elles pregam-lh'a na menina dos olhos, como se diz vulgarmente.»

Verdade seja que Antonio Augusto (assim Teixeira de Vasconcellos era tratado pelo geral dos litteratos do seu tempo), se tornara pelo seu figurino, como já deixámos antever, o menos portuense que é possível imaginar-se.

Mas o que vem a ser o romance *Coração, Cabeça e Estomago?*

Vem a ser um Jeronymo Paturôt nacional, muito mais natural no seu meio que o de Hypolito Rolle de, proposito criado para o seu protogonista, que se tornou typo cosmopolita, havendo Paturôts por toda a parte como ha Sanchos e Bomparts, ou sejam cavalheiros positivos e sonhadores acordados.

O Paturôt de cá, chamado Silvestre da Silva, sem mais nada, pretendendo firmar-se na sociedade sua coeva pelo namoro, pelo jornalismo, pela politica e pelo casamento rico; respondendo a policias correcionaes pela pretensão de endireitar o mundo, projecto seu igual ao de Rosalino Candido de Sampaio e Brito, e dando fundo no matrimonio com uma nutrida e formosa moça, filha de um sargento mór possuidor de muitas boiças e matas, é figura que com pequenas differenciaes temos contemplado a manobrar pela vida fóra, embora lhe não tenhamos traçado a biographia com habilidade sequer parecida.

Por todo o livro, Silvestre da Silva falla cousas, que embora com feições estramboticas, teem no entanto intenções de apothegmas, e os leitores hão de apreciar-o devidamente nos seus conceitos.

Não havia muito tempo, diz o auctor, que despejando uma quarta de mostarda n'um banho de pés, lera no papel que a contivera, o seguinte periodo de um folhetim de Silvestre:

«Diz Petronio que fôra o medo que inventara as divindades. Deus é o que é. O homem é o pequenissimo bicho da terra, de que falla Camões.

«Entre Deus e o homem, só a soberba estúpida do homem podia inventar convenções, concordatas, obrigações e allianças. O sagui é menos estúpido, e mais modesto. Come, bebe, dá cabriollas, faz caretas ao mau tempo, retouça-se á sombra, vive, e acaba feliz, porque se não receia de vir a ser homem.»

Agora vejamo-lo a gosar e a glosar em prosa uma paixão que considera correspondida, saboreando-a em colloquio intimo:

«Eu queria communicar a exuberancia da minha ventura; mas tive sempre para mim que a felicidade quer-se recatada para não suscitar invejas: é ella como fina essencia das flores destilladas, que perde o aroma, destapando-se o christal que a encerra.»

Sobre o mesmo assumpto de amor, vamos copiar uma *tirada* que pode servir para ensino, tanto mais que não ha compendios nem escolas sobre a materia, embora os expositores sobejem:

«... o pejo é o meu elogio. Um verdadeiro amor é uma segunda innocencia. Tal maxima, que eu atiro á circulaçãõ, deve ser a defeza de muitas senhoras de certa idade e de certos costumes, que respondem com imprevistas esquivanças ás audacias de amantes, que as assediam com ares de Cesar, cuidando que chegar, ver e vencer é a mesma cousa. O mundo chama maitreiras a essas damas; e eu, que sei mais do coração humano que o trivial, digo e juro que é uma segunda innocencia com os adoraveis sustos do pudor, que as torna esquivas. Eu tenho encontrado muito d'isto em peitos antigos. Se eu podesse transfundir em corpos tenros os corações sensiveis que tenho conquistado em senhoras de uma idade anti-canonica, a felicidade não seria a sêde de Tantalo. O meu erro tem sido em procurar a alma amante e sisuda nas mulheres de vinte annos e a graça nas de cincoenta. A primeira é um mal que todos me cubiçam; a segunda é um bem que ninguem me questiona. Não me serve nenhuma, por isso.»

Pois para a maior parte todos servem: o bem que se não litiga e o mal que se demanda. Silvestre da Silva, para o caso, vinha a ser uma excepção.

Abramos n'esta altura um parenthesis, porque folheando o livro para o effeito das transcripções, encontramos mais uma parecença de Silvestre com Paturôt.

Com effeito o verdadeiro Paturôt poetava:

Eu
Seu !
Ella
Bella
Sorria !
Eu via,
Seu rosto
Composto
De pura
Alvura !
Amor !
Ou flor ?
Um beijo !
Arpeijo
A falla
Exhala !

E Silvestre seguia-lhe na piugada :

Doce brisa
Que deslisa,
Pela junça
Do juncal,
Traz perfumes,
Como a aragem
Da bafagem
D'uma virgem
De Stambul.

Parecidissimos.

Mas reatemos, e por uma verdadeira maxima.

«A embriaguez, quando não é insultuosa, é pouco persistente nos sentimentos generosos.»

· E como... *in vino veritas*, conclui-se logicamente

que a generosidade não é a regra geral das creaturas.

Anda por ahi muita gente que se avalia de distincta, e que cuida ser predicado da sua distincção não dar importancia ás mulheres infelizes. Pois essas pessoas distinctas fazem um roubo ás consolações que todos nos devemos, porque é de lição moral este periodo das confissões de uma d'essas desgraçadinhas:

«Mal sabe o mundo quanto a mulher indigna de respeito sabe ser agradecida a quem teve com ella a commiseração no recato das palavras e dos gestos!... A infeliz passa da estranhesa á alegria de se ver ainda tratada com delicadeza, quando a consciencia, o seu verdugo, lhe está dizendo que não merecia inspirar sentimento algum que não seja aviltante ou deshonesto.»

Fallando das portuenses d'aquelle tempo (1862):

«Estas meninas de quinze annos, que eu conheço no Porto, são filhas de robustas donzellas, que me enchiam de satisfação os olhos na minha mocidade. Que degeneração! Vêl-as n'uma sala, é ver as virgens lagrimosas e lividas, que se pintam nas cryptas dos mosteiros gothicos! Quando se reclinam nas almofadas de um sofá, parece que desmaiam narcotizadas; quando polkam, e se deixam ir arrebatadas no braço dos parceiros, affigura-se-me que da sua parte não ha mais acção nem movimento que o das azas, do ar que lhe agita a orla do vestido, volatil e vaporoso como ether.»

Já, algures, o auctor fizera observações semelhantes sobre as meninas portuenses d'aquelle tempo.

Sobre o amor tem observações diversas, e o leitor deve ter notado isto mesmo em differentes passagens d'estes nossos tres livros sobre a producção litteraria de Camillo.

Vejamos agora mais uma d'essas observações, a que porventura ainda outras se hão de seguir:

«Entendem cordatos pscycologistas que o amor, em certos casos, é uma depravação do nervo optico. A imagem objectiva, que fere o orgão visual no estado pathologico, adquire attributos ficticios. A alma recebe a impressão chimerica tal como o sensorio lh'a transmite, e com ella se identifica a ponto de revesti-la de qualidades e excellencias que a mais esmerada natureza denega ás suas creaturas dilectas. Os *certos casos* em que acima se modifica a generalidade da definição, vem a ser aquelles em que o bom senso pode atinar com o porquê de algumas sympathias esquisitas, extravagantes e estupidas, que nos encham de espanto, quando nos não fazem estostrar de inveja.»

Não só o corpo, mas tambem a alma, o espirito se aprimora em *toilettes*.

Assim o diz, e com verdade:

«A alma, com quanto seja um ser imponderavel, veste tafetás e lemistes, calça verniz, enliva-se de pellica, bambô-se em coxins: e, se exercita algumas operações intellectuaes philosophi-

cas, é quando se mette no estomago, como Diogenes na cuba.»

O periodo que se segue é de tanta verdade... util, que não trepidamos em prevenil-o com a palavra **atención**, como é de uso fazer-se em annuncio de cousas de menos utilidade para o bem do genero humano:

«Uma intelligencia em quietismo não damnicifica os interesses materiaes de um paiz, e até certo ponto pode considerar-se providencial o pousio; mas um cidadão analphabeto, embrutecido pela melancholia, se a sua qualidade civil é importante, como deve ser, pode prejudicar gravemente os interesses da vida.»

Continuando, a fim de explicar o fortunoso exito de algumas farturas adquiridas pela inepecia:

«Ainda bem que a melancholia raro se atreve a perturbar o functionalismo intellectual de certas cabeças, cuja organização é maravilha. D'ahi provem a traça methodica e auspiciosa com que o homem superiormente ignorante regula os seus negocios. Ha n'essa cabeça a perenne claridade de um fundo de garrafa de chrystal. As idéas impendem-lhe congeladas da abobada craneana como os stalactites de uma caverna. D'essa immobilidade imperturbavel do cerebro resulta a fixidez da mira posta n'um alvo, a pertinacia das empezas, e o consegumento dos bons effeitos.

Para terminarmos, versos; alguns versos jocosos...
de Silvestre da Silva:

Da ôcca ostentação das vans negações,
E os tantos seus ridiculos tamanhos,
Fazem chorar e rir.
O' eras primitivas dos rebanhos,
O' tempos patriarchaes,
Deixae que possa esta alma reflorir!

A filha de Labão enchia a bilha;
Penelope, a rainha, essa bordava
Os carpins conjugaes.
Lucrecia, com a roca, sirandava,
E muito grandes damas
Fariam tuda aquillo, e muito mais.

E era um gosto ver como ellas tinham
As casas petrechadas, trastejadas,
Mourejadas, varridas!
Curavam por mãos suas meadas,
Teciam suas têas
E tinham sempre as arcas bem fornidas.

Ao domingo, depois de ouvirem missa,
Cuidavam do jantar á portugueza,
Farta sopa e cosido.
Depois, para ajudar a natureza,
Vão dar o seu passeio,
Desentourindo o bucho entumecido.

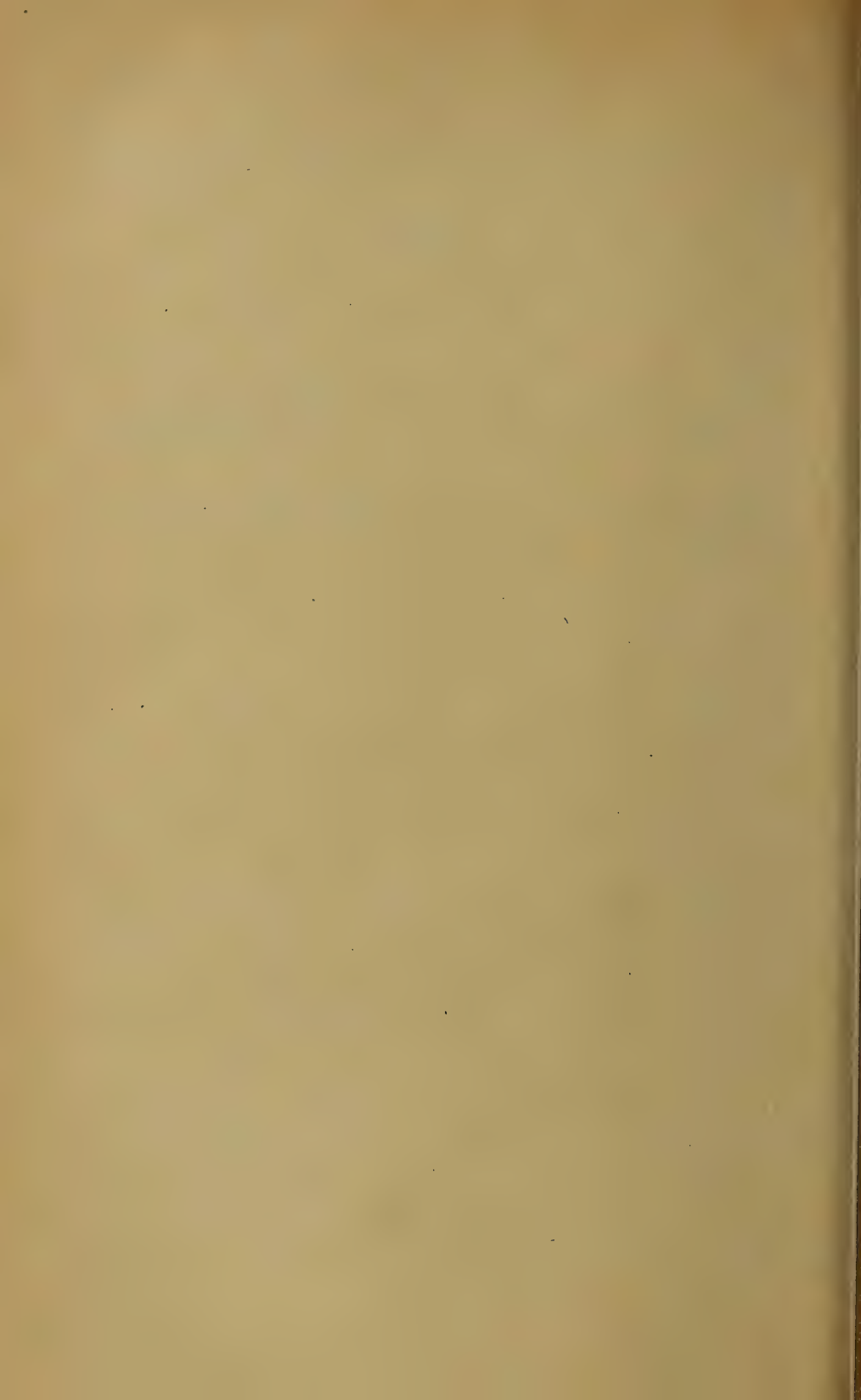
Ao lusco-fusco, as portas se trancavam.
E marido e mulher, n'uma só alma,
E n'uma cama só,
Resonavam em doce e mansa calma;
Sonhavam sonhos d'ouro,
E amor os estreitava em mago nó.

O' tempos patriarchaes ! Com que saudade,
 Eu, filho d'estas eras pataratas,
 Invejo os meus avós !
 Viviéis pendurados dos rabichos,
 Virtudes portuguezas !
 O rabicho cahiu, cahistes vós.

Etc.

Nem melhor em Nicolau Tolentino, mestre de rhetorica no Bairro Alto da cidade de Lisboa nos seculos XVIII e XIX.

Esta é que vem a ser a poesia estreme da veia poetica de Camillo.



O general Carlos Ribeiro

De que nós tenhamos conhecimento, em fôrma de elogio biographico, Camillo apenas se occupou de tres dos seus contemporaneos: do Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins; do Visconde de Ouguella (dr. Carlos Ramires Coutinho), seu intimo, e do general Carlos Ribeiro, sabio geologo, que fôra das suas relações, como seu contemporaneo de estudos na cidade do Porto. E estes homens eram, de verdade, tres individualidades, desde a rudeza de estadista bem intencionado do Bispo, ás indefessas e intelligentes pesquisas do naturalista, tendo de permeio o frondismo politico-litterario do democrata que se andainava de fidalgo do origem plebeia.

Mas não se cuide que se trata, n'estas brochuras, da sequidão relacionada de notas e datas biograficas, nem que o elogio se pompeia declamatorio em largos e abundantes periodos de rhetorica academica, consoante as regras ajustadas aos chamados elogios historicos.

Nada d'isso. Trata-se de retratos moraes e sociaes de homens de evidencia, collocados com a sua vida propria a accionar no meio em que viveram, e destacan-

do-se, como curiosidades, episodios que imprimem singular interesse á narrativa.

E' o que vamos exemplificar, dando conta da brochura referente ao notabilissimo geologo, com o nome enfileirado entre os primeiros que pelo mundo fóra se teêm occupado da historia do homem, muito mais interessante que *a historia dos homens*.

Póde acontecer que alguns, que muitos dos nossos leitores ignorem quem foi Carlos Ribeiro, e por isso deixaremos aqui alguns traços noticiosos do primeiro geologo que se affirmou em Portugal para os dominios das modernas applicações da respectiva sciencia.

Foi aprendiz de marceneiro, ahi para os Bem Casados da cidade de Lisboa; estudou; interrompeu os estudos para combater, de armas nas mãos, pelo regimen constitucional, e estabelecido que foi este regimen, concluiu o seu curso de engenharia aos 41 annos de idade, vindo a fallecer em 1882, quando, havia pouco, prefizera 69 annos de intensa, difficil e laborosissima existencia.

Foi um sabio a valer, devendo-se ao seu trabalho o registo anthropologico e prehistorico da existencia do *anthropopitecus* em Portugal.

E que os especialistas digam o resto, que é o muitissimo mais que nós ignoramos, embora não fosse difficil aparentar erudição á guiza dos processos de improvisados conferencistas e criticos consagrados pelo reclamo.

Pois sobre estes terrenos terciarios e quartenarios Camillo Castello Branco marcha a passo seguro, sendo de admirar como n'aquelles desertos da historia de minimos vestigios humanos elle faz esfusiar a belleza do seu espirito, arrancando, para o arraial da alegria franca,

a materla scientifica da aridez das suas hypotheses e concepções.

Uma amostra, tirada do factó de Gabriel de Mortillet, no seu livro *Le Préhistorique antiquité de l'homme*, classificar de *anthropopithecus Kibeiroii* o exemplar portuguez :

«Este genetivo alatinado e ligeiramente maccarrónico, *Ribeiroii*, parece pertencer tambem á época prehistorica da lingua de Plinio, o moço. *Ribeiroii*, em genetivo, indica o nominativo *Ribeiroius*. O extremado authropologista devera ter escripto *Authropopithecus Ribeirii*, ou, mais euphonico, *Ribeirenois*. Espero e ousó pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, a fim de que o nome glorioso do nosso concidão não vá latinamente deturpado pelas edades fóra.»

Mas o principal da brochura consiste em Camillo contar *outro caso mais trovadoresco*—um episodio da vida amorosa do general, que se deixara tomar de amores por uma heroina, que bem nascida em Lisboa, atraídoando o marido e fugindo com o amante para o Porto, cahiu nos braços caritativos do futuro sabio, que apesar de haver entrado nas batalhas dymnasticas, sahindo vencedor, foi o vencido n'esta refrega amorosa com uma mundana que não merecia o seu coração, ao mesmo tempo trasbordando de amor e de bondade.

A heroina de que se trata, indo ter ao Porto, entendia de sua obrigação dar abundante despejo aos vinhos finos da região, e é no exercicio d'este dever civico que

o auctor se lhe refere assim, como pretexto para uma dissertação humoristica :

«Acidulada sob a influencia das suas virginaes reminiscencias de menina e moça, etherisava-se. Ora é regra corrente que o alcool, submettido aos acidos, transforma-se em ether. Insignes pharmaceuticos o asseveram. Todas as commoções externas são chimica ! Isto, que d'antes se chamava alma, é uma retorta de chrystal da Bohemia em uns sujeitos, e de barro de Estremoz em outros sujeitos. O grito das paixões que desfibram e matam, é o estampido da retorta que rebenta. Agora a differença : se a retorta é de chrystal, os estilhaços, embora embaciados de lagrimas, teem ainda rutilações que encantam a Arte. E, se a retorta é de barro, os cacos abeberados nas lagrimas, repellem a vista porque parecem lodo. Edgard Poë, e Alfred de Musset, e Baudelaire, envenenados pelo alcool, são hostias immoladas a um meio social responsavel—são retortas de chrystal feitas pedaços pela paixão.»

E' longo, decerto ; mas o leitor não protesta, pela certa tambem.

Foi essa desgraçada mulher, resvalando, resvalando até ao hospital, a primeira paixão do general Carlos Ribeiro.

Mas a *primcira paixão* deferirá das que se lhe seguem ?

Camillo entendia d'est'arte a tal respeito :

«... a primeira é tão forte e pouco menos tola que a setima e a vigessima nona.»

Pelos modos elle admittia, e comprehendia, a 19.^a nona paixão!

Devia comprehender.

Como sabem, na giria mundana temos o janota, o peralvilho, o secio, o *petit crevé*, o estoiradinho, etc.

Definição d'esta ultima especie por Camillo :

«E' um phenomeno embryologico, que encarracolla *bellezas* na testa exigua de microcephalo, incalamistra o bigode, e tem de D. Juan de Marana simplesmente a guitarra com que perverte familias hespanholas vigiadas pela familia medica. De resto, e *au fond*, os estoiradinhos são grupos de moleculas, aggregações granulosas, saturadas de marisco, de cerveja barata da Baviera e nicotina, justificando a formula excêntrica e um pouco paradoxal de Bacon: *o vasio de mistura com o solido.*»

O trecho final da brochura não destôa da sua harmonia espirituosa. E' este, escripto ha 30 annos, que bem pôde passar em revista dos inspirados de todas as escolas :

«Quanto ao poeta scientifico, genial, racionalista, concluida que seja a sua obra de sapa e a ultima batalha dada aos deuses, esse tem de desaparecer como inutil e ridiculo, como um archaismo. Ainda hontem, na França, Eugene

Veron, no seu livro *Esthetica*, escreveu que *tout le monde, sauf les idiots, est poète*. A condicional *sauf* poderia excluir muitos poetas conhecidos; mas Veron inverteu paralogicamente a excepção em regra. Elle, se fosse um digno interprete da sciencia implacavel, deveria ter escripto: *Ninguem é poeta, salvo os idiotas.*»

E' no bom sentido que elle assim conceitua, fiquem-n'o sabendo os poetas e calculistas da vida, porque elle bem pintou o *que é ser poeta* em um dos seus romances, como atraz deixamos referido.

Correspondencia epistolar

Trata-se das cartas trocadas entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco, *escriptas durante os dous ultimos annos da vida do illustre orador.*

Na edição da *Parceria* esta correspondencia abrange dois volumes: o primeiro com o elogio do grande desgraçado e com as cartas por elle escriptas ao romancista, ao dr. Victorino da Motta (1) e a D. Anna Placido, pri-

(1) O dr. Victorino da Motta era intimo de Vieira de Castro, tendo sido coliegas na redacção do *Atheneu*.

Era medico distinctissimo, e foi professor nos lyceus de Villa Real e do Porto.

Conheci-o. Era um bello talento, scintillante de lidimo espirito portuguez; conservador admiravel, como podia ser escriptor da mesma medida, se o não tomasse o desalento.

Todos os annos era certo em Coimbra, hospedando-se em casa do dr. Fernando de Mello, lente de medicina, antigo governador civil e deputado, um dos chefes regeneradores do districto.

Elle a chegar *para os exames*, e logo a formar-se-lhe *roda*, por egual dos veteranos e dos plunitivos da litteratura academica, e o *Motta* era para todos um bom companheiro, sem differença de edades e merecimentos.

meiro da cadeia, e depois de Loanda, do seu degredo; o segundo com as consolações epistolares de Camillo a Vieira de Castro.

Por mais de uma vez nos temos referido aos meios de propaganda de que lançou mão o auctor na intenção dedicada de rehabilitar o infeliz: romances, dramas, opusculos, artigos!...

Tudo se perdeu, porém; nem umas d'essas vozes encontrou ecco, dos jurados aos jornalistas, dos governos á munificencia regia, e mais, ao tempo, encontrava-se no prestigio da sua força politica Antonio Rodrigues Sampaio, que fôra intimo de seu tio padre e ministro da Marinha, e que o admirava tanto que d'elle escreveu, Sampaio, que nunca era prodigo de elogios, estas palavras de homenagem:

«Nem a tribuna antiga, nem a tribuna moderna nos dá melhores modelos de eloquencia.»

Tudo se perdeu. Vieira de Castro foi condemnado, e no degredo morreu, quasi repentinamente, mas Camillo honrou-lhe no tumulo a memoria, como em vida lhe honrara o nome, o talento e a honra, sendo a *Correspondencia Epistolar* o mais eloquente registo do muito que elle lhe queria, ou do muitissimo que se bemqueriam os dois.

.....

Dissemos: *Vieira de Castro foi condemnado*, mas sem acrescentarmos o motivo por que o notavel tribuno recebeu esse castigo das justiças do seu paiz.

E' necessario referil-o?

Talvez, porque a tragedia, que occasionou a condem-

nação, passou ha 34 annos, e os seus contemporaneos, ou sejam os que estavam em idade de a apreciar pelo sentimento, já devem ser muito poucos, arrastados na maior parte pela tempestade vertiginosa do tempo.

Em pouco se conta: José Cardoso Vieira de Castro, no prestigio da sua carreira politica, casara, no Rio de Janeiro, com uma formosa e rica menina, D. Claudina Guimarães, filha de um portuguez que enriquecera negociando em livros.

Viajaram muito pela America e pela Europa, e por fim habitaram em Moreira, nos arrabaldes do Porto, *onde se passaram os dias mais felizes de Vieira de Castro.*

Mas... vieram para Lisboa, e aqui trastejaram ricamente uma casa na rua das Flores, n.º 109, onde na madrugada de 9 de maio de 1870, Vieira de Castro, colhendo a evidencia da sua deshonra, estrangulou o idolo do seu amor, depois de desafiar de morte o homem que o atraçoara, que reconhecendo o seu crime, e submettendo-se a todas as violencias, não acceitou o repto, por não poder admittir como justa a possibilidade de matar o homem que atraçoara como marido e como amigo. E esse homem sahiu para Madrid, annunciando Vieira de Castro que sem defesa sua lhe podia dar a morte no caminho.

O capitulo d'esta deshonra ainda está por esmiuçar, e não seremos nós que tentaremos a liquidação dos factos e o seu commentario. O que está definido é que Vieira de Castro, aos trinta e tantos annos de idade, idolatrava aquella mulher; e que esta, aos 22 annos, perdida ou gasta a influencia espiritual que n'ella produzira, de mera impressão, o politico, o orador, o litterato, era se-

quiosa de outras commoções, consoante o seu temperamento da hysterica, cheia de morbidezas.

A' distancia do tempo podem doutorar sentenciosos e dogmaticos os que teem agora, com muitas imposturas scientificas, a especialidade d'estes estudos retroactivos.

O certo é que a cidade de marmore e de granito foi despertada n'esse frio marmore e n'esse granito frigidissimo quando a imprensa, no dia 11 do referido mez de maio de 1870, lhe communicou de improviso que na madrugada de dois dias antes o orador José Cardoso Vieira de Castro assassinára sua joven esposa, indo no dia seguinte entregar-se á justiça acompanhado por seu irmão Antonio — o mais santo dos irmãos de que em terras portuguezas falla a nossa contemporanidade positiva e egoista.

Formou-se processo; formaram-se partidos, principalmente entre mulheres, sem que todas as partidarias tivessem auctoridade moral para o protesto; a sogra de Vieira de Castro foi parte contra o genro como vingadora da filha; na propaganda levantaram-se vozes não querendo, sequer, que se admittissem atenuantes. O patrono do réo foi o conselheiro Jayme Constantino de Freitas Moniz, felizmente ainda vivo, que no tribunal produziu um discurso eloquentissimo, mas, porventura, sem a correspondencia d'aquellas habilidades e expedientes que determinam a vontade dos jurys; e assim, depois de muitos episodios, lavrou-se a sentença de 10 annos de degredo para Angola, que os tribunaes superiores confirmaram.

E Vieira de Castro, o politico, o orador prestigioso, lá foi para a Africa, onde procurou commerciar, mas onde falleceu pouco depois, em setembro de 1872.

A tragedia da rua das Flores deu-se em 9 de maio de 1870, e Camillo data as primeiras palavras da *Correspondencia Epistolar* de S. Miguel de Seide aos 9 de maio de 1874—ou seja quatro annos depois que Vieira de Castro *abriu uma sepultura, fechou n'ella um cadaver purificado da deshonra pela compaixão e começou a sua agonia de dois annos e meio.*

Escreveu-se por esse tempo muito, muitissimo a propósito d'este drama ou d'esta tragedia.

Em seguida á morte de D. Claudina Guimarães, que o *Diario de Noticias* de 11 de maio de 1870 dizia ser «uma senhora de 21 annos de idade, franzina, elegante, de feições graciosas», chegou a insinuar-se que o tribuno fôra conduzido ao assâssinio pelo espirito de originalidade, admittindo como certa a hypothese da sua absolvição nos tribunaes!

Aberrações do espirito criticista, que infelizmente é de molestia endemica entre nós, depois que a imprensa começou a abusar da sua missão.

Era absurdo, ainda mesmo pelo argumento pouco moral do egoismo humano, pois se devia comprehender que Vieira de Castro, ao tempo, estava em plena posse de todos os requisitos e predicados que garantem o exito; devia-se comprehender que elle se encontrava no goso do maximo prestigio, e que essa situação, ou fosse condemnado ou fosse absolvido, ia terminar de vez pelo desgraçado episodio da sua vida.

Com effeito, Vieira de Castro era o orador parlamentar por excelencia, nos termos consagrados pelo Sampaio da *Revolução de Setembro*, e, 15 dias mais que a tragedia se demorasse, seria ministro d'estado, pois que o Marechal Saldanha, senhor absoluto do paiz em 19

de Maio do mesmo mez e anno, era tanto seu admirador sentimental—sentimental sobre tudo—que pouco antes havia vertido lagrimas admirativas ao ouvir-o discursar n'um banquete ou festa parecida que se dera, quando fôra da inauguração do caminho de ferro Larmanjat, que devia ligar a Capital com a formosissima e ridentissima Cintra, encanto de Almeida Garrett e paraíso cantado por Lord Byron, que era um lord difficil em reconhecer-se impressionado.

Escreveu-se muito, muitissimo. Havia um jurisconsulto rabula, habilissimo, douto e má lingua, que assoprava a opinião, não consentindo que se fizesse silencio e se dêsse treguas; e n'esta corrente, e depois de em vida lhe attribuirem propositos de se levantar soberano, ou cousa parecida, com a independencia de Angola, na morte tambem lançaram a versão de que ella fôra de fingimento, que o seu corpo não descera á sepultura, cerrando-se um caixão vasio e fugindo Vieira de Castro do seu degredo para continuar os episodios da sua vida aventureosa.

O que se disse, o que se poz em escripta! Mas não obstante, ainda falta escrever uma historia, um romance ou um drama que corresponda á accentuada individualidade d'esse homem, que assim teve realidades de existencia, e que parecendo não chegarem estas para a singularidade da sua figuração social, ainda o foram lançar nos dominios da lenda!

Mas passemos ás transcripções, e havendo muito por onde as fazer, teremos de as limitar convenientemente.

Disserta Camillo n'estes termos, ácerca dos processos por que se desaffrontam os maridos atraídoos:

«Um homem, levemente offendido por um

amigo indiscreto, vai ao campo da honra, e mata-o. Exemplo: Girardin e Armand Carrel. Eu queria a tua angustia e não a do marido que matou. Tu és o homem que valia a compaixão da mais extremosa e da mais extremada mulher. Tinhas amigos que antes te queriam ridiculo que vingado. Não sei dizer-te que praticaste um acto para exemplo; mas déste o exemplo do pundo-nor, que assombra a sociedade, porque isto aqui é um continuado transigir da deshonna com a infamia sob a capa da humanidade.»

Será difficil de averiguar se n'este trecho se lança a nota de sinceridade e de convicção, ou, apenas, o que é mais provavel, o balsamo da consolação.

Mas, em uma ou outra hypothese, criterio ou balsamo, o trecho é eloquente.

Tem sido notado, e por nossa parte já o fizemos, que em Camillo ha conceitos desencontrados sobre o que chamaremos o seu espirito religioso ou o seu espirito critico — sendo este espirito, sobre essa materia religiosa, por vezes expellido com ligeireza e pouco agrado.

Mas como, mesmo sem o applaudir, e sem confronto com as *Horas de Paz*, de que adiante nos havemos de occupar, nesses descuidos a sua fórmula litteraria é levantada e original, para aqui trasladamos exemplos:

«Eu já fui cumprir esse voto a um Christo com a devoção de um asceta ou com a superstição de um cretino. A fé nasce na paixão do desgraçado. As consolações sentem-se, e a alma desoprime-se.»

Mais adiante;

«Inferno tambem o ha aqui para os que prevaricam, atraindo não só o dever mas o coração sem macula.

.....

«Deus não se deixa entender justamente para não receber o confronto com estes miseraveis que nós somos. O que Elle permite que vejamos é a lei eterna, o verbo que se manifesta na concatenção das cousas terrenas.»

E ainda, castigando os que revolviam na dorida chaga do coração do seu amigo:

«Ha couros portugezes e mercantis que não gretam nem ás lançadas. Desejo ver o que esvurmaram os padres dos Arcos, e metter a conjura na papelreira. Deus me dê vida. Deus? Por que não? Esta porcaria requer poder divino que a explique. E' mister que nós, atravez de algumas dezenas de dogmas esclarecidos, na região luminosa de além-tumulo, vamos enfim topar a razão de ser d'isto, a origem do peccado, a quéda do anjo rebelde na latrina.

«Deixa-me dizer-te uma atroz verdade. A desgraça e a doença teem-me feito descambar a um atheismo absoluto. Aquellas cousas ou produzem isto ou o ascetismo. A mim apagam-me as ultimas vascas de luz que o sentimento despertava ao raciocinio.»

D'esta maneira escrevia em carta intima, mas na publicidade d'ella anotou-a assim:

«Esta carta seria excluida d'este livro, se não viesse com prova de pusilanimidade da alma sob a pressão dos soffrimentos corporaes. Um sorriso de saude bastará a abrir no coração lagrimas de arrependimento.»

E Camillo foi sempre assim—o Camillo que o sr. dr. Theophilo Braga quereria reduzir a methodos e pautas, consoante processos philosophicos do seu entretenimento!

N'esta carta lê-se esta phrase, a proposito de mandar saudades a Pedro dos Reis, que era companheiro de Vieira de Castro na prisão:

«A imprensa vende por dez réis a explicação de todas as lagrima occultas (1).»

A doença acirrava-lhe a lingua, e a lingua, assim acírrada, tinha energias de prosa da maior fereza.

Prova-se por este trecho, em que humorisa sobre escriptores, congressos e respectivas associações:

(1) Pedro dos Reis foi muito das minhas relações.

Era bastardo de uma familia illustre. Encontrei-o na redacção do *Diario Illustrado* em 1882 e annos seguintes, e foi traductor esmerado de romances editados por Pedro Correia. Consegui-lhe um emprego em Africa. Ali morreu, e, segundo me communicava em cartas, conformado com a sua sorte.

«A pleiade não quer resvalar ao abysmo da gloria pela rampa da miseria. Quer ter a certeza de que, na decadencia do genio, mão benigna e previdente lhe ministra a canja de galinha e a bolacha americana. E' bom. Ha ahi sujeitos que se houvessem de engulir a chave de Gilbert, primeiro enguliriam a alavanca de Archimedes, a qual rolaria este globo e o faria tombar no espaço, se os tivesse a elles como ponta de apoio da alçaprema. Parece-me que estou a parvoejar. Se Deus nos deixasse ainda conviver debaixo das telhas de Ermo, com dois raios de entendimento, que cousas não tiraríamos da lama para o prelo! Tenho nos miolos aquelles diabos azues de Alfredo de Vigny.»

As associações e os congressos deviam ser avós dos congressos e associações que são d'este tempo todo nosso.

Tal pae, tal filho.

Como no celebre soneto de João de Deus!

Vamos agora, com justificada aproximação, ouvil-o a referir-se a umas *leves melhoras* que sentira nos seus soffrimentos, contandc-nos que com esse raio de saude a fé lhe entrava pela alma a dentro.

Elle o conta:

«Acabo de ler um livro que me fez chorar. Chama-se *Nossa Senhora de Lourdes*. E' uma traducção que d'ahi me enviou não sei quem.

Tem uma maviosa historia a recepção d'este livro.

«Eu estava na cama ás 7 horas da noite, tristissimo, aborrecendo quantos livros me lembravam. Pedi que me trouxessem um mau livro de Gauthier: *Mademoiselle de Maupin*. Abri-o; enojou-me. N'isto chega o correio com o livro de *Nossa Senhora de Lourdes*. Abri 6 paginas, no proposito de não ler mais. Li tudo, li 465 paginas. Chorei. Bella cousa chorar!»

Camillo Castello Branco chorou aos 50 annos lendo um livro sobre Nossa Senhora de Lourdes!

Se por ventura esta passagem cahisse sobre os olhos de algum grande homem do nosso tempo, em todas as esferas, do professorado ao commercio, estamos a ouvi-lo despresador e desdenhoso:

—Que insignificante que era esse Camillo!

Sobre a eloquencia e sobre o jury:

«Eu não sei que similhaça ha entre a eloquencia e o raio. O raio abrasa, pulverisa quasi sem queimar; a eloquencia deslumbra, quasi sem persuadir. Nos lances supremos da especie do teu desagravo levado a juizo, cumpria raciocinar menos e apertar mais o coração. A logica das multidões é a dos jurados. Da lama putrificada não ha fusil que tire a faisca.»

Agora é vêl-o em momento de mau humor, na irritabilidade dos nervos, em instante de cruciantes dôres

multiplicadas pela imaginação, igualmente enferma, exagerando os soffrimentos :

«Cada dia me sinto mais escurecido, mais atheu. A razão, a experiencia, o mundo de baixo, não ensinam mais nada. Ora, quem é que hade sacudir as azas da lama, e voar para cima? Hei de viver como quem vive e escarnece das amarguras que me esperavam no inferno de cá — porcaria que nos dispensa de crer na outra de lá».

Já accentuámos as suas *ligeirezas*, que não eram bem da excepção de que reza Horacio no *quandoque bonus dormitat Homerus*; mas d'estas ligeirezas é que hão de gostar muito, certamente, os *espiritos fortes*, independentemente de prazeres ou afflicções, como cerdos nas vesperas de receberem a faca do magarefe, ou estorcendo-se em agonias como caricaturas do leproso de Xavier de Maistre.

Mudando de assumpto, ahi vae uma regra de ensino para dar rijo e forte :

«As tagantadas é bom dal-as, mas não no ar; quando vibrares o latego, seja de molde que estale nos couros.

.....

«A coragem de uns desgraçados é a coragem de outros que sabem medir-se com os mais infelizes, logo que não poderam medir-se com os enfermos.»

D'aqui passa a dar-nos o prazer espiritual de se referir á sua laboriosissima faina de escriptor :

«E' pena, meu amigo, que não tenhas bem pronunciada vocação para a fertilidade dos romances. Tu verias como é bom criar gente que nos falla, que nos colhe as lagrimas do coração, e as faz filtrar ao livro. Ai! que saudades me chamam ao tempo em que eu amava as figuras da minha fantasia, e com ellas visitava os locaes onde as tinha feito viver.»

O actor Santos (Santos Pitorra) escreve-lhe, a dar conta do recebimento do seu drama *O Condemnado* pelas plateas de Lisboa.

Fazem-lhe guerra, mas succedem-se os applausos a par das pateadas, collocando-se á frente d'estes pateantes dois destemidos, de que não cita os nomes.

O auctor commenta o caso, escrevendo a Vieira de Castro :

«Eu sinceramente te digo que esperei a noticia de terem sido quebrados os bancos na primeira representação. Pois é possivel que dez grosas de *cocottes* ineditas não disposessem das ferraduras dos maridos e amantes contra o drama? Onde está o brio d'eses alcouces ?

A imprensa, por esse tempo, ainda não descia a pormenores sobre intrigas e caballas, quer em politica, quer em arte ou pseudo arte, quer n'estes dramas tristes da vida intima.

Mas o que se dizia então, fóra do que veio á imprensa, sobre campanhas contra Vieira de Castro, foi de grande curiosidade nos soalheiros, e entendemos que ainda é cedo para se pôr em escripta.

E' bastante, cremos, o que ahi fica com respeito á *Correspondencia Epistolâr.*

Ainda, no livro, se seguem artigos de Julio Cesar Machado, de Santos Nazareth, de Eduardo Vidal, de José Augusto de Ornellas, de Pedro dos Reis, e apreciações ao trabalho de Antonio Manuel Vieira de Castro, dedicado e estremosissimo biographo de seu irmão infeliz. Mas se as cartas de Vieira de Castro, já são muito, para darem a impressão do seu drama, as de Camillo ainda representam mais, porque além do supremo valor litterario d'esses documentos, salienta-se n'ellas o seu sentimento, ao mesmo tempo paternal e fraternal, para com um condemnado. . . épico.

Amicus certus in re incerta cernitur.

Bem ao contrario dos vaticinios de Ovidio nas *Tristes* :

Donec eris felix, multus nubibus amicos, tempora si fuerint nubila, solus eris.

Ha de tudo por esse mundo material e espirital, mercê de Deus Nosso Senhor !

Horas de Paz

(ESCRITOS RELIGIOSOS)

Trata-se de uma recompillação de artigos de religiosidade, pelo auctor publicados nos jornaes portuenses *A Cruz* e *O Christianismo*—collaboração que foi decorrendo pelos annos de 1852 a 1860, periodo este de psychologia litteraria que hoje seria classificada de *reacionaria*, palavra velha que anda arejada do seu bafio para bastas vezes não significar cousa alguma, desde que se tira do seu significado geral—ou seja a opposição que sempre, na successão dos tempos, uma escola politica, religiosa ou filosofica fez a outra a que pretende sobre pôr-se, levando-a de vencida.

O circulo vicioso dos palavriados da Humanidade—quanto lhe tem elle custado em sangue e riqueza, quanto tem elle atrasado o caminhar da verdadeira civilisação, que as revoluções sempre atrazaram, não a adiantando nunca!

Mas que o seu grande espirito nada teve de apagar, fundamentalmente, nas suas concepções da juventude,

conclue-se do facto de Camillo assistir a duas reeditações d'esses seus escriptos *reaccionarios* em livro, uma de 1865 e outra de 1877, havendo mais uma, a 3.^a, mas essa de 1903, muito posterior ao drama da sua morte.

Pelo contrario, persistia confessamente n'essas idéas, pois se exprimia d'esta fórma prefaciando :

«Assim é, mas tambem é certo que o auctor, ainda agora, tão longe das remançosas aguas em que descançou por pouco tempo, o atormentado esquife da sua vida, ainda agora vai na fé, na crença e na esperança d'aquelles tempos em que trasladava ao papel essas desambiciosas cogitações da sua alma, vivamente impressionada das coisas do ceu, muito occultas, e de fugida das coisas da terra.

E como que alliviando-se de algumas suggestões da materialidade :

«Parecia ouvir a voz do coração a dizer-me :
«Deixa-me esse modo de sentir e escrever, que é do tempo em que eu era feliz.»

Descançou na fé; na fé teve felicidade o seu espirito; na fé viveu tranquillo o seu coração.

Ah! para descançar, para ser feliz, para viver tranquilla muito anda necessitada de fé a humanidade!

Na edição que temos presente, as *Horas de Paz* são formadas por dois volumes, e para se dar uma idéa

completa, sem mais nada, da sua materia de alcance moral e religioso, basta enumerar os capitulos :

- I—O Padre.
- II—Assumpção de Nossa Senhora.
- III—Festa da razão.
- IV—O suicidio.
- V—A caridade.
- VI—As sete palavras de Nosso Senhor Jesus Christo.
- VII—Do Papa e do seu poder temporal.
- VIII—Razão.
- IX—Fé.
- X—A casa da oração e a musica profana.
- XI—Bibliografia sobre escriptos religiosos.
- XII—Conceição de Maria.
- XIII—Missões.
- XIV—Duello.
- XV—Amor de familia.
- XVI—A incredulidade.
- XVII—Esperança.
- XVIII—O Pantheon.
- XIX—Naturalismo.
- XX—Paradoxos da incredulidade.
- XXI—Domingo.
- XXII—Abbadessado.
- XXIII—O que ha de commum entre Izabel II e os jesuitas?
- XXIV—Anecdotas do Marquez de Pombal.
- XXV—A actual instrucção do clero.
- XXVI—Usura.
- XXVII—Imagem de Christo.
- XXIX—Santo Ignacio de Loyolla.
- XXX—Porque destroem?

XXXI—Respeito aos mortos.

XXXII—O libertador anunciado e prometido a todos os povos.

XXXIII—O missionario.

Ninguém ainda, sobre materia religiosa, tão systematisadamente, o ao mesmo tempo em linguagem tão precisa, clara e impressiva, escreveu nos modernos tempos em Portugal; e no entanto as *Horas de Paz*, na sua publicidade, andam restrictas, sem propaganda, ao significado geral da obra litteraria de Camillo.

Mas o leitor, sem mais explicações, pelos capitulos vê o alcance da obra.

Referiam-se, esclareciam-se, discutiam-se e annotavam-se assim muitas das principaes questões da actualidade na briga da Fé com o racionolismo e o materialismo, sendo extraordinario a erudição que o auctor manifesta, sem pedantismo, e n'um tempo em que os dictionarios e as revistas ainda não tinham tornado de facil constructura as exhibições eruditas.

N'estes trabalhos não está o escriptor em toda a força de estylisação que mais tarde assumiu. Mas reflecte-se um espirito, traduz-se uma consciencia, amostra-se uma alma.

E grande espirito já reconhecido, e grande alma... ainda por comprehender!

Não se exteriorisa aqui o polemista, que depois se tornou inequalavel, como a diante se verá com grande copia de exemplificações, tornando-se temido pelo manejo valente da arma do ridiculo temperada pela graça — a mais fina lamina que pode trespassar um inimigo.

Mas admirava-se já o argumentador, prespicaz, intuitivo algumas vezes, espontaneo sempre, trasbordando a

candidez chrystalina e pura que as crueldades da existencia perturbada por mil incidentes de desfortuna ainda não haviam pervertido.

Horas de paz!

E essas horas em que se curvou sobre o papel immaculado para collaborar na *Cruz*, para escrever no *Christianismo*, para fazer a revisão dos artigos na sua passagem para o livro foram, por sem duvida, das melhores horas da sua vida tumultuosa, no goso d'aquella felicidade intima que sómente disfructam os escriptores religiosos, quando são crentes na inteireza sincera do seu espirito!

Vamos, pois, acompanhal-o, percorrendo alguns d'esses capitulos, e tirando d'elles, apenas, aquella *flor* de que fallam os conhecidos versos de Lafontaine, como critica propria á precisão conceituosa das suas phabulas.

Disserta sobre a missão do Padre, e o trecho que se segue, tem a sua actualidade, pelo confronto com o criterio que muitos outros expõem, em contraposição porventura bastante perigosa:

«Se quereis a historia da civilisação europea, se quereis civilisar a Asia, estudae-a no Padre que passou, e encarregae-a ao Padre, cujas prerogativas não poderam ainda os civilisadores da espada substituir entre os selvagens. Dae-lhe essa missão de sacrificios incriveis, e não cuideis que elle a recuse, porque o seculo lhe tirou as suas honras e riquezas.»

Ainda hoje é assim; crendo nós que a chamda *civi-*

lisação moderna ainda não determinou uma força que para o exercicio d'essa missão substitua com efficacia a instituição, que uma corrente de filosofismo declamatorio e politica sectarista por todas as fórmãs e por todos os processos procura deprimir.

Fallando da Razão e do seu culto, e a proposito dos crimes em nome d'ella praticados, enfeixa uma serie de factos, que teem a eloquencia das cousas simples :

«*Maignet*, o enviado de Orange com o facho do exterminio, glorificava-se de ter atulhado as prisões de uma cidade com doze mil cadaveres.

«*Carrier*, em Nantes, inventava a maneira *mais expedita*, como elle dizia, de desembaraçar-se dos seus inimigos: mergulhava-os no Loire, em feixe de ambos os sexos, e desenfastiava-se do enojo do remorso sorrindo na presença d'aquellas agonias, que elle chamava um *casamento republicano*.

«Em Verdun foram decapitadas dezeseite senhoras que dançaram n'um baile de prussianos. Ao mesmo tempo rolavam as cabeças dos marechaes Noailles e Maillet, a do virtuoso Malesherbes, e a da angelica Elisabeth, irmã do rei».

Basta.

Le monde marche, sem duvida, mas a Inquisição, a maldita, ressuscita por vezes em formulas politicas, em diversos estadios, para attestar, em modalidades que sempre se parecem, a maldade da féra chamada Homem no predomínio das suas paixões.

Occupã-se do suicidio :

«Enluta-se o coração, e amesquinha-se o pensamento ao escrever estas oito letras, que se afiguram o epitafio de uma sociedade, esvaída da coragem para lutar com a miseria e com a desesperação.»

Mas trinta annos depois não se impressionou com as oito letras fatidicas, e, sem esvaimentos de *coragem*, deu ao gatilho de um revolver, e matou-se !!

Verdade seja que no seguimento do respectivo artigo, Camillo acrescenta :

«Não chamem ao suicidio o resultado de uma demencia. O homem que se mata, é responsavel da sua morte, é arbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue, e d'aquelle sangue que derrama.»

E fecha :

«A pratica lamentavel do suicidio lisongeou cabalmente a theoria. Eis ahi esse desforço que os desgraçados tiram das irregularidades da vida: matam-se! Eis ahi o complemento de um raciocinio que o homem poz sobre a sua existencia, sobre o seu destino, e sobre os seus infortúnios: um tumulto!»

A Caridade !

Nem queremos referir o que hoje se diz e escreve na Europa sobre a Caridade, porque já chegámos a ver em letra redonda e em portuguez correntio *o pedido para que se não desse esmolla!*

A assistencia nacional é uma bella, bellissima instituiçãõ, não ha duvida. Em cada dia se deve ampliar e fortalecer a mais e mais, até chegar a uma formula social em que a riqueza, pela lei, seja obrigada a auxiliá-la em quanto não atinja a extorçãõ dos seus direitos.

Mas a assistencia *não chega*. Não é de natureza a ir a todos os reconditos da miseria. Para isso falta-lhe a materia prima : a virtude collectiva. Não vai ter com todas as desgraças, nem, correspondentemente, todas as miserias a procuram.

Não deve ser assim ?

Não devia.

Mas é assim, fugindo o facto a todas as leis e decretos.

O auctor refere-se n'estes termos ás irmans da caridade :

«Nos cumes gelados dos Alpes, nas pestilenciosas enxovias de Constantinopla, nos tugurios infectos da Tartaria, e no interior das minas homicidas do Mexico, onde quer que a humanidade soffredora mais perigosa trilho segue no caminho, que conduz á morte, é lá que as delicadas mãos da mulher levantam sobre as areias do deserto uma choça para o viageiro perdido no gelo, ou depositam o preço do resgate do infeliz que se arrasta debaixo dos flagellos de um senhor turco, ou erguem do chão o trabalhador asphixiado, que revive ao ar livre, e desperta d'aquelle somno de morte nos braços de uma mulher, que não vira talvez em toda a sua vida.»

O grande escriptor exprimia-se por esta fórma sentimentalmente entusiasta, declamatoria, mas eloquente, ahi por 1855. Mas pouco depois *começava a campanha*. José Estevam, levado mais pela impressão de um caso particular que pela reflexão critica do seu alto espirito soltava os vôs tribunicios, com mais inspiração que analyse, e depois ainda, em outro periodo, de um caso singular tirou-se uma generalidade condemnatoria, sendo esse periodo aquelle em que Antonio Ennes escreveu o celebrado drama *os Lazaristas*, que não escreveria, sem duvida, na extraordinaria maturação critica, em que annos devolvidos se reforçou e sublimou o seu talento de pensador.

Por ultimo a *campanha* desceu para as multidões, e uma vez cahida n'esse campo, só houve a critica dos doestos inconscientes, que aviltando o pensamento, não deixavam liquidar o valor positivo das realidades!

Mas entre muitos depoimentos, todos da mesma harmonia, que andam pelos processos formados em todo o mundo, ahi fica o de Camillo, que protestava n'este estylo energico e viril:

«Trabalhae, manipuladores do veneno da humanidade, que vossas canceiras laboriosas, no tribunal dos seculos vindouros não valerão uma pagina prestavel para escrever um codigo melhor que a «Republica de Platão», a «Cidade Sol de Campanella» e os deslattes delirantes de Brissol!»

Annota um episodio referido por Lamennais, explicando as suas idéas em materia de Fé:

«Refigiaes-vos na certeza das mathematicas ?
 Ouvido a confissão insuspeita d'um medico celebre. Barthez estava nos paroxismos da morte. Matava-o, mais depressa que a enfermidade phisica, a dor moral de não poder morrer com uma certeza, fosse no que fosse. Um padre, condoido d'aquella posição especial, caridosamente lhe disse: «Mr. Barthez! Nem ao menos nas mathematicas achaes uma certeza?! «As mathematicas—responde o moribundo—teem uma serie de consequencias inevitaveis, perfeitamente encadeadas; mas a base... não sei qual ella é.» A base que Barthez não conhecia é essa base de todas as doutrinas—é a substancia occulta de todos os phenomenos.»

E em outro capitulo, parecendo que em commentario a esta passagem, assenta :

«A duvida é uma tortura.»

O que vale é que o progresso tem andado muito. O Ashawerus quebrou a sentença, e como symbolo é a figuração do Tempo a dar passadas de gigante no caminho do aperfeiçoamento; e hoje em dia, neste meio, ha muita gente intelligentissima, de uma acuidade assombrosa, que tudo apanha no ar, que possui noções definitivas e soluções acabadas; e toda essa enormissima multidão illustrada e sábia não tem duvidas sobre cousa alguma, dispondo de *certezas* sobre todas as cousas!

Mas a serio, que bellas almas, que bons corações se perdem com o endurecimento d'estes criticismos!

Soberbos, merecem dó; tornando-se crueis, despertam a compaixão, e d'esta modalidade luminosa da bondade compadecida escreveu Camillo :

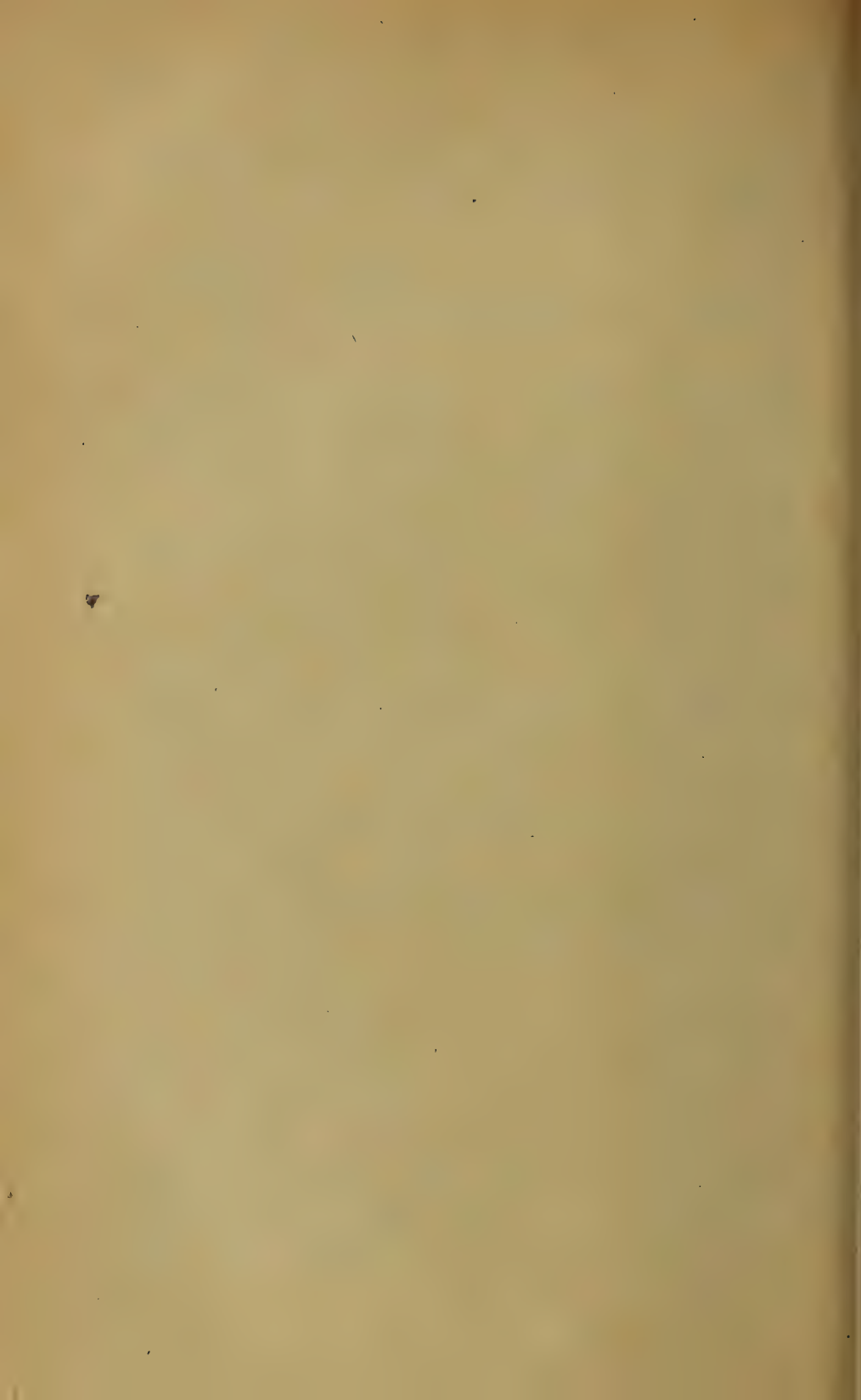
«A compaixão dos homens é um presentimento da misericórdia de Deus.»

Em um dos capitulos da obra disserta com a melhor critica sobre a illustração e a educação do clero d'aquelle periodo, considerando-as insufficientes, marcando os perigosos consequentes d'essa inferioridade.

Tinha razão, como em geral a teria nos periodos que se lhe seguiram, embora os cursos dos seminarios se reformassem com augmento de disciplinas.

A educação do padre nunca se fez, fechados os claustros, onde se formou o espirito de homens notaveis das nossas letras, como devia e cumpria que ella se fizesse.

Foi até, essa insufficiencia, um dos factores que poderosamente concorreram para que essa classe social não podesse impor-se ao tufão de indisciplina moral que nos invadia, e que perverteu aquella prenda de que nos envaideciamos, conceituada na conhecida formula da *brandura dos nossos costumes*.



O vinho do Porto

Trata-se de um opusculo datado de S. Miguel de Seide aos 20 de abril de 1884, e com este subtitulo :

Processo de uma bestialidade ingleza.

Pois, de verdade, illude no titulo e no subtitulo, o que não era de prever, porque Camillo, como poucos, sabia ajustar o titulo á substancia dos seus livros. Mas d'esta vez não foi assim, porque esperando-se uma monographia sobre o vinho famoso e licoroso, embora de mistura com ironias e episodios românticos, depara-se, afinal, com um episodio do seu commercio, em que dois inglezes, James Forrester, futuro barão do seu appellido, e Withaker, que não foi barão de cousa alguma, desacreditaram o genero com que porventura enriqueceram.

E mais nada sobre a *brutalidade ingleza*, vindo assim, n'esta generalidade, a nossa alliada a ficar com a responsabilidade culposa de negociantes que por malas — artes exerciam a sua industria !

Como notámos, o opusculo comprehende 85 paginas, e logo a menos de meio o assumpto do seu texto é posto de banda, para o auctor nos fazer a chronica agradecida de uma locandeira chamada Gertrudes, que primava na confeitura de iguarias restauradoras, mettendo de premeio episodios da vida de Camara Sinval, um materialista litterario que ao mesmo tempo fazia sermões, accumulando á Theologia com a Medicinas!

Mas se o leitor fica desapontado com respeito á historia do vinho, e ainda mais em relação á chronica espirital, mundana, social e politica. . . dos seus effeitos, encontra compensação para essas desillusões nos milagres de estylo que Camillo produz n'essas paginas, imprimindo com elle o maximo relevo litterario aos mais pequeninos episodios.

Estava já com o pulso feito na polemica, e com uma phrase, com metade de uma phrase, ás vezes com uma palavra apenas ia *estendendo* quantos, de improviso, lhe acudiam á memoria, muitos dos vivos, alguns dos mortos, para quem, na fórma, empregou uma crueldade demasiada, e que, sendo desnecessaria, era contraproducente!

De improviso, dissemos, e de improviso manifestamente devia ter sido escripto o folheto em momento de mau humor.

Encontramos até uma prova d'essa improvisação na parte em que faz o elogio da cosinheira referida:

«Mal me lembra que serviço eu fizera ao marido d'ella, um bravo e envelhecido alferes que se reformara em 1835 por impedido de servir, crivado de ferimentos em algumas batalhas do cerco. Agora me recordo: o alferes estava ser-

vindo em um dos antigos telegraphos de paineis, etc.»

E' um documento do processo da improvisação de Camillo, que como se vê, agora diz *que não se lembra*, e logo na linha seguinte, continuando, sem levantar a penna, refere o facto como se fosse no seguimento de um raciocinio!

E assim, foi d'esta improvisação que resultaram, sem duvida, os exageros de pessoalismo, apenas atenuados, para a historia, pela fórma brilhante em que se emolduram.

Vão os leitores confirmando isto pelas provas que se seguem.

Vejam dois retratos, de que não podemos affirmar a fidelidade ou similhaça.

Primeiro:

«.....

«O typico Gonçalo de Barros, a correcção no despejo, negociante de vinhos, de casamentos proprios e alheios, de tudo que é negociavel, com mais farças, melodramas e tragedias na sua vida que o Archivo do extincto theatro do Sallitre; insinuando-se com incomparaveis negaças de artista no coração dos amigos e sahindo pelas algibeiras quando achava estas avenidas aereas de mais e metalisadas de menos.»

Segundo:

«Defronte, o Visconde de Alpendurada, presidente da camara, promettia a um jornalista dotar o Porto com o embelesamento das latrinas *theodoras* (enodoras). Um folhetinista d'aquelle tempo, creador do espirito nas gazetas portuenses, Evaristo Basto, dizia-lhe que seria melhor, em vez de dotar o Porto com latrinas *theodoras*, o embellezasse antes com algumas donzellas do mesmo nome.»

Agora philosópha em nome de Camara Sinval:

«Nada de pantheismo. A natureza compõe-se de dois elementos em proporções deseguaes: Deus como um, o Diabo como tres. Sou manicheu. Apenas reconheço ao Bem a quarta parte de acção na regedoria do Universo. O Diabo é que faz os venenos dos vegetaes e dos mineraes, o frio que gela o sangue e o calor que abraza o cerebro, e a hydrophobia, e o raio, e os terramotos, e a cholera, os miasmas homicidas dos pantanos e das cavernas, e, ssbre todos os flagelos, o homem que, fornecendo uma parte de si, uma costella, produziu essa pessima cousa — a mulher.»

Tres maximas com os seus commentarios:

«O exterminio da rhetorica foi uma calamidade para os que pretendem commover».

«Hoje em dia já se não chora senão com uma ophtalmia.»

«*Beijo* — mimosa delicia da epiderme, que os homens aprenderam dos pombos e das rolas, porque a besta humana era incapaz de o inventar.»

Modestia da parte de quem tanto devia ter apreciado essa mimosa delicia da epiderme!

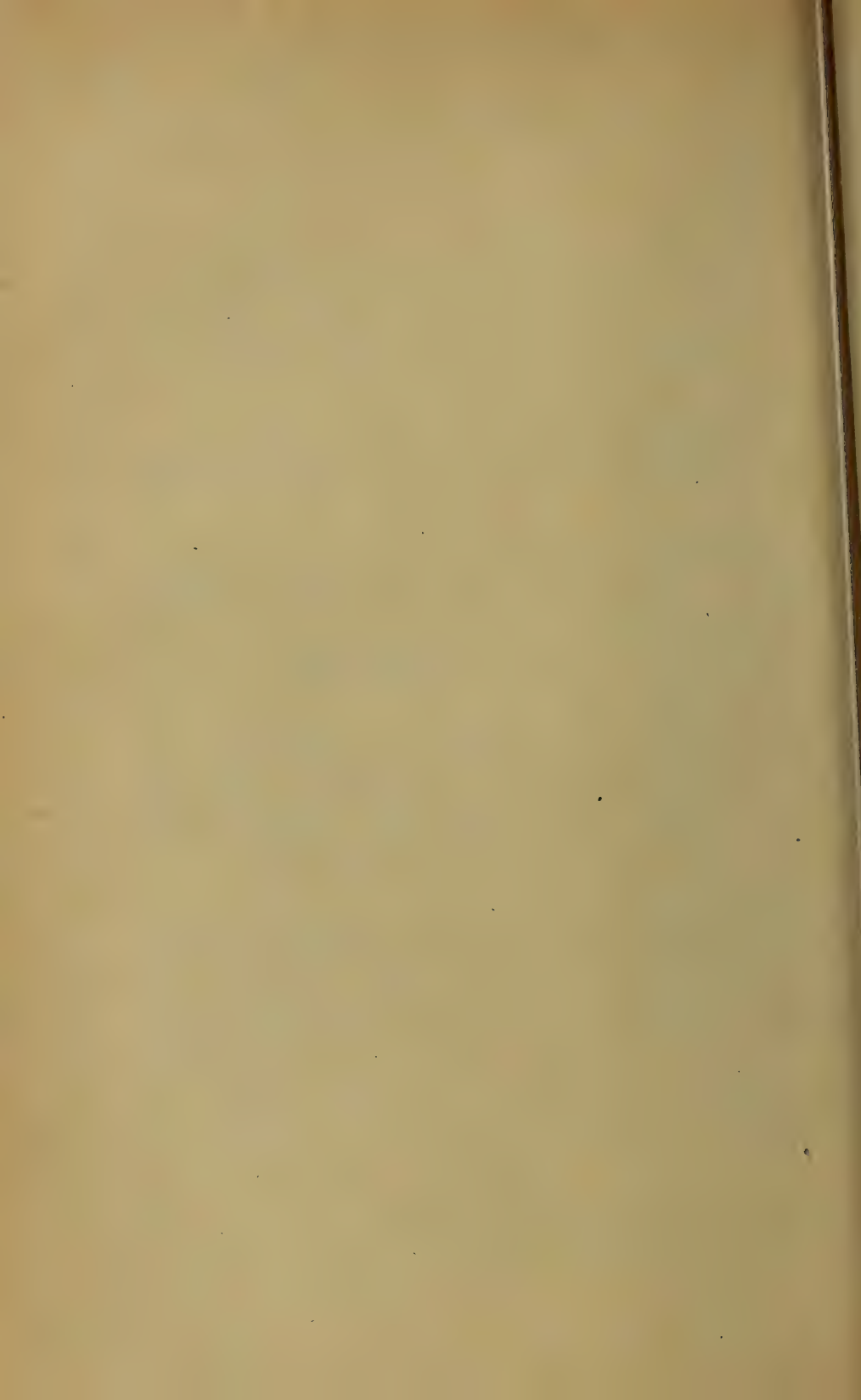
O opusculo termina com umas invocações a Thomaz Ribeiro, a quem é dedicado, e onde o auctor mais uma vez brinca com titulos e condecorações estadiosas.

São d'essas invocações as seguintes ironias:

«Em fim, quando voltares a ministrar os negocios do reino, não percas de ôlho o meu habito de Christo, merecido pela façanha heroica e pouco trivial de arrazar a Inglaterra.»

O habito de Christo nunca elle teve, mas sendo este opusculo datado de S. Miguel de Seide aos 20 de abril de 1884, um anno depois, em 1885, Camillo Castello Branco era chrismado em Visconde de Correia Botelho!

Tambem Almeida Garrett havia gracejado com os titulos...



A Caveira da Martyr

Acaba n'este romance a descendencia de Maria Isabel, a formosa *Traga Malhas*, e de Domingos Leite Pereira, a quem o ciume, muito mais que as instigações de Philippe II, armara a mão para procurar debalde dar morte violenta ao primeiro soberano da Casa de Bragança.

Assim, o auctor, com mais propriedade que aquella por que se orientou para escrever a *historia de uma familia no tempo dos Cabraes*, ou fosse a familia do *Euzebio Macario*, podia subintitular o *Regicida*, a *Filha do Regicida* e *A Caveira da Martyr*, os tres romances que se completam, de *historia de uma familia no tempo da Restauração*, por que de facto ali se encontram retratados, ao vivo, os homens e os costumes d'esse tempo, embora muito mais no vasto dominio dos seus vicios do que no campo restricto das suas virtudes.

D'este romance temos hoje tres edições; e, se fazemos um bocadinho de bibliographia, é porque ella se torna necessaria para a completa elucidação do texto.

São essas edições: a 1.^a de 1875, em 3 volumes, hoje rara; a 2.^a (contrafacção brasileira) de 1884; a ultima de 1902, em um só volume, de 430 paginas de texto e de mais de 100 de curiosissima documentação historica.

Mas por que se tornou rara a edição de 1875, distanciando-se tanto da 2.^a, na successão legitima das edições, de 1902 — ou sejam 27 annos de permeio?

Diz-se que o editor teve escrupulos; contou-se que o auctor recebeu pedidos, mas nada d'isso pode ser possivel porque o *Regicida* e a *Filha do Regicida* são mais crueis com a Casa de Bragança que o ultimo romance da serie.

Mas seja como fôr...

No *Regicida* Domingos Leite Pereira é-nos apresentado á data de 1635, e como a sua trisneta é assassinada em 1732, vê-se que Camillo acompanhou a vida da celebre familia do cutileiro de Guimarães no periodo quasi completo de um seculo, dos extremos do regimen da dominação hespanhola aos esplendores magnificentes do senhor D. João V, o magnanimo e magnifico.

Mas a *Caveira da Martyr* não tem aquella nitidez de narrativa romantica que se admira nos dois primeiros romances, embora os tres pertençam, no tempo e situação de espirito, ao mesmo periodo de elaboração litteraria e critica do auctor, em que o *processo* lhe sahia quasi sempre egual.

Ou por qualquer incidente psychologico, ou porque a rede complicada da acção lhe tolhia a espontaneidade, o escriptor parece-nos por vezes contrafeito, ainda mesmo quando destampa a repreza do humorismo para com o rei, que edificou o colosso casario de Mafra e amou

muitas mulheres, desde a Madre Paula Perestrello á aristocratica Maria Luiza de Portugal, a *Flor da Murtha*, que ainda está lembrada pelo predio que ficou com o seu nome, e que torneja da rua do Poço dos Negros para a rua de S. Bento.

Notamos o facto, apenas, sem lhe conhecermos a explicação, e sem mesmo procurarmos descobri-lo fundamentalmente.

O romance divide-se em cinco partes distinctas: *Prefacio*, *Introdução*, *Texto*, *Notas* e *Documentos*.

No *Prefacio* explica como houve o manuscripto que já vinha com o titulo do romance, adquirindo-o no leilão que se fez em Lisboa da livraria do medico Fernando Luiz Guião, sobrinho do celebre e famigerado desembargador do mesmo appellido.

Este Fernando, que acompanhou o Principe D. Miguel ao exilio, veio a ensinar portuguez em Berlim ao sabio ministro protestante Leonardo Frisch, que tendo ao tempo mais de 50 annos, no emtanto anhelava por saber a lingua em que seu avô Josse escrevera a triste historia dos seus amores passados na cidade de Lisboa, que herdara muito bem guardada n'um cofre de pau santo, sempre collocado junto de um outro cofre de tartuga com ornatos de metal, e de que nem sua mulher, sequer, viera a saber o segredo.

Ora foi esse manuscripto que Fernando Guião trouxe, e que veio a ser vendido em leilão a Camillo Castello Branco.

Assim o diz.

Mas seja ou não de historia este episodio e outros, a tragedia por que termina o romance é que ficou historica em todos os seus commoventes pormenores, sendo

uma das mais curiosas de que rezam as chronicas de escandalo da cidade de Lisboa.

A *Introdução*, que abrange o espaço de 70 annos, é um estendal necrológico, apressando-se os incidentes para se entrar na contextura romantica em mira do auctor.

Já velhinha, recolhida nas suas memorias, ainda formosa nas suas cans, morre Maria Isabel, a *Traga Malhas*, que fôra em vida tudo isto na chronica intensa do seu coração: prostituida de um padre, esposa de Domingos Leite Pereira, amante de D. João IV, viuva de Domingos Leite, e amante, esposa e viuva de João da Veiga Cabral.

Morre sua filha Angela, verdadeira creatura angelical, casada com o isrealita Francisco Mendes, que tambem de todo fecha os olhos a esta vida, que é tão linda—o verdadeiro poema da criação—ainda mesmo quando cortada de amarguras!

Morre Jorge Mendes Nobre, filho de Angela e de Francisca, notavel jurisconsulto, que sahiu em auto de fé, e foi condemnado, embora depois alcançasse perdão.

A mulher de Mendes Nobre enlouquece, e ao abrir este romance encontram-se em scena seus dois filhos—Paulo Xavier e Francisco Xavier, que haviam estudado respectivamente Jurisprudencia e Theologia com os Jesuitas, no seu collegio de Coimbra, mas sahindo de lá sem vestirem o habito.

E' com elles dois, na acção das suas paixões e dos seus interesses, que propriamente começa a desenrolar-se o romance, principiando o Jurisconsulto e o Theologo por collocarem de banda os appellidos *Mendes Nobre*,

suspeitosos de judeismo, e assignando-se *Xavier*, de sua mãe, que aliaz, pelos *Gomes*, tambem tinha nas veias a circular-lhe um sangue duvidoso.

São de bem diversos temperamentos os dois irmãos, e assim bem diverso lhes foi o destino. Paulo vae para Juiz de Fóra em Chão do Couce, seguindo a magistratura. Francisco deita-se ás cegas a gosar a vida, nas delicias que ella facilita aos que são eleitos da sorte.

Torna-se um mundano requestado de mulheres, sendo-lhe o coração disputado por duas freiras de Odivellas: D. Francisca de Mello, a *Pimentinha*, e D. Catharina de Castro, a *Moleirinha*.

Vence a Castro, do ramo dos Castros judeus, que os ha soberbos de muitas fidalguias, como os ha de sangue limpo que não se importam com ellas; mas a *Pimentinha*, a Mello, ardendo de zelos consoante a imposição da sua alcunha, denuncia-a ao Santo Officio, que pressuroso a vae buscar a Montemor-o-Velho, quando dos seus amores com Francisco Xavier já apertava junto ao seio uma filhinha estremecida.

A freira é no emtanto absolvida, e, sendo amiga intima de Madre Paula, volta a Odivellas, enquanto que Francisco Xavier se torna frade do Varatojo, ficando a filhinha entregue aos cuidados do tio Paulo, a quem convencidamente dá o nome de pae, ainda mesmo depois da morte d'este e de ser entregue a quem seu pae era de verdade.

Mas o frade de Varatojo não se limita e restringe ás rezas conventuaes: veste o saio dos lutadores, e vae combater o turco nos Dardanellos em soccorro de Clemente XI.

Ali perde uma perna em combate, e sendo entregue

aos cuidados do medico Izac Eliot, um medico aventureiro, tão grato lhe fica que o traz para Portugal, e em tão boa maré, que sendo elle um homem de muitas ambições, consegue uma situação de evidencia na sociedade de Lisboa, e vindo a ser tambem a alma damnada da acção dramatica d'este romance.

A filha de Francisco Xavier e de Catharina de Castro, Antonia Joaquina, vae aprender francez com uma mestra gananciosa; e esta, pela influencia poderosa da Madre Paula, leva a discipula a Odivellas, a receber os beijos ardentissimos da mãe, que por ella chorava lagrimas sem ter descanço.

A creança é de bonissima alma, e o seu coração divide-se de amor fraternal para com André Guilherme, sobrinho da preceptora, que se torna frade trino, e de amor... amor por Josse Frisch, um allemão melancolico e ingenuo, suavissimo Hamlet d'aquella Ophelia trigueirinha, e que da sua amada guardou sempre aquella memoria cheia de tristeza, a que seu neto Leonárdo fazia referencias a Fernando Guião um século depois!

Josse Frisch vae para a Allemanha, carteando-se com a rapariga, mas o judeu Isac, que cubiça a riqueza d'esta, compra as cartas ao intermediario, que depois assassina, para que não fique testemunha viva do seu ardil.

Possuidor d'esses documentos, manda falsificar a letra de Josse e Antonia, e assim os dois recebem cartas em que mutuamente se despedem, por se tornar, dizem-se, impossivel a continuação dos seus amores.

Assim triumpha Eliot na sua intriga, conseguindo, quando o frade se encontra nas vespas da morte, casar com Antonia, mas ignorando a mãe freira esse casamento desgraçado.

Como era da logica d'este drama, apparece a scena final, surgindo de impeto Josse Frisch quando n'uma capella de Camarate se realisa a cerimonia do matrimonio.

E a illudida creança cahe no chão como morta. . .

Segue-se uma vida de agonias para a creancinha sempre pura, e Isac Eliot, posto que elevado ás mais altas situações de medico da côrte, como já matara duas mulheres, mata a terceira, sob a falsa accusação de a encontrar em adulterio com o trino Adré Guilherme, que tambem é assassinado.

Eliot foi enforcado depois de confessar o seu crime, e Josse Frisch, indo habitar a quinta que incluia a capella em que se encontrava o cadaver de Antonia Joaquina Xavier, exhuma-o, levando como reliquia para a Allemanha a seu craneo, ou fosse—*o craneo da martyr*.

E aqui está como em 1834 Leonardo Leopoldo Frisch anciava por conhecer aquelle segredo de familia, que datava de 1739.

O romance está documentado com o auto de devassa sobre a morte do Padre André e Antonia Joaquina; com o Breve do Papa Clemente XII, que relaxa Isac Eliot, que tinha privilegio de cavalleiro de Christo, á curia secular; com um decreto real, mandando a devassa á Mesa da Consciencia e Ordens para julgamento sumario; com o Memorial do réo, a sentença final da Redação e versos referentes á tragedia, de Caetano José da Silva Souto Mayor, e de Thomaz Pinto Brandão. (1)

(1) Camillo affirma que os versos que traslada são de Thomaz Pinto Brandão, para quem é desagradavel. Conhecemos versos

E' bastante curioso este soneto do Corregedor Souto Mayor, o famoso *Camões do Rocio* :

Não faz ao monge o habito innocente,
Se a vida não tiver justificada;
Mas justifica uma intenção damnada
Um pretexto suppor e aparente.

Por adultera morreu uma innocente,
De um trino é na morte acompanhada;
Pelo habito que tem da acção malvada,
Fugir á pena intenta o delinquente.

Se habitos cobrem peitos d'esta sorte,
Tem achado os tyrannos um bom meio,
Com que dar na justiça um grande córte.

Mas este o não verá, segundo creio,
Por isso lhe não será asylo contra a morte
A cruz que despresou no peito alheio.

Passando agora aos trechos mais salientes do volumoso romance, devemos dividil-os em duas partes: os que na vida d'esta familia do tempo da Restauração assignalam a má vontade de Camillo contra os Braganças, e os que se restringem ao valor litterario e critico tão sómente.

Comecemos pelos ultimos... por serem os primeiros. Falla da benemerencia do medico Fernando Luiz Guião, quando a Lisboa regressou vindo do exilio:

«Como a sua confiança nos aphorismos da arte

d'este farcista, e não nos parece que os reproduzidos sejam d'elle. Mas superior á nossa opinião ficam as informações e a opinião de Camillo.

era duvidosa, barateava os serviços, escrupulizando em encarecer-se além de um simples observador das forças da natureza.»

Com este ponto de partida podia escrever-se um livro de critica contemporanea, sobre a carestia da Medicina e da Cirurgia da nossa actualidade.

São caras, embora o industrialismo scientifico houvesse por bem escolher Portugal como sendo o ultimo paiz a merecer a visita das suas tabellas.

Todos nós temos ouvido lamurias de *viuvas inconsolaveis*, a breve trecho seccas as lagrimas pela acção benéfica do tempo, que n'este particular é misericordioso.

Sentenças do auctor:

«As cinzas de um cadaver afrouxam, mas não apagam as faulas que subitamente resaltam e nos entreabrem horisontes imprevistos.»

Indo por aqui fóra, disserta sobre o effeito d'esse tempo piedoso no coração das mulheres, no tocante a affectos diversos, e assenta esta conclusão:

«Com as mulheres cahidas desce ás vezes ao fundo da voragem uma luz, que lhes dá nimbo de martyres da sociedade que as abysma. Ha d'ellas, ahi mesmo, perdidas e admiradas, e, quantas vezes, amadas! Porém se os annos—triste regeneração!—as restauram para o respeito do mundo e amor dos netos, a memoria das suas

desgraças é serodia elegia que nos dá um involuntario sorriso ironico.»

O sorriso! Como elle castiga muito mais que a gargalhada alvar, em que o homem civilisado do nosso tempo se desboca muito mais que os seus antecessores, de Adão até elle, não levando em conta a theoria do macaco!

Mas ao contrario d'aquelles episodios que despertam sorrisos, muitos *hão de sentir* este bello trecho que retrata o amor e a virtude, que os bons do coração, os *fracos* d'este periodo *forte*, cultivam com dedicação sagrada por tudo quanto diz respeito ao pedaço de terra do mundo onde elles nasceram :

«Figura-se-nos que no sitio onde nos bafejou a felicidade, ainda podemos aquecer ao calor das recordações a alma retransida das glaciaes desgraças. Pinta-se-nos na phantasia allucinada por saudades, que as pessoas mortas, que lá nos floriram na vida, deixaram toques de suave melancolia impressos na tella desluzida da nossa mocidade.»

Quantos, ao terem lido este trecho, e o mais que se segue, se terão enternecido pelas lagrimas da saudade!

Em prosa e em verso, em critica e anedotas, em romances e comedias, muito se tem escripto sobre a reserva diplomatica das mulheres em materia de sua idade.

Pois, para a collecção, arrecadem esta phase, que é do melhor que ha no assumpto:

«As mulheres de vinte annos datam a velhice aos trinta annos, e dos quarenta em diante confundem todas senhoras na respeitabilidade de suas mães e avós.»

Para a *Chronica de Odivellas* — chronica em todo o sentido, que ainda está por escrever, embora se lhe tenham seguido dois regimens de muita publicidade :

«Os amorios de Odivellas, uma vez por outra, eram mais escandalosos que impuros. Paixões serias e levadas a consequencias do assalto ou da fuga, eram raras. Supurava muito o abcesso da poesia má — verdadeira peste. Sarjados uns tomores, bojavam-se outros. Em cada primavera, trinava passaro novo no coração da freira, e pululava no terreiro florescia nova de condes, de conegos, de poetas, que, por via de regra, eram a lingua dos fidalgos.»

De resto, parece que n'essa variedade de commoções é que estava o prazer, que em regra se não dá bem com socegos e tranquilidades :

«A felicidade serena, quieta e sem revezes é que descamba no tedio. Se ensanguentamos os dedos nos espinhos das rosas, então nos é mais cara, mais preciosa a flor colhida.»

Variatio deletat.

Falla Madre Paula, deprimindo uma regra de... re-

lações sociaes, conforme a diversidade dos sexos em materia de mutuo tratamento :

«As armas da mulher são as meiguices, quando os inimigos são homens ; ora, se os inimigos são mulheres, então a arma efficaz é o tagante.»

Claro é que o *tagante* tem muitas segnificações ao pé da letra, em objetivo da defeza ou do ataque com que as leitoras tiverem de medir-se, tanto mais que das rivalidades do coração estão prestes a saltar para as rivalidades da politica.

A'cerca de Fr. Antonio das Chagas ha no romance um dialogo entre Francisco Xavier e o Conde do Rio, que é de uma precisão perfeita, como de resto todos os dialogos dos romances de Camillo.

Este Fr. Antonio, antes de vestir o habito, versejava como vai ver-se, descrevendo uns pésinhos merecedores dos seus disvelos, como ainda não versejaram com tanta originalidade os originaes poetas do nosso tempo, que de originalissimos se gabam em perenne mutualidade de serviços, que é a base do direito natural e da immortalidade dos vates contemporaneos :

Instante de jasmim, conceito breve.
 Atomo de açucena presumido,
 Suspeita de chrystal, susto de neve...

Esripto este prefacio, vamos ao dialogo em questão :

«Conte-me casos de grandes peccadores convertidos. Repita-me a exemplarissima penitencia de Fr. Antonio das Chagas, fundador de Varatojo...

«—Que primeiramente—interrompeu o padre—foi capitão de cavallos, chamou-se Antonio da Fonseca, matou um homem...

«—E arrependido...

«—Suicidou-se no frade, e fez asperrima penitencia... escreveu livros mysticos, etc.

«—Veja que fim de vida!—exclamou seraphicamente o conde.

«—Mas melhor teria sido começal-a melhor. . O genero humano e a moral teriam lucrado mais com a vida do homem que elle matou do que lucramos nós com os actos de contricção que ahi andam estampados.

«—Não percebo bem!... Isso que vossa mercê disse cheirou-me a heresia, padre Francisco.

«—Então expliquei-me mal, sr. Conde. Eu queria dizer que Fr. Antonio das Chagas não restituiu a vida ao homem que matou.

«—Isso é verdade...

«—E, se a alma do morto, á mingua de sacramentos, cahisse no inferno!

«—Deus é pae de mizericordia. As orações do homicida penitente salvol-o-iam.

«—No inferno não ha salvação... *Ubi nulla redemptio*: está escripto.

«—O Conde poz-se a pensar com o feitio de cara bastante compungido, e com vontade de argumentar; mas andava nos rudimentos de theologia; receiava dizer heresias, e calou-se.»

Como o padre de Varatojo era mestre em subtilezas

theologicas, tambem era habilissimo em subtilezas velhacas o medico judeu de que já se resumiu a historia.

Conversando elle com o padre, e a proposito da *Mordinha da Secia*, que estava ouvindo n'um sarau fidalgo, depois de a ter aplaudido n'uma assembleia de loureiras, assenta esta maxima acomodaticia :

«O vicio aborrece tão sómente aos que o conhecem.»

Mas o Padre tambem as tinha muito bôas!

Vejam esta, que elle comprovava com paradoxos :

«A inconstancia da mulher é uma das perfeições d'este planeta.»

E accrescentava :

«A constancia degenera em tedio, e o tedio é o cancro, que roe as frageis ligações do ccracção com a felicidade. A variedade remossa a alma, repovoanda-a de imagens novas. Isto é tão antigo, que nem eu sei onde Ovidio e Horacio o acharam.»

A poesia dos campos... a tranquillidade do êrmo.
Vejamos o que se lhes opõe :

«Os desgraçados que se embrenham nas aldeias, só lá encontram o refrigerio do aniquilamento, quando o enojo as dissolve.»

Já temos feito transcripções de diversos livros seus

sobre o suicidio—o triste fim dramatico do auctor. De bem diversas intenções essas passagens; concordantes umas vezes, oppostas outras.

Este trecho é dos mais completos que sobre o assumpto nos legou, quando falla o romantico allemão apaixonado de Antonio Xavier:

«—Penso no suicidio.

«—Eis ahi o covarde desafogo dos que vivem e morrem nas falsas religiões! Eis ahi o philosopho das trevas que reduz a alma humana á condição de um tumor maligno que se rompe com a ponta de um ferro... A famosa sabedoria de seu illustre pae não lhe ensinou mais nada ácerca do destino do homem, sr. Frisch?

«Josse respondeu-lhe cravando n'elle o olhar torvo do atheu, que não pode conciliar um supremo Creador com a immerecida desgraça da creatura.»

Agora desfaz com realidades na poesia do coração.

«O esquecimento é pelo commum o desenlace de muitos amores que decahem como foguetes apagados, logo que sobem ás ultimas regiões da chimera.»

O esquecimento dos que podem esquecer. Dos que teem a sorte grande d'esse mesmo esquecimento!

Mas ha infelizes, como ha alienados, que não podem nunca, quando chegam aos extremos da paixão, libertar-se d'essa grilheta.

Como os ha com a essencia da maldade, e assim exclamava o medico Eliot, que roubava e matava para ver se com o producto da morte e do roubo saciava os seus desejos de libertino esfaimado de virgindades:

«—Não sabes o que é uma paixão sem lagrimas? E' uma congestão de sangue... E' a fome do tigre.»

Vejamos agora o que ha de principal, em desagradabilidades, com respeito aos Braganças. Retrata-nos D. João V a ensinar a lição de francez a Madre Paula, em Odivellas, e acrescenta:

«Sua Magestade sabia regularmente a lingua franceza e a hespanhola. A italiana ensinou-lh'a, vinte annos depois, a actriz Petronilla, a quem deu presentes que carregaram trinta cavalgadas, quando a cantora se fez na volta de Hespanha, diz o Cavalleiro de Oliveira. D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo VIII, paginas 4, diz que o rei sabia tambem latim com perfeita intelligencia. De um sujeito que lia Horacio e Cicero, dizia Bocage: «Pena é que saiba latim, pois perdeu-se um parvo grande!» D. João V, mesmo com o latim, não era parvo pequeno, nem perdido.»

Falla o Padre Francisco Xavier:

«N'esta casa o rei sou eu! D. João V!... D. João IV, o amante desaforado de minha bi-

savó, fez enforcar meu bisavô, que era um marido dos que não usam pontas de ouro como João Lourenço da Cunha. Eu tinha odio de raça a esta familia relaxadissima dos Braganças. Quando me não queimavam os parentes, roubavam-n'os.

.....

«Vejam esse grande devasso que ahi reina. Sahe de pernoitar em Odivellas, e assiste aos autos de fé, e não se afasta da tribuna quando a carne dos hebreus rechina na fogueira.»

Para fechar:

«Se querem crimes de maior estrondo, oiçam o que a historia moderna apurou nas tradicções de D. Francisco de Bragança, irmão de D. João V. Encovara-se a féra no antro de Queluz, ceava-se em toda a iguaria ensopada em sangue, matava para experimentar a pontaria, e completava a infamia visitando oitavarios, novenas e lausperennes.»

Já fizemos reparos a esta má vontade manifesta, que vae até, por vezes, a passagens que propositadamente se forçam nos romances.

Já procurámos, para o facto, uma explicação, mas cremos que para o elucidar por completo haverá necessidade de procurar testemunhs e descobrir documentos.

O romance de um homem rico

O auctor abriu por estas palavras tristes o prefacio da 2.^a edição:

«Este foi o mais querido dos meus romances; e, se o vaticinio, que aventuro sobre o meu futuro de escriptor, me sahe certo, este romance prevalecerá a quantos a minha imaginação já deslusada, e como á força, der de si. Com tristeza sincera confesso que no que fui já mal me reconheço. As rugas da fronte empecem o coar d'aquella flama, que me aquentava a phantasia, e dentro d'alma alumiava, como uma lampada magica, lances da vida exterior, uns de riso, outros de lagrimas.»

Era o seu lamuriar constante *de doente por estudar*, porque sendo estas palavras escriptas em 1863, em 1890 publicav-se a 3.^a edição, ou fossem 27 annos depois. . .

Então, sim; então é que o grande escriptor portuguez,

e não o *grande desgraçado*, como ha pouco lhe foi chamado, embora encomiasticamente, em uma conferencia de *tourné* politica, se encontrava na agonia da sua vida desconsolada, a que pouco depois punha termo num momento de desesperação.

Já então Thomaz Ribeiro, o Poeta, escrevia do Romancista :

«A medicina promette-lhe, com intima fé, a regeneração dos seus olhos, e elle escuta, provoca a demonstração, comprehende-a, espera-a. Esperança fugidia como o relampago que lhe cruza pela retina. A descrença volta inexoravel, e e com ella o inferno e os tratos do *sempiterno horror*.

«Então a ancia do suicidio toma-o de novo, e elle afaga o revolver, como seu unico recurso.
«Tristissimo.»

Mas isto tudo vem principalmente—e não para despertar tristezas—a proposito de se registrar mais uma vez que Camillo Castello Branco considerava *O romance de um homem rico* como sendo o mais querido dos seus livros.

Por nossa parte já fizemos outra escolha, mas, de facto, n'este romance accentuam-se caracteres por uma fôrma tão estatuarica como raramente, em outros livros seus, se nos deparam *individuos* tão concretamente definidos no typo dos seus temperamentos e das suas educações sociaes.

E o entrecho é simples: um homem que se dedica do coração a uma mulher que o despresa, e que am-

para essa mulher por entre todas as phases do seu desequilibrio moral, sempre fiel á pureza extrema d'esse amor, nada querendo da mulher quando d'ella tudo podia alcançar, amortalhando-se em vida por fim os dois, refugiando-se no claustro e no presbyterio, e morrendo elle em seguida á morte da mulher que tão estremecida fôra do seu coração—um thesouro de bondade infinita: a bondade do homem sabio, que é a maior das bondades que existem no mundo, pois que participa angelicalmente dos effluvios da innocencia.

Assim como a maldade azeda do sabio não ha especie de maldade que a exceda. . .

Nas transcripções começemos pelo prefacio citado, e n'este trecho em que elle, que tanto consumira a vida, dá testemunho dos perigos d'essas prodigalidades levianas e impensadas, em que se desconta no futuro:

«Esta é a sorte immerecida d'aquelles que não poderam ou não quizeram poupar o vigor de intelligencia. A mais ardente cabeça de homem empedrou debaixo da mão glacial da desfortuna.»

E o velho dictado com reticencias: *Se a mocidade soubesse e a velhice podesse.*

Mas a mocidade não sabe e a velhice não pode, e a experiencia, de que os outros dão lições, perde-se como as vozes que não encontram ecco!

Refere-se agora ao que nós chamamos *primeiras impressões*; que em regra poucas vezes falham:

«O sentimento generoso sahe espontaneo do

coração, sem consultar o raciocínio; ao passo que frequentemente as melhores qualidades do homem, que tratamos longo tempo, não vencem a descaridosa antipathia do primeiro tempo.»

... Porque esse tempo ainda não foi bastante para tirar a prova da molesta impressão que se recebeu no primeiro instante!

Sobre saudades, veja-se este trecho lindo, que todos nós podemos testemunhar, porque todos nós o temos *sentido*:

«A saudade do objecto, existente a distancia, converte-se em dilicias na aproximação; porém, quando a saudade de um sitio é a dôr repercutida de vidas que lá viveram comnosco, essa não tem allivio.»

Saudades essas que as lagrimas não apagam nem mitigam, de paes, de irmãos, de amigos, que não nos esquecem um momento! Quem as não tem sentido como o auctor nos descreve que ellas são?!

Passando a philosophias, o Padre Alvaro, protogonista do romance, expande as suas:

«O homem não acha em si os allivios da razão, quando os vicios lh'a degeneram. A razão depurada dos sedimentos da antiga culpa, no crysol do Evangelho, é Deus. Deus não é sómente puro amor, é razão tambem.»

Faltando só acrescentar: e *amor* é nada para os infelizes que nunca sentiram amor, e para os desgraçados que nunca tiveram razão, ainda quando alcancem qualquer evidencia social!

Casamentos de conveniencia, de vontade, sem vontade, de interesse, existem elles de muitas variedades, e sobre todos se tem dissertado conspicuamente.

Sem conspicuidade alguma, o auctor annota de passagem, e sobre a materia o seguinte:

«Não quero dizer que os esporios de paixão assegurem felicidade duradoura: sobejam ahi exemplos do contrario; estou porém em affirmar que os casamentos involuntarios é que não asseguram felicidade nenhuma.»

Em these, sobre o assumpto, tem-se escripto muito, de facto. Mas o que mais importava, para lição, era a estatistica dos seus effeitos, quando se podesse fazer convenientemente, estudando os *casos* e dando os numeros, embora sem a especialisação de nomes.

Ainda se não lembraram d'isso os chamados *estadistas!*

Sobre o presentimento tambem ha que farte escriptura em barda. Qual o seu principio, qual a sua lei, qual a sua origem, qual o seu fluido communicativo?

Que fallem um dia os technicos... se os chegar a haver, porque os que hoje dissertam são creaturas phantasiosas, que assentam hypotgeses para ao depois d'hes forçarem conclusões.

O auctor falla de um d'esses casos, e commenta:

«Quem me quizer ver chorar e vibrar de não sei que vehemente e religioso entusiasmo, conte-me casos da natureza d'aquelles: faça-me acreditar na existencia de umas almas que vão entender-se com Deus por um raio esplendoroso de graça divina.»

Mas de repente, nas transformações rapidas do scenario do seu extraordinario espirito, dá largas ao humorismo:

«Ha muito tempo que não mato ninguem se não de molestia; quando muito, para aformosear a morte com um nome bemquisto dos poetas, e dos leitores sentimentaes, tenho denominado thisica pulmonar, ou congestão cerebral, o que em boa pathologia se denomina hydropesia ou inflammção intestinal.»

Passa a dar a palavra a um estroina, que assim expõe as suas opiniões sobre o coração humano, desfazendo no elogio dos poetas:

«O coração não diz nada. O coração é um vaso onde passa o sangue. O coração que não é isto, e simplesmente isto, é um tolo.»

E' scientifico, consoante a definição physica de membro collocado no cavidade thoraxica, mas nós preferimos o auctor no seu estylo moral.

D'este estylo é modelo o seguinte dialogo entre o Padre Alvaro e a santa mulher que era sua mãe:

«.....
 . «Dando-me minha mãe licença, continuarei a soccorrel-a, e a lutar contra a estrella fatal d'aquella infeliz.

«—E crês tu na fatalidade, filho?...

«—Creio, minha mãe.

«—E a virtude quo fica sendo?

«—A fatalidade do bem.»

E depois:

«O arrependimento inventa carinhos novos, e a innocência parece vingar-se, perdoando, e sorrindo ao algoz, que exora o perdão com lagrimas.»

Sentimo-nos consolados ao ler d'estes conceitos de bondade—da bondade portugueza, que tanto anda affrontada e calumniada impunemente.

E para concluirmos das bellezas do *Romance de um homem rico*, copiamos o criterio do auctor sobre a utilidade dos romances... que teem alguma utilidade:

«As novellas ensinam o espirito a tirar, por compressão, os vicios reaes da desnudez dos vicios imaginarios.»

Vaidades irritadas e irritantes

Vem a ser uma pequena brochura em que Camillo sahiu á liça, quando foi da chamada *questão de Coimbra*, em defeza de Antonio Feliciano de Castilho, 1.º visconde de Castilho.

Não lhe soffreu o animo ficar quieto, desde que soara um grito de guerra contra o escriptor que tanto o ensinara pelos seus livros.

Porque Camillo, se teve uma afeição inalteravel—a de José Cardoso Vieira de Castro, teve tambem uma admiração estavel, sem intermittencias—a de Castilho, o grande escriptor, o primeiro de todos os mestres da linguagem portugueza, embora o mesmo Camillo, seu discipulo, á lingua nacional imprimisse maior maleabilidade para o retrato de todas as emoções, nos mais variados genios e nas mais diversas especies.

Maior virilidade é que não lhe deu, porque o celebre pamphleto de Castilho—*A tosquia de um camello*—ficará para todo o sempre como modelar da polemica de brios offendidos, repellindo as affrontas da estupidez humana.

Todos sabem o que foi a chamada *questão de Coimbra*: a arremetida excessiva de plumitivos de talento contra mestres consagrados, alvejando na frente d'este ao cego genial, a proposito ou desproposito das palavras com que elle acompanhara o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas—palavras quasi anodinas, que de fórma alguma justificavam, nem sequer attenuavam a critica fundibularia. Foi um apedrejamento de estatuas da parte de iconoclastas, do qual alguns deram ao depois manifestações de intelligente arrependimento, quando a maturação critica dos seus espiritos lhes evidenciou a injustiça e o desrespeito immerecido.

Foram muitos os batalhadores, pró e contra. Uns, do lado dos rapazes de Coimbra—velhos de hoje, tendo desaparecido já muitos, levados pela morte; outros, na brecha por escriptores de renome feito, que se não acompanhavam os *movimentos do tempo*, por outros movimentos haviam trabalhado tambem, com mais disciplina, sendo os precursores dos novos criticos.

Como se isto não fosse sempre assim: a successão de escolas, em idéas e processos, ficando sempre superior a essas successões tudo quanto é genialmente bello e grande!

Tantas *superioridades* em todas as civilisações, e escolas, e systemas! Tantas *inferioridades* em todas ellas!

E como se a lição da antiguidade, dos tempos modernos e dos tempos contemporaneos, não mostrasse á luz dos factos que os jonios, e pythagoricos, e atomisticos, e estoicos, e bolonhezes, e descarteanos, e kantistas, e comtistas, e encyclopedicos, e classicos, e romanticos, e realistas representam apenas modalidadés do genio do homem em procura de soluções e formulas que

nunca chegam a ser *definitivas*, transfigurando-se umas nas outras, n'esse grande circulo vicioso que se chama a marcha das civilisações!

Mas vamos ao que mais importa.

Dissemos que Camillo *viera em defeza de Castihlo*; mas Camillo nunca podia isolar a defeza do ataque, e então foi este vivo e forte contra Anthero do Quental — o grande espirito — e contra o sr. dr. Theophilo Braga.

Muitissimo mais contra o segundo — *o parafusador de infinitos*, como elle chamou com propriedade.

Com effeito, as referencias a Anthero do Quental, o pujantissimo produtor das *Odes Modernas*, um dos mais bellos livros de versos da litteratura universal, são relativamente benevolas.

Conhecera-o em Coimbra, apresentado por seu sobrinho Antonio d'Azevedo, ficando-lhe affeioado, e assim, embora discutisse os dez articulados do libello de Anthero contra Castilho, não lhe apontou as settas com a desapiedade com que elle costumava martyrisar os adversarios contra quem jogava as armas do seu estiylo.

Pode avaliar-se pelo trecho que vamos transcrever a contrariedade, a pena com que combatia a Anthero do Quental, como que adivinhando o notavel pensador que n'elle se ia formando, e como que sentindo que tão levantado espirito se lançasse n'uma campanha ingloriosa, embora para esta houvesse, e ainda os ha, galarias esturdias a dar-lhe applausos, na maior parte inconscientes e inscientes, e na parte minima com a preocupação especulativa de que em taes diatribes havia a essencia de uma reformação!

E' este o trecho a que nos referimos:

«Ha ali muito engenho; muito talento, e o talento não se perde nunca de todo. As vergon-teas, que desabotoaram torcidas, lá virá tempo, muito além, mão experta destorcel-as, aprumal-as e apontal-as ao ceu de onde vieram e onde as-piram com a seiva e força de um nobre peito.»

Mas para o sr. dr. Theophilo Braga é que não ha as menores reservas.

N'este dá ás mãos ambas, *como em centeio verde*, conformemente com a phrase consagrada.

Veja-se:

«... entrou na liça, carregado de ideaes pa-vorosos, o sr. Theophilo Braga. Conhecia-se certo alvoroço nos palanques. Correrá como atoar-da que o atheleta ungira os braços até ás omo-platas e esticara os musculos para o jubilo in-fernal de sentir escabujar a victima. A victima era o sr. Castilho! O sr. Castilho victima do sr. Theophilo!»

Os dois pontos de admiração, em frente de Castilho e em frente de Theophilo, já diziam muito; mas o peor era o que se segue:

«A' pagina 2.^a das *Theocrecias litterarias*, o publico perguntava-lhe onde estava o verbo e o agente da oração. Os seus amigos lastimavam que o campeador não vestisse a unica arma que lhe esquecera: a syntaxe.»

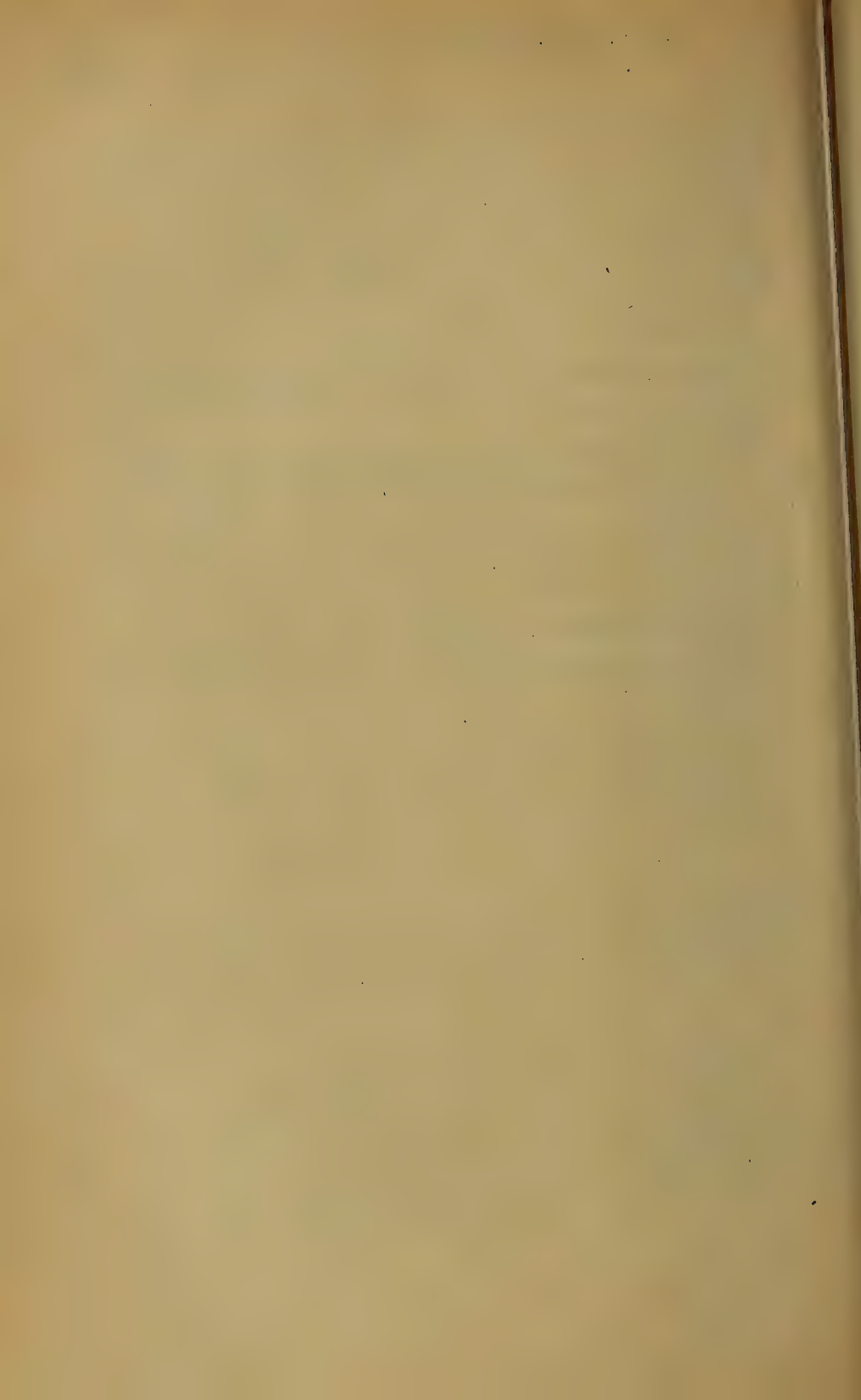
E transcreve o corpo de delicto, isto é, o periodo em que a grammatica andava aos trambulhões—a grammatica do reformador scientifico e litterario!

Era esta sempre a sorte dos que lhe cahiam, por desgraça sua, debaixo das garras, ainda quando o castigo não fosse em defeza propria.

No entanto as *Vaidades irritantes e irritadas*, como escripto de genero caustico, não é dos mais perfectos e completos do auctor.

Tem a montagem forçada de um homem que veio á lucta de mera sobreposse, faltando-lhe o incentivo de um desforço por uma causa que fosse sua: pela sua justiça, pelo seu orgulho, ou ainda mesmo pela sua vaidade.

Quando o feriam directamente, é que o lião mostrava toda a força das suas garras!



A Brasileira de Prazins

Trata-se de um romance historico e ao mesmo tempo passional, e n'este genero de romances, raros auctores conhecemos que, como Camillo, saibam com talento enquadrar o amor na historia, como se a moldura fosse a mais propria para os quadros do coração. E de mais a mais, historia revolucionaria do *tempo dos Cabraes*, em que a sociedade portugueza andou macabramente em tantas bolandas, que parecia não poder facilmente encontrar parenthesis de treguas para expansibilidades espontaneas do sentimento.

A caracteristica da *Brazileira de Pranzis* é esta, como romance; como trabalho de estylo, e pertencendo ao periodo em que o auctor se encontrava em plena posse e na pujança do seu, tornando-o definitivo, é todo elle uma maravilha de propriedade de palavras, termos e locuções, que embora de antigos usos, ainda mais se fortalecem, avigorisam e opulentam debaixo da sua penna, que ora corre em leves traços, finos e delicados, ora arremete em impetos esmagadores de interesses e ridiculos.

Na introdução relata-se como o auctor chegou ao conhecimento dos amores de José Dias de Villalva e de Martha (a Brazileira), que são os protagonistas do livro: foi por meio de um bilhete que encontrou entre cartapacios velhos, que lhe dera a sr.^a Joaquina, cunhada do referido José—um moço infeliz que estudara para padre e morrera ethico.

Os pormenores indagou-os de gente velha dos sitios, que como era costume das demais terras, guardavam memoria oral dos acontecimentos de maior, sem necessidade de chronicas.

A Martha era filha de um lavrador de medianos haveres, que tinha em Pernambuco um irmão muito rico, *de quem dizia o diabo.*

A rapariga era de compleição delicada, mas tão atrahente, que os apaixonados eram como formigas em derredor de um torrão de assucar; mas ella, de raiz, prendera-se de amor ao José Dias, que encontra opposição dos pais para a possibilidade do casamento.

No entanto, o competidor Lamella tenta como negocio a acquisição da rapariga por meio d'este dialogo com o pae d'ella :

«—Você quanto deve, ó tio Simeão?

«—Quanto devo? Você quer pagar-me as dividas?

«—Pode ser. Você deve á Irmandade de Nossa Senhora de Negrellos um conto e cem mill réis. Você deve de tornas a seu irmão quatro contos. Deve andar lá por um conto e quinhentos p'ra cima, que não p'ra baixo.

«—E' isso. Você sabe melhor da minha vida

que eu da sua—um conto e quinhentos e pico.

«—Quanto é o pico?

«—Obra de dez moedas, mais pinto menos pinto. Miudezas na loja do mercador e um res-tito da vacca amarella que comprei ao Tarracha na feira dos 13.

«—Você quer fazer um cambalacho—interro-gou o pedreiro recuando o chapéu para a nuca, e pondo-lhe as mãos espalmadas com força nos hombros.

«—Se pintár... Já sei o que Você quer. Você quer comprar me o lameiro da azenha— não vendo.

«—Eu ainda não disse o que queria, tio Si-meão. Olhe bem para mim. Você está a fallar com um homem. Pago-lhe as dividas, Você não fica a dever nada, e eu caso com a Martha. Pode dar os bens ao filho, que eu não lhe quero uma de x.

«—Você falla serio, ó sor Zeferino?

«—Se fallo serio?! Então Você não sabe com quem trata.

«—Ora bem—entendamo-nos—é a rapariga que Você quer, a rapariga estreme, sem dote nem escriptura?

«—Eu não tenho se não uma palavra. Já lhe disse que sim.

«—A rapariga é sua.»

Parecia não haver nada mais simples—uma especie de ajuste de outra vacca amarella—; *mas o negocio desfez-se*, pelo regresso do tio, o de Pernambuco, que vi-

nha muito rico, e de quem o irmão de Prazins, o Si-meão citado, começava a dizer muito bem depois de haver dito muito mal.

N'esta altura do romance mettem-se de permeio episodios interessantes e curiosissimos da historia contemporanea, do periodo da embrulhada que se seguiu á guerra dymnastica, e que devendo ser de organisação, foi de desordem permanente.

Descreve-se uma revolta em Santo Thyrso, em 1838, onde já houvera outras quando foi dos francezes e do cêrco do Porto—porque aquella linda região paradisiaca, enfeitada de ramarias e gorgeiada de aves canoras, é sentimentalmente facil em materia de revoltas politicas, como ainda se viu recentemente, em augmento do rol de Camillo.

Conta-se a vida de Vasco Cerdeira Leite, Morgado de Quadros, que imitador do Barbadão, embora por diversa determinante, não cortára as barbas a partir de 34, e de sua mulher D. Honorata, dama que fôra de D. Carlota Joaquina, que enfadada da permanente embriaguez do marido, fugiu com um delegado do Procurador Regio, bacharel romantico.

Narra-se a aventura do furriel Verissimo, que andara com o Remexido no Algarve, que fugira de Messines com o *pret* da guerrilha, e que se metterá a representar de D. Miguel, acoitado na abbadia de S. Gens de Calvos, onde os fieis e crentes lhe iam offerecer homens e dinheiro.

E depois d'estas paginas, em que a historia toma vida e relevo, embora muitas vezes os pormenores se phantasiem, volta-se ao romance, que assim já se encontra augmentado de figuras principaes, desde que en-

traram em scena o Zeferino Pedreiro, que dispõe de um conto, quinhentos e *pico* para a compa de uma moça do seu agrado, e o brasileiro rico, chegado de Pernambuco, que mede o dinheiro aos alqueires.

Nova mistura de amor e sangue, porque o regresso do brasileiro coincide com a revolta do Minho, que tem os seus episodios em Santo Thyrso, como não podia deixar de acontecer, apparecendo Zeferino feito chefe de guerrilha, aproveitando-se da situação para prender o pae de José Dias, fugindo este para Braga, onde se alista.

A thisica e o amor vencem e prostram o José Dias, que na phrase do Padre Manuel Bernardes *conhecera o leito* de Martha, e esta, como o Zeferino, á paulada, lhe pozesse o pae ás portas da morte, acceita para marido o tio ricasso, que da America regressara . . . de palmito e capella.

O casamento realisou-se; ha filhos do matrimonio de tio e sobrinha, mas apesar de ser mãe, a mulher não esquece o antigo amante por entre scenas histericas de uma vida cortada de amarguras intimas, d'aquellas que se passam bastidores a dentro de muitos lares, que o publico muitas vezes, decidindo-se pelas apparencias, considera muito satisfeitos e contentes, nadando em felicidades !

O romance encerra-se contando Martha 53 e o marido seu tio 84 annos, com esta observação do historiador do brasileiro velho e rico :

«Viverá ainda muito tempo, porque o velho Alexandre Dumas disse que os egoistas e os papagaios viviam cento e cincoenta annos.»

Passando ás transcripções, comecemos por esta definição da Fé :

«O bordão com que as velhas e os velhos caminham resignados e contentes para os mysterios da eternidade.»

Os que não tiverem a consciencia a doer-lhes... Por nossa parte estamos em crer que os moços de agora, que porventura desdenhem d'estes principios, se hão de encostar na velhice ao bordão referido, restando-nos a desconsolação de não podermos confirmar com os factos o que é no presente da nossa previsão.

A arte dos vicios. . .

Não está definida em compendios, mas tem, nos seguintes termos, o seu reconhecimento no romance :

«A rhetorica é a arte de fallar bem ; mas os vicios são a arte de viver bem e alegremente.»

Exacto : porque havendo muito quem falle bem, vive mal por não ter a *arte dos vicios*, devendo o leitor concluir para si qual das cousas é melhor : se a rhetorica, se o vicio.

Referindo-se á vida louca de Martha de Prazins, soffrendo das recordações do bem amado, Camillo assenta esta observação :

«O amor que enlouquece e permite que se abram intercadencias de luz no espirito, para

que a saudade rebrilhe na escuridão da demencia, é incomparavelmente mais funesto que o amor fulminante.»

E' uma definição moral, mas não é da mesma indole este commentario, de referencia á virgindade de torna-viagem do brasileiro casado com a Martha de quem José Dias *conhecera o leito* :

«A castidade, além de ser em si e virtualmente uma cousa boa, tem ignorancias anatomicas e inconscientes condescendencias com as impurezas alheias.»

Continuando em comparações:

«Como se faz a perda da vista?

«Pela paralisação dos nervos opticos; pois a perda da vista normal da alma, é paralyisia d'uma parte da massa encephalica.»

Que dolorosos instantes devia dar a Camillo o pensamento persistente, de annos e annos torturados, sobre essa *paralyisia dos nervos opticos*, até ao momento dramatico de despedaçar a tiro de revolver a cabeça genial em que se formaram as mais esplendidas concepções da litteratura romantica em Portugal!

Para concluirmos, deixemos registado que foi na *Brazileira de Prazins* que o auctor classificou de *grande ministro liberal cheio de embryão de cousas* — phrase que depois foi muito citada — o malogrado estadista Lopo Vaz de Sampaio e Mello, o politico mais habil no ma-

nejo dos homens que viveu durante os 80 annos do regimen constitucional, muito superior n'essa arte sobre maneira difficil ao tradicional Rodrigo da Fonseca Magalhães.

O classificativo figurou em muitos artigos de fundo e *suelto*s da opposição, quando Lopo Vaz se encontrava no apogeu da sua preponderancia politica.

A Corja

O auctor entendeu que a descendencia do *Eusebio Macario* devia ter o epilogo que mereciam o seu sangue e o meio social em que essa descendencia nascera, crescera e se educara, e então tratou de lh'o escrever na *Corja*, concluindo o inventario *de uma familia no tempo dos Cabraes*; e assim, publicado o primeiro romance em 1879, logo no anno seguinte sahi dos prélos o segundo, editados ambos pela livraria Chardron, da cidade do Porto.

Pode dizer-se que o panno se levanta encontrando-se em scena o padre Justino Gonçalves, abbade de S. Thiago da Faya, em conturbenio com a Eufemia Troncha e parecendo esquecido da Felicia, que como ficou dito no logar competente, casara com o José Fistula, depois de largamente dotada, para que o matrimonio se fizesse sob todos os auspicios da felicidade na terra, pelo mano commendador e barão.

Mas pelos modos esse esquecimento era todo de illusão forçada, embora a Troncha tivesse *meiguices e cadon-*

guices de uma donzella que affaga pombinhos entre os seios virginaes.

O habito adquirido. . . . *On' revient près aux premières amours*, de fórma que, passada a primeira scmbra do despeito e o appetite da novidade, veio o fastio, acudindo-lhe saudades da antiga *ama*, o que fazia com que a Troncha se exprimisse d'est'arte para o coadjutor, com quem se abria confiante:

«Não tardo a pôr-me nas flautas. Elle anda levadinho da bréca. Acho que lhe lembra a outra mondonga e eu é que pago as favas. Barriga cheia, pé dormente. Quem lhe comeu a carne, que lhe rôa os ossos. Está farto, é o que é. Bem entendo, mas não tenho cópas. Eu depressa me risco.»

Ao que o padre João da Eira, cubiçoso, retorquia, desejando retel-a nas suas visinhanças:

«— Senhora Eufemia, o Abbade é seu amigo. O que o afflige não é a Felicia, é a quéda dos Cabraes.»

Era cabralista, o Abbade, mas no entanto trabalhou pelos regeneradores (os tempos são sempre os mesmos, e os homens tambem!), porque queria combater o Eusebio, o pae do Fistula que lhe roubara a Felicia dos seus anhelos, e com quem andava tanto de mal, que lhe chamava, chasqueando, *cavallo cavalleiro da ordem de Christo*. Mas nem a politica, nem a galopinagem, nem as meiguices da Eufemia, nem os trabalhos litterarios

que trazia em mãos, a *Historia dos Macarios*, lhe mitigavam ou atenuavam as saudades. . .

E então, abala para o Porto, onde habitava a feiticeira dos seus amores, e onde a reconquista se lhe facilita pelo comportamento relaxado do rival, deixando a Troncha ao coadjutor, a quem ella começou a chamar *idolatrado*, como já chamara ao Abbade, e tinha chamado a um 2.º sargento, quando em rapariga fôra costureira no Porto, apaixonando-se pela estampa do homem e pelas divisas encarnadas da sua fardeta.

A vida relaxada do Fistula, dissemos.

Com effeito as suas estroinices eram falladas, porque depois de em Lisboa, de companhia com fidalgos e litteratos, que por esses tempos se aproximavam na pandega, ter amado a *Martha Corista*, regressando ao Porto regressou tambem aos amores com a Paschoela Trigueiros, que passara do Thomé da Persiguêda para a posse do Chanceller do Consulado Francez, que muito a ensinara em extravagancias á moda do seu paiz.

Corriam estes amores sem estorvos, pois que o Trigueiros, marido acomodaticio, informado por amigos dos diabos da má vida da esposa, interrogava-os assim em tom de espirito forte:

«—E o Barão da Corujeira e o Barão de S. Cucufate deixam as mulheres?

«—E' porque não sabem.

E elle, sarcastico:

«—Pois digam-lh'ò, que vamos de companhia, e podemas encher um paquete se forem todos.»

No entanto, a philosophia não lhe chegou, quando recebeu esta carta do Abbade, que intrigando de tal arte, andava em busca dos melhores meios para separar a Felicia do marido estroina :

«Trigueiros, não vás a Rio Tinto. Vai a tua casa ao meio dia; se não achares a esposa, vai procural-a ao Carvalhido, na quinta do Araujo ; mas tem cuidado que o José Macario não te quebre a armação.»

E o mais é que segundo Camillo, esta epistola de vingança vilã se auctorisava n'um sermão do Padre Antonio Vieira!

Fica o Trigueiros tolhadinho d'alma, mas não vai ao Carvalhido para evitar questões maiores, e entrando diplomacias no caso, a Paschoela vai para o convento de Santa Clara, onde procede da fórma que consta d'este registo :

«O Capellão chamava-lhe Lucrecia Borgia, e um doutor em Canones, irmã da Escrivã, afirmava que ella era a Messalina moderna.»

No meio d'estas scenas, a Felicia edifica-se e decide-se : separa-se do marido e recebe o Padre Justino.

.....

Vamos resumir, depois do veio das reticencias.

A Paschoela sahe do convento nos braços do José Macario, e vai com elle por esses mundos fóra a bordo do paquete *Duque do Porto*, deixando um rastro de escandalo que o auctor nos descreve :

«A Prioreza, aspirando com delicias uma garrafa de *vermout* que lhe encontrara na cella :

«—Vêde vós que grande bebida aquella !

«E a Escrivã :

«— Bem disse o doutor que ella era a Messalina moderna.»

Messalina arte nova, ou porventura arte antiga, pois que entre os pãpeis que a Paschoela abandonou, indifferente a commentarios, ou na intenção de os provocar, havia uma carta do Chanceller, antecessor do Fistula, em que affirmava *que lhe havia de morder os peitos até lhe sorver por elles o coração.*

Em francez ainda esta phrase revestia eloquencia de um sabor mais aperitivo.

Mas a Custodia, irmã do Fistula, e filha de Eusebio Macario, a cunhada de Felicia, não fica atraz do irmão.

Atira com o baronato á lama, e depois de a miude se encontrar com Bartolucci n'uma casinha campestre que lhe emprestava a sua collega de Cucufate, casinha branca, fôfo ninho, que se chamava a *chacara das brincadeiras*, dá o golpe final, fugindo para Italia com o baritono e *outras partes cantantes.*

E n'estes termos, o romance encerra-se andando a Baroneza do Rabaçal com o musico pela Italia, a Paschoela e o Fistula pela França, sem haver noticias d'elles, o abbade Justino com a Felicia no Porto, e o Eusebio em Cabeceiras de Basto, casado com a Eufemia Troncha, que lhe chamava *idolatrado*, como sempre chamara... aos outros.

Transcripções :

«A Política póde substituir a Femea, quando é preciso escolher entre duas devassas, e não é possível conservar ambas.»

A proposito de uma palavra . . . expansiva do Abba-de—palavra que nos não atrevemos a referir qual foi:

«Ha exclamações que laxam a alma, que as descarregam das opilações compositas.»

« . . . o *elle* sublinhado das cartas adulteras—quatro letras innocentes que encerram mais podridão que todas as novellas de Boccacio e da Rainha de Navarra.»

«Ha parvos que bestialmente alcançam uma philosophia idiota, que outros attingem com um grande trabalho de critica de costumes comparados, modalidades, etc.»

«Não ha destinos: o que ha são illusões, enganos, sonhos de felicidade que o mundo não tem.»

Não estamos de accordo, porque muitos dos parvos que encontram a philosophia citada, não encontram illusões nem enganos, e logram meio de gosar *a sua felicidade*.

Serões de S. Miguel de Seide

A serie d'estas pequenas brochuras subintitula-se— *Cronica mensal de litteratura mansa*, e a seu modo, ou pelo seu estylo humoristico, dá-nos a prevençãõ appetitiva dos assumptos: *novellas, polemico mansa, critica suave dos maus livros e dos maus costumes*.

Foram editados os folhetos pelos livreiros Costa Santos e Lello em 1894, podendo filiar-se, pela sua construcção, e entre outras obras de genero do auctor, nos *Eccos Humoristicos do Minho* e nas *Noites de Insomnia*.

Estes curiosos escriptos especiaes de Camillo, d'elle e de mais ninguem, no sentido de não terem possiveis imitadores, perfectas producções de genero, tiveram o seu publico, que os devorava com avidéz.

Na litteratura nacional sempre houve muitos escriptores de miscellaneas, desde o *in-folium* do tempo das varias academias, até ás modernas. . . edades do oitavo francez ; mas essas curiosidades, referentes a maior parte das vezes a factos historicos, raro interessavam o espirito e aproveitavam pelo estudo.

Pelo contrario, nas miscellaneas de Camillo, até quando a sua penna se desmandava em ironias crueis, até mesmo então a leitura se tornava util, além de ser sempre agradável—porventura mesmo para aquelles que eram feridos pelo seu estylete de fina tempera.

Os volumes publicados foram seis, e de todos vamos dar um resumo, especializando o mais importante.

I

No prefacio promette occupar-se sómente de *cousas pequenas*, mas vai ironisando desde logo sobre os que, assoprados de vaidade, julgam, sempre, bolsar cousas grandes, esprimidas do intellecto—variedade nova no tempo de Camillo e que já conta numerosissimos exemplares.

Diz-lhes assim:

«A' tona dos pantanos espadanam uns baleotes, mais ou menos bachareis formados que programatisam bolsar do seu bojo um Jonas alitterado como elles.»

Começa o volume pelo *Segundo commendador*.

Segundo commendador, está bem. A conta dos commendadores está certa, porque o *primeiro* foi historiado nas *Novellas do Minho*, como atraz fica referido com as precisas minucias.

Trata-se do commendador João Palhares, que aos 55 annos regressou do Brazil, liquidando duas duzias de

contos, quantia a que, pela relativa insignificancia, o auctor apostilou d'este commentario:

«As grandes fortunas surprehendem-se d'assalto; as pequenas conquistam-se de vagar. Em materia de riqueza os imprevistos prosperos são por via de regra infamias felizes.»

Por via de regra, é porventura exagero. Mas os exemplos são muitos!

Este Palhares, uma vez no Brazil, só com o trabalho se preocupara; em amores, fôra abstemio, e a propósito d'este comportamento virginal, vem uma dissertação, que *peessoas modernas* classificarão de *scientificas*, mas que Gamillo, de certo, apenas considerou humorrística:

«As leis da morphologia humana, quando se trata de amor, soffrem muitas excepções. No sexo gentil dá-se a mesma falta de logica. Senhoras muito gordas, espheroides, amam, como se tivessem dentro, em corpo e alma, 3 Beatrices e 2 Lauras. Os phenomenos estheticos pulhariam em tudo o que diz respeito a regras plasticas organicas—bem me entendem; e tambem sabem quanto é poderosa a acção calorifica sobre os seres organisados. O amor quente, em temperatura alta, é evolutivo, grande modificador: pega da materia organizada e muda-lhe a direcção, fazendo explosir novos organismos, que naturalmente existiam nas leis organicas.»

De amores não cuidara o Palhares, mas do Brazil voltou homem honrado, embora lhe tivessem pretendido enodoar o nome, citando o auctor, a proposito, a definição deprimente da *opinião publica*, dado por Pascal :

«E' uma esphinge com cabeça de burro.»

Está certo, mas devemos concordar em que a definição é malcreadamente conceituosa, mórmente para homem de tanta postura, valendo no entanto, para o seu tempo, esta outra definição de Marçal Pacheco, justo observador de que em Portugal, em regra, cada um, para se não massar, tem a opinião do jornal que assigna :

«Opinião publica... é aquella opinião que se publica.»

E' em 1859 que o homem regressa á patria, á sua terra, Tourencim, onde vem a saber que ainda vive a Brites Tecedeira, com quem seu pae não consentira que elle casasse antes de tomar ordens sacras.

Trava relações com a mulher, e, sem se declarar, compra as casas que haviam sido dos paes da sua bem amada, sendo apenas no acto da escriptura que declina o seu nome, por entre as lagrimas da Brites e de todos os presentes, prevendo-se lagrimas tambem nos olhos dos leitores do episodio...

Porque em summa, a regra geral de que o *homem é um animal que ri*, é falsa. Verdadeira é a regra de que o homem *é um animal que chora*.

O riso é excepção.

Bom homem, esse Palhares, que sem intenções politicas, e n'um periodo em que muita politica se fazia já n'este Portugal, que de navegador se tornou politico, unicamente para entretenimento da sua vida se dedicou a ensinar rapazes a lêr.

O romancinho, fecha assim com respeito á occupação do bom homem :

«Não tenho dados sufficientes para formular a mentalidade de Tourencim, mas asseveram-me que já este anno por lá circularam alguns numeros do *Seculo* e da *Idéa Nova*. Se isto é assim, receio muito que os discipulos do Compendador, armados do fouces rossaduras, imponham qualquer dia ao abastado mestre a liquidação social.»

Anteriormente tinha já observado com respeito á these afamada da *felicidade pela instrucção* :

«Cada aldeia, com o ensino obrigatorio, será um alfobre de romancistas, evolutivo de uma estrumeira de malandrins.»

Muito *intellectual* se ha de rir, desdenhoso d'esta heresia de Camillo Castello Branco !

Contém mais o volume :

— *Questão de vida e de morte*, em que se trata de referencias ao livro do vigoroso escriptor e polemista dr. Ricardo Jorge, de quem sempre Camillo se declarou

amigo e admirador, intitulado—*Hygiene social applicada á sociedade portugueza.*

—*O infantilismo dos poetas*, ou seja marcação da differença entre os poetas do tempo em que escrevia, e os de 50 annos antes, sendo pena que não conhecesse os de agora, para que o estudo ficasse completo, embora lhe fosse difficil differencial-os, porque elles, á força de litteratura, se parecem todos uns com os outros.

Mas vejamos esta definição do poeta do seu conhecimento :

«Por via de regra, é bacharel formado; não pendente a frente febril de reformas sobre o ergastulo de Portugal hemiplegico, nem se inquieta com o mysterio de além tumulo.»

Bem diverso do poeta de meio seculo antes, conforme a descripção de Castilho na *Festa de Maio*, quando velhos poetas, como se fossem rapazes, foram em perigrinação á *Lapa dos Esteios*, que ainda lá deve conservar a lapide commemorativa.

II

Consideramos n'este volume os seguintes números :
Capitulo DCCCXXXVII das minhas memorias e O virtuoso Catão e o honrado Hortensio.

No primeiro refere-se ao homem que fôra, na sua mocidade, o fallecido Desembargador João Roberto d'Araujo

Taveira (1)—um dos mais galhofeiros e satyricos convivias do Café Guichard, que era o circulo competidor do *Palheiro*, que se compunha de veteranos estropiados, em contubernaculo de argentarios inválidos com femeas espanventosas muito communistas.

Camillo brigara com João Roberto em polemica mundana: Taveira no *Ecco Popular*, e o romancista no *Jornal do Porto*, sob o pseudonymo de Anastacio das Lombrigas.

E' interessantissimo o episodio da briga quando foi de um jantar, na Ponte da Pedra, offerecido á cantora Dabedeille, de quem o futuro Desembargador era campeão entusiasta.

N'esse momento solemne de amor e vinho; os admiradores da Belloni, que aliás era *descorada, feia, casada, e demais a mais honesta*, entraram de roldão, levando Camillo á frente. Entraram, e em desafio brindaram á sua dama.

Houve ameaças de muita bordoadada, mas Taveira, que era tão valente como sensáto, aconselhou os intrusos a que fossem retirando em quanto elle orava, atenuando por effeito do vinho a imprudencia da rapaziada.

Pois foi este episodio da sua esturdia que lhe fez brotar lagrimas de saudade, a proposito do noticiario da morte do magistrado.

Vejamos agora o que nos conta do *virtuoso Catão e do honrado Hortensio*.

O honrado Hortensio queria á viva força alliar-se

(1) Conhecemol-o juiz de direito em Coimbra, e casado, salvo erro, com uma senhora irmã do actor Furtado Coelho.

com o virtuoso Catão, que apesar de todas as suas virtudes, a acreditar em Plutarcho, se embebedava quasi todas as tardes. Para realizar essa alliança—cada um tem os seus processos!—pede-lhe que lhe dê, ou que, pelo menos, lhe empreste sua filha, aliaz casada com Bibulos. O virtuoso Catão, em aberta do seu phalerno, recusa, mas o honrado Hortensio sempre com a sua tinneta, roga-lhe então que lhe dê ou lhe empreste sua mulher Marcia.

O virtuoso Catão, ao contrario do que se pode suppor, não se arrenegou, mas, antes de fechar o contracto, vai ouvir o Philippe, seu respeitavel sogro.

Pelos modos, sogro e genro concordaram na dadiva, porque o virtuoso Catão entregou Marcia ao honrado Hortensio, que com ella casou a contento de todos; e como o honrado Hortensio pouco tempo viveu depois do auspicioso enlace, Marcia voltou para a posse do virtuoso Catão, que herdou tambem a fortuna do honrado Hortensio.

E Camillo apura ainda de Plutarcho que o virtuoso Catão praticava mais todas as seguintes virtudes:

—Falsificava os vinhos que vendia.

—Tinha alcouces por sua conta, dizendo que as me-retrizes defendiam com os seus corpos a pudicicia das senhoras castas.

III

E' este o summario: *A Via Sacra* (romance sem continuação). Appreciação da *Lyra Meridional*, volume de

versos, de seu sobrinho Antonio d'Azevedo Castello Branco.

No romancinho trata-se de Guilherme Rebello, estudante legitimista, que pegou em armas, que só largou em Evora Monte. Recolheu-se a Mirandella, mas sendo perseguido, foi para Monçaz, em Villa Real, á sombra de um parente lavrador.

Este tem uma filha, Cecilia, que se enamora do primo, e que, de combinação com o pae, e vendendo *o seu oiro*, resolve o rapaz a que vá concluir a formatura em Coimbra.

Alguns trechos :

«Nas aldeias as *mulheres-flores* costumam ser bem encorpadas, 'peitos altos e salientes, valentes quadris, caras incendidas, rubras como cravos, ondulações polpudas no pescoço, gestos desempenados, risadas crystalinas, estouvadas, remoques desinvoltos, muita festa p'ra festa e saberem-se apresentar sem dar preza ao colchete da maledicencia.»

A descripção é excellente, mas o conceito que se segue chegaria a ser uma previsão da politica dos nossos tempos, se não fosse uma observação já feita sobre a historia politica de outros povos :

«Os delictos praticados em nome da Liberdade são irresponsaveis.»

Na apreciação *Lyra Meridional*, Camillo começa por

nos apresentar o medico Azevedo, seu cunhado e pae do poeta :

«Um homem gentillissimo, as mais harmoniosas linhas e curvas da belleza varonil que ainda vi. Sempre nos olhos ou nos labios as lagrimas ou os sorrisos do coração compadecido ou exultante.»

Define assim Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento), tão cruelmente como injustificadamente :

«Mestre do gerundio, e artifice de linhas correamente esprimidas que a calumnia chama versos. . . .»

Que verdade seja, lá muito *poeta*, não era, de facto, o notavel traductor dos *Martyres* de Chateaubriand!

Descreve o sobrinho Antonio :

«Quem conhece o auctor e o vê exteriorisar-se n'um tregeito labial, cuida que elle contempla o mundó com uma regalada jovialidade pantheista. Engano.»

Define o livro :

«A obra de Antonio d'Azevedo é uma identificação de inconsolaveis melancholias de um espirito que se ála aos ácumes do Ideal, um ponto altissimo da montanha que se nos afigura, por illusão de miragem, sobranceiro ás desgraças humanas.»

IV

Compõe-se dos versos *A Fidalguinha*, dedicados a Thomaz Ribeiro, de uma carta datada de S. Miguel de Seide, da continuação da critica ao livro do dr. Ricardo Jorge e da *Visita a um asylo de criminosos alienados*, ou seja a impressão de um advogado sobre um manicómio inglez.

Na *Fidalguinha* trata das prosapias de uma serigaita que

No seu chateau solarengo
 Costuma passar á calma.
 O oxigenio para o corpo,
 O Basilio para a alma.

A carta a Henrique Barradas é uma descompostura no Visconde de S. Bento—Cadmus que inventara o alphabeto em Santo Thyurso, *pachá in partibus*, que se deixara dominar por uma Leonce escanelada, esposa infiel de um mestre d'obras, que emquanto a luzes era uma quarta feira de trevas, mastedonte feito homem pelas leis do transformismo.

Mas que mal faria o Visconde, tão apregoado de philantropias, a Camillo, para este assim lhe fazer referencias crueis?

Que liquide o facto quem entender que merece a pena, sendo certo que para a historia das grandes individualidades nada pode ser indifferente.

V

Temos a considerar n'este numero mais um capitulo das suas memorias, porque da *Via Sacra* e da visita ao asylo já demos indicação.

Nas memorias apresenta-nos o seu condescipulo Dias, da Feira, que tinha engenho e graça, mas que em mathematica *era um burro*, teimando, porém, em matricular-se para entreter o tempo e agradar ao pae.

Pouco mais ou menos como um estudante brasileiro, que andou em Coimbra, entretido tambem com as mathematicas puras, mas não passando do segundo anno. Gostava muito do Mondego, do convivio com os litteratos da Academia, e tantos annos se demorou n'este esquecimento das realidades da vida, que conseguiu persuadir a familia que se encontrava bacharel formado nas cinco faculdades universitarias!

Era amator dramatico, o José Maria Dias Guimarães, representando o *Agostinho de Ceuta* e o *Marquez de Torres Novas*, de Camillo; e como as sciencias nada lhe deram, quando se viu pobre fez-se actor, mercadejou em panos, foi empregado da viação publica e embarcou para o Brazil.

Abriu quitanda no Rio, falliu, escripturou-se, ganhou dinheiro, tornou-se alcoolico, empregou-se no Consulado Portuguez, demittiu-se, pediu esmolla, e morreu em 1884.

Ha d'estas odisseias... pela inversa das glorias! As mais numerosas.

Camillo termina:

«Os desgraçados d'este tamanho não devem esquecer. São boas lições. A sociedade atira a memoria d'elles ao barril das porcarias. Fazem mal. Eu antes quizera que meus filhos lessem biographias d'esta especie de que os *Varões Ilustres* de Plutarcho, e a *Flor dos Santos*.»

Em *notas conspicuas* trata do artista Glama, famoso pintor portuense, da carta de Chaeaubriand a Filinto, agradecendo-lhe a traducção dos *Martyres*, das estravagancias que por Portugal encontrou Morphy, escriptor inglez, e da analyse critica á memoria historica da Casa de Abrantes, de José Augusto Cordeiro.

VI

E' melhor dar todo o summario. Vem a ser este: *A Velhice do Padre Eterno*. — *Goethe ridiculo*. — *Quem era a mulher de Caim?* — *As crianças indigentes*. — *Amores serodios*.

Vamos por as partes que merecem especialisação.

Demonstra que o sr. Guerra Junqueiro, acoimado de atheu, *reconhece Deus tão explicitamente quanto seria necessario para impugnar os que o negam*.

E dá este exemplo em verso, entre outros:

Creio que Deus é eterno e a alma é immortal.

Crê em Deus como Voltaire, e reproduz passagens de Voltaire, affirmativas d'essa crença, pois chegou a ponto de mandar erigir uma igreja com esta divisa :

Dex

Erexit

Voltaire

O grande, o incommensuravel Goethe enamorou-se de Carlota, promettida esposa do seu amigo Kestner.

Parece esquecer-se de Carlota pelos encontros com Maximiliana, filha do conselheiro Laroche.

Mas de Maximiliana regressa a Carlota, e tão fiel amigo elle era, que escreve amabilidades á rapariga em cartas dirigidas... ao noivo!

O resto sabem os leitores.

Na volta dos 60 annos encontra-se velho, mas ainda ridiculo com mulheres, pois que aos 57 fazia versos a Mina, aos 70 desdenhava dos amores de Lili, e aos 82 *evolava-se suavemente asphixiado pelos incensos da idolatria universal.*

Discreteia depois sobre a *mulher de Caim*, e como um escriptor allemão affirmasse que a esposa do fratercida era *Mehala*, o factó dá-lhe proposito pera que humorise sobre passagens da Biblia, perdendo a gente de vista o antigo redactor da *Cruz*.

E quiz systematisal-o o sr. dr. Theophilo!

Finalmente, passa os seus sorrisos de troça sobre os *amores serodios* do Infante D. Luiz, irmão de D. João III, que aos 50 annos se apaixonou por uma sobrinha, a Infanta D. Isabel.

Assim fecham os *Serões*, e tão prematuramente que até o romance *Via Sacra* fica sem conclusão.

No *dossier* de Camillo devia de haver, que farte, apontamentos de variedades para annos e annos de publicação.

Não temos duvidas a este respeito.

Por que seria então que elle a matou quasi á nascença, quando, pela certa, tinha o seu mercado garantido?

Seguramente foi por effeito de algum phenomeno psychologico d'aquelle temperamento impressionavel e desobediente ao cerebro privilegiado, que afinal era escravo do temperamento !

A Senhora Rattazzi

Esta celebre *madama*, com talento, mas no entanto da galaria pittoresca das *sabichonas* de Molière, hoje em dia com outros chronistas e comediografos mais apropriados aos seus meritos, veiu a Portugal pela primeira vez em 1879, hospedando-se em um dos primeiros hoteis de Lisboa, trazendo muitas cartas de apresentação, e recebendo a jantar jornalistas, politicos e litteratos, atrahidos ainda mais pela frescura distincta da sua dama de companhia, que entretinha o *flirt* de solteiros e... casados, de que pelo espirito *bas bleu* de *Madame Rattazzi* e *menu* escolhido e aperitivo dos seus banquetes.

E a proposito d'estes *flirts* podiam registrar se episodios curiosos, se porventura não estivessem vivas e sans pessoas graduadas, que entraram n'esses fogos floraes do coração.

Marie Studolmini Wyse, do sangue incontestavel dos Bonapartes, fôra de facto uma belleza rara na sua mocidade, e com ella casou o rico alsaciano Frederic Solms,

que a deixou viuva, passando ella a segundas nupcias com Urbano Rattazzi, figura do maximo relevo na politica da Italia, onde foi ministro por muitas vezes, mas onde decahiu depois d'este casamento, chegando a ter, por causa da esposa, um duello com Mingethi, tornando-se alvo de *piquants quolibets*, na linguagem d'um chronista do tempo.

Basta dizer que Marie Wyse, depois Mad. de Solms, depois Madame Rattazzi e por ultimo Mad. de Ruth, pelo seu casamento com um deputado hespanhol d'este appellido, era conhecida pela alcunha pittoresca de *Princesa Brouhah*, que lhe havia sido affixado nos *Guêpes* por Alphonse Karr, que aliaz tinha sido um dos seus admiradores mais entusiastas.

Nascida em 1833, Mad. Rattazzi contava 46 annos quando veio a Portugal, mas pintalegrava-se e narcisava-se como se fosse menina e moça.

Nunca se soube bem o que ella cá veio fazer então, nem quando voltou a visitar-nos em 1895, assistindo â uma sessão na Camara dos Deputados, quando foi do chamado *Sollar dos Barrigas*, denominação da proveniencia, deve registrar-se, do distincto jornalista e parlamentar o sr. Lourenço Cayolla.

Dizia-se muita cousa: que vinha em missão de politica secreta; que pretendia criar nova vida em Lisboa, como depois a alcançou em Madrid, sendo Emilio Castellar o maior dos seus apologistas; e até, em conversas de *clubs* e insinuações de gazetas, se referia que tinha a pretensão de casar com Fontes Pereira de Mello, o notavel homem de estado, ao tempo no apogeu da sua preponderancia, com o Collar da Annunciada, de Italia, e o Tosão de Ouro, de Hespanha.

Mas nunca se lhe definiu a situação, e Mad. Rattazzi retirou-se de Portugal sem grandes homenagens, entendendo que devia escrever um livro intitulado *Portugal à vol d'oiseau*, que de verdade na rubrica se harmonisava á maravilha com a critica que continha, de uma notavel ligeiresa de opiniões.

O facto é que o livro provocou grandes polemicas, e a seu proposito, pró e contra, conhecemos as seguintes publicações :

— *A sr.^a Rattazzi*, de Camillo Castello Branco (2 edições).

— *A Princesa na Berlinda*, de Cha-Ri-Va-Ri, pseudonymo do malgrado jornalista e escriptor Urbano de Castro.

— *A princesa Rattazzi e Camillo Castello Branco*, pelo Visconde de Villa Fortes (pseudonymo).

— *Consequencias da questão Rattazzi*, sem auctor.

— *As ratices da Rattazzi*, por Monteiro Ramalho.

— *Letre a Mr. Camillo C. Branco*, por Anastasi Coquenard, laureat des jeux floreaux de Toulouse.

Mas a publicação sensacional foi a de Camillo, embora, no genero de ironia e até de tensidade na desanda, não seja das que mais affirmam o espirito scintillante e o estylo rijo e terso do destemido polemista.

Mas ferido nos seus melindres—era muito melindroso, era de uma grande susceptibilidade!—porque a Rattazzi escreveu que os seus romances se pareciam todos uns com os outros, veio á lide com o estadulho das suas phrases, não levando sequer em conta que se tratava de uma mulher, por effeito do seu principio—de que a mulher que escreve para o publico é como se fosse homem.

No opusculo não ha muito por onde fazer transcripções, mas, para não faltarmos ao programma, ahi vão algumas.

Referindo-se ao sr. Ramalho Ortigão, diz :

«Aquelle grande homem visitou-a e levou-lhe os seus livros. Diz elle que foi a ultima visita que fez. Se isto é verdade, foi a ultima e talvez a unica asneira que fez na sua vida.»

Por tabella, a dois :

«Escreve que Almeida Garrett era um catholico cheio de fé e sem philosophia, e que por isso não fez escola nem discipulos. Idéas parvoinhas do sr. Theophilo Braga.»

Parvoinhas... Está muito acertado e condizente.

Aborda *a sua questão* :

«Dos meus romances fez chalaça, e não anda mal; que todos os meus livros se adivinham do terceiro em diante: um brasileiro, um namorado sentimental e uma menina em convento. Cita quatro novellas, e por casualidade nenhuma d'ellas tem brasileiro; porém, em quanto a namorados, são tantos, que nem a sr.^a Rattazzi é capaz de ter mais.»

Definição da *Madame*, e em estylo que lhe era apropriado :

«Tenha paciencia. E' uma patarata, e *raggiat woman*, com uns quindins de *mauvais aloi*, tres-

calando a *boudoir-Lenclos*, com umas guinadas de *verve*, barrufadas de *calicot frappé*.»

Em tres linguas e em quatro linhas não se pode dizer mais, mas o portuguez, pelo ridiculo, é que leva a palma na desanda.

E' uma grande lingua na tesura para libellos e offensas—de muito maior valor do que para gorgeios e melancholias!

Da segunda edição, apurámos o que vai ler-se:

«Mulher escriptora, por via de regra pouco exceptuada, é um homem por dentro. O coração, que devia ser urna de suavissimas lagrimas, faz-se botija de tinta, e as doces penas d'alma materialisam-se aguçadas em pennas d'aço. O fuso de Lucrecia e da Rainha Bertha desfaz-se em canetas. Em vez de tecerem o seu bragal, urdem intrigas.»

Ha excepções, não muitas, mas notaveis, de grandes *senhoras* que escrevem em todas as linguas; e em Portugal conhecemo-las, que são notabilissimas na poesia, no romance, na critica litteraria e na critica historica e politica.

Mas de facto são excepções, e se Camillo se exprime d'aquella maneira, ha cerca de quarenta annos, que ironias não cahiriam da sua penna se conhecesse as conferencistas e suffragistas, que por ahi andam no escandalo das propagandas doidas e dos procedimentos criminosos!

E no seu tempo... o que diria D. Anna Placido!

O carrasco de Victor Hugo José Alves

Segundo a critica, de facto auctorisada pelos precedentes, seria pela *Infanta Capellista*, que se não concluiu, e de que *O Carrasco de Victor Hugo José Alves* é a refundição—seria este romance o primeiro da serie dos livros de referencias desagradaveis á Casa de Bragança, e que se continuou no *Regicida*, na *Filha do Regicida* e na *Caveira da Martyr*.

Nunca vimos as 128 paginas que da *Infanta Capellista* se publicaram, e que o auctor não deixou circular, restando apenas, diz-se, 6 exemplares, adquiridos n'um merceeiro que utilisara os restantes no embrulhamento dos seus comestiveis; mas se a *Infanta Capellista* era do feitio do *Carrasco*, nunca se podia, no genero, enfileirar com os romances que tanto affectam, e injustificadamente por vezes, a memoria de D. João IV.

Com effeito, se o *Carrasco de Victor Hugo José Alves* ironisa casas fidalgas e debica com politicos contemporaneos, referindo-se a D. Miguel de Bragança, engrandece-o e eleva-o na sua dignidade de Principe, cer-

cando-o de respeito e consideração nas infelicidades do seu exilio, e para D. Pedro V, o Santo Rei, continúa a dirigir-lhe as palavras de agradecida admiração, que já ficam registadas no capitulo que diz respeito ás *Memorias do Carcere*.

Mas vamos propriamente ao romance, deixando para outros, peritos na especialidade paciente, a apreciação do seu valor genealogico.

A' meza de um café; ouve o auctor, da critica azeda de um janota ajacobinado, a enumeração dos filhos bastardos dos reis portuguezes mencionados pelos chronistas, e ainda de outros constantes de chronicas ineditas; e como se sublinhasse que o Infante D. Miguel *os não deixara*, então o *malsim das reaes progenituras* individualisou cinco ou seis. Mas um dos circumstantes circumspectamente acrescentou :

«—Pois ainda falta uma filha.»

Esta senhora vinha a ser D. Maria José de Portugal, luveira estabelecida na Rua Nova da Palma, protogonista do romance, filha de D. Marianna Joaquina Franchiosi Rolim de Portugal, de vida accidentada em fortuna e amores, mas que era de facto 5.^a neta de... Affonso VI, segundo as conclusões genealogicas de Camillo, tiradas de um manuscripto intitulado *Vida de El-Rei D. Affonso VI, escripta no anno de 1684*, que por sua vez se dizia auctorisada nas *Memorias* deixadas pelo official maior Luiz Teixeira de Carvalho, e de que havia um extracto ou cousa que se lhe parecesse na bibliotheca dos Duques de Cadaval.

O caso é que a indigitada 5.^a neta de Affonso VI e

de Catharina Arrais deu por fim em hoteleira, sendo n'esta situação decadente que partiu da vida, deixando na orfandade desvalida a pobre filhinha, que é soccorrida por duas mulheres das relações da mãe, as sr.^{as} Picôas, e por um isrealita, que d'ella fôra mordomo, e que morrendo tambem deixou á rapariga meios bastantes para uma vida desafogada e decente.

E' n'este meio que apparece em scena Victor Hugo José Alves, filho de Rozenda Picôa, dona de uma hospedaria na travessa de Estevam Galhardo, litteratello e politiquista, assiduo frequentador de tavolagens e boatequins, onde pregoava as bellezas e as virtudes de D. Maria José de Portugal.

E n'esta altura, em parenthesis, conta-nos o auctor as razões por que *Victor Alves* se chamava tambem *Victor Hugo*:

«Convém saber que Victor, nos seus primordios litterarios, quando se viu no Chiado, com a republica a fervilhar-lhe nos miolos, ajuntou ao nome o sobrenome de *Hugo*, crendo que o chamar-se Victor era predestinação para o fazer sahír já republicano da pia: e d'ahi o assanhar-se contra os monarchas, á maneira d'aquella sublime vespa que zunia estrophes demagogas em Gersey.»

Mas o perfil do sujeito não fica por aqui, porque se adorna com os mais predicados que constam dos seguintes trechos que lhe completam a psychologia, e tambem a da senhora sua mãe:

«Obrigado pelo sobrenome, Victor fez versos vermelhos como sangue de javali. As suas quadras cheiravam a gamella de fressureira. E tambem nas prosas d'elle as testas coroadas não eram tratadas com mais caridade que syntaxe.

«No entanto, os criticos ordeiros, vituperando a ira republicana do rapaz, diziam que não admirava raivasse tanto contra os nobres quem era filho de um sapateiro, ao qual muitos fidalgos não haviam pagado os remontes, e neto de um ferrador a quem outros fidalgos não haviam pago as ferraduras.

«Esta matraca impressa nas gazetas, desvairou o litterato, que forçou a mãe a declarar pelos prelos que seu defunto marido não havia sido sapateiro, mas sim negociante de couros. Ninguem contestou; já por ser verdade, já porque ninguem podia desfazer na palavra da sr.^a Picôa, quanto é mercadoria do sr. João José Alves, seu marido.»

Mas o Victor Hugo de cá, ao inverso do outro, se começou em republicano deu a seguir em legitimista, revirando-se por amor, ou cousa que se lhe parecesse, a Maria José, chegando a taes extremos na sua apologia do regimen extincto e menoscabo do regimen triumphante, que foi processado e condemnado.

Com este processo e com esta condemnação, como titulo das suas pretensões, julgou-se auctorizado a fazer declaração de quanto lhe ia n'alma, nos termos que Camillo assim aponta :

«Como quer que parvoejasse em desplantes de tal atrevimento, Victor cerrava a missiva fazendo votos, porque o mais ditoso lance da sua vida fosse o instante em que elle Alves, dobrando os joelhos ás plantas do rei legitimo, podesse exclamar: «Pae e Senhor!

*Para servir-vos, braço ás armas feito,
Para cantar-vos, mente ás musas dada.*

«De onde havemos de inferir que para uso de muitos tolos creou Deus as mulheres formosas e Camões os formosos versos.»

A luveira, menina de bom coração e delicada, repelliu-o com bonitas maneiras, mas o Victor e mais a senhora sua mãe insistem, inventando, para verem se com prosapias lhe demovem o coração, genealogias regias de representação bastarda nas suas pessoas, sacrificando ao empenho a honra dos progenitores.

Não desiste o rapazola. Ensaia todos os processos e lança mão de todos os expedientes. Amaneira-se de attitudes nobres, e mudando de termos na escripta, subscrive delicadezas politicas sob o pseudonymo de *Fuas Roupinho*.

Mas... *le naturel revieu au galop*, e *Fuas* imita o salto lendario do seu predecessor, capitão-mór de Porto de Mós, espoliando a mulher dos seus anhelos, ficando com tres contos de Maria José, que o encarregara, sem indicação do seu nome, de os enviar ao Principe seu pae, ficando ella sómente com os meios de se estabelecer

como luveira, ganhando pelo trabalho honrado o pão nosso de cada dia.

Esse dinheiro transfigura o malandrete, pois que o *vil metal*, como o elixir do Fausto, opera todas as transformações. Ajanota-se e afidalga-se de maneiras e *toilettes*, «quedando-se largo espaço a narcisar-se diante do vidro com o languor mulheril d'um Bathylo ou Juvenio.»

E enquanto o Victor Hugo lisboeta consome o seu dinheiro, a bôa da rapariga abre o estabelecimento, aonde vende luvas e supporta a côrte assidua de Raul de Baldaque, moço brasileiro, tão rico como distincto e bondoso, que n'esta altura do romance recebe o crudelissimo golpe da morte de seu pae, restando-lhe para o sentimento da vida, que nada tem que vêr com predios e titulos, a dedicação extrema d'um mulato, seu irmão natural, chamado Domingos Ravasco.

E' este um bello typo modelarmente apresentado em toda a sua psychologia e envolucro externo. Por dentro, todo amor pelo irmão; por fóra, o traje de boleeiro, não querendo outra posição social, repellindo os estudos e educações distinctas que o pae lhe queria facilitar, como compensação de lhe não dar o seu nome.

Mas o filho da Picôas não se contenta com o dinheiro de Maria José; pretende-lhe tambem, a toda a força, o coração, o amor; e assim, tomado de ciumes de Baldaque a quem a Infanta Capellista se rendera pelos requintes da bondade, casando, desacredita-os e difama-os.

Lança mão, para o vil procedimento, de todos os meios indecorosos, avultando entre estes, o de fazer 2.^a edição de um folheto que em 1840 se publicara contra D. Ma-

rianna Franciosi, exhibindo-a como aventureira sem decencia e sem escrupulos.

Os noivos, perseguidos pela diffamação vilã, seguem para o estrangeiro, mas Damião Ravasco, colhendo a evidencia de ser Victor o auctor da diffamação, assassina-o no caminho de Cascaes, e mettendo-lhe a cabeça em espirito de vinho, vai apresental-a a Maria José e a Ruy, que ao tempo se encontravam em Marselha, em tragico lance da sua vingança de preto.

E por que Damião Ravasco degolou o valdevinos, d'ahi vem intitular-se o romance—*O Carrasco de Victor Hugo José Alves*.

Podem discutir-se os instaveis alicerces do romance — um folheto de diffamação, do periodo de 40, o periodo mais dissolvente do constitucionalismo, e uns apontamentos genealogicos de fraquissima auctoridade. Mas a urdidura do romance com esses elementos é empolgante de curiosidade e interesse; os typos são magistralmente descriptos no seu meio, e o estylo a todos os sentimentos se amolda, imprimindo-lhes toda a vida propria das situações que vão das lagrimas aos episodios burlescos, das ironias e das chacotas, como o leitor se confirmará, apreciando-as devidamente.

Comecemos por uma definição, de que muito bem pode aproveitar-se o indefesso escriptor o sr. dr. Candido de Figueiredo, para ajuntar ás definições auctorisadas do *Novo Diccionario*:

«*Saturação*—palavra pedida de emprestimo á chimica para bem materialisar a idéa do corpo abeberado d'aquelle civico enthusiasmo que salva as nações nos botequins.»

E como botequim n'aquelle tempo — bem mais do que hoje em dia — pedia litterato, a ironia completa-se n'estes termos :

« . . . homem de letras maiusculas, cursivo, bastardinho, etc. — letras que, longe de serem ganancia, seriam o desdouro de um cambista e a fallencia de dois bancos. »

De ha muito, como é sabido e pouco historiado, a cidade de Lisboa é alfôbre de hospedeiras, que accumulam diversas situações com os clientes.

Quadro traçado pelo autor a este proposito :

« Lisboa, como todas as capitaes das nações que teem civilisação, paz e ôstras, encerra muitas mulheres da tempera de Rozenda, pomos menos prohibidos que sorvados, creaturas observantissimas, em demasia talvez d'aquelle preceito colonizador com que Moysés justifica Rozenda e outras phyloginias dadas ás contemplações geneticas.

« Isto de acabar cedo para o erotismo, o esfriar do sangue, o atrofiar dos nervos, é triste condão das mulheres provincianas. »

E' *quadro de costumes*, que deve ser atenuado por uma maxima de feitura moral :

« Não ha trabalho deshonoroso nem ociosidade honrada. »

Pois ao quadro e á maxima juntemos um retrato, o D. Pedro V, o santo rei:

«Aquelle rei era triste, porque o sol ardente do espirito, o ardor da sciencia lhe crestaram o viço da juventude,

«O conde da Carreira e outros pedagogos, que trajavam ainda calção e rabicho na alma, intouriram o animo do principe com iguarias indigestas, introvertendo-lhe para o viver intimo, em florescencias sem aroma, os pomos da mocidade, que nunca desabrocharam perfumes de contentamento.

«E porque era triste, era bom, compadecido, esquivo a vanglorias, como quem sabia que, nas nações livres e pobres, nenhuma ostentações sobredouram o manto real se não as de reportada parcimonia e abstenção de soberanias extemporaneas.»

Pode dizer-se que quasi que se encontra aqui a sumula de um programma!

Aborda a politica, e depois de referencias a José de Moraes (1), a Carlos Bento, a José Elias, particularisa com pouca justiça a Martens Ferrão, escrevendo, depois de citar os Apostolos que *dormiam de tristeza* no Monte das Oliveiras após a morte do Justo:

«Dormir de tristeza—é o mais curial e justi-

(1) José de Moraes Pinto d'Almeida, deputado chronico de pouco valor.

ficado somno que pode narcotisar uma assembleia de legisladores, quando a providencia das nações não encarrega alguns deputados bem penteados e vestidos, de entreterem o auditorio em alegres insomnias, salvante o sr. duque de Loulé, para quem o sr. padre Antonio Ayres do Porto seria uma amendoada.»

O sr. Padre Antonio Ayres do Porto vem a ser o Bispo de Bethsaida de hontem, o Arcebispo da Calcedonia de hoje, e ainda qualquer cousa de maior ámanhã, lá nas vesperas de celebrar o seu centenario, tendo passado por todos os matizes e por todas as *nuances*!

Agora em toada triste:

«Ha infelizes que se estorcem em sedes abraçadoras; os amigos querem apagar-lh'as e dão-lhes venenos. . . Não sei se para esses, que tudo perderam, a mais relevante caridade seria deixal-os morrer. . .»

Mais adiante, no mesmo diapasão, diz-nos assim:

«Ha sacrificios que teem glorificações intimas e ineffaveis. São dôres que os pacientes não querem consoladas; são as rozetas dos cilicios que as creaturas delirantes do amor divino apertam mais, quando maior é a angustia.»

Mas o *amor* é o mais vasto dos seus assumptos, e por isso, sobre elle, ahi vai mais uma dissertação, que o leitor poderá reunir ás que ficam transcriptas:

«Amor espasmodico, amor macabro, amor epileptico. Ha d'estas tres castas de amor na zona luminosa da mulher peregrina. O espasmodico é o contemplativo; o macabro é o que salta e se estorce nas vascas voluptuosas do deleite; o epileptico é o que escabuja debaixo da garra da perfidia. Ha uma quarta especie de amor, do qual ninguem faz livros, por que é mais analphabeta: é o amor de mercearia, o amor cebaceo e rubio, como o buril antigo o immortalisou nas cascatas e no coração dos nossos avós.»

E ainda haverá quinta, sexta... decima... centesima variedade de amor!

O mundo marcha...

Para fechar o capitulo, ahi vai uma ironia de sã moral:

«A opinião publica desdoira as mães dos filhos naturaes; dos artificiaes, não. Ultraja-se a natureza e respeita-se a arte.»

Quem o diria melhor?

A Cavallaria da Sebenta

Seria talvez oportuno disreter agora sobre as qualidades de polemista de Camillo Castello Branco. Mas onde não chegaria esse capitulo, se sobre esta generalidade fossemos a rebuscar, por livros seus, jornaes e prefacios, todas as suas disputas com politicos, pseudo philosophos, criticos, historiantes, poetas e novellistas—com quantos, em summa, lhe sahiram á estrada, provocando-lhe a penna de destemido e valente!

Aonde não chegaria esse capitulo, que decerto se viria transformado em volume de centos de paginas!

Ainda bem que elle se perdeu, a breve trecho, para o jornalismo. Se n'elle continuasse, ficaria sendo, de certo, o emulo de Rodrigues Sampaio, de quem foi admirador e amigo agradecido; seria o primeiro jornalista do seu tempo, d'aquelle tempo movimentado, em que se operou a transição dos regimens dymnasticos, se criou o cabralismo, se formou a Regeneração e rebentou o reformismo de ephemera tradicção historica.

Se tal acontecesse, perder-se-ia o romancista nacional

por excellencia, e este é que por ninguem do seu tempo podia ser substituido, embora fosse contemporaneo de Herculano, de Rebello da Silva, de Andrade Corvo, de Arnaldo Gama, de Mendes Leal, de Pereira da Cunha, de Teixeira de Vasconcellos, de Silva Gayo, de Pinheiro Chagas, de Bernardino Pinheiro, de Eça de Queiroz, de Julio Diniz, de Pedro Ivo, de Teixeira de Queiroz, de Julio Lourenço Pinto e de outros que n'este ramo de litteratura conquistaram fama justificada.

A proposito das *Noites de Insomnia*, do *Cancioneiro Alegre*, dos *Criticos do Cancioneiro Alegre*, dos *Eccos humoristicos do Minho*, dos *Esboços de apreciações litterarias*, da *Senhora Rattazzi*, da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, das *Vaidades irritadas e irritantes*, etc., ja demos provas bastantes e significativas do que eram o espirito, a chacota, o riso, a ironia e o ridiculo que elle sabia tirar do seu tinteiro, reduzindo os contendores, como se costuma dizer por extremos de phrase, a pó, cinza e nada.

Mas uma das polemicas, onde mais se espraizou a sua veia de combatente, chegando á apostrophe violenta e immerecida, foi na chamada *questão da sebenta*, em que travou combate com o dr. Avellino Cesar Augusto Maria Callisto, lente de direito, que já morreu, e com o sr. dr. José Maria Rodrigues, antigo lente da faculdade de Theologia e hoje professor do Curso Superior de Letras, que felizmente ainda vive, e que ao tempo era ainda estudante, já presbytero, da Universidade.

Foram em numero de nove os folhetos que então se publicaram—collecção curiosissima—, mas pode dizer-se que foi Camillo que deu ponto final á luta com a *Carga Terceira, replica ao Padre*, que é modelar no genero,

embora não fosse de todo comprovativa de doutrina e de factos.

Mas que importava que não fosse de todo o ponto justo?

De Talleyrand se conta, que elle dizia que se lhe *déssem tres linhas escriptas por um homem, n'ellas descobria um criminoso.*

Pois em correspondencia, para Camillo qualquer trecho servia, qualquer que elle fosse, para que á letra, ou fóra da letra, como houvesse por bem a sua vontade, descobrisse erros e razões de contenda, recorrendo a factos, que interpretados á mercê, por meio de paradoxos brilhantes, auctorisavam as conclusões que lhe aprazia estabelecer como verdades fundamentaes.

A questão da *Sebenta* (1) principiou por uma carta dirigida ao dr. Callixto, que lhe não respondeu, sobre uma referencia que o professor fizera ao seu livro *Perfil do Marquez de Pombal.*

Cousa de quasi nada.

O lente acudiu á chamada; o alumno de Theologia veio a campo, e desde então estabeleceu-se o duello de replicas e treplicas.

Por muitas vezes, Camillo, apesar do seu alto espirito analytico, sincou em questões de facto, mas de todos os homens com quem elle terçou as armas foi talvez o estudante que mais lhe deu que fazer, porque circuns-

(1) *Sebentas* eram as prelecções extractadas dos professores, que depois de lithografadas, se distribuiam pelos alumnos que eram assignantes.

Havia duas lithografias celebres em Coimbra: a da Rua das Cosinhas e a da Rua do Guedes.

crevendo-se ao assumpto, não dando um passo fóra d'elle, passando a correr pelos subterfugios, multiplicava as difficuldades para a retirada do inimigo.

Ali nas *bulas*, ali nos *breves* é que elle o queria, embora o humorista, admirando de certo no seu intimo o talento do contendor, lhe respondesse pela voz do seu humorismo :

—Bolas!

Isto vai dito de passagem com respeito ás bases da questão, ou seja da *cavallaria*, pois é claro que não vamos liquidar de que lado *estava a justiça*.

Não somos julgadores, e os sentenciadores foram sempre criaturas do nosso desaffectedo.

O fim que temos em vista, unico, é accumular provas do *alto e subido* valor litterario de Camillo em tudo sobre que elle escrevia.

Mais nada.

Nós respeitavamos muito, e admiravamos correspondentemente, o dr. Avellino Callisto, e até, a seu respeito, proferimos os seguintes periodos de necrologia quando se commemorou a sua morte como antigo deputado (1), na sessão de 5 de março de 1910:

«Era um homem, na mais larga accepção da palavra; era um talento, que aliás não fructificou quanto podia, e sobre tudo era um caracter de rija tempera.

«Com a accumulção d'estas qualidades, elle

(1) O dr. Avellino Callisto foi deputado durante uma legislatura : a constituinte de 1884, eleito por influencia dos amigos de Vaz Preto.

podia ser quanto quizesse ser, impondo-se na sociedade portugueza, a sociedade politica mais democratica de toda a Europa.

«Mas apenas quiz ser, e foi, professor e advogado, mas exercendo estes mesteres como se exercesse uma missão, não especulando nunca com elles, nem pela vaidade, nem pelo interesse.

«Era um forte, de alma e de corpo; um exemplar rarissimo hoje em dia, em que parece ter-se quebrado a fôrma das individualidades moraes do seu quilate.

«Bem queria á Universidade, a *alma mater* de seu espirito; bem queria a Coimbra, pois que para elle não havia terra mais linda, enchendo-se em plena natureza, na sua vivenda da Cumeada, dos encantos da região cheia de graça.

«E assim reflectiu em si perfeitamente a ordem e a tradicção, por onde orientava o seu espirito, e ao mesmo tempo todo o encanto d'aquella terra privilegiada, no contraste das suas montanhas rudes e da belleza ideal dos sineiraes do seu Mondego.»

Por egual, admiração e respeito nos merece o illustre professor e sabio philologo, indefesso trabalhador da sciencia, o sr. dr. José Maria Rodrigues, antigo e notavel reitor do lyceu de Lisboa, que foi tão paternal como intelligente na ardua incumbencia de iniciar a nova reforma dos estudos secundarios em Portugal.

E' um nome de excepção no cultivo auctorizado e

serio do ensino superior, continuando ascendentemente na carreira de escriptor valioso, que abriu pela sua notavel dissertação inaugural — *Pensamento e movimento*, que logo na vida academica lhe marcou uma situação de prestigio.

Mas essa nossa admiração, pelo que morreu e pelo que vive e viverá, e a satisfação intima de fazermos d'ella reconhecimento na propria chronica em que se faz registo do valente e destemido ataque que soffreram, não podia ser motivo para que collocassemos de parte uma das polemicas em que Camillo Castello Branco mais accentuou os seus predicados de lutador.

E dada esta explicação, vejamos como elle vem ao proscenio antes de entrar no espectáculo:

«Declaro. que no titulo meio quadrupede, meio litterario d'este folheto, não disfarço alguma subtil malicia zoologicamente hostile a alguem. Quer dizer que se organisou uma hoste plumitiva-militante de cavalleiros conjurados sob o estandarte da *Sebenta*.»

A conjuração era preocupação dos seus melindres, pois que sempre os teve que farte; mas não se contentando com este trecho, ainda aferra mais o punhal, acrescentando que a supposta horde era correspondente ás suas parceiras francezas — a cavallaria da *ordem da Palha e os cavalleiros do Cão!*

Depois d'isto, queremos transcrever, e sómente com breves notas.

Ao dr. Avelino Callisto dirigiu entre outros de equal affronta, os seguintes trechos modelares no seu genero :

«... *sebenta*—uma sargeta de esgotos do corpo docente. A digestão intellectual dos capellos em jurisprudencia, lá dentro, só se póde conhecer fóra pela *sebenta*. A fama d'elles não sopra pelo clarim de prata refulgente. Assim que transpõe as barreiras, aquella Tuna Coimbrã, maltrapilha, de tregeitos garotos, faz da *sebenta* uma trombeta, e vem corneteando por ahi fóra. As lithographias, fecundadas pelos doutores, gemem uns partos sujos, que depois de grudados vinte e quatro horas nos cerebros, em formação e em formatura de alumnos, são sacrificados á Venus cloacina.»

E' injusto, em regra; mas litterariamente não é só o que é justo que se manifesta artistico.

«Afinal este doutor é mais um dos ignorantes maus da quadrilha formidavel que me sahiu quando eu já ia no fim da estrada, estropiado, amparado no bordão do caminheiro que vem de uma assaz trabalhosa perigrinação. Os scelerosados timbram em não me deixar morrer correctamente com o meu amollecimento de cerebro.»

Era a chorata do costume, sobre a sua decrepitude. Tinha seu quanto, embora o epilogo da vida lhe fosse um martyrio, de *doente imaginario*.

Aos 36 annos já elle escrevia *que estava velho*, quando a vida, a verdadeira vida, ainda para alguns começa depois!

«O doutor espalhou o seu folheto gratuitamente. Foi um acto de consciencia; porque o papelucho, sendo vendido por dez réis seria uma fraude escandalosa; e ainda, de *graça*, é uma embaçadella á curiosidade publica, á qual o folheto é dedicado. Como defeza da sciencia do cathedratico, é deploravelmente prudhomesco o opusculo; como justificação da sua probidade, é a diagnóstico de nevrosismo encephalico—ameaça de lesão em qualquer bossa de primeira grandeza.»

«E' da escola generalisadora que faz dos homens manequins providenciaes, impressionados por forças latentes, sem arbitrio, e portanto sem responsabilidade. O homem, de per si, quer seja Tito, quer seja Calligula, S. Luiz ou Luiz XI, D. Duarte ou D. João II, não opera segundo as suas bôas ou más paixões, nem se sente palpar ou mover por suas geniaes inclinações. E' um instrumento, a manifestação de uma lei predestinada *ab eterno*—a engrenagem inconsciente da machina social. Usurpam á virtude os seu louros e ao crime a execração da posteridade. Andam sempre ao lambisco de cousas abstrayas para concatenarem episodios sem significacão ou acontecimentos casualmente assombrosos. Alexandre, Cesar, Napoleão são resultados de elaborações seculares que tombaram no ^{estio} da humanidade á hora prescripta.»

O dr. Callisto, pouco positivo, muito metaphisico, não era no entanto da raça d'estes generalisadores; mas como Camillo pretendia que elle assim fosse, a critica está bem para o facto d'elle ser assim.

De resto, o que é o homem, tanto o sabia o professor como o romancista, estando o problema ainda á espera de *escola* que estabeleça a solução *definitiva*.

Continúa :

«Os historiadores das generalisações, subordinando ao seu proprio temperamento, pautariam um mundo em que as gerações humanas são ondas que se encapellam ou desdobram murmurosas sob a influencia da lua.»

Ha que distinguir. Podia ser assim Michelet dentro do seu sectarismo. Era assim Oliveira Martins, tirando muitas vezes as permissas das conclusões, em vez de seguir a regra da escolastica de todos os tempos, que manda o contrario. Não era assim Herculano, na parte minima em que generalisa, nem assim era Guizot, que quando não auctorisava as generalisações com a prova dos factos, dava a *sua palavra de honra* de os ter averiguado, como base necessaria para formar a *synthese*.

«Bater a bom porto, saber a regencia que o caso pede, muito em familia, etc. E' e calão dos pimpões que resvalam com um piparote quinado o feltro para a nuca, dão aos braços e aos quadris o alor da investida afadistada, e bātem o

pé á frente em arranque de marujo na expansão bravia do seu vinho.»

Como quadro, é completo !

Para o novo contendor, José Maria Rodrigues, não é mais benevolo.

Como que em desafio :

«Querem retirar-me, porém não posso, em quanto me illudir a expectativa de que o theologo aprendiz seja reforçado pelos mestres. Faço de conta que para trepar á assomada da serra banhada de oxigenio e sol, preciso palmilhar uma viella pedregosa, com sapos e salamandras, lamacenta e bravia de espinhaes.»

Chega a parecer que queria brigar com a Universidade !

«... um theologo intupido, com os siphões obstruidos e as torneiras oxidadas, pode desflagnar-se em estilhaços de asneiras que firam de recochete o *Corpus Theologiae*, barriguda matrona que deu á luz tres filhas, notaveis seremas,—a *Polemica*, a *Dogmatica* e a *Lithurgia*. Tambem deu a *Moral*; mas essa, a moral dos pastores d'almas, desde que elles começaram de pastar nos corpos das ovelhas, bateu as azas e

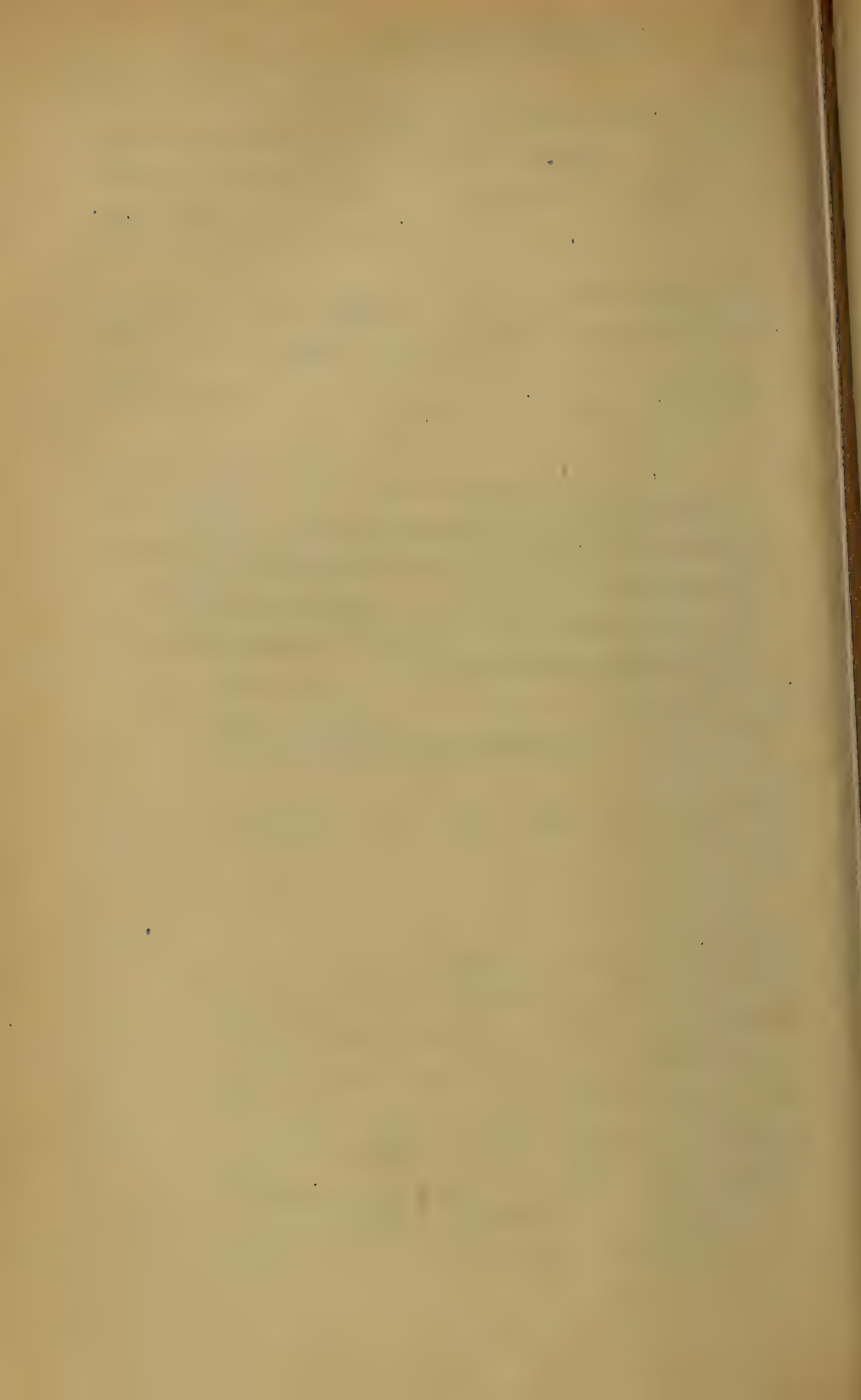
voou, como o negro melro da cantiga, e divaga nas amplidões do empyreo, em grande reinação, com o Larraga, e o Buzembau e o padre San-ches.»

Admirem sómente, aqui, o prosador, e não o comparem com o auctor das *Duas épocas da vida*...

E avaliava assim o plumitivo :

«N'uma linguagem que releve a penuria literaria, nem sciencia que indulgenceie a elocução charra, arrastada, de um trivialismo pifio, com um ranço perenetico de vigario sertanejo, sem resalto que nos dê a lucilação fugidia de um relampago de habilidade.»

Desancava, mas tinha levado tambem.



No Bom Jesus do Monte

E' mais um livro d'aquelles que nós classificamos de *miscellaneas de Camillo*.

Trata-se de paginas de recordações—saudades de dias tristes e dias alegres, que o auctor sentiu com o seu coração e o seu espirito em diversas épocas da vida, na formosa estancia assombrada e gorgeiada, que atravessando cinco seculos, foi por de certo das melhores bôas obras que deixou a perpetuar-lhe a memoria o Arcebispo D. Jorge da Costa, o celebre Cardeal Alpedrinha, que em brigas entrou, triumphando, e que das mais altas dignidades se revestiu no regimen da Egreja Catholica.

E' um livro de episodios, alguns em tom de novella, não obstante se referirem a factos e acontecimentos de muita realidade nos incidentes da sua vida acidentada, e da vida de quantos, participantes em mais ou menos do seu temperamento e do seu meio, lhe viveram em derredor gravitando. Porque Camillo, tambem na mocidade irrequieta como na decrepitude enferma, foi astro dominante de muitos sattelites, dando luz para uns, dando sombra para outros, tornando-se a vida mais intensa-

mente vivida do meio social que lhe foi contemporaneo, e que lhe quiz bem e lhe quiz mal.

Por muitas vezes foi em procura do socego e tranquillidade—não encontrando, por certo, o que tanto desejava, por que elle nem podia encontrar a tranquillidade nem o socego no Bom Jesus do Monte, como o não podia encontrar em qualquer parte na velocidade adquirida das suas caminhadas de Ashawerus.

‘Mas de algumas d’essas jornadas, se não de todas, tirou notas, dando á publicidade as que nós conhecemos, ficando por ventura ineditas muitas outras, quando aliás de Camillo *nada se devia perder*.

E a respeito dos ineditos de Camillo abramos aqui um parenthese, aproveitando a oportunidade de termos fallado dos ineditos do escriptor primacial, que ainda não encontrou um devoto, como mereceu Castilho, que tudo lhe aproveitasse para uma edição definitiva do seu trabalho.

Onde param esses ineditos? Quem os possui, este uns, aquelle outros? Quem se encarrega, systematicamente, indefessamente, de lhes descobrir o paradeiro? Quem os commenta? Quem os edita? Quem salva da morte, a inutilisação, o que tanto direito possui á vida, á publicidade? Quem presta á historia litteraria d’este paiz o relevantissimo serviço de trabalhar para que nem uma só pagina se perca das muitas que porventura escapassem no naufragio da sua existencia e ao cataclismo dos seus descendentes?

Que a empreza que se inicie, e que é mister e urgente iniciar, seja levada ao fim *possivel* por algum dos *novos*, dos raros que desoprimidos da preoccupação da novidade, tenha a consciencia que se faz pelo criterio

justo, de que nos livros preciosos de Camillo ainda se encontrará, para muitas gerações, a reflexão real, a genuína reflexão, do modo de ser especialissimo *da vida portugueza*, talvez a mais amalgamada, pelo facto de nos encontrarmos n'este extremo do mar europeu, de tradições de muitas raças.

Ainda agora em França, como acontecesse organisar-se o gremio dos *futuristes*. . . musicaes, mirando certamente á *musica celestial* de que costuma fallar um nosso general cheio de espirito e graça; ainda agora, a este proposito nephelibatico, um critico de bôa feição se lhe referia assim :

«Je bien peur que la musique futuriste ne soit que du futur passé.»

Fechando o parenthese, e achegados do assumpto, apontemos que as memorias do Bom Jesus, que n'este livro se registam, são referentes aos annos de 1835, 1850, 1852, 1853, 1855, 1856, 1858, 1860 e 1863.

Como se vê, nós procuramos ser minuciosos, na convicção de que o facto é o mais poderoso dos auxiliares do commentario, que por si pouco ou nada vale quando se não ampara convenientemente.

Vamos, pois, caminhando por partes, merecendo especial menção, desde logo, a *dedicatoria* a Francisco Martins Gouveia de Moraes Sarmiento, o benemerito excavador da Citania, sabio e modestissimo archeologo, em que se encontra este periodo, que é necessario apartar, como tendo uma significação muito de ponderar-se :

«A minha ambição é possuir uma arvore, que me cubra com um pavilhão de folhas a casa de sete palmos, que hei de comprar n'um cemiterio,

onde os meus vizinhos não tenham epitaphios que façam rir os visitantes.»

A' parte o humorismo, que mais relevo empresta ao texto, queiram vêr, sobre tudo, n'esta passagem a *expressão da sua vontade*, com respeito á moradia, que por mau sestro inveterado se costuma chamar *ultima*, como se não estivesse provadissimo que os civilisaoeiros que amanhã pousios para as gerações futuras andam sempre aos trambulhões com os mortos, não escapando, sequer, alguns dos que procuraram abrigo nas Pyramides!

Mas, pelo maior espaço de tempo que seja permittido pelas gerações dos referidos cavalleiros da Ala do Progresso e da Sciencia, mettam os restos mortaes de Camillo n'essa casinha dos seus modestos ideaes. E já que elle a não construiu, construam-lh'a; e já que elle não plantou a arvore, vão dispôl-a, cuidando-a com esmero, para que ella dê a sombra appetecida dos seus sonhos!

Tiraram Herculano da sua Azoia. Trouxeram-o para Lisboa, de onde elle fugiu.

Fizeram mal.

Elle, se voltasse á vida, protestando, diria que lhe era preferivel o destino do seu companheiro das lutas liberaes—José Xavier Mousinho da Silveira—, que quiz, e alcançou, dormir o somno eterno *entre gente que lhe fôra agradecida*, no pobre cemiterio de Margem, no Alto Alemtejo.

Sim, o eden do Minho está feito para que elle ali fique para o *sempre* dos sempre possiveis. Construam-lhe a *casinha*; plantem-lhe a *arvore*, e deixem-se de *Pantheons*.

Está fechado o novo parentese, e continuemos com os factos.

.....

Aquelle anno de 1835 representa o da primeira visita que elle fez ao monte sagrado. Tinha nove annos, e estava orphão de mezes, tendo-lhe morrido o pae, e ficando quasi ao desamparo em Lisboa.

Foi mandado para Traz-os-Montes, a ser entregue aos cuidados de uma tia, acompanhado de sua irmã, e de uma criada, Carlota Joaquina, de quem refere pormenores curiosos dos seus prosperados amores.

Mas de *tão verdes annos*, ainda assim arrancou da reminiscencia infantil um episodio commovente : o facto de um brazileiro, seu companheiro de jornada, se declarar á velha mãe, quando ella cuidava receber a visita de um desconhecido.

E o Norte—recouto dos fieis da tradicção nacional—deve estar tão cheio de contares d'estas scenas commoventes de amor santissimo !

A sua jornada de 15 annos depois, ou fosse em 1850, traz-lhe á memoria a sua mocidade dos 24 annos em flôr, rotouçando por ali de camaradagem com D. João Azevedo, o malogrado escriptor, e de Jacintho Navarro de Andrade, educado na côrte de Queluz, como sobrinho do Barão de Sande, medico da Real Camara.

Aquella vida de rapazes tudo é referente á versos, a mulheres, a politica, a philosophias e amores, mas tudo isto rendeu tão pouco ou nada para D. João de Azevedo, que elle morreu em Lisboa sem deixar em que se immortalhasse, sendo Rodrigo da Fonseca Magalhães, de quem o morto illustre *fôra acerrimo accusador*, que encarre-

gou por carta a José Carlos de Freitas Jacome de lhe custear o enterro. (1)

Rodrigo da Fonseca *morreu mal conhecido*, e é verdade.

Em 1852 trouxe do Monte para a escripta a chronica de uma menina, Aldonsa Lourenço, que ali estava veraneando com um seu tio venerando, homem de muita seriedade, que a interrogava assim a respeito de uma certa figura do repucho :

«—Por que terá aquelle mono duas caras, não me dirás?

«—Eu sei cá, tio!

«—Aquillo a meu ver mostra que já no tempo do bofelhas havia homens de duas caras; havia de ser periodiqueiro aquelle figurão que ali está!»

Havia e mais havia!

Por falta de abundancia de termos? De fórma alguma, porque a repetição era proposito de pintar ao natural o estylo do sujeito.

Com esta menina Aldonsa entreteve o auctor no cultivo de namoricos, até que lhe chegou noticia de que a moça esbelta *se casara com seu tio*.

Custou-lhe, mas retemperou-se e curou-se com leituras do *Dom Quixote*.

(1) A este *escrivão-escriptor*, como lhe chamava Almeida Garrett, que aos 80 annos ainda escrevia folhetins no *Diario de Noticias*, nos referiremos em livro onde nos occupamos de Rodrigues Sampaio, Antonio de Serpa, Barjona de Freitas e outros homens eminentes da politica contemporanea.

Volta no anno seguinte, e encontra-se com Paulo de Barros, da casa de Simões e convencionado de Evora Monte, que lhe traça o quadro triste da sua familia desolada no periodo das sangrentas lutas dymnasticas.

Ficaram-lhe na guerra seu pae e seu irmão, e sua santa mãe, quando sabe dos desastres; morre quando elle, vindo da rendição, transpunha os humbraes do seu sollar.

Este Paulo de Barros, por effeitos da propria tristeza, apaixonna-se de raiz, serodiamente, de Adriana de Vasconcellos, mas, ainda mais que o marido na concorrencia, encontra pela frente um competidor que *possuia a mais fina luva e o brilhante polimento que mais têm distinguido um alfenim da Praça Nova.*

E triumpho o polimento, é claro.

Falla-nos de José Augusto Pinto de Magalhães, que já apresentára no livro *Vinte horas de liteira*, e este personagem, real e verdadeiro, é tão complexamente psychologico, com tantas e tantas modalidades no seu *eu*, que parece impossivel que Camillo, com todo o seu material, não bordasse, sobre a sua individualidade de excepção, um dos seus principaes romances, por ventura o melhor de todos!

Vem a ser nas suas originalidades sentimentaes, paixões e caprichos, uma segunda edição aperfeiçoada do seu *Guilherme do Amaral*, que de resto lhe rendeu, e sem esforço, para tres romances completos.

No entanto a acção principal é muito singela e simples: José Augusto foge com Fanny Owen, depois de se ter mostrado amoroso de sua irmã Maria. Pouco mais ou menos uma das situações de Goethe, que no entanto amava com mais largos horisontes—os do scepticismo.

Mas de Fanny possuia cartas, aliás innocentes, um hespanhol de nome Fuentes, e estas epistolas foram ter ás mãos do rapaz.

Não obstante casaram, mas vivendo como irmãos, n'um drama muito intimo, n'uma existencia, ou antes em duas existencias perdidas. *Não altercavam, não choravam, nem se riam.* Mas pouco tempo durou o cruel martyrio: Fanny morre reconciliada com a mãe.

A causa da morte?

Está n'esta phrase do protagonista:

— Mataram-a as cartas que me enviaram.

O medico Joaquim José Ferreira—um clinico de muita fama e procura, que dava para a descripção de meio seculo social da vida portuense—, depois de presidir ao embalsamento da desditosa, disse a Camillo:

—«Virgem, como se nunca sahisse do regaço de sua mãe!»

O cadaver da pobresinha foi recolhido n'uma capella do sollar dos Camellos, e o seu coração guardado em urna de alcool, morrendo José Augusto, poucos dias volvidos, em Lisboa, sendo enterrado em cova rasa no cemiterio do Alto de S. João.

As referencias ao anno de 1855 encontram-se em uma carta dirigida a Evaristo Basto, o valente redactor do *Nacional*, que andou aos trambulhões nas lutas partidarias dos periodos tumultuosos de 1840 e 1850.

N'essa carta ao amigo intimo recorda o tempo que ali passaram juntamente com os dois irmãos Barbosas, José e Luiz.

A proposito de jornalista, define assim a rameira da politica:

«Baleia medonha, de onde ainda não sahi nenhum Jonas inteiro.»

E fallando dos velhos, que são olhados de uma maneira especial pelos novos, observa :

«E' ainda um bem, este de sermos olhados como estatuas esbrocinadas do adorno mythologico d'algum largo vetusto.»

Em 1856 torna-se portador acomodatício de correspondencias amorosas, porque um apaixonado desconhecido, confiante como todos os cegos do amor, sabendo da sua jornada de recreio, sem preocupação de offender melindres, encarrega-o de levar á mulher dos seus anhelos, que se encontrava com a familia no Bom Jesus, estas palavras symbolicas: *Vergis mein nicht*—ou seja *lembra-te de mim*—, nome da flôr querida de A. Karr e A. de Musset, que no seu processo litterario só podiam estar de accordo na estimativa e predilecção das flôres.

Mas encontrou a menina muito alegre, *como lavadisca a saltar de moita em moita*, acolhendo de muito boa feição os requintes e requebros amorosos de um janota *com as quatro portas abertas do seu coração*.

Por fim, sabe que elle se consorcia com um primo rico, e pelos modos o apaixonado ficou triste e inconsolavel para os restos de sua vida.

Recortemos d'este capitulo :

«Uma mulher não se mata. Se ella é infame, untam-se-lhe os degraus da escada para ella resvalar mais cedo ao abysmo.»

E' pouco misericordioso o conselho. No resvelamento, é melhor deixal-a ir, sem lhe dar o empurrão fatal.

Mais, e com muito melhores intenções :

«A Providencia vinga as offensas que postergam os deveres sociaes, inferidos dos preceitos divinos.»

A estada de 1858 apenas lhe produziu nenias tristes : recordações de uma mulher amada que morreu e com quem sonhou.

Tristezas em prosa e verso, valendo mais a prosa que a poesia.

Em 1860 vai muito bem acompanhado, juntando-se com Francisco Martins Sarmiento, voluntario *quinhoeiro das suas tristezas*.

Em perigração sentimental, procura a arvore onde annos antes abrira a inicial de uma mulher estremecida... então, quedando-se absorto perante aquella escriptura de amor.

Mas quem foi que não fez o mesmo, nos bellos tempos doirados da mocidade poetica ?

Por nossa parte, até perpetrámos a seguinte quadra :

No tronco d'um verde platano
 Esculpi teu nome lindo :
 Tenho ciumes da arvore !
 Vai teu nome consumindo !

Por esse tempo encontrava-se tambem no Bom Jesus a notavel actriz dramatica e tragica Emilia das Neves, que, pela figura e pela voz, mais do que pela intelligen-

cia, tinha nascido para os grandes reportorios, fazendo quasi tudo por intuição.

Pelos modos a *linda Emilia*, como lhe chamavam, unanimes, os admiradores, dava beija-mão sob o docel das arvores seculares, e Camillo, mais desrespeitosamente do que era permittido, traçou ironias pungentes sobre a sua magestade artistica, e fazendo-lhe comparações com a infeliz Manuela Rey, a quem dá os fóros d'essa realeza, conclue em these geral sobre as mulheres de theatro :

«A estas mulheres basta dar-lhes dinheiro : não se lhe beijam as mãos.»

A these é por demais injusta em absoluto, por que muitas, além das que guardam a sua virtude, são victimas dos sentimentos que representam, reflectindo-se nos seus, mas tambem no caso particular pode interrogar-se : em que cousa minima o grande Camillo teria sido melindrado por Emilia das Neves ?

N'esta altura nos dá elle mais uma das suas dissertações, sobre a significação e character das *lagrimas*, desfazendo com a prosa scientifica na poesia que sempre anda ligada a essas lagrimas na apreciação dos factos que as fazem chover dos olhos.

E' esta :

«Ha um chorar aviltador e um chorar nobilitante. Que tem de inverosimil a diversidade da origem dos prantos ? As lagrimas da mãe, que aperta aos seios a frialdade de um filhinho morto, correm da mesma glandula que as dá a raiva

do orgulho ferido d'essa mulher? Diz a physiologia que sim. Curvemo-nos á razão physiologica.

«Abramos o nosso *Nysten*, edição de 1858, paginas 799:

««Chamam-se lagrimas um humor excrementicio...»»

«*Humor excrementicio!* Santo Deus!

«Continuemos!

««... que lubrifica o globo de olho e lhe facilita o mover-se na orbita.

««As lagrimas enverdecem o xarope de violeta, e, evaporadas, dão chrystaes de chlorureto de sodium, encrustados d'uma especie de mucus, e tambem encerram phosphato de cal e de soda.»»

«Ora aqui está.

«Diz um homem, na sua melhor boa fé, á mulher que ama:

«—Choro! Vê n'estas lagrimas a minha alma, e condoe-te.

«Se a mulher leu, por infausto acêrto, o *Nysten* ou que tal expositor de verdades cruas disse, responde-lhe:

«—O que tu choras, homem, não é alma: é humor excrementicio, é chloreto de sodium, é mucus, é phosphato de soda, é phosphato de cal.

«Isto é de matar a paixão, e de seccar as glandulas nobres e as infimas!

«Moralistas! dae um compendio de sciencias naturaes para uso dos collegios de meninas.»

Esse compendio já o tem, de certo, os collegios e as meninas que os frequentam, e em sabedorias de *Nysten* ou outros que taes expositores de verdades cruas, devem ter completa e acabada a sua formatura distincta e premiada de *abelhas mestras*—sem offensa para as abelhas dirigentes dos cortiços.

Chega o anno de 1863. Está com os seus 37 annos. Encontra-se, a grandes haustos, na plenitude da sua vida phisica, embora se diga e sinta doente, fallando mais da doença do que sentindo-a. E então, n'esse anno do Bom Jesus, não lhe dá para novellas, nem para episodios de amor, nem para pessimismos criticos : faz chographias, dando curiosas notas historicas sobre a edificação do templo erguido sobre o antigo monte *Espinho*, parecendo que o Omnipotente, em região linda, quizera preparar o throno de alta serra, para n'elle se erguer o altar onde fosse adorado !

Depois de finda a chronica das suas jornadas, volve, ainda mais saudosos, os olhos atraz, e recapitula.

Lê e medita, sobre as contingencias d'esta vida de dois dias, um trecho da *Chave do Enygma* do seu mestre Castilho.

Lembra-se da sua criada Carlota Joaquina, d'aquella com quem sahirá pobresinho do seu lar apagado, e que prosperara pelo amor.

Lembra-se de sua irmã, a quem, em muitos dos seus livros, dedica referencias sentidas.

Lembra-se de D. João de Azevedo—d'essa alma de fogo que se consumira n'um incendio de paixões de toda a ordem.

Em summa, recorda-se, e de certo por entre lagrimas, que não eram *humor excrementicio*, de todos aquelles

com quem ali vivera na paz e quietação que os seus nervos, doentes do nascença, lhe podiam permittir.

Depois desce cá abaixo, a Braga, á cidade, e assiste ao funeral de Fr. João da Neiva, um futuro santo do *Agiologio* Portuguez, á espera de um Jorge Cardoso que o continue... se encontrar por onde.

Interroga sobre a biographia do homem.

Respondem-lhe:

—Praticou a virtude.

Pede pormenores, factos concretos e precisos d'essa pratica do bem.

E os informadores, sem se desconcertarem, dizem-lhe, não lhes sendo possivel apartar parcelas na unidade de uma vida santa:

—Praticou a virtude sempre.

Não podiam dizer mais. Ficava dito tudo.

E então, o grande escriptor ajoelhou, e orou.

E acrescenta:

«Eu não tinha lagrimas, e a bemaventurança é promettida aos que choram. Quando ellas me refrigerarem os olhos adustos ainda de remirarem as lavaredas do seu inferno, então voltarei á sepultura do virtuoso.»

E' mais que certo... que não voltou, mas a impressão recebida ficou registada em toda a magestade do seu sentimento.

Fecha aqui o livro, mas n'elle temos ainda bastante que folhear, fazendo transcripções de passagens que não podiamos esquecer.

Diz elle assim do seu feitio moral, o que aliás deve

ser do feitio moral dos poetas verdadeiros—se ainda os ha, duvida que é de formular-se desde que a poesia se transformou quasi exclusivamente em litteratura :

«Eu escondo-me de toda a gente quanto me sinto poeta. Em cousas materiaes é que me exponho francamente, para que toda a gente me tenha em conta de barro commum.»

Vaidade e ironia : uma e outras, justificadas.

«Ser tolo—má coisa; ser mau—é coisa peor; mas quem poder livrar-se de ser ao mesmo tempo mau e tolo, seja antes mau.»

«Os tiros do odio, podem ferir; mas assanham os brios e dão azo á victoria; mas os tiros do escarneo, matam sempre.»

«Ha sujeitos que dariam 10 volumes a um engenho meão, e seriam deficientes para 10 paginas da *Revista Contemporanea*.

«Teem de seu os maridos o privilegio de se fazerem conhecer sem dependencia de apresentação.»

«O pudor da velhice faz os milagres da renunciação. A desgraça é commum a todos os homens. O ridiculo é que não.»

«O anjo que foge do seio de sua familia, deixa lá dentro as azas, e fóra de portas a mulher.»

Temos aqui de tudo. N'estes conceitos pode encontrar-se o criterio de uns poucos de escriptores, porque elle synthetisa todos os aspectos da vida e das relações que com ella estabelece a litteratura.

Os seus livros, manifestamente ensinam muito.

Encontramos n'elles, juntas, as observações que os outros homens, e com esforço, vão fazendo por parcellas.

Cartas

Cartas de Camillo! Já d'ellas démos noticias circumstanciadas quando escrevemos sobre a *Correspondencia epistolar* com José Cardoso Vieira de Castro.

Mas essas cartas, trocadas com o tragico infeliz, representam apenas uma das variedades que se podem apartar na sua maneira de trocar impressões e sentimentos com as pessoas da sua intimidade effectiva ou litteraria.

As cartas dirigidas ao *condemnado* vieram-lhe do coração, embora ás vezes pareçam, em uma ou outra passagem, terem alguma cousa de sobreposse e rhetorica. As da outra variedade veem a ser aquellas que esparsamente teem sido impressas em artigos e livros de occasião, mas em que falta a unidade do seu espirito em uma feição definida, podendo assim ficar de fóra, sem grande falta, do nosso inventario e das intenções geraes a que elle obedece.

Conhecemos uma grande parte d'esses documentos, mas com este character accentuado, caracteristico da sua causticidade, as que se nos afiguram mais individuali-

sadas, são as que foram dirigidas ao fallecido escriptor Silva Pinto, e de que este publicou menos de metade das que possuia.

O leitor conhece cartas *selectas*, das que servem para testos classicos de portuguez, ou de lingua que com esta... tenha parecenças.

Conhece as cartas de Cicero, monumentos de oratoria, declamadas, por ventura, primeiramente na solidão do seu gabinete, e lançadas depois ao pergaminho.

Tem conhecimento das cartas apregoadas de Mad. de Sevigné, de Voltaire, de Voiture, de Balzac, e até de Napoleão I, que sabia cultivar com interesse a especialidade epistolar,

Mas não se tracta agora de escripta que se aproxime de qualquer modelo.

São cartas de Camillo: uma impressão de momento que no momento seguinte se escreve e que no momento que se segue se apaga tambem; uma ironia, despertada por uma sociedade, por uma instituição, por um homem, por um facto, por um episodio, por uma alegria, por uma tristeza, por um qualquer incidente da vida; lagrimas que queimam; sorrisos que se desprendem; saudades que se aviventam; phrases que apunhalam estes e que engrandecem aquelles...

De cartas assim é que não temos noticia de outras que lhes sejam parecidas, e todos quantos possuíssem cartas de Camillo, uma, algumas, poucas, muitas, deviam entregal-as ao encargo de alguém, que auctorissadamente lhes dêsse publicidade.

Mas tratando-se de Silva Pinto, vêm de molde algumas considerações a seu respeito.

Fomos intimos em 1872 e poucos tempos depois, Poucos tempos...

Estando em Lisboa por um mez, vivemos de companhia—embora elle tivesse hospedagem para as bandas da Patriarchal—em uma casa da rua dos Douradores, no andar mais proximo do ceu azul, com Leão de Oliveira e Francisco Figueira, de Portalegre, que fazia o seu curso de veterinario, e que não sabemos se ainda vive.

Era no anno em que se publicava o *Espectro de Juvenal*, redigido pelo mesmo Silva Pinto, e por Gomes Leal, Guilherme d’Azevedo, Luciano Cordeiro e Magalhães Lima.

Todos iam ali, e Magalhães Lima tambem, de passagem em Lisboa, á casa da rua dos Douradores, e todos eram certos, á noite, no Caffé Martinho, do tempo do criado Valentim de nariz judaico, onde mais se fallava da politica da litteratura que da politica consagrada dos regimens e dos partidos.

O Espectro de Juvenal!

Faça o leitor idéa de qual a orientação d’esse pamphleto por alguns periodos do seu prefacio :

«Leitor burguez, que lanças mão d’esta revista, esperando encontrar aqui um corretor dos teus negocios, mais um emoliente das tuas horas de irritação, alguma cousa complementar da chavena de café, tomada ao cahir da noite, nos botequins :

«Operario, que julgas encontrar em nós mais um grupo de cortezãos, que saudem em ti o sol nascente e esperam fazer brotar do connubio da.

da tua força e da tua ignorancia, o seu bem estar, e, quiçá, a sua elevação :

«Militar, que buscas n'estas linhas um apello ás tuas insubordinações frequentes e um apello ás tuas bellicas intervenções nos negocios publicos:

«Litterato official, que nutres a esperança consoladora de encontrar aqui um ecco do teu psalmodear lyrico—erotico—resmungão e das tuas conspirações contra o trabalho alheio :

«Liberalões corruptos, que esperaes ouvir a nossa voz associar-se ao côro dos que celebram as bachanaes de qualquer partido vosso :

«Falsos republicanos, democratas *ad hoc*, que envergonhaes a causa dos povos, e que, justificando as espectorações de Sardou, contaes com o nosso apoio :

«Legitimistas, atacados, inconsciente, ou systematicamente, por uns que valem menos que vós, e de que não confiariamos, talvez, a nossa magra bolsa ; partidarios das velhas tradicções, que julgaes ver em nós um novo agressor inconsciente e irreflexivo :

«Vós todos, que esperaes vêr surgir um novo apostolo da falsa ordem que mascara a immensa podridão, mais um apologista da Rotina, do Erro e da Mentira, mais um grupo de vendilhões que offerecem *bôa doutrina* em troca de um *bom emprego* :

«Passae ao largo ! Erraste o vosso caminho !»

O facto é que a prefaciação condizia com o texto da

revista, embora n'ella houvesse pessoalismo em demasia, acabando a vida ephemera ao 6.º numero.

Depois d'essa convivencia intima em Lisboa, e tambem em Coimbra, onde Silva Pinto foi passar uns dias, e tambem ainda no Porto, para onde elle foi collaborar no *Diario da Tarde*, passando a seguir para a *Actualidade*; depois d'esses tempos... de *fraternidade litteraria*, o pujante escriptor começou a escrever em mal de nós—nunca apuramos a razão!—a proposito de tudo, acontecendo o mesmo com Magalhães Lima, de quem elle se dizia *affectuosamente irmão!* Até aconteceu que de uma vez, e no mesmo jornal, na *Folha do Povo*, salvo o erro, nos descompunha em geral, e em particular nos dirigia os mais entusiasticos louvores em referencia a um artigo, sobre o celebre processo do alferes Marinho da Cruz, artigo que... ignorava pertencer-nos!

Casos estrambolicos da vida do jornalismo!

Eram desequilibrios d'aquelle extraordinario talento de homem doente, com extremos de amor e odio, melindrosissimo nas suas affeições, soffrendo até á expansão injusta e amargurada, quando por desconfiança cuidava que lh'as tinham ferido, ainda que de leve fosse!

Enorme talento de escriptor, a quem só faltou, para que a sua obra fosse grande, a disciplina do espirito, desarmonico entre a intuição e o conhecimento em que não punha a ordem da preparação pelo estudo!

Essa inimidade da sua parte durou dezenas de annos, mas findou poucos mezes antes da sua morte, pois que encontrando-o encostado á parede junto do portão do Arsenal, á espera de um electrico, velho e alquebrado, sombra d'aquelle vivacidade que lhe enchera toda a phisionomia caracteristica, sentindo em nós a saudade

da nossa mocidade, nos dirigimos para elle, abrindo-lhe os braços e dizendo-lhe :

— Pois isto ha de durar sempre, Silva Pinto !

E elle encostou-se a esses braços que se lhe abriam com as lagrimas nos olhos, de onde já viramos cahir muitas outras quando, quasi sós, nos encontrámos junto do coval onde ia ser lançado o cadaver de Eduardo Barros Lobo, o chronista *Beldemonio* do *Diario Illustrado* !

.....

Na furia iconoclasta, Silva Pinto havia investido contra Camillo, na preocupação do ataque contra os *litteratos officiaes* de que fallava o *Espectro* citado, principalmente no diario portuense a *Actualidade*, de Evaristo de Moraes Sarmiento; e Camillo, que nunca ficava a dever nada a ninguem n'estes recontros, cahira-lhe em cima com a clava esmagadora da sua prosa valente !

Como exemplo, arrancamos o final de um pequeno artigo incerto nas *Noites de Insomnia* sob o titulo *Ecce iterum «Silva» Chrispinus* :

«Sem impedimento d'estes e d'outros anteriores e ulteriores furunculos de aposthema intellectual, proponho á Academia Real das Sciencias este sr. Silva... para varredor.»

Mas os ressentimentos desapareceram, passando Silva Pinto de um extremo a outro extremo, e do facto deu Camillo testemunho explicito no prefacio que escreveu para o livro *Combates e criticas* :

«Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um encontro de polemistas assanhados, em

que ainda assim não houve derrotas nem triumphos.

.....

«Volvidos annos, vio-o e ouviu-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra de ressentimento, porque ambos tínhamos sido injustos.»

Pois é das cartas dirigidas por Camillo a Silva Pinto que n'este capitulo se trata; cartas em que se encontram periodos *camillianos* do mais intenso pensamento, no maximo em que este pode ser expressivo.

Vamos ver.

Com ressaibos de regenerador que fôra em tempos de jornalista, dedicando livros a Fontes Pereira de Mello e a Antonio Rodrigues Sampaio, faz d'estas referencias politicas em 1880:

«A derrota dos progressistas (1) é monumental e singular nas lutas d'este meio seculo de liberalismo. Só um Christo faria ressurgir o Lazaro, a menos que o Lazaro se não converta á Republica e possa arrostar uma batalha nas ruas.»

Em sentido bem opposto, dá-nos este trecho da vida intima:

«Minha filha, quando estava no convento da Ave Maria, um dia mandou-me a carta que es-

(1) Camillo fôra companheiro de casa do sr. José Luciano de Castro, no Porto, quando este ali escrevia no *Jornal do Porto*, e parece que d'elle tinha ressentimentos.

crevera ao namoro, e ao namoro a carta que escrevera ao pae. Eu devolvi-lh'a, e disse-lhe que não fizesse correspondencia d'um folego, para se não equivocar com os destinatarios.»

Dá-nos uma informação sobre o commercio editorial, que Balzac maravilhosamente descreveu :

«Creio que não terei editor para o meu livro *O Marquez de Pombal*. E' providencial isto, para que eu não tenha de ser agraciado com algumas datas de besta e jesuita.»

E mais ainda se não escrevia *jasuita*, como n'este tempo de muitos progressos criticos!

Faz observações de politica geral :

«A Democracia não arranja um santo serio para o seu Martyriologio. Ella tem contra si o descambar na canalhocracia, quando quer derubar á porrada os alexandrões.»

Passa a fazer socialismo . . . litterario :

«Ha pouco ri-me com lagrimas. Depois de saber que a Sarah Bernhardt tinha na cabeça o valor de sessenta contos, ou de oitenta, segundo outros joalheiros, li o inventario do espolio de Guilherme de Azevedo, a quem por causa do espolio não apparecem herdeiros, e li tambem que no guarda roupa do Bispo de Vizeu havia uns calções usados de saragoça,»

Debica na poesia por effeito do appetite dos poetas :

«Encontrei no Mary Castro (1) o Guerra Junqueiro. Comia bifés do tamanho dos seus alexandrinos e bebia como o seu Dom João.»

Explicando, por ventura, os seus azedumes e irritações, que de vez em quando, conforme as circumstancias, mudavam de aspecto e de objectivo :

«Nós, os fadados para o vicio das letras, precisamos espremer de vez em quando os furunculculos do espirito. Os furões, se não se lhe espremem umas glandulas que teem ao pé do anus, criam posthema.»

Camillo fôra caçador. Ainda sob este seu aspecto se publicou ultimamente um excellente artigo no jornal *A Caça*, e d'este seu *sport* da mocidade por serras tras-montanas trouxera a lição dos furões para regra das lutas pela vida.

Aproveitava tudo a proposito.

Dando um exemplo do espirito interesseiro das chamadas *bôas qualidades* :

«O senso commum é um bem ordenado egoismo; e todo o homem que descamba da linha recta da subjectividade e se aliena dos dois *Eus*,

(1) *Mary Castro* era o titulo de um hotel que havia no Porto, á esquina das ruas Sá da Bandeira e Laranjal. Este hotel tem hoje o nome de *Universal*.

é um asno, mórmente se padece de rheumatismo.»

Para final, um quadro de lagrimas :

«O Jorge não dorme ha cento e tantas horas. Veja quaes serão as minhas! Ha pouco me dizia elle, lendo uma pagina da *Corja* :

«—Se isto assim vai, d'aqui a pouco...

«—D'aqui a pouco o quê?

«Pedi-me licença com o chapéu na mão, e continuou :

«—D'aqui a pouco, escreve-se:—«Senhoras traquejavam ; peidos ouviam-se...»

«Tornou a pedir perdão, e cobriu-se.

«Ao mesmo tempo nos meus olhos e nos meus labios havia uma lagrima e um sorriso áquelle bom espirito que morreu, e ainda estremece no seu abysmo escuro.»

Os leitores confirmaram-se bem de que ha de tudo n'estas cartas: ironias, lagrimas, sorrisos, em summa todas as notas que podiam sahir, a flux, do extraordinario e complexo machinismo intellectual do assombroso escriptor.

A Bohemia do Espirito

Fm 1886—ia então Camillo a caminho do meio século da sua labuta de escriptor, pois que os *Pundonores Desagravados* e o *Juizo Final* datam de 1845 — publicou a livraria *Civilização*, da cidade do Porto, um volume em que se reuniram, aliás sem nenhum processo de relação de assumptos e de factos, ao acaso, muitos escriptos esparsos do auctor em prefacios, cartas, apreciações, polemicas e narrativas.

Havia de tudo, para curiosidade de eruditos e para appetite de apreciadores de escandalos.

E como algum d'esses escriptos se considerassem propriedade de outro editor, a publicação da *Bohemia do Espirito* deu azo a uma questão nos tribunaes judiciaes, de que resultou para a bibliographia a distribuição das seguintes brochuras:

— *A propriedade litteraria*, por Lugan e Genelioux, successores dos Chardrons.

— *A diffamação dos livreiros*, por Camillo.

— *A defeza dos livreiros*, resposta á «*Diffamação*»,

ou fosse a replica dos citados editores Lugan e Gene-lioux.

Não merece a pena, porém, apurar minudencias sobre estas brochuras, parecendo-nos que a má vontade de Camillo contra os Chardrons e successores vinha já d'aquelles não terem querido editar o seu livro *O perfil do Marquez de Pombal*.

São muitos os capitulos da *Bohemia*, e especialisando-os, damos certamente pelos titulos a impressão da constructura, podendo concluir-se, por esses mesmos titulos, que a alguns d'esses escriptos já fizemos as referencias que elles mereciam no seguimento do nosso trabalho de inventario.

São estas as partes que completam o livro :

— *Madame de Paiva*, narrativa de uma heroína, mundana celebrada, que viveu em diversos meios, conhecendo a opulencia e a miseria.

— *Duas paginas das minhas memorias de além campa*.

— *O jazigo de Alexandre Herculano*, em que assenta a hypothese do cadaver do historiador se juntar na Azoia aos restos mortaes de ascendentes seus.

— *Scenas de um drama intitulado «Tentações da serpente»*, em que parece reflectir-se algum episodio do seu segundo matrimonio.

Veja-se, por exemplo, este trecho :

«Como foi este casamento!... Poucas palavras o explicam. Por parte de meu pae foi o affecto que tinha a meu marido; da parte de minha mãe, foi a submissão em que sempre viveu á imperiosa vontade de meu pae; e da minha parte foi a obediencia dos desesseis annos.»

Na comedia o marido é conselheiro e o dote é de 80 contos. Meras attenuantes da realidade dos factos, por que o marido de Anna Placido era commerciante e o dote... tinha uma cifra a menos.

No mais a situação é perfeita.

—*D. Francisco Manuel de Mello*, estudo historico sobre o notavel escriptor, concluindo-se, um pouco arbitrariamente, embora a conclusão se auctorisce com testemunhos, que o motivo da sua prisão fôra o facto de D. Francisco e o Rei concorrerem á posse de uma mesma senhora, que era prodiga dos seus amores.

—*Dilecta senectutis meã*, enfeixe de composições poeticas.

—*A espada de Alexandre, carta ao meu visinho Raymundo, poeta laureado da Aguia d'Ouro*, ou seja a reproducção de um folheto de 30 paginas, publicado em 1872, sentenciando espirituosamente sobre a questão posta por Alexandre Dumas Filho ácerca do presumivel direito do marido acabar com a vida da esposa infiel.

—*Estudo biographico e historico sobre Luiz de Camões*, que serviu de prefacio a uma das edições do poema de Almeida Garrett.

—Esboço de perfis litterarios (Guilhermino de Barros, Alves Mendes, Manuel de Mello, José Augusto Vieira, Carlos Braga, Augusto Gama e Narciso de Lacerda).

—*A sr.^a Rattazzi*.

—*Aos senhores Prioeres*,

—*Sebenta, Bolas e Bullas* (a conhecida campanha chamada da *Cavallaria da Sebenta*.)

—*Modelo de polemica portugueza* (briga litteraria com o engenheiro e publicista Alexandre da Conceição).

Como bem salientemente se mostra, este livro, no seu

processo e em quasi todo o seu conjuncto pertence ao feitto litterario do auctor na especialidade que principalmente deixámos accentuada nas referencias á *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, ás *Noites de insonia*, aos *Eccos humoristicos do Minho* e aos *Criticos do Cancioneiro Alegre*.

Nada nos resta, portanto, a acrescentar para que esse processo e esse feitto fiquem liquidados, quanto em nós cabe a possibilidade de fazer a liquidação por factos, por sem duvida incompleta e imperfeita, mas sem duvida tambem sem o emprego de impostoras esmirilisações, fabricadas para substituirem a paciencia do estudo e a canceira do trabalho.

Pelo que fica dito, e sem mais explicações, passamos a reproduzir.

Da *Espada de Alexandre* :

«Amor do Paraiso! Então era a costella do homem que dava a mulher. Hoje em dia ha homens com todas as costellas partidas por desejarem uma ou duas mulheres! O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importancia desde que os nossos irmãos anthropophagos pegaram a extrahir d'elle *sandwichs*.»

Ironisando sobre o santo sacramento do matrimonio, a que aliás em outras passagens já se havia referido com a maxima uncção religiosa :

«Instituição divina ha só uma: é o mundo. Esta crença ha de prevalecer em quanto o meu mestre Theophilo não provar que o mundo é

obra dos mosarabes. Divino é somente aquillo que humanamente se não faz.»

Mas tambem, com a maior facilidade, e quasi sem transicções, muda de tom :

«A memoria do desgraçado na podridão do tumulo é inviolavel.»

Está certo, mas Camillo nem sempre seguiu a doutrina com respeito a *desgraçados*, e nos tempos de agora a podridão do tumulo tornou-se tão inviolavel como são inviolaveis as occurencias somenos que passam na enxurrada da vida politica das facções!

Em colloquio com o seu *visinho Raymundo* :

«Se sua esposa, moça e galante, recita ao piano trovas da lavra propria, e escreve soneto acrostico no dia natalicio de seu marido, acho isso bonito e benemerito de um até dois osculos castos e dignos da testa da Minerva antiga. Mas se ella descambar das branduras erothicas de Sapho para meditações sociologicas, peço-lhe visinho, que a obrigue a lêr as obras do meu mestre, doutor Theophilo, a fim de ganhar odio á letra redonda—virtude supranumeraria das obras d'aquelle varão.»

Muitas mulheres teem, depois da morte de Camillo, descambado n'essas leituras, mas ao contrario da previsão do auctor, ellas cada vez mais, e multiplicando-se,

se arreigam no amor pelas bellas letras . . . dos periódicos de que assimilam as idéas *definidas e fundamentaes*.

E estão umas *sabichonas*, mas ainda assim resvalando para fóra, extra muros, das suas collegas de Molière.

Mas como toda a regra tem excepções, no referente a mulheres e litteratura, elle acrescenta :

«Houve damas que lograram entalhar seus nomes na arvore da immortalidade da Sciencia; essas, porém, não desgarraram da senda florida por onde as abelhas do Hymetto lhe zumbiam a ducificar mulherilmente a phrase. Dou-lhe como exemplo Staël.»

Não se póde dizer que a exemplificação seja muito concludente, mas o nosso trabalho não é para dissertações historico-litterarias da vida francesa, embora Mad. Staël seja um pouco portugueza pelo seu amor ao primeiro Duque de Palmella.

Mas vejamos agora um trecho á *Victor Hugo* com entrelinhas humoristicas de Karr :

«Repare, se faz favor, por essa vida de milhares d'annos fóra que o mundo vem fluindo desde o cahos.

«Não vê uns altos e eternos padrões assignalando passagens que o genero humano fez para ouvir a consciencia da sua força, o Deus interior, pela voz dos oraculos?

«Sobre esses padrões ha umas estatuas que topetam as estrellas. Chamam-se Moysés, Fo, Fong-Fu-Tsée, Socrates, Platão, Aristoteles, Ci-

cerro, Paulo, Galileu, Lutheró, Vico, Descartes, Kant, Kepler, Leibnitz, Newton, Pascal Montesquieu, Voltaire.

«Cuida V. que as correntes de vida intellectual e progressiva se rebalsavam n'este pantano descompassado, em que as rans, por entre os rabaçoes, nos estão coaxando sciencia. . . . de rans? Está illudido, visinho. A natureza humana fermenta, tem febre, como puerpera de um grande feto que lhe escouceia os flancos, fita grandes orelhas abertas aos rugidos da idéa nova, e assesta o oculo de longa mira ás brumas do horizonte, onde, a espaços, lhe corisca um pyrilampo, que, se não é Theophilo, sou eu.»

A proposito da questão estabelecida por Dumas, e com respeito ao marido atraídoado :

«O homem não deve sangrar a ponta da navalha a arteria onde o supremo gerador injectou sangue viciado.»

Depois :

«Qual matarem-se! Vivam! no lar ou na rua, na lama ou nos arminhos; mas vivam e medrem como gente de boas e saldadas contas.»

Faz a apotheose das mulheres que se sabem vencer, não se rendendo :

«Mulher que refrear os impetos do seu tem-

peramento, é tanto como divina, se não é mais, porque suplanta a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan.»

Para concluirmos, alguns trechos pequenos, mas cheios:

«A paciência é a riqueza dos infelizes.»

Consolações... desconsoladoras, sendo aliás certo que segundo a Biblia, Job engordava muito sendo paciente.

Mas a *riqueza magra* deve de ser muito melhor!

«A sociedade decidiu que um homem atravessado por um florete fica menos injuriado que outro que recebeu uma bofetada.»

E' uma convenção, de facto. Mas perguntaremos nós: o que é, ou que resta da *sociedade*, como facto positivo, além do encadeamento de muitas convenções?

«Um homem de bem, quando é calumniado e mortalmente ferido na sua honra, justifica-se perante os seus concidadães, não desafia o calumniador: porque se o mata, a diffamação sobrevive; e se morrer, morre manchado.»

Todos individualmente, responderão que é assim; mas a sociedade, a que aliás todos pertencem, tem outro critério, e responderá affirmativamente.

E que se escrevam milhões e biliões de paginas a este respeito sem que nada se decida!

Virtudes antigas

O livro comprehende os seguintes capitulos :

- *Uma freira que fazia chagas.*
- *Um frade que fazia reis.*
- *Um poeta portuguez . . . rico.*

Mas o facto excepcional de um *poeta ser rico*, nada tem com as *virtudes antigas*, nem pela realidade das cousas, nem pela ironia da critica, e se no caso de que se trata a riqueza não proveio da industria das rimas, mas de uma herança inesperada, a verdade é que hoje em dia, ao contrario de ha seculos, existem cultivadores das musas que conhecem a opulencia, independentemente da sorte grande das loterias e da benemerencia dos testamentos.

Com effeito a poesia, nos grandes mercados das letras, tornou-se, principalmente por intermedio do theatro, um ramo de commercio bastante rendoso, chegando a garantir o palacio urbano e o *chalet* campesino enfeitado de ramarias, ainda muitas vezes com maior velocidade de fortuna e construcção do que aquelles que se

levantam pela venda de comestiveis ou pelos *confeccionamentos* caprichosos das vestimentas da moda.

Porque em summa, o poeta, no significado da lenda, vai-se perdendo a pouco e pouco, embora ainda a especie appareça nos paizes pequeninos, ou, nos grandes centros, nas ingenuas criaturas que se deixam victimar pela timidez intellectual, esmagadas fatalmente no encontro dos consagrados, que monopolisam a industria.

Por isso, e na toada ironica das *virtudes antigas*, no livro de Camillo apenas se podem com justeza incluir a *freira que fazia chagas* e o *frade que fazia reis*.

O auctor apresenta a razão de ser do seu trabalho por debaixo do docel do titulo escolhido :

«Quando os vicios modernos tiram do intimo de certos peitos suspiros saudosos das virtudes de outr'ora, não motejo a ignorancia dos que suspiram, por que elles, por via de regra, apenas são hypocritas; o que faço é comprazer-me de recordar certas *virtudes antigas*, á maneira de uma nossa muito portugueza que deu brado no começo do seculo XVII, e aqui se reproduz deslusada de virtudes ramanticas.»

Assim, a primeira das *virtudes* recordadas vem a ser a da Prioreza do convento da Annunciada, na cidade de Lisboa, D. Maria de Menezes de nome profano, sagrada como *Maria da Visitação*, filha de D. Francisco Lobo, commendador de Rio Torto, senhor das saboarias de Torres Vedras, Pombal e Soure, neto do 4.º Barão de Alvito, por seu pae, e do 2.º conde de Abrantes, por sua mãe D. Joanna de Noronha.

Entrou no claustro aos 10 annos, professando aos desasete, e tanta preponderancia alcançou, que aos 31 foi eleita Priora, não obstante a má vontade das Andrades, duas freiras que eram filhas de Fernão Alvares, fundador do mosteiro e ministro de D. João III, sendo de tal tamanho essa rivalidade, que a Visitação, com todas as suas virtudes, as punha de banda em momentos de azedume, e d'esta maneira aviltadora enxotava um cãosinho que as Andrades tinham em grande estimação :

«—*Passa fóra, Fernão Alvares!* referindo-se assim, com um desdem insultuoso, ao pae das possuidoras do animalsinho, que d'este modo pagava o desamor de pessoas em cheiro de santidade. Porque D. Maria de Menezes, ou Maria da Visitação, era considerada santa, com muita retumbancia de apregoadas virtudes.

A sua fama *chegou a El-Rei, passou ao Papa e correu toda a Christandade*, segundo refere Fr. Luiz de Sousa, contando a este glorioso mestre da boa linguagem portugueza Fr. Gaspar Leitão, que a miude a ouvia no confessorio, «que tinha por certo que, sem momento de purgatorio, passaria aos bens da gloria, porque segundo o juizo que podia fazer das suas confissões, nunca perdera a graça bautismal».

Pois no entanto foi convencida de impostora, depois de muitos episodios e experiencias de impunidade, confessando ás ultimas insistencias que pintava as chagas de Christo nas mãos e nos pés, ferindo-se para fingir os cravos da corôa dos martyrios na sua cabeça de peccadora! Fazia assim—ella, que chegara a consagrar com a sua benção a bandeira que havia de tremular no mastro da nau almirante da *Invencivel Armada*, signo das

duas patrias unidas, que fôra depor debaixo da sua benção o proprio Duque de Medina Sidonia, D. Alonso Perez de Gusman !

Tal é o facto que se refere no quadro historico, todo elle cortado de episodios interessantes salientados pela prosa de Camillo, que para esta qualidade de narrativas despunha sempre das melhores phrases e das palavras mais ajustadas ao seu intento critico, qualquer que elle fosse.

O *frade que fazia reis*—um modo de dizer, porque o frade em questão não chegou a fazer nenhum rei—chamava-se Fr. Miguel dos Santos, frade graciano, pregador regio, provincial dos agostinhos, confessor da rainha D. Catharina.

Era um grande amigo de D. Antonio Prior do Crato, por quem se havia batido no recontro de Alcantara, tendo sido elle o pregador nas exequias celebradas pelos que morreram em Alcacer-Kibir, que se realisaram em Santa Maria de Belem em 1578, e onde o frade, com uma grande rigidez desancara no clero, na nobreza e tambem no povo.

E' um documento de alto valor, que Camillo entregou á publicidade, tendo encontrado uma copia em letra coeva entre os papeis de Fernão Rodrigues Lopo Soropita, e que declamado ha mais de tres seculos, ainda por ahi não tem modelos melhores, embora na oração se encontrem, ao lado de reptos de eloquencia, plebeismos de phrase vulgar.

Por exemplo, vale por um trecho de jornaes hespanhoes de agora esta sentença de condemnação :

«Fazei volta á vida. Cuidae que tambem ten-

des quinhão n'esta culpa. Dizei com o bom ladrão : « Pouco teme a Deus quem cuida que está fóra d'este peccado. » Antes direi com David : « Senhor, que só eu pequei. » Que mal fizeram tantos moços innocentes que lá fôram ! . . . »

Que lá foram, e lá estão indo agora áquella Africa que fica junto da Europa !

O frade, levado para Madrid, para muito de perto o terem sob a vigilancia dos esbirros do usurpador, teve ali as suas artes para fingimentos, e tanto que foi apresentado como vigario n'uma igreja da côrte e nomeiado confessor da infanta D. Anna d'Austria, sobrinha de Philippe II.

Os leitores conhecem a lenda do *sebastianismo*, que até chegou aos dominios da opereta dos nossos tempos. Oliveira Martins escreveu sobre ella as paginas mais bonitas da sua *Historia* ; Pinheiro Chagas minudenciou os acontecimentos e episodios da época, e Miguel Martins Dantas, o venerando embaixador portuguez em Roma, nosso ministro dos estrangeiros sob a presidencia de Antonio Rodrigues Sampaio em 1881, deixou-nos um livro precioso sobre os reis *sebastiães* que appareceram dizendo-se verdadeiros, que é um modelo de deducção de factos historicos, da morte ou desaparecimento d'aquelle sublime louco sonhador de aventuras e imperios, acontecimento doloroso da vida nacional portugueza, que nunca foi, nem será já agora, liquidado na sua certesa, ficando como enigma indecifrável expresso na formula do epitaphio da sepultura do infeliz Desejado, de ali se encontrarem os seus restos mortaes — *si vera est fama*. . .

Continúa como ponto de interrogação que nunca terá

resposta, sendo tantas as esperanças na sua existencia, que ainda depois dos 60 annos do captiveiro da Patria, D. João IV teve de jurar em 1640 que entregaria a Corôa ao rei legitimo, se elle apparecesse, devendo D. Sebastião já contar, ao tempo da jura real, os seus 90 annos muito aproximados!

Pois Fr. Miguel dos Santos, uma vez na intimidade de D. Anna d'Austria, inventou-lhe um rei D. Sebastião para amante e esposo, improvisando-o na pessoa de Gabriel de Espinosa, que fôra pastelleiro no Porto, e que na serie dos reis apparecidos é tratado pela denominação de *Pastelleiro do Madrigal*.

D'esses amores nasceu uma filha, sendo enforcados o Pastelleiro e Fr. Miguel, emquanto que a Infanta era condemnada a completa clausura, vivendo ainda para mais de 30 annos na viuvez do seu coração romantico.

Mas o mais importante do episodio vem a ser o apuramento feito por Camillo da descendencia de D. Anna d'Austria e de Gabriel d'Espinosa, successão que em 1865 se encontrava representada na pessoa de Bernardo da Costa, filho do desembargador Paulo da Costa Mendes e neto de um loiceiro do Porto, que pelo negocio do barro amigalhara o melhor de oitenta mil crusados.

O capitulo fecha por este dialogo, que tem expressa a marca do seu auctor :

«—Creio que os documentos deixados por seu tio são verdadeiros, e que o sr. Bernardo está aparentado com as mais estremadas familias da fidalguia portugueza.

«—Ora adeus, adeus!—atalhou o velho, sacudindo a cabeça. —Se o sr. me viesse dizer que

morreu um carnicheiro e me deixou uma duzia de libras a titulo de eu ser seu irmão ou primo, isso é que era uma peitoral noticia! Que me importam cá a mim os fidalgos? Meu irmão mostrou aos de Lisboa os documentos, e o mais que obtive foi uma esmola de 480 réis e uma gargalhada. De que serve ser descendente de Carlos V ou do diabo? faz favor de me dizer?

«—Desgraçadamente não posso responder de modo que o sr. Bernardo da Costa se console de procedencia tão illustre; todavia, os seus pergaminhos não os trocaria muita gente pelo testamento do carnicheiro.

«—Não?! Cuidei que estas historias de fidalguia tinham baixado ao ultimo desprezo, vendo as pessoas a quem os reis as dão...

«—Está enganado. O que os reis concedem não é o que o sr. Bernardo da Costa possui. Os fidalgos, nobilitados hoje, são os predestinados avós de futuros sapateiros; ao passo que o senhor é descendente dos reis que davam a nobreza a seus creados...

«—E eu sou creado da viuva do desembargador Rego—continuou o representante de D. Clara Eugenia, filha, ao que parece de D. Anna d'Austria.—Tudo isso será verdade; mas sempre lhe recommendo—continuou elle—que se não descuide de sondar o nobre coração de algum magarefe abastado que queira ser tambem commigo descendente de Carlos V. Eu dou-lhe a nobreza do sangue que me gira nas veias, e

elle dá-me o resultado do sangue que girava nas veias dos boios.»

O dialogo pôde ter sido inventado, mas tambem pôde ser que o Bernardo da historia tivesse de facto esta philosophia moderna.

O romance do *poeta rico* é uma narrativa singelissima: a vida de Leopoldo Ferraz, caixeiro portuense, despedido pelos seus patrões pelo crime de fazer versos, e despedido a seguir de jornalista pelo facto de não ter geito para alinhar noticias de sensação—ou sensacionaes, como é de uso dizer-se em nossos tempos de muito jornalismo dramatico e comico.

Quando o rapaz sahiu da gazeta teve este dialogo com Camillo:

«—E o que vai fazer?

«—Não sei. Provavelmente farei versos.

«—Que lhe não valem o pão de amanhã.

«—Tanto monta. As lagrimas entreteem a fome.»

De certo que já se não encontra, para ser admirado, poeta de tanto desprendimento, pois que até alguns poetas se mostram em prosa e arremetidas desgrenhados revolucionarios; mas o poeta Ferraz não morreu de fome, porque nomeiado professor primario, poucos annos volvidos, enriqueceu pela morte de um cunhado, que tendo fugido para o Brazil, pelo facto de haver morto um homem a pauladas de braço rijo, de lá re-

gressou com muito dinheiro, sendo esperado no desembarque por tres Barões, *que disputaram largo tempo a honra de o conduzirem sm carruagem para suas casas*. E nunca mais andou em procura de rimas, porque dizia elle com estremado bom senso :

«—Versos tão sómente os faz quem tem a alma cheia de saudades ou de esperanças. Faço poemas, mas não os escrevo; digo-os no silencio do coração a minha mulher, a meus filhos e a minhas irmans.»

—Feliz homem, dirão á uma os nossos leitores !
E nós diremos a mesma cousa.

Quatro horas innocentes

Não se pôde dizer que este titulo do livro seja dos mais felizes, no sentido de ser apropriado aos assumptos que emoldura, quando é certo que Camillo, na sua extensissima obra litteraria, foi quasi sempre felicississimo nos rotulos escolhidos. Nem o livro dá para quatro horas de leitura, nem o seu contheudo pôde considerar-se um roseiral de innocencias em recanto paradisiaco.

Antes pelo contrario, mas sendo verdade tambem que o auctor, no Prefacio, foi prevenindo o reparo :

«Ainda assim não inculco a ninguem que esta obra possa medir-se quanto a espiritualidade e prestimo com a *Vida, milagres e visões de Madre Leocadia da Conceição*, mimo reimpresso modernamente, o qual, se me não engana a piedade, é destinado a espancar algum demonio recalcitrante aos exorcismos.»

Abre logo por um romancinho—*A Flôr da Maia*—.

que sendo de verdade um quadro lindo dos costumes da região, no entanto é feito, de metade, das immoralidades de um Morgado, que abandona a mulher que desgraçara por amor, casando com outra, empobrecendo, e deixando quatro filhinhos na miseria, e da moralidade santa, santissima, bemaventurada, da pobre creaturinha despresada, que herdando meios de fortuna, recolhe e educa as creanças que não tinham culpa das devassidades do progenitor.

Nem chega a parecer um quadro d'este mundo!

Era da Maia esta mulher excepcional, de nome Joanna do Val, parecendo que o coração lhe condizia com a belleza das mulheres da terra douricense, por que d'ellas nos conta Camillo:

«...terra da Maia, onde ha moças formosas, e tantas que não sei de terra portugueza, onde os olhos de homem, pouco dado a contemplações seraphicas, possam regalar-se mais.»

Isto em geral, porque em particular é assim que nos retrata a Joanna, mais cheia de carnes, por decerto, mas não mais linda que a sua homonyma da narrativa romantica de Almeida Garrett:

«Era mulher de estatura elevada; branca de leite ligeiramente purpurado; olhos não grandes, mas dulcissimos de meiguice, com um ar de namorados que parecia estudado para enfeitiçar homens gastos nas paixões das salas.»

Era vêl-a, e era amal-a, não obstante o Capellão ter d'estas sentenças grosseiras para o Morgado:

«Isto de paixões são como as melancias: incham depressa, mas depressa desincham.»

Fôra de melancia, pelos modos, na sua mocidade!

A traducção do *Livro de Lazaro*, de Henri Heine, tambem não é pela *innocencia* que se recommenda.

Basta, no meio de muita misantropia, esta passagem, que se não recommenda pela orthodoxia:

«Resolvam-me, sem rodeios, estes infernaes problemas:

«O justo arrasta-se despedaçado, miseravel, sob o pezo da cruz.

«O mau, feliz como um triumphador, estadeia-se sobre o seu corcel orgulhoso. Porque é isto? Quem é d'isto a causa? Não é Nosso Senhor omnipotente, ou o auctor de tal desordem é elle?

«Ah! seria atroz!»

A *corôa de oiro*—a proposito de uma offerenda que se annunciava vir do Brazil para o conselheiro Jayme Moniz, defensor de Vieira de Castro, por egual não mostrou indicio algum de ser um escripto *innocente*, porque redunda em referencias desagradaveis para pessoas que tiveram notoriedade no acontecimento.

O capitulo—*Por causa de um pano de bocca*—é engraçadissimo.

Trata-se da inauguração do referido panno no theatro de S. João, do Porto, quando se representava o *Palafox em Saragoça*—*comedia opilada de vento patriotico que sibilava em tempestades de rhetorica na miser-*

rima França, então acalcanhada nas pessoas do seu imperador e dos seus generaes pela península hispanica.

O auctor commenta com espirito um folheto explicativo das allegorias do panno, e mette de permeio, no quadro, os appetites cupidineos de um chanceller pelo braço roliço de uma matrona commercial, que innocentemente ia acompanhada de seu esposo, em feriado concedido á faina do balcão.

Mas como este esposo, ao depois, e por influencia da senhora sua mulher, vencesse uma demanda, lá se foi por agua abaixo a innocencia que o capitulo podesse conter.

O *Inferno* é menos que innocente: é lastimavel pelo ligeirismo critico do auctor, que banalisa conclusões em trechos isolados sobre passagens da Biblia e de Doutores da Egreja, mal se avistando n'elle o redactor da *Cruz*, onde por vezes escreveu com a erudição de um theologo.

Como nota de causticidade e de saliencia, damos este bocadinho :

«Que existe o inferno, é dogma, é fé, é evidencia invisivel. E se não fosse dogma, a razão humana o crearia tal para prefixar a paragem futura de certos velhacos.»

O Santo de Midões.

Santo é um modo de dizer, pois se trata de um reverendisso malandrim, que invocando a religião santa, instituiu um mosteiro de clausura impenetravel, valendo-se das aboizes da hypocrisia requintada para levar á perdição creaturinhas innocentes.

E' um quadro historico da *devassidão geral*.

Póde servir de exemplo para declamações banaes do demagogismo estúpido de sectarismo, que aliás não terá resposta facil para a pergunta tanta vez formulada: — *E qual é a classe em que não ha capitulo de abusos e episodios de perversidade?*

E como Midões foi patria de um homem que ficou celebre nos registos da criminalidade portugueza, Camillo, como ao facto fizesse referéncia, acrescenta :

«*Assassinos*, digo eu, declinando a responsabilidade da injuria sobre a imprensa e os juizes que condemnaram e perseguem determinadas pessoas ; que eu por mim sigo a opinião de não sei que escriptor inglez, o qual disse que era prudencia retirar o titulo de amigo intimo ao sceletrado, só depois que elle acabasse de pernear na forca.»

Celestina. Este capitulo sim ; este é que é de pura innocencia, pois que só devia ser entendido, tanto de generalisação elle é feito, pela mulher a quem era dirigido.

A *Cruz do Corcovado*, em que se trata de rivalidades senhoris entre os Vasconcellos e os Sequeiras da cidade d'Elvas, é de uma innocencia original, pois que por effeito d'essas rivalidades, em que o amor quinhou em rancores e odios de raiz, se chegou ao homicidio perpetuado na cruz que commemora o facto, chamando-se essa cruz *do corcovado* pelo facto do Vasconcellos, que foi morto, ter pertuberancias costaes que lhe não deixavam aprumar a elegancia.

O quadro tem côr local da região e dos costumes sociaes, ou antes insociaes do tempo — primeiro quartel do seculo XVII.

No que o auctor escreveu, acompanhando trechos de umas cartas de Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, o poeta fidalgo, Morgado da Bobeda, nas cercanias de Chaves, é que se encontram cousas innocentes: memorias d'aquelle venerando escriptor, apegado a todas as suas crenças, das letras e da politica, que tem um dos melhores nomes na pleiade litteraria de Portugal no seculo XIX.

Da pleiade de *escriptores a valer*, entenda-se.

Homem de letras em todo o sentido, a principiar na linguagem, moldada nos melhores mestres que a lapidaram!

D'essas cartas, que são o objectivo do capitulo, transcreve Camillo o seguinte trecho:

«Só o ignorante pôde dizer em seu coração que não ha Deus. E essa ignorancia é a maior de todas as enfermidades, porque priva da melhor de todas as medicinas—a Esperança, porque afugenta o melhor dos medicos—a Caridade.

«Crer, esperar e amar, é o espelho da trindade de Deus.»

O leitor de certo se não ri. Mas á vista d'estes principios muito parvo, empoleirado no pedantismo pseudo scientifico, deve alargar os colmilhos em risadas de sapiente, quando de maioria o atheismo anda de par com a ignorancia, ainda mesmo nas pessoas doutoras, nas

pessoas abachareladas e nas pessoas technicas—ignorantes diplomados, que são os de peor raça.

Em *leituro consoladora* dá-nos passagens de Salomão, submettendo o encantador lyrismo do filho de David ao espirito forte do seu estado d'alma... de momento!

Passemos adiante!

Em vinte annos!

Estes vinte annos, com exclamação e tudo, vem a ser a historia triste, de Rosalinda, filha de um fallecido capitão do exercito, que Alvaro de Aboim, *acôr de sevas presas*, roubou á mãe, fazendo-a sua amante, *alandando-se com ella para os reconcavos d'uns montes penhascosos na Beira Alta*, onde tinha o seu solar.

Mas não durou muito a lua de mel; tivesse ou não tivesse sido de Hymeto o producto doce das abelhas em conubio—um modo de dizer—com os rosmaninhos e as estevas, em breve se tornou de travo amarissimo, phenomeno este que o referido Aboim explicava d'esta arte:

«Enganou-me o coração; gastei-o com immoderado uso. O amor que durar seis mezes sem intercadencias de tedio, será absurdo, se não fôr milagre.»

O caso é que elle, sentindo o tedio e não encontrando o milagre, se casou com uma senhora viuva que colhia duzentos e cincoenta carros de cereaes, dando, a Rosalinda algum dinheiro, como quem paga o aluguer de um coração que habitara.

E *Rosa e linda* enfeitou-se de setins e diamantes; passou do capitalista, que prodigamente lhe dava os

diamantes e os setins, para um general de brigada, e foi por ali adiante no declive...

Entrou no sorvedouro pelo redomoinho.

Este Aboim era muito philosofo. Pertence-lhe, por exemplo, esta observação ácerca das almas que fazem o seu tirocinio de namorismos e *flirts* :

«As almas são como os bolbos das flôres. Desabrocham uma florescencia que os ardores do estio requeimam e atomisam. Segue-se uma aparente atrophia vital, uma simulada morte. Depois, subito, abrolha a raiz, floresce a alma, rescendem flores novas, o coração inhala umas fragrancias de primavera ressurgente, e eis os novos amores em refundida alma...»

O livro fecha com versos humoristicos dedicados aos *pataratas de 1858*.

Damos a primeira estrophe :

O mundo não vai mau. A gente ri-se,
Depois que estudou o que isto é.
Quem toma a serio o mundo, faz sandice,
Que o torna semsabor e parvo até.
Não sei qual grande sabio foi que disse
Ser suprema sandice a boa fé.
Na boa fé do tolo medra o esperto,
E o logro do velhaco é sempre certo.

Vai assim cantando pataratices varias do seu tempo, até que aborda ridiculos a que liga grande importancia, fazendo esta invocação :

Musa seria, que me has dado
 Maior gloria que dinheiro,
 Dá-me hoje estro sublimado,
 Para assumpto galhofeiro
 Guarda o acre apimentado.

Que o assumpto é serio e vasto,
 Pois cantar quero os fidalgos
 De Cabeceiras de Basto,
 Que tem cadellas e galgos
 E trazem pôtros no pasto.

Pela certa, e mais que certa, algum fidalgo ou fidalgos de Basto, concelho limitrofe do concelho de Ribeira de Pena, por onde sirandou em amor, esturdias e caçadas, o haviam beliscado, porque Camillo nada desculpava em ressentimentos, assim como guardava memoria grata de attenções e obsequios.

Duas horas de leitura

E' um livro de novellas e de chronica, de *folhetins*, quando os havia além dos romances da fancaria franceza; quando os havia com Julio Cesar Machado, Pigneiro Chagas, Lopes de Mendonça, Camillo, Visconde de Benalcanfor, Rebello da Silva, Manuel Roussado, Alberto Pimentel, e outros, que menos altivos que os anotadores e *reporters* de hoje, valiam um pouco mais, e, sobre tudo, deixavam impressões mais agradaveis no espirito e no coração.

D'essas leituras sahia-se com abençoadas consolações de alegria, que não logram dar-nos agora, a não ser excepcionalmente, os que fazem ao de leve a critica dos acontecimentos.

O livro abrange os seguintes numeros:

—*Dois santos não beatificados em Roma*—a vida apaixonada de Mathilde, filha de Innocencio Pires de Miranda, alferes da Legião Lusitana, que matara cinco francezes, e de Paulo, filho de um negociante de panos estabelecido em Villa Real, que contrariados no seu

casamento, entram para a cella, chegando a convi-
nhar-se em mosteiros dos arredores do Porto, e que mor-
rem amando-se sempre, amortalhados nos seus habitos.

— *Impressão indelevel* — a narrativa dos seus amores
de 15 annos com Maria do Adro, do Samardã, que en-
contra morta depois de 15 mezes de ausencia, auxiliân-
do seu cunhado, o medico Antonio d’Azevedo, a des-
enterrar-a do cemiterio de aldeia, preparando ambos o
seu esqueleto, e estando Camillo ás portas da morte
com a impressão recebida: uma pequena narrativa, que
dava para um drama de todos os tempos, antigos e mo-
dernos, e por meio de todos os processos que tem sido
empregados na litteratura do theatro de todas as es-
cholas.

— *Sete de Junho de 1849* — ou seja a commemoração
sentida da data fatal, após 7 annos decorridos, do pas-
seio que dera com o seu amigo José Augusto Pinto de
Magalhães, á romaria do Senhor da Pedra, de onde re-
sultou a originalissima tragedia de casamento d’este ro-
mântico doente com Fanny Owen, que deixámos re-
gistada quando percorremos as paginas do livro *No Bom
Jesus do Monte*.

— *Do Porto a Braga* — pittoresca jornada de carroção
de companhia com José e Luiz Barbosa e Evaristo
Basto, em que se falla de um especialista no curativo
da tenia, em que se traça o perfil dos companheiros
amigos, em que se descrevem hospedarias, e em que se
faz o roteiro da cidade dos arcebispos, passando em re-
vista as taboletas, os fidalgos e os botequins.

Mais nada.

Temos presente a 4.^a e ultima edição das *Duas ho-
ras de leitura*, e a 1.^a é de 1857.

Ainda o estylo do escriptor não estava formado, mas já tinha individualidade; já era prosa de Camillo, não tendo pareenças, nem de leve, com nenhuma outra. Já tudo lhe servia para annotações de ironia, inclusivamente a erudição que elle, com o maior brilho, submettia e assujeitava aos seus propositos; mas no meio d'essas ironias, porém, elle sabia e podia introduzir a passagem commovente de lagrimas, que de repente, e inesperadamente, se seguiam aos sorrisos.

E' assim, por exemplo, a *Impressão indelével*, em que nos dá noticia dos primeiros annos da sua adolescencia.

E' grande a transcripção, mas merece a pena fazel-a, porque é uma pagina singelissima d'aquella extraordinaria existencia que ao depois se tornou tão complexa e complicada :

«Fui educado n'uma aldeia, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão de um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractario á gorda sciencia do meu padre. Fugia de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me doe o remorso de ter matado uma!

«O meu gosto era passar o rebanho por aquelles saudosos vales. Todavía, minha irmã opunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade reprehendia os meus baixos instinctos; atrahia ao seu voto o marido e o padre, e cortava-me o rasteiro vôo escondendo a minha clavina, e os

salpicões, e a brôa, e a cabacinha da agua-ar-dente.

«Não obstante eu pedia tudo de emprestimo. Passava lá o dia inteiro, sentado nos espinhos d'aquelles alcantis fragosos, sêmpre sósinho, scismando sem saber em que, engolfada a vista na garganta dos despenhadeiros. N'este instante vejo palmo a palmo aquelles sitios. Se eu ali fôr vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze annos, dois anneis de missanga.»

A narrativa é fiel, em tudo. Nos factos e na paisagem.

Podemos dar testemunho.

Em 1888, em julho ou agosto, fomos para as Pedras Salgadas. Dormimos em Villa Real, e á noite, passando a calma, estivemos sentados com Antonio de Azevedo nos degraus de uma pequena egreja, no entroncamento de umas ruas, e ali fallámos de Camillo, recitando-nos o homem que mais tarde foi ministro da Justiça e da Marinha, Par do Reino e Conselheiro d'Estado, versos de seu tio, referentes á pobre camponeza que para a historia fica com o renome de ser a primeira mulher que mereceu paixão a Camillo Castello Branco.

Sahimos de Villa Real ainda com estrellas, e a meio do Mesio, onde se encontra a Samardã, descemos da caruagem para seguir um pedaço a pé. Pela estrada seguia também, de sachola ás costas, um velho trasmontano, de barba branca respeitavel, que ia *para as regas*.

Travámos conversa, e como o nosso espirito ia cheio de Camillo, perguntamos-lhe se o conhecera.

—Se elle conhecera o irmão da sr.^a D. Leonor !

Tinham brincado em rapazes. Haviam retouçado por aquelles montes e vales. Tinham caçado coelhos e pescado trutas, e por largo espaço nos foi contando episodios da vida do grande homem por aquelles sitios, desde os seus idilios com Maria do Adro até ao seu casamento com Joaquina Pereira, do lugar de Friume, no concelho de Ribeira da Pena.

A historia d'estes amores innocentes—por ventura os unicos verdadeiros—termina por estes periodos :

«Estas impressões, no principio da vida, não explicam a demorada agonia de vidas mais dilatadas? Pode-se morrer mais que uma vez. A sepultura é que é só uma para cada homem. E' este o segredo do epitaphio de Scoto :

Semel seputus, bis mortuus.»

Mas vamos á revista das passagens que nos merecem attenção especial.

Falla um tio frade a um sobrinho enamorado :

«O coração, meu sobrinho, é um traidor, quando se arreda dos deveres impostos á alma.»

Camillo escreveu assim, pensando de momento, mas *arredou-se e tinha-se arredado* por muitas vezes.

Falla uma Prioreza, por effeito, naturalmente, das experiencias da vida propria :

«As lagrimas que vêm de longe são as que mais nos doem no coração.»

Uma definição do amor, sem que seja feita conforme as regras pelas quaes, escholasticamente, se devem fabricar as definições:

«Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar.»

Já nos referimos á submissão a que elle sujeitava as erudições, quando lhe dava para as fazer.

Ahi vai um dos melhores exemplos:

«Sabemos que o descobridor de phosphoro se chamava Brandt; sabemos que Fallopio descobriu um canal auditivo; sabemos que Apino achou a maneira de conservar as ostras; sabemos que Bayle descobriu nada menos que seis variantes da thisica pulmonar e deixou aos vindouros a gloriosa descoberta de curar uma das seis; sabemos que Harvey descobriu a circulação do sangue; sabemos que Lavoisier descobriu a theoria da combustão; sabemos que Newton comprehendeu a attracção; Mesner o magnetismo animal; um frade portuguez a navegação aerea; um portuguez, peor que frade, o circulo bicudo...»

A nota ridicula por fim. O seu processo, por que nos modernos tempos a girandola apenas serviria ao moderno auctor para fingir que sabia tudo e ainda muito mais!

Mas a par d'essas erudições dava-nos o pittoresco dos costumes n'este dialogo com o especialista da solitaria:

«O nosso commensal emborcava copos de vinho verde com uma regularidade que fazia honra ao ponteiro dos segundos em um chronometro ! Perguntado por E. B. (Evaristo Basto), se tomava um calix de vinho do Porto, respondeu o mais concisamente que poude :

« — Nada.

« — Não gosta? — replicou L. B. (Luiz Barbosa).

« — *Eu vêvo do berde porque gosto de vever.*

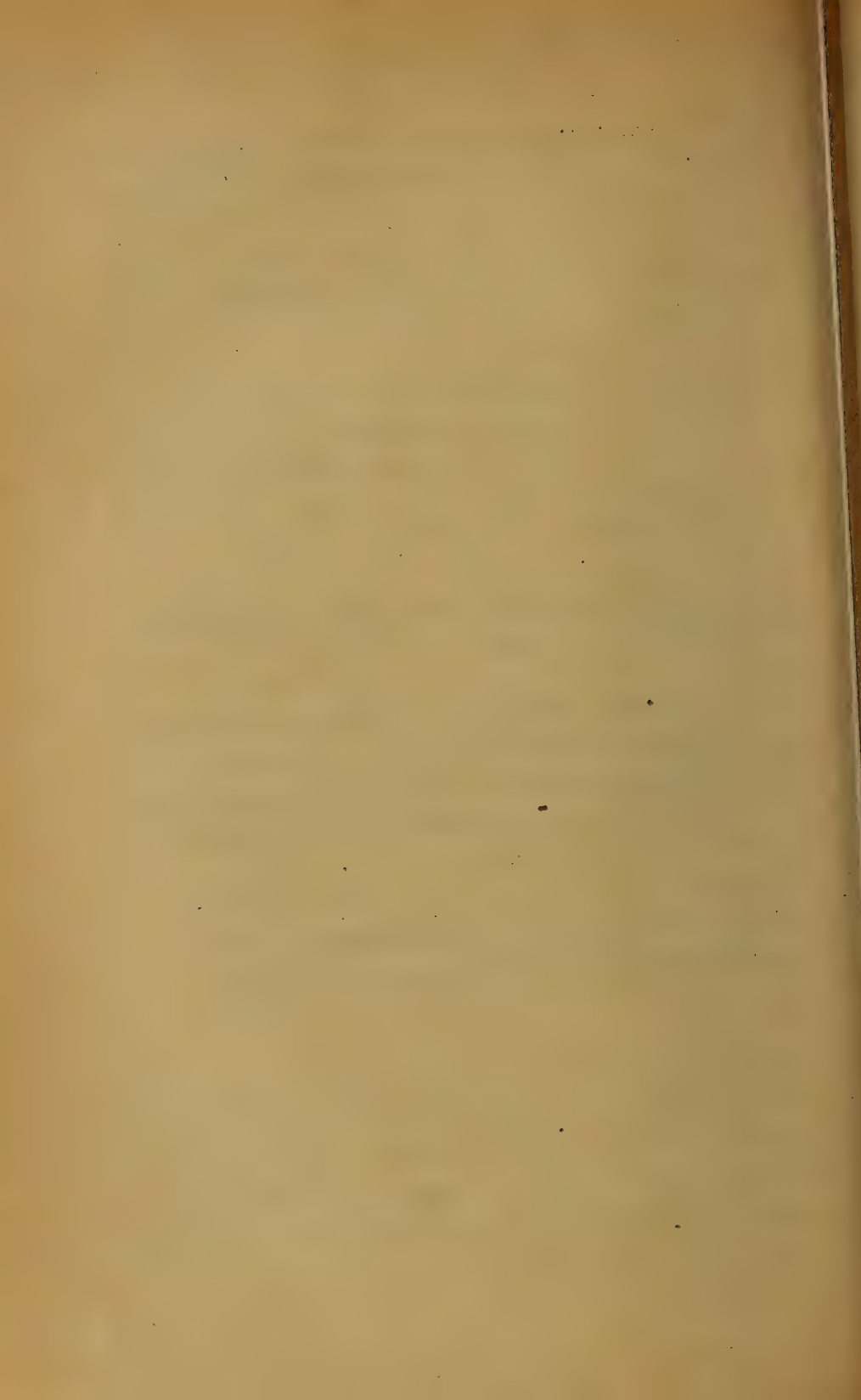
« — *Se gosta de vever, vêva,* resmungou E. B., neutralizando um frouxo de riso com um tufo de fiambre.»

Agora, para concluirmos, uma receita para litteratura esmiuçada de antigualhas :

«Quem hoje quizer ser original ha de recuar quatro centos annos, exhumar a linguagem fossilizada nos bacamartes, dar-lhe uma de mão d'esta moderna argamassa, arripial-a, afarfalhal-a, e... tem um nome.»

Nome, retratos, banquetes, apotheoses.

Até podiamos apontar a dêdo.



Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas

No genero de miscellanea de varios casos interessantes, é um dos livros mais curiosos de Camillo, e no entanto ainda não passou da sua 1.^a edição, e bem descuidada de fórma typographica, datada de 1868, e tendo como editor Anselmo Evaristo de Moraes Sarmiento.

Este homem, proprietario da *Actualidade*, jornal diario que logrou por algum tempo uma relativa notoriedade, era dono de uma vasta officina na rua do Laranjal da cidade do Porto, onde imprimia por empreitada de concurso modelos impressos de secretarias e repartições publicas; e assim, a fórma das suas edições de Camillo, bem como a das obras de Bocage, foram na corrente da fancaria typographica.

O processo litterario do *Mosaico* encontra-se explicado em uma nota *do editor*, sendo das poucas vezes em que Camillo Castello Branco, embora sem muito disfarçar o estylo, seguiu o expediente do Visconde de Almeida Garrett, mandando fallar por si o industrial de livraria ou de officina que lhe editava a escripta.

Diz-se n'essa *Nota* :

«A fórma d'este livro é inteiramente nova entre nós. No mesmo gosto, em França, já Ludovic Lalane, o Bibliophilo Jacob e Victor Fournel tinham comprehendido varias collecções de estudos litterarios, archeologicos, historicos e biographicos a que pozeram o titulo de *Curiosidades*, formando assim a rica *Bibliothèque de Poche*. O sr. Camillo Castello Branco, respigando as nossas antigualhas por esfarrapadas chronicas e vetustos cartapacios, não como philologo mas como humorista, formou o bello ramilhete que apresentamos hoje ao publico apreciador...»

Apenas consideramos que o destoante *ramilhete*, descondizente do significado da obra, e nada do repertorio de Camillo, poderá levantar a duvida da *Nota* lhe pertencer... no todo

Mas vamos ao... ramilhete, começando pela *Innocencia das aldeias*.

Os leitores conhecem, das *Novellas do Minho*, que se Camillo não era credulo, por observação, das innocencias que por ali iam, da parte dos homens e das mulheres, o artigo de que se trata ainda põe a lição dos factos com nitidez mais precisa e concreta, não acreditando nos louvores de poetas como Luiz de Camões, Sá de Miranda, Quita, Braz Garcia e outros sobre as virtudes da região virente.

Até chega ao cruelismo de se expandir com estas exclamações :

«Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! Como aquillo é torpe e melancholico! Como tudo ali degenerou para nojos e tristezas!

.....
 «Vivi anno e meio n'um ponto do Minho, onde a bestidade é culminante. Cuidei que a singeleza devia parrelhar com a innocencia. Que as mulheres trescalando raposinho e surro revelhecido teriam as almas limpas.

.....
 «Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!»

Exclama d'esta maneira, e dá como prova a narrativa que lhe fez um *lavrador de cabellos brancos* a proposito dos effeitos do beaterio, conclusão que não se pode dizer que com muita logica se contenha nas permissas. Mas seja como fôr, esta nota final tem, em cheio, todo o brilho do seu humorismo:

«Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vede-me que ceo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o estrellado das florestas; que ahi, tirante algum lombo de porco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.»

Felizmente por Camillo se vê que tem excepções aquella regra de um graude escriptor, em que se diz *que é estúpido tudo quanto é exagerado.*

O *Castello da Foz* é, quasi, um apontamento singelo da sua construcção, tirado esse apontamento do livro das *Chapas* do archivo municipal portuense; e dizemos *quasi*, porque de facto, entre a seccura das datas o auctor metteu recordações saudosas da vida mundana que passou pelas sallas do castello, quando n'elle habitavam mulheres formosas, que aliás se não especialisam.

O capitulo *ácerca dos jesuitas* é de valor historico, e começa por uma critica, ainda applicavel aos nossos tempos, n'estas bem poucas palavras conceituosas:

«Não sei o que é moda agora: se ser contra, se a favor da Companhia de Jesus.»

Com effeito *a moda* tem andado muito ao sabor dos artificios e convencionalismos dos *ateliers*. . . da politica.

Agora, a moda, é dizer muito mal. Por signal que até n'este artigo se lê o seguinte periodo que não é muito harmonico com o que deixou dito sobre o beaterio na *Innocencia das aldeias*:

«Não alumiar os ignorantes, e tirar-lhes o missionario illustrado é entenebrecel-os de todo. Tirem-lhe o padre, e depois façam montaria ás feras.»

O valor historico a que nos referimos consiste na inserção de uma carta pormenorizada, escripta de Roma sobre a morte do Papa Clemente XIV, attribuida, aliás sem documentação de prova, a envenenamento encomendado pelos religiosos de Loyolla.

Feita a transcripção, Camillo apostilla :

«Posto isto, resta-me acrescentar que ainda me não decido contra nem a favor dos jesuitas, Em primeiro lugar porque eram homens tão de barro e lodo como eu. Em segundo lugar porque os adversarios d'elles não provaram a sua bondade propria, desterrando-os, matando-os nas masmorras de S. João da Foz, ou queimando-os nos autos de fé em Lisboa. Em terceiro lugar porque os indios, desbravados por elles, choraram largo tempo o tirarem-lh'os e o reduzirem-os á escravidão antiga. Em ultimo lugar, porque os jesuitas do meu tempo são pessoas inoffensivas, e além d'isso calumniadas quando praticam actos benemeritos de louvor.»

Quasi que não excedem o tamanho de uma noticia de jornal as palavras que dedica ao *Praeceptor Infelix*, ou seja o dr. Antonio Homem, doutor em Canones, lente de prima na Universidade, conego da Sé de Coimbra, que assim ficou alcunhado, e que foi lançado na fogueira em 1624 por judaisar, sendo canonisado pelos seus irmãos em crenças, que o mesmo fizeram a *Fr. Diogo da Assumpção*, filho de uma christã nova, que esquecendo a religião em que professara, se lançou em propaganda desbragada contra os seus preceitos, morrendo na fé hebraica, rejeitando advogados e confessores.

Apresenta-nos *um bom ministro da Fazenda para Portugal* na pessoa do dr. *Jacob Sebastian Salabus*, judeu que viera de Flandes e que pontificava em cousas

de economias e finanças, cartearando-se com D. Pedro II, a quem ensinava expedientes para impedir a exportação de dinheiro.

Mas Câmilo não podia deixar que homem de tanta sabedoria passasse pelas paginas de um livro seu sem que lhe servisse para dar largas ao espirito, e então sahui-se com este trecho, que muito bem pode acontecer que ainda venha a servir para artigos solemnes de jornaes politicos:

«Como quer que fosse, quem pilhara um Selabus para ministro da fazenda acrual! Um sujeito assim, depois de ter comido tres jantares patrioticos, salvava-nos. Que faria elle para suprir o abolido imposto do consumo? Não deixava sahir vintem para fóra do reino. «Srs Salabuzes modernos, aprendam!»

Dá-nos noticia circumstanciada sobre a *historia da igreja de Nossa Senhora da Lapa, do Porto*, que foi construida por iniciativa do missionario apostolico Angelo de Siqueira, que aproveitando-se da desolação resultante a inverneira de 1754, prérgou com tanto exito, que amialhou os meios necessarios para o fabrico do primeiro templosinho.

E á nota historica tambem não falta a do espirito, porque o auctor commenta:

«A philosophia actual, em apertos de muita chuva, antes de ir ás predicas do Padre Angelo, recorreria naturalmente e mais depressa ás capas de gutta-percha e ás botas impermeaveis.»

N'esta corrente de escavações em archivos e livrarias, dá-nos muitas e curiosissimas *noticias do Porto antigo*.

Para amostra do genero, archivamos algumas d'essas *noticias* :

«Os cidadãos do Porto eram privilegiados para poderem andar armados por todo o reino. As armas, vindas para o Porto, não pagavam decima nem ciza.»

«Por carta de D. João I, não era permittido aos fidalgos e poderosos d'esta cidade escolhier na causa dos pobres o juizo do corregedor da comarca; podem, porém, os pobres escolher o referido. (E pregoam-nos hoje egualdades e democracias!...)»

«Não era admittido á governança quem usasse de regatia ou vendesse vinho que não fosse de lavra sua.»

«D. João I ordenou que os seus criados, vindos ao Porto, não pousassem na rua das Eiras, nem dos Mercadores, nem de casadas com maridos ausentes.»

Mafra, o monstruosissimo mosteiro, montanha de pedra arrumada, se não tem aqui a sua historia por miudos, fica-lhe o registo da origem, por ventura phanta-

sista, que se attribue á resolução do Rei Magnifico em o mandar construir em cumprimento de um voto na supplica a Deus para ter successão.

E ao cabo de 13 annos, e do gasto de alguns milhares de contos, completou-se a construcção, que Camillo celebra, apresentando-nos ao mesmo tempo o seu auctor:

«Estava consummada e perpetuada a pia parvoice, que em relação ao tempo era o maximo arrojo de um animo emprehendedor. O constricto das façanhas juvenis, exercitadas por conventos de monjas, cuidava que por detraz da ingente basilica não o veria Deus, nem o supremo juiz, de atordoado com os psalmodias dos frades e a bimbalhada do carrilhão, ouviria as accusações dos queixosos.»

Mas nem todos aplaudiram o Rei, porque no livro se encontra uma carta, verdadeiro libello, que um dom abbade benedictino escreveu a outro—documento que se guardava no archivo do mosteiro de Tibães.

E' um verdadeiro artigo politico... em particular, como em particular tambem os escrevia Fr. Alexandre da Paixão, quando annotava os acontecimentos, *au jour le jour*, da côrte de Affonso VI.

No largo das Carvalheiras na cidade de Braga havia uma mesa de pedra, que Contador de Argote classificara de romana, mas que o auctor decide, firmado em um manuscripto de Fr. Manuel da Ascenção, que vinha

a ser uma mesa onde os bracharenses faziam pandega de porco preto pelos tempos de S. João.

Segue-se um pequeno romance, mas verdadeiramente historico: o romance de *Isabel Clesse*, mulher formosa, esposa infiel de Thomaz Luiz Goilão, piloto dos mares da India, que para gosar em liberdade os seus amores de adultera, procurou envenenar o marido por uma forma original, que consistia em dar-lhe clisteres de agua forte e pós de seneca, morrendo por tal delicto enforcada na Praça da Alegria.

Camillo respiga de muitas publicações coevas, versos e versos, que os seus auctores, pró e contra, julgavam ser devidos á memoria de uma mulher bonita.

Uns d'esses versos, por signal, são de um lyrismo encantador, não sendo sem alguma pena que os não copiamos todos.

Só duas estrophes :

*Jáz na dura prisão encarcerada
Belisa sem ventura, aquelle assombro
Da mais rara belleza, a quem mil almas
Rendeu seu bello rosto.*

Geme infeliz exposta ás crueis iras
Do vil consorte, expellido abôrto
Das furias infernaes, fera indomavel,
Marabuto bisonho !

Um velho apodo aos maridos atraídoados : *marabuto* !

Para citações de artigos e discursos politicos pode render que farte a noticia em que trata *dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal*.

Estes galopins, estes *caciques* vinham a ser os frades benedictinos de Tibães, quando tratavam de eleger o Geral, os dons abbades e todas as prelasias de cada mosteiro, de tres em tres anns, porque rara foi a eleição que correu pacifica nos seculos XVII e XVIII.

Escreve Camillo no seu estylo inimitavel, mórmente quando desnuda a phrase :

«N'aquelle seminario de ociosos sevados como vara de cerdos do empyreo, nasceram, medraram e procrearam os galopins eleitoraes.»

Até chegaram a articular contra Fr. Sebastião de S. Placido que elle era usurario; que comprara um hiate e uma falúa em que transportava trigos do Alemtejo que em Lisboa vendia por alto preço; que empenhara o mosteiro em 260:000 cruzados; que mandara fazer pratos pequeninos para que se não dêsse pelo minguido das rações, e mais cousas condimentadas de azedume e rancor que é de estylo escrever contra os governos.

Não respeitavam, sequer, os mandados do Rei, e assim, enviando D. João V a assistir ao capitulo, para o vigiar, quatro monges veneraveis, como é de uso agora enviar delegados especiaes da auctoridade, estes receberam taes insultos e ameaças, que no seu *relatorio* referiram que *haviam desistido da pretensão de ingresso no mosteiro, protestando as nullidades do capitulo...*

São muitos os episodios referidos, principalmente os resultantes da luta entre os frades do Sul e do Norte, quando disputavam proeminencias, sendo estes os derrotados, até que o celebre Fr. José de Guadelupe em 1771 arengou com tanta eloquencia aos vencidos, que

estes, queimando todos os seus cartuchos, triumpharam por entre enorme vozearia apregoadora da victoria.

E o auctor conclue assim :

«Ahi está muito pela rama o escorso da origem dos galopins eleitoraes em Portugal.

«Esta raça decahiu em dotes de elocução; mas aperfeiçoou-se na audacia com que dispara surriadas de tolices nos palcos onde farçanteiam as ridentissimas scenas da liberdade.

«Ah! que saudades eu tenho dos frades, quando os vejo justificados pelos sandeus que lhes herdaram todas as manhas, sem a minima das virtudes.»

E' conhecida a anecdota historica, de quando um pretendente procurou descarregar o seu nodoso varapau sobre o costado de El-Rei D. José, por effeito de traduzir á letra o que lhe dissera Francisco Xavier de Mendonça, ministro da marinha e irmão do omnipotente Pombal :

«Que queres tu que eu faça? A decisão depende de El-Rei. Elle não te despacha... *Vai dar-lhe com um pau.*»

E elle assim fizera.

E' a versão das *Recordações* de Jacome Raton, antepassado da familia Daupias do nosso tempo.

Fosse ou não verdadeira a versão corrente, que aliás Fr. Claudio da Conceição não elucida completamente no seu *Gabinete historico*, o facto é que o homem do

cacheiro regicida foi mettido nas masmorras do Pateo dos Bichos, terminando os seus dias, não se sabe se com maiores ou menores commodidades, nas prisões da Torre.

Em todo o caso, sem consagração e sem apotheose!

O estudo sobre *Manuel de Faria e Sousa* é de valor e historico e é de valor critico, destoante das homenagens consagradas ao doutissimo escriptor do seculo XVII.

Em resumo, Camillo põe-lhe em relevo as duplicidades politicas, chegando a apontal-o como espião vilissimo, que em Madrid comia a ração dos Filippes, atraindo-os ao mesmo tempo—devendo notar-se que escrevemos *os Filippes*, no sentido de *dominação hespanhola*.

Uma especie de criatura igual a uma outra com notoriedade n'esta nossa actualidade, embora com mais sabedorias e letras.

Que as tretas deviam de ser eguaes!

O estudo fecha por estes periodos:

«Se por ventura lhe quizeram elles (os que o louvaram) salvar a memoria, quebrantando a verdade, no intuito de esconder da posteridade um feio e talvez unico exemplo, o proposito não foi louvavel nem util. Virtude que gera erros e fomenta a ignorancia, é bom que a desçamos da peanha, e a despojemos das louçanias usurpadas á verdade.»

O anel das benções vem a ser uma joia que se conservou, e porventura se conserva ainda, nos descendentes da casa dos Marquezes de Ponte de Lima, com a

atribuida origem de ser presente de uma doninha a Fernandianes de Lima, neto de Thereza Bermudez, irmã de Affonso Henriques.

Fernandianes salvara a doninha das furias de uma cobra, e aquella, agradecida, fôra-lhe levar uma pedra preciosissima, que de geração em geração passou engastada no *annel das benções*.

Manuel de Sousa Coutinho teve ou não teve intimas relações com Miguel de Cervantes ?

E' o que Camillo procura destrinçar com muitas erudições, concluindo que D. Francisco Alexandre Lobo, o sapientissimo escriptor e politico destrambelhado, não lera tudo o que devia ler, assentando a sua opinião apenas n'uma passagem da *Historia de los trabajos de Persiles y Segismundo*, que precisava ser completada com outras passagens da novella.

Um grande sabio é cognome merecido que outhorga a João Pinto Ribeiro, não para o fim de mostrar as sabedorias na sua posse, mas para o intento de exemplificar que elle era um espirito alegre e folgasão, embora isso se não conclua das suas Dissertações chronologicas e criticas.

E dá prova do facto por uma carta que elle de Coimbra dirigiu a um amigo do Porto sobre episodios conventuaes.

Antiguidades de Braga.

Trata-se de notas curiosas extrahidas de um codice do seculo XVII.

Uma das predileções de estudos historicos de Camillo

foi sempre pelos successos referentes ás pretensões dynasticas de D. Antonio, Prior do Crato, e a diante, com maior desenvolvimento, havemos de demorar-nos sobre este ponto.

Aqui, no *Mosaico*, archiva-se uma carta que o pretendente dirigiu aos lentes da Universidade de Coimbra, despedindo-se saudoso, e conquistando com as despedidas a sympathia de professores e alumnos.

Em nota ao «Leproso» de Xavier de Maistre põe a questão, sem a resolver, se será ou não fundamentalmente verdadeira a affirmação de que o Conde Renato de Chalans, enfurecido de ciumes, encerrara sua esposa, a Princesa D. Maria de Bragança, em um castello, deixando-a morrer de fome.

O auctor apenas rectifica que a Princesa se chamava *Mecia* e não *Maria*.

O famoso intrujão José Balsamo, Conde de Cagliostro, que anda por historias, romances, revistas e comedias, tambem teve registo n'este livro, a proposito da sua passagem de aventureiro por terras portuguezas.

Em Lisboa foi Anselmo da Cruz Sobral, rico commerciante que se afidalgara, que lhe deu evidencia por effeito de lhe cahir nas boas graças a formosa mulher ou amante do *magico*, de nome Lourença Felisiani.

O final do registo é este:

«Quando passardes em frente do palacete das Picôas, e vos acudir á lembrança que ali esteve José Balsamo, o propheta da guilhotina de Ma-

ria Antoinette e da destruição da Bastilha, resalhe por alma, visto que elle morreu constricto, e se habilitou, por isso, a entrar no reino da gloria, que eu a todos vos desejo, *Amen.*»

O Cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa, que chegou a ter votos para o Pontificado, não se assentando na Cadeira de S. Pedro porque não quiz, devendo toda a sua preponderancia na côrte pontificia ao facto de fugir de Portugal com medo do filho de Affonso V, que lhe jogara a ameaça de o afogar, dá ensejo a Camillo de mostrar o que foi este infante quando rei, e que pelos modos tanto receio infundia ao Cardeal, que este mesmo de longe o servia, communicando-lhe larga copia de informações ácerca da politica italiana.

Na *justificação de um frade* elucida-se—porque a solução é difficil—sobre quem seriam os instigadores dos crimes de morte do *Princepe Perfeito e perfeito algoz*, na phrase de Camillo, decidindo-se pela innocencia de Fr. Hernando de Talavera, que viera a Portugal como embaixador de Hespanha.

Com *preambulo* apropriado Camillo edita as memorias de um anonymo, *sobre o que vira e passara na jornada que fizera no Minho no anno de 1785.*

Parece que o homem tinha ingerencias monascaes, porque se ia hospedando por conventos e mosteiros, apontando com simplicidade de má lingua muitas das cousas que ia observando.

No ultimo capitulo—*Divertimento das freiras de Lor-*

vão —transcreve-se um alegre sermão, onde uma filha de S. Bernardo, de nome D. Ignez Benedicta, fez o elogio funebre de um bulle que Soror Barbara de Jesus, grande chazista, tinha em muita estimação, e que depois de muito uso se fizera em cacos!

Bagatellas, bugigangas, ninharias, dirão porventura alguns leitores.

De accordo, mas muito desejaríamos nós conhecer as grandes cousas em que se preoccupam esses leitores hypotheticos.

Historia

A parte historica da obra de Camillo constitue, sem duvida, o seu trabalho mais difficil de acompanhar quando elle se concretisa em épocas politicas e na apreciação de homens que formam synthese do estado social nos respectivos meios, afóra dos capitulos que prodigamente deixou avulsos pelas miscellanas e chronicas, e que já tiveram as devidas referencias, quando particularisámos esses escriptos.

A historia é a *mestra da vida*, como sentenciosamente lhe chamou Cicero; mas sahindo dos limites d'esta definição classica, apropriada para quando a historia da humanidade em geral e de um qualquer povo particularmente obedecia, restrictamente, á lição do exemplo, como se a vida humana, nas suas relações sociaes, fosse como que uma continuidade mechanica: sahindo d'esse limitado ambito, a historia, revistindo um character de maior importancia pela complexidade dos phenomenos que se multiplicaram na sua diversidade, principiou a dizer-se—e não previmos que possa dizer-se mais—*a*

exposição dos acontecimentos sociaes de que o conjuncto constitue a tradição.

Porque em ultima analyse a historia é a tradição— a somma de todos os factores differenciaes de um povo—quanto ella com verdade e honestidade de processos se possa liquidar.

Mas, pelo correr d'estas considerações, não se assustem os leitores na persuasão de que vamos de animo leve architectar dissertação, em respigo do que se encontra compendiado—porque actualmente ha muitos compendios e expositores além d'aquelles que servem para a lição das escolas. Não começaremos em Cadmus para acabarmos em . . . , podendo estas nossas reticencias servir de veu pudico, que encubra a nudez de espiritos, sectarios ou especulativos, que bastas vezes se teem improvisado de historiadores, imposturando na comedia d'este papel, para o fim de servirem os interesses de qualquer aspiração de momento.

Tem havido de tudo n'este mundo, por desgraça dos que são victimas das malas-artes d'esta natureza e indole.

No entanto, a verdade é que em Portugal, no seculo XIX, houve bons, intelligentes e honestos trabalhadores de historiographia, a principiari em Herculano e seguindo-se em Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Gama Barros, Martins Dantas, José Sampaio, Barbosa Collen, por ventura Soriano e Chaby, e Oliveira Martins, aparte, n'este, o que era proprio dos seus processos preconcebidos, a que ajustava os mesmos factos historicos, imprimindo-lhes o character e o alcance que era da sua vontade que elles tivessem pela fórma do seu estylo, condensado e preciso, que era uma das gran-

des forças de prestigio das suas excepçoes faculdades litterarias.

Dizia De Prezel, fallando da estatuaria na figuração da Historia, *que ella se devia representar u'uma attitude magestosa*, mas a verdade é que nos modernos tempos se tem fugido muito ao figurino, e que a historia tem servido bastante para as especulações politicas, politicas essencialmente, a ponto de um escriptor francez observar com razão :

«Tous les historiens nous promettent la verité, pas un ne la donne sans la deguiser.»

Seria Camillo um dos que *mascararam* a historia?

Quando abordava os seus assumptos, aquelles que pelo estudo maior attenção lhe haviam merecido, não entrava certamente esse fim nas suas intenções; mas... tinha talvez temperamento em excesso para essa especialidade de trabalho, temperamento esse que se Camillo o conseguisse disciplinar, não sabemos de quem lhe podesse passar adiante.

Mas a imaginação voava-lhe. Mas a paixão dominava-o. Elle tinha, por homens de muitos seculos antes, sympathias manifestas e anthipatias expressas. Mas a penna brilhantissima—que penna tão fadada de privilegios!—acompanhando os vôos da phantasia e tornando-se impellida pelos apaixonamentos, tinha muitas e maiores liberdades que aquellas que são permittidas ao raciocinio no apertado circulo dos acontecimentos, mesmo quando se trata de generalisações á Guizot.

No entanto, mesmo por entre as suas paixões, por entre as sympathias e desafeições, por entre as suas lutas

e polemicas com individuos e estados sociaes, por exemplo com o estado social e critico portuguez na occasião de se celebrar o jubileu pombalino; ; que formosissimos trechos elle nos legou, de historia com vida, de historia com sangue, de historia com alma, amor, odio, coração, sentimento, perversidade, heroismo, caminhando, localisadamente, na frente de Michelet e de Oliveira Martins!

E' n'este sentido que é preciso encaral-o, aprecial-o, admirar-o, e seria isso que nós procuraríamos fazer, embora fallissimos na empreza, se estes livros fossem só de apreciação, não sendo o que principalmente e fundamentalmente pretendem, desejam e querem ser: a exposição da obra camiliana pela propria obra de Camillo.

Já fizemos notar que muitos dos seus estudos historicos se encontram dispersos: uns que editou, outros que lhe estão editando, e outros que estão pedindo ainda editoração.

No que podemos, já fizemos referencias a alguns, de bastante interesse, alcance e curiosidade; e agora, no desinvolvimento do plano que nós traçámos, e de que queremos ser escravos, vamos passar ao que Camillo nos deixou em historia e se pode considerar de maior tomo no seu trabalho e estudo—porque Camillo *estudou!*—

E assim, temos de passar em revista a parte *historia* que acompanha as edições dos romances *Euzebio Macario* e *Corja*, o *Perfil do Marquez de Pombal* e a *Maria da Fonte*, ou seja este livro um desinvolvimento das memorias do celebre *Padre Casimiro*, o chefe da insurreição popular de 1846.

Os leitores, se não viram esses livros de Camillo, de-

vem adquiril-os, para os apreciar devidamente, admirando como o seu talento teve espirito critico, embora a seu modo, para se collocar em meios sociaes tão diversos, como sejam os dos seculos XVI, XVIII e XIX, ou os periodos de dominação hespanhola, da preponderancia omnipotente de Pombal e da semi-omnipotencia dos Cabraes, o mais apropriadamente *do Cabral*.

Postas estas linhas em maneira de prologo, vamos passar pela vista dos leitores os trabalhos enumerados..

D. Antonio Prior do Crato

Não escreveu Camillo a historia completa, acabada, do real bastardo do Infante D. Luiz e da judia Violante Gomes, que parece ter-lhe sido incumbido por um ministerio portuguez, que não é o mesmo que dizer *governo portuguez*. D'esse bastardo bem menos feliz, e tambem muito menos perfeito de qualidades pessoaes, que o bastardo do seculo XIV, o rei de *boa memoria*, o *Mestre d'Aviz*, que foi o chefe da mais gloriosa, da mais prestigiosa, da mais nacional e da mais patriótica das dynastias que em todos os tempos existiram nas monarchias da Europa.

Não escreveu essa historia, embora projectasse escrevel-a, colligindo valiosos elementos, como deixou dito; mas legou, decerto, a quantos quizerem realizar, em separado, esse grande capitulo de vergonhas e heroecidades dos nossos annaes, subsidios importantes, em liquidação de factos que andavam disvirtuados na confusão das chronicas e das memorias academicas.

De resto, Camillo sub intitula, sem imposturas nem pretensões, o seu trabalho de «estudos para a formação

do livro *D. Antonio, Prior do Crato e seus descendentes.*»

Não mais, sendo facto de que com muito menos, muitissimo menos, alguns estylistas se têm alcunhado de *historiadores*, na corrente do *elogio mutuo* contemporaneo, mais descarado e orgulhoso que o celebre *mutuo elogio* que no periodo de 1860 provocou o protesto *irritado e irritante* dos academicos litteratos de Coimbra, de que foi figura maxima Anthero do Quental, que ao depois se tornou proeminente poeta e pensador.

Esta parte da historia que acompanha o romance *Euzebio Macario* é constituida, além dos capitulos referentes ao Pretendente, por um outro que se intitula *A lenda do Machin*, «reflexões á *Vida do Infante D. Henrique* por Mr. Richard Henry Major», dedicada ao illustre general Fernandes Costa em um offercimento que de certo representa um dos poucos premios de valor estimativo e grato, que tem sido concedidos á sua indefessa, talentosa e honrada faina litteraria.

Ali se leem, por exemplo, estas palavras de homenagem, que encerram ao mesmo tempo a observação e justa sobre qual seja o fructo de que se faz colheita no cultivo das letras em Portugal:

«Quando assim encontro um companheiro n'este areal esteril, páro e curvo a cabeça coberta de cabellos brancos que precocemente alvejaram na lide de escrever, não direi acerba, porque o trabalho é uma consolação—a consolação dos deveres cumpridos.»

Recompensa moral, recompensa espiritual apenas, mas

no entanto o trabalho representa consolação para o sentimento, consolação para a consciencia.

Mas passando ás investigações historicas, Camillo prefacia-as d'este modo :

«E' apenas um bosquejo das figuras estudadas com o fim de me ir familiarizando com os individuos mais notaveis do partido do pretensor, a quem faltava dignidade e legitimidade para rei em epoca tão perigosa e minguada de amor patrio, de força e de virtudes.»

Essas biographias são as de Duarte de Castro, dos Castros judeus, de Manuel da Silva Coutinho e de D. Francisco de Portuga!, e são traçadas, não só com verdade historica, não só com genealogias esmiuçadamente destrinchadas, mas com o collorido vivo da narrativa, como se o auctor tratasse de pessoas contemporaneas.

O primeiro da serie, Duarte de Castro, pertence á progenitura dos Castros de sangue hebraico que se tornaram senhores e condes de Barbacena, sendo filho de Diogo de Castro do Rio e de sua mulher Brites Vaz, e neto de Antão de Castro, um dos mais ricos commerciantes de Lisboa no seu tempo, dono do *Pateo das Farinhas*, ou seja no local em que se encontra a *Boa Hora*, onde, depois de se representarem comedias, se desenrolam agora muitas scenas dramaticas de lagrimas e tristezas.

Este Duarte de Castro, que batalhara em Alcacer-Kibir, que se tornara adepto de D. Antonio, mas que alcançara a liberdade da parte dos hespanhoes a troco da promessa de lhes fazer entrega *do seu rei*, com este

projecto de traição acompanhou o filho da Pelicana á Terceira.

Mas por fim foi decapitado em Angra, não ficando bem assente qual foi a causa: se por lhe terem descoberto o plano da vil traição, se por ter assassinado Antonio Baracho, que com elle concorria aos favores de certa dama franceza, manceba de um official inglez.

E' esta a semula do capitulo, mas como este Castro fosse, como já referimos, do tronco dos Barbacenos, Camillo diz *que os genealogistas impressos o esmocaram da arvore dos Castros do Rio*, embora Silveira Malhão, o insigne pregador, no celebrado sermão que andou por muito tempo nos logares selectos para uso das escholas, entroncasse estes Castros judeus na progenitura de sangue limpo da Linda Ignez, de onde provém os Castros de seis escudellas no brazão.

Sorrindo ironico, escreve Camillo assim:

«Se o sangue judeu é peçonha, o da familia Barbacena estava todo em Duarte de Castro, e ficou gellado no cutello do mouro convertido que lhe destroncou a cabeça.»

Era muito diverso d'este Duarte decapitado, Manuel da Silva Coutinho, dedicado correligionario, a valer, do Prior D. Antonio.

Descendente dos Silvas da Chamusca e Ulme—*dos Silvas que deram príncipes para Castella e reis para Portugal*—, honrava as tradições herdadas, e collocou-se ao lado do Pretendente desde os seus primeiros requerimentos para a successão: é o frõteiro-mor da acclamação em Santarem; nas côrtes, quer de Lisboa, quer

de Almeirim, colloca-se sempre ao seu lado; por elle batalha em Alcantara e segue-o nas consequencia da derrota.

O Prior fal-o Conde de Torres Vedras, investindo-o n'este titulo em substituição de Martin Soares de Alarcão, que se bandeara com Castella, e manda-o como tenente-rei para os Açores para metter ordem e disciplina no meio onde reinava a anarchia dos dirigentes— a anarchia dos que mandam, a peor de todas.

Tinha então 40 annos, estadeava-se com 25 cavallos, gallaneava-se com escolta de francezes e inglezes, e *era muito caroavel de mulheres e folguedos*, chegando para com aquellas á violencia quando lhe não chegava a seducção da figura ou do prestigio. Fez boa administracção, que Camillo especialisa por muitos factos, e fazendo a sua política, em certa altura do seu governo collocou-se ao lado dos mechanicos contra os fidalgos, como por mais de uma vez se tem feito nas situações anormaes da vida portugueza. Mas... os mechanicos quizeram logo afidalgar-se, fazendo-lhes Manuel da Silva Coutinho a vontade pela distribuição de habitos de S. Thiago e de Aviz.

Consequencias :

«Relaxou á gentalha umas liberdades que redundaram em aviltamento dos nobres. A arraia miuda vingava-se das passadas oppressões.»

O auctor relata-nos o governo de Coutinho fóra de todo o equilibrio que a situação requeria: ora clemente, ora barbaro, sendo exemplar dos seus processos este episodio, que pode servir de exemplo da dignidade hu-

mana em materia politica n'estes periodos de rebaixamento e aviltamento de caracteres :

«Foi sentenciado á morte Gaspar Homem, porque viera com embaixada de Castella quando lhe era defeza a entrada na ilha por interdicção ecclesiastica, visto haver-se negado a casar com uma filha de Gonçalo Feio, homem nobre. Ergueu-se a forza, e o padecente já ia no caminho, e ouvia as exhortações dos frades, quando a senhora repudiada foi pedir ao Conde que lhe entregasse Gaspar Homem, que já queria casar com ella. Anna, com instantes lagrimas, obteve o perdão do esposo, correu ao lugar de patibulo, e recolheu nos braços o noivo quando o algoz lhe ia lançar a corda. Casaram, viveram muitos annos, e propagaram-se. Gaspar Homem, em testemunho de gratidão ao logar tenente de D. Antonio, assim que o Marquez de Santa Cruz tomou a ilha, passou-se para os hespanhoes, e, allegando que estivera preso, obteve o habito de Christo e uma tença.»

Honras e proveitos em premio da deslealdade, sendo caso para repisar a sentença de Salomão :

Nihil sub sole novum!

Estando fixo o Sol, a contemplar estas miserias que a Terra lhe offerece andando em derredor d'elle!

Manuel da Silva é que se conservou sempre fiel á sua fé politica, e fugindo por fim á furia dos vencido-

res, foi apanhado depois de andar treze dias por serras e matagaes, recebendo a morte pelo crime d'essa lealdade.

E a rir-se d'elle, sem duvida, ficou-se muito contente na vida feliz o Gaspar Homem, no goso do seu habito e no goso da sua tença!

O terceiro dos biographados, D. Francisco de Portugal, é apresentado por Camillo como *Conde de Vimioso*, mas D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica*, não lhe admite a posse d'esse titulo, não ficando o problema resolvido nem pelo proprio 9.º conde do Vimioso, que em passagens diversas de escriptos seus lhe nega e concede o condado.

Mas seja como tiver sido... e Caetano de Sousa, se o não admite como Conde, apresenta-o como poeta, embora não se lhe conheçam poesias, a não se lhe reconhecer a paternidade duvidosa de um soneto em seis linguas, em que não entrava a sua na meia duzia.

Esteve com D. Sebastião em Alcacer, onde batalhou valentemente, mas depois, para não desmentir a tradição dos Vimiosos, de poetas e femeeiros, amou uma irmã de Xerife Muley-Hamet, de nome Lella.

Voltando d'África, a principio conservou-se indecisa na contenda dymnatica, mas por fim decidiu-se, sendo eloquentissima uma carta que dirigiu a este respeito o Pedro Docem, que ficara captivo.

Era tão generoso, que chegou a salvar a vida a Christovam de Moura, que communicando o facto a Filippe II, lhe dizia *que sentira mais dever-lhe a vida que perdê-la.*

Camillo Castello Branco define-o muito bem n'estes termos:

«Aos que arguiam de inoportuna a magnanimidade, respondia o fidalgo: «Mais fiz ao nosso caso fugirem elles que não matal-os em terra, o que soaria mal a quem apaixonadamente visse este negocio.»

E acrescenta, commentando :

«Esta bizzarria fôra plausivel e bôa para uma collecção de apothegmas e ditos sentenciosos ; mas o Duque d'Alva, fazendo decapitar pouco depois em Cascaes D. Diogo de Menezes, e pendurar em ameias o alcaide Francisco Pereira, dava ao generoso portuguez uma lição de politica sancionada nos preceitos que ainda hoje vogam nos dois hemispherios.»

Mais que partidario, o Vimioso tornou-se tão intimo de D. Antonio, que este projectou casar com sua irmã Filippa, que sabia latim, e que sendo Prioriza no mosteiro de Santarem, muito tempo sobreviveu ao seu principe namorado, pois que só morreu em 1614.

D. Francisco de Portugal é dos que acompanham o Prior na fuga de Lisboa, por Santarem, Coimbra, Porto e Minho, de onde D. Francisco, disfarçado, sahiu para França.

Veio na conhecida expedição dos 5:000 homens, 30 caravellas, algumas naus e alguns patachos...

Diz-se que dando as mãos, em juramento, ao almirante Strozzi, haviam feito promessas de vencer ou morrer na expedição.

Travou-se a peleja, e derrotados os partidarios de D. Antonio, o Conde e Strozzi cumpriram : *morreram!*

Á lenda de Machin

Na *Ephanafora amorosa* de D. Francisco Manuel de Mello, com base de informação em uma narrativa de Francisco Alcoforado, em guiza de romance contou-se que quando os portuguezes de Gonçalves Zarco descobriram a Madeira, encontraram ali, naufragos que se amavam em doce idyllo, um casal de amantes, Albert Machin e Anna d'Arpet. Por signal que do facto derivara o nome de uma das povoações do archipelago—*Machico*.

O manuscripto de Alcoforado, que fôra companheiro de Zacro, nunca se encontrou, por muito buscado que elle fosse, e muito embora se indicasse a livraria onde se affirmava ter existido. Mas não obstante haver falta de fundamento serio para a affirmacção da existencia dos consortes, que em realidade excederia a lenda do Robinson dos romances e das operetas, Henry Major, no aliás valiosissimo livro *Portugal e o Infante D. Henrique*, considerou-a verdadeira, embora mais ou menos alterada em seus pormendres na tradicção.

A este respeito, com largos conhecimentos bibliographicos e genealogicos, com o mais habil criterio interpretativo, jogando com os factos, jogando com as datas, jogando com a auctoridade dos homens — a honestidade politica e historica de D. Francisco Manuel de Mello foi-lhe *quasi* sempre suspeita —, Camillo deu rebate de polemica em artigo publicado no *Diario Illustrado*, respondendo-lhe Pinheiro Chagas — luta de gigantes que bem se queriam e se respeitavam — no *Diario da Manhã*. H. Major accudiu tambem pela sua opinião, escrevendo no *Athanaeum*; mas quem ler todo o *processo*, cremos que ha de conceder a Camillo as palmas de victoria, assentando estas conclusões:

«A invenção de Machin é posterior a João de Barros e Gomes Eannes d'Azurara.

«Azurara precede todos os historiadores dignos de credito que escreveram do archipelago dos Açores.

«Valentim Fernandes copiou a chronica do descobrimento da Guiné não lhe alterando as noticias que dão a primazia do descobrimento da Madeira a Zarco. Redigiu ou copiou uma noticia posterior entretecendo-lhe a lenda de Machin.

«D. F. M. de Mello singiu-se á versão que encontrou poetisada pelo epico Manuel Thomaz. *Francisco Alcoforado* é um artificio que não merece credito nem censura em obra de tal natureza. Não convenho na importancia politica que o sr. Rodrigues d'Azevedo presta á *Epanaphora* pelas razões que, bem ou mal, expendi.»

A sua opinião referida ao nome de Machico contra Rodrigues d'Azevedo, que a considerava provinda de Monchique, no Algarve, como muito provavelmente acontecera, encontra-se expressa n'esta passagem, fundada em que Azurata escrevera *Machito*, e nunca *Machin*, *Machico* ou *Monchrico* :

«Dê o meu amigo (1) a *Machico* a pronuncia de *Maquito*, e ahi tem a corrupção de *Machico*, que em italiano se traduz, em uma das suas accepções, por *mata*, *charneca*, *brenha*, *espinhal*, *sarça*, etc., e *machioni* (com a pronuncia de *maxione*) matagal, bosque fechado, etc. Acha V. demasiada simplicidade n'este processo de investigar origens? Talvez; mas creia o meu amigo que ha muita cousa que não é mais complicada nos seus exordios, e se nos afigura, a distancia de seculos, embrulhada na farrapagem das lendas.»

Assim como assentimos, sem reservas, ás suas conclusões com respeito á importancia do supposto documento de Alcoforado, assim, com verdade, nos parece demasiadamente phantasiosa esta embrulhada argumentação de etymologias italianas, parecendo-nos muito mais concludente a opinião de Rodrigues d'Azevedo. Mas o seu modo de ver demonstra que a imaginação não só lhe

(1) O sr. Alberto Pimentel, a quem dirigia a carta publicada no *Diario Illustrado* em 1889, jornal de que eramos, desde 1881, redactor politico.

chegava mas lhe sobejava para todos os recursos da discussão.

N'esta polemica, porém, o grande escriptor, embora resistente e renitente nas suas opiniões, não as sustentou com as armas terriveis do seu arsenal de lutador.

Foi comedido, e, se não poude fugir á ironia, no entanto não descarregou a manopola terrivel, como em outros prelios memoraveis, em que escarchara adversarios.

D'esta ironia é exemplo o final da sua replica a uma carta de H. Major :

«Nós, os portuguezes, trabalhamos ha muitos annos para expurgar das entranhas da historia os Laimundos, Ortegas e Pedros Alfardes.

«Permitta ò sr. H. Major que refuguemos dos nossos estudos serios o historiador Valentim Fernandes e mais o historiador Francisco Alcoforado.»

Dava assim... por tabella.

Gil Vicente⁽¹⁾

Tem sido muito contravertida a historia da vida do grande homem, figura culminante nos annaes da renascença das letras portuguezas, e a quem, por muitos annos, nas escolas e fóra d'ellas, se limitavam a chamar o *Plauto* portuguez, não lhe prestando a justiça e as homenagens que de direito lhe eram devidas.

Nem foram ainda outhorgadas...

A discussão, porém, que se tem ventillado na arena litteraria, com as melhores intenções patrioticas de determinar definitivamente a situação precisa de um grande nome, está por completo fóra dos nossos propositos, que apenas se limitam ao fim de fazer extracto das conclusões a que chegou Camillo, baseado, para a sua solução, em escriptos de dois linhagistas de valor—José Cabedo de

(1) E' com este valioso estudo, embora hoje atrazado, que abre a parte *historica* que acompanha o romance *Euzebio Macaria*.

Vasconcellos, de Setubal, e Manuel Moniz de Castello Branco, da villa de Fronteira, no alto Alemtejo.

Essa opinião, em ataque ao sr. Theophilo Braga, e d'esta vez com uma certa injustiça, chegando o auctor a esquecer-se que elle proprio tivera opiniões diversas sobre o assumpto, consiste em concluir que Gli Vicente fôra só poeta e não ourives tambem, lavrante da celebre custodia dos Jeronymos; que não era de Lisboa, nem da Pederneira, nem de Barcellos, mas nato e criado na cidade de Guimarães segundo as melhores versões, *pois que não jurava cegamente nas affirmações dos linha-gistas.*

De fórma que assente ter havido um Gil Vicente *que fazia autos* e um outro Gil Vicente *que fazia esculpturas.*

Acrescenta que Mestre Gil estudava jurisprudencia, e que, como dois seculos depois Nicolau Tcentino, fôra mestre de rhetorica em Lisboa.

Diz assim :

«A eloquencia foi muito estimada em Portugal desde o tempo de Affonso V. A rhetorica entre nós tem uma antiguidade que nos devem invejar as outras nações. Ensinaram-a em Lisboa Cataldo Siculo e Diogo Signo. D. João II admirava tanto o primeiro que lhe mandou dar *um mantão, calças de merino, jubão de setim e um barrete.* N'esse mesmo dia mandava dar a André Fernandes, mço de cavallariça, *um capuz, pellote, calças e carapuça de antona, jubão de festão com mangas e collar de velludo preto.* A andaina do eguariço era melhor. Não se admira a

gente da suvina remuneração que D. Manuel (?) deu ao seu mestre de rhetorica. Todos os reis portuguezes reunidos e espremidos não deram aos seus poetas tanto como el-rei actual a um que lhe poz na rampa e á vista a bruta ferocidade do seu avô que matou a sua avó a punhaladas e fez matar o seu peito adultero com a faca da cosinha—a almondegas.»

Tudo lhe serviu, para o espirito de critica humoristica e para a má vontade, com bastas manifestações, contra a dymnastia brigantina.

Para concluirmos, damos algumas palavras dirigidas ao sr. Theophilo Braga, embora este, por ventura, porque como já dissemos que não assentamos conclusões, tivesse a razão por seu lado no litigio:

«O sr. dr. Theophilo Braga é um homem de muitas letras no rigor da palavra; mas juizo litterario ainda não vi quem professasse menos. O sr. Ramalho Ortigão, escrevendo-lhe ha pouco a biographia litteraria, disse que elle era um escalracho. A sr.^a Rattazzi dos cartões jogralescos de Offenbach, tola em edição *princeps*, ella, a velha pandega vadia, tambem concorda conosco.»

Tudo isto a proposito dos autos e da custodia de Belem!

Sá de Miranda

A proposito de Gil Vicente, escreveu Camillo que o sr. dr. Theophilo Braga *sabia tanto do pae do poeta como do pae de Luiz de Camões e da mãe de Sá de Miranda*, e assim, abordando a questão da primogenitura do auctor dos *Vilhalpandos*, apura, aproximando factos e textos, que elle era filho de uma manceba do conego de Coimbra Gonçalo Mendes de Sá, que apesar da prohibição canonica, se alargara em descendencia, fazendo com que a rapariga fosse mãe de seis filhos.

Este é o facto liquidado, que aliás, em verso, já se apontara com ironia, admittindo que Gil Vicente a Sá de Miranda se referisse n'esta passagem :

Filho de clérigo és,
Nunca bom fruto farás.

Na previsão dos *frutos* é que o Plauto nacional se enganou por completo, porque a obra de Sá de Miranda é das mais perfeitas e inteiras de contextura da nossa

historia litteraria, e, na descendencia ahi se encontra, rodeada de preitos de admiração, a notavel escriptora — notavel em toda a parte — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que Camillo considera como sendo *a mais vigorosa escriptora que ainda teve este paiz.*

Raças finas

O titulo ajusta-se á narrativa, pois que se trata de episodios de sangue referentes a nomes historicos, que se tiveram na vida episodios desmerecitivos das suas qualidades, os apagaram em diversas epocas com feitos brilhantes em serviço da patria.

O hespanhol Fernando La Cueva era, em 1640, o governador da fortaleza de S. Gião na barra de Lisboa, mas entrando em negociações com a gente de D. João IV, entregou-lhe a praça. Por dinheiro de contado, sendo mediador do negocio o Conde da Torre, que em S. Gião se encontrava preso.

Este Conde da Torre foi promovido depois a Marquez de Fronteira, e nas *Monstruosidades do tempo e de fortuna*, fundada ou infundadamente attribuidas a Fr. Alexandre da Paixão, poderá o leitor encontrar uma passagem curiosa, que reza da sublevação que houve na villa alemtejana d'esse nome, que não queria que a sua terra dêsse o titulo ao Marquezado.

Tambem nas referidas *Monstruosidades* se encontra

com pormenores o facto que é narrado nas *Raças finas*, de quando á porta da egreja de S. Domingos o conde do Prado e o conde da Atalaya mataram o corregedor Ignacio Goes, por este querer impedir que elles entrassem no templo antes da chegada de El-Rei.

O facto produziu escandalo na côrte. Formou-se processo, que correu moroso, mas que afinal se concluiu ao fim de dois annos, sendo condemnado á morte o conde do Prado e a 10 annos de degredo o conde de Atalaya.

Mas felizmente para elles, os dois encontravam-se ao tempo na côrte de Luiz XIV, e nas proximidades do *rei sol* a vida devia correr-lhes no goso das mais intensas mundaneidades.

Fugindo, deram tempo ao tempo, porque foram perdoados, e, embora *sub conditione* de não voltarem á côrte, em Portugal se encontravam no anno de 1700, alistando-se no exercito, servindo na guerra, recebendo as honras de ajudantes de ordens de Pedro II.

Seguem-se muitos acontecimentos, até que se chega o acto final que é a justificação do sub-titulo—*pena de talião*.

E' o caso que o Conde do Prado, já então Marquez das Minas, foi assassinado em 1722 por João Lacueva e Mendonça no mesmo local e no mêsmo dia que fôra morto o corregedor Goes.

A penna de Talião levava 28 annos a cumprir-se, pois que a morte do juiz se dera em 1694.

Repare o leitor, para ajuizar dos melindres do tempo na esphera das *raças finas*: o Atalaya e o Prado haviam praticado um crime por lhes prohibirem o ingresso n'um templo em detrimento do protocollo; o Lacueva, bisneto do que se vendera a D. João IV, matara o

Prado por este lhe dar *vossemecê*, negando-lhe *senhoria* —factos estes que nem sequer se comprehendem n'este tempo de tanta excellencia e de tantas excellencias.

Um trecho da narrativa historica :

«A justiça tem vindo ao de cima das tormentas de indefinidos seculos. Estava na sicuta de Socrates, no banho suicida de Seneca, outra vez no fel de Jesus Nazareno, e mil vezes se revelou nos milhares de martyres, uns illustres, outros obscuros.»

Tragedias da India

A historia da nossa India é abundantissima de episodios apropriados á especialidade critica do auctor, e elle fez respigo, sublinhando-as, de muitas malfeitorias que andavam na prosa chã das chronicas encomiasticas e louvaminheiras, deixando, porém, ainda muito por commentar a quem lhe queira seguir na piugada, se porventura é possível descobrir, com a lanterna de Diogenes, quem lhe possa continuar a maneira do descriptivo.

Mas vamos ao que importa, para que o prologo não se torne maior que a resenha.

Garcia de Sá foi para a capitania de Malaca bem fornido de vencimentos e amores, pois que, a par de 30 contos de ordenados e alcavallas, se fez acompanhar por uma linda rapariga de Gaya, de nome Catharina e de alcunha *a Piró*.

Mas estando por lá tanto tempo, mais de 30 annos, e apesar dos fartos vencimentos, que podiam dar para sobras, por tal fórma dirigia as finanças, que não logrou amigalhar fortuna que se visse.

De Catharina teve duas filhas de belleza ideal, e de uma d'ellas tanto se enamorou um soldado obscuro, que o espartete rapaz, vendo-se nos apertos de um naufragio, faz juramento a santos e santas de que havia de casar com ella—estando de certo o valor da promessa nos esforços extremos que seria necessarro empregar, e empregaria, para... encurtar as distancias.

Leonor se chamava esta menina, e a seu respeito deixou escripto Faria e Sousa que *ella era em belleza e virtude unica em toda a India!*

Exemplar unico da India toda para um soldado sem fortuna chegava, a ser promessa dos dominios da maluqueira!

Mas não era sómente o soldado que a mirava com desejos, pois que em derredor da formosa volitava grande chusma de admiradores, sendo um d'elles Luiz Falcão, de quem Camillo vinca d'est'arte o feitio material:

«Era menos poeta nos seus amores que o primo: (1) não lhe dava para ali o orientalismo. la mais para o cravo e para a pimenta.»

Porém Leonor, se não sabia da existencia do soldado, conhecia Luiz Falcão, mas não lhe deferia aos amores, pois que d'alma e coração se dedicara a Manuel de Sousa de Sepulveda, que o poeta dos *Luziadas* deixou immortalizado n'este verso:

Liberal, cavalleiro, enamorado.

(1) Chrystovam Falcão, poeta do Cancioneiro de Rezende.

Tantas paixões em volta de uma mulher, deviam produzir consequentemente scenas de drama, e assim foi que, mysteriosamente, Luiz Falcão appareceu assassinado, concluindo Camillo, de uma passagem de Jeronymo de Côrte Real, que Sepulveda, para se ver radicalmente liberto da sua concorrência, lhe mandara dar a morte, pagando-a segundo os melhores calculos.

Isto apesar do attestado de Camões :

Liberal, cavalleiro, enamorado !

Enamorado, de certo ; *liberal*, é conforme o sentido que se der á palavra ; mas *cavalleiro* . . . é liberdade de poeta.

Fez-se o casamento, e o *high-liffe* do caso, não havendo gazetas ao tempo, pode encontrar-se no poema de Côrte Real, pois que, a respeito da elegante *toilette* de Leonor conta que alguns curiosos

. . . . no pensamento tão medindo
A proporção egual, maravilhosa
Das partes perfeitissimas que a roupa
Avara de ciosa lhe escondia.

Era bonito embora um pouco indiscreto ; mas, não obstante o realismo, é de fazer morderem-se de inveja o primeiro *highlifista*, o actual sr. Conde de Mesquitella, do *Diario Illustrado*, que a Politica haja, e o seu successor, muito mais litterario, o sr. Luiz Trigueiros, do *Diario de Naticias*, que o talento equilibrista (do *Noticias*), conserve por largos annos e bons, como todos nós havemos mister.

Mas no fim de tantas intrigas, que decerto se mani-

festaram, Manuel de Sepulveda e Leonor, amando-se muito, esquecidos do Luiz e do soldado, foram traggados pelo mar ne afamado naufragio épico, ficando por apurar, por ser impossivel, se a morte de Falcão entrou como *provará* na sentença do destino.

Perfil do Marquez de Pombal

E' extensa, é enorme mesmo, a bibliographia pombalina. Principalmente, quando do centenario da sua morte, em 1882, *os prelos gemeram*, consoante a phrase consagrada, em um abundantissimo parto de livros, monographias, folhetos, revistas, jornaes, conferencias e discursos.

Cathedraicos e plunitivos, academicos e publicistas, consagrados ou improvisados, encontraram-se por mezes em producção de opiniões, quasi todas de homenagens de generalisação.

Mas no entanto é licito perguntar: ficou escripta, encontra-se escripta, já possuímos em letra redonda a verdadeira, a legitima, a veridica, a sincera, a imparcial *Historia do Marquez de Pombal*?

Cremos corresponder á realidade dos factos e á genuidade da critica respondendo negativamente, porque nem sequer na unica historia nacional completa que possuímos, escripta com muita eloquencia e patriotismo, a de Pinheiro Chagas, nem sequer ahi essa pode-

rosa individualidade, que fez revolução pelo despotismo, que fez economia politica e financeira pelos processos revolucionarios, se encontra liquidada como synthese perfeita de 27 annos completos da existencia de um povo, de convenção na frente de um rei passivo, mas de realidade dominado absorventemente por um ministro, escudado no symbolismo real, ou antes no culto tradicional que elle representava.

E' que a vida d'esse homem, ou antes a sua acção governativa, feita de processos seus proprios, sem similares no Estrangeiro, embora em parte pareça imitativa, é por tal fórma complexa, por tantos factos e acontecimentos se affirma, uns de grande relevo, outros de pequena importancia, mas todos com a chancellia pombalina, mas todos harmonicos no conjuncto, que ainda é cedo para a descrever com verdade, embora já passassem 164 annos depois que elle assumiu o poder e 132 correndo da sua morte desgraçada e ao mesmo tempo ignominiosa, por não ter a força de guardar a dignidade do seu papel historico.

Em contrario das aspirações sonhadoras dos regimens doutrinaros, dos extremos da unidade real aos extremos do individualismo; desde a absorpção pelas classes superiores á pretendida absorpção pelas classes inferiores, ainda peor a ultima que a primeira; desde o capital auctoritario ao trabalho despotico, complicando-se cada vez mais a solução do problema da sua harmonia e do seu equilibrio; desde as companhias privilegiadas ao syndicalismo que abstractamente se privilegia; desde a razão de estado, como justificação de todas as tyrantias, até ao demagogismo presumpçoso, no absurdo impositivo de todas as suas ignorancias; desde a scien-

cia official ao ensino sectario, desprovido de todos os elementos da moral dos homens e das collectividades ; desde a acção omnipotente de um homem—furacão que passa pela historia de um povo—aos convencionalismos da liberdade restricta ao sentido da palavra em si, e nada mais, em nome da qual se teem praticado mais crimes de injustiça do que os resultantes d'aquella mesma omnipotencia : no meio d'este cahos, onde ainda refervem paixões antigas de mistura com paixões modernas, não pode formar-se criterio positivo para dar a noção, quanto possivel exacta, da representação completissima d'aquella figura politica, por ventura amais extraordinaria do seu tempo.

Victor Hugo escreveu :

«Le dix-neuvième siècle est grand, mais le vingt est une siècle heureux.»

Triste felicidade a d'este seculo vinte, tão contradizente do prognostico do genial escriptor, que tão lindas phrases produziu !

A historia do Marquez de Pombal encontra-se, pois, a nosso ver, ainda por ser escripta fundamentalmente, e entrando, como obreiro poderoso, no trabalho de ajuntamento de materiaes, Camillo não é mais que um *accusador*, e faccioso, como outros escriptores teem sido defensores incondicionaes, e muitas vezes sómente declamadores de homenagens... rhetoricas.

A significação essencial do seu trabalho, para nós, vem a ser um *protesto*, e este fundamentalmente justificado, contra a inconsciencia das absurdas e destrambelhadas intenções politicas com que se celebrou em Lis-

boa e por muitas terras o centenario do Marquez, as-sentando-se, como homenagem suprema, na erecção na capital, de um monumento, que ainda nem sequer pos-sue alicerces, embora as commissões promotoras tenham vindo a ser renovadas n'um periodo de 30 annos!

Dois annos antes, em 1880, celebrara-se o tricente-nario de Camões

A festa, com effeito, se não calara no espirito da opinião geral, porque essa opinião, no maior numero, nem sequer conhecia os *Luziadas*, teve no entanto a consagração solemne das classes mais ou menos intel-lectuaes, embora os intellectuaes ainda não constituis-sem a oligarchia scientifica e litteraria do nosso tempo.

Mas n'essa festa camoneana fez-se muita politica, inclusivê em scenas de rudeza indelicada, exhibidas no Terreiro do Paço em frente do Rei D. Luiz, e com esta *orientação* cuidou-se que politica se podia e devia fazer tambem com o primeiro centenario pombalino, não se lembrando a democracia do absurdo flagrante, manifesto e evidente em que ia cahir, de se expandir em muitas festas na celebração de um nome que, como nenhum ou-tro da nossa historia, symbolisava o absolutismo, em-bora o portador d'esse nome, por vezes por meio de processos de espoliação, deixasse no Erario Publico uma reserva de 75 milhões de cruzados!

Latino Coelho, o primorosissimo escriptor, escreveu artigos brilhantes; o sr. Manuel d'Arriaga, não só em Lisboa, mas tambem na cidade do Porto, celebrou con-ferencias engalanadas de imagens bonitas; mas por so-bre a prosa de Latino e a oratoria do sr. Arriaga, supe-riorisava-se a verdade cruel dos factos, na contradicção entre a realidade das cousas e as intenções da festa.

Então, como era proprio do seu feitio, Camillo appareceu na liça, armado até aos dentes, ferindo a torto e a direito, e n'esta impetuosidade foi até aos extremos da polemica. Não sendo jornalista em actividade, apresentou-se combatente e luctador com um livro de mais de 300 paginas, que Ernesto Chardron, então o seu livreiro mais assiduo, não quiz editar, porventura receioso do escandalo, como se pode concluir de uma carta de Camillo para o seu amigo Silva Pinto.

São interessantissimas algumas passagens do *Proemio*, por que abre o livro, e por isso vamos dar algumas — a unica parte de valor de quanto ahi fica escripto, vamos nós dizendo, antes que seja dito pelos leitores.

A primeira refere-se aos iniciadores da festa:

«A Democracia decerto repelle o meu livro da sua estante de historia, e não lhe dará sequer a importancia de o ler. Quanto a refutal-o, a Democracia não gosta de illaquear as suas theorias abstractas nas rêdes da pequena historia, feita das malhas dos argumentos sedições.

«Ella tem uma idéa, um symbolismo a que chamou — *Marquez de Pombal*, adulterando-o até ás condições phabulosas do mytho. Ora, eu escrevo de um homem a quem chamo *despota*. Isso que ahi passou nas ruas foi um Pombal de romance, como o de Clement Robert. A verdade dos factos foi sacrificada a uma bandeira que lhe emprestavam. Puzeram esse manequim defronte do povo portuguez — o mais rustico povo da Europa.»

.....

«A Democracia arriscou a ruins incidentes o

seu futuro, festejando o centenario do Conde de Oeiras, Marquez de Pombal, alcaide-mór de Lamego, senhor donatario de Oeiras, Carvalho e Cercosa, commendador das Tres Minas e de Santa Maria da Matta de Lobos, etc. Applaudindo incondicionalmente o titular e o despota, desauctorisou-se.

.....

«Se os ultra liberaes de 1882 estão com o Marquez de Pombal, quem nos affirma que as confederações republicanas e atheistas de 1982 não hão de estar com os jesuitas?»

Não sabemos se para lá caminhã; o que é certo é que se confirmou pelos factos esta observação do auctor:

«Parece-me temeridade endeusar os déspotas em um grande concurso de intendimentos embrionarios. Essa plebe escura, ou alumiada de momento por instantaneos relampagos de phrases, se a vezarem á glorificação dos despotas defuntos, não saberá resistir aos vivos.»

Segue-se um libello accusatorio que é de muitos capitulos: 16, ao todo, ou sejam especialisações, na maior parte, das fórmulas ou processos pombalinos de exercer o arbitrio, de sciencia certa e poder absoluto, sobre homens, classes, instituições, commercio, industrias, trabalho—tudo!

Basta enumerar esses capitulos para dar idéa exacta de que o livro acompanha o governo do Marquez nas

acções por que elle mais se individualisou na época e tomou character na historia.

São os seguintes :

- *Os Tavoras.*
- *José Polycarpo d'Azevedo.*
- *Oraculos.*
- *O Marquez de Pombal e o terramoto.*
- *O Marquez de Pombal e o vinho.*
- *Pombal e os garfos.*
- *O Marquez de Pombal e os Jesuitas.*
- *O Marquez de Pombal e a Inquisição.*
- *O Marquez de Pombal ridiculo.*
- *Paulada e pedrada,*
- *O Marquez de Pombal e o Erario.*
- *Ultima façanha.*
- *O Marquez de Pombal reu confesso.*
- *Conclusão.*

Acompanhemos.

Occupando-se dos Tavoras, assignala-lhes os serviços, concluindo que elles, na conspiração, só haviam procurado vingar a honra, affrontada pelo Rei, que tornara sua amante a Marquiza D. Thereza, que aposentou com farta tença no Mosteiro de Santos, em quanto os outros Tavoras, e os Aveiros e Athougias, seus parentes, eram devorados pelas chammas, em um dos espectaculos mais hodiondos de que reza a historia e a chronica dos despotas.

E' n'este capitulo dos Tavoras que Camillo nos apresenta Sebastião José de Carvalho e Mello, a par de um

tyranno e sanguinario, uma criatura estúpida e ignorante, chegando, por extremos aos absurdos da apreciação suspeita e facciosa.

Apenas com o valor de documentar o criterio de Camillo sobre Pombal, transcrevemos o que se segue :

«A' sua formatura em jurisprudencia é impossivel já agora descobrir as causas impeditivas. Tedio dos assumptos? Incapacidade? Preguiça? Reprovações? Indisciplina de costumes incompatíveis com o estudo? Seria tudo, E' todavia certo que Sebastião José de Carvalho e Mello, em letras ficou muito abaixo dos seus coevos da Academia de Historia. A sua peça litteraria em que se presume o maximo consumo de meditação, de talento e sabedoria, é o *Elogio do Marquez de Louriçal*, escripto e impresso em Londres.

«E' uma burundanga de selecismos e inchaços de hyperboles, um gongorismo muito estafado da escola do Vahia e dos Ericeiras com pretensões a Jacintho Freire. Tem uns relanços de hypocrisia em que o leitor sente por equal as coegas do riso e o antojo da nausea. O velhaco, encomiando a educação do menino Louriçal, escreve: *Sobre tantas applicações diversas, foi preferido por modo eminente pelo Pae e Avós Excellentissimos, o zeloso disvello de irem cada dia mais, embebendo primeiro nos dogmas do Cathecismo, depois nas maximas da moral christã, a parte essencial do espirito d'aquelle, que nascera destinado não só para lhes succeder na*

*Casa, mas para o incomparavel fim de os seguir
na gloria da Bemaventurança eterna.*

«Nem sinceridade nem grammatica.»

O leitor está vendo que Camillo escolheu o... peor do *Elogio do Marquez do Louriçal*.

Prosegue na mesma toada, escrevendo:

«Sebastião era bastante bronco, sejamos justos. Esteve seis annos em Londres, e não aprendeu da lingua ingleza uma palavra para fallar, nem sequer para traduzir. O seu biographo John Smith dá a perceber, fundado n'umas memorias manuscriptas do biographado, que elle por causa dos seus achaques e muitos estudos, não teve tempo em seis annos de conjugar um verbo inglez.»

John Semit dá a *perceber*. Dá a perceber... a Camillo, que assim se quer dar por apercebido, sendo caso para repetir a phrase latina: *Quia nimis proba, nihil probat*.

Um dos sentenciados pela tentativa de regicidio foi José Polycarpo d'Azevedo, que aliás, sumindo-se, foi queimado vivo... em estatua.

Este Azevedo andava adstricto aos Aveiros, por ventura da sua bastardia, e por mais que se fizessem promessas e que os parentes soffressem torturas, ninguem praticou a infamia da denuncia, que aliaz em nossos tempos progressivos, *muito civilizados*, se está *praticando* sem necessidade de pôtro.

De estipendio e premio é que talvez se haja mister ! Este capitulo é um bello estudo de investigação historica, concluindo Camillo, por pesquisas proprias, que José Polycarpo d'Azevedo, que cuidavam viver no Estrangeiro, e que chegaram, enganando-se, a prender na pessoa de um portuguez que vivia nos suburbios de Sevilha, nunca sahira de Portugal, estabelecido, como ta-verneiro nos Padrões do Teixeira, na estrada que vai de Amarante á Regua, fugindo a todas as buscas pela prevenção acertada de queimar a cara com vetriolo.

Ali morreu vendendo vinho, amealhando fortuna, e deixando descendencia, que em 1856 estava representada pelo bacharel em Direito Valentim de Faria Mascarenhas Lemos.

E' bello este quadro descriptivo do referido sitio dos *Padrões do Teixeira* :

«Está ali a poesia dos pavores supersticiosos. Resvalam umas escarpas crespas de rochas socavadas pelos corregos. Sobre essas barrocas penduram-se penedias acastelladas, que parecem ir rolando da espinha das cordilheiras. Os carvalhos hirtos, desfolhados e retorcidos, que vegetam das figas do penhascal, reverdecem quando o ardor do estio os desabrocha e queima com a mesma lufada de fogo. No inverno, a corrente do rio Teixeira, lá no concavo fundo, referve, caxôa e estorce-se como uma serpente em cujas escamas verde-escuras não rutila uma flexa de sol. A torrente galga o penedio das margens, rugindo a espaços com trovoadas longinquas. Aquellas solidões são como um pedaço de globo em

que se estão germinando n'um silencio pavoroso creações monstruosas.»

Em um livro de Dumas, no *Samuel Gelb*, nos parece, ha uma descripção parecida, mas inferior a esta.

Mas interroga-se naturalmente: sendo de tão apoucada intelligencia Sebastião de Carvalho, quem o empurraria para os cimos de tantas e tamanhas grandezas?

D. Luiz da Cunha, o famoso diplomata, pouco escrupuloso em materia de costumes, pois que tanto se enamorara, já velho, da judia Mad. Salvadora, que a adornara com o habito de Christo; D. Luiz da Cunha, no seu testamento político, referido por Camillo, aconselhava o Principe D. José a que, quando viesse a reinar, chamasse a Sebastião José de Carvalho para seu ministro, pois que elle *era de genio paciente e especulativo, acordando-se com o espirito nacional no facto de ser diffuso como elle.*

E este D. Luiz da Cunha, no entender de Camillo, foi o primeiro oraculo de Pombal.

Seguem-se:

Francisco Xavier d'Oliveira, com quem se encontrara em Londres e Vienna d'Austria, e que o inspirou nas reformas inquisitoriaes.

Alexandre de Gusmão, de quem aproveitou os trabalhos para os seus decretos em materia de moedas, de companhias americanas, de colonias, de industrias nacionaes, etc.

O arcediago Luiz Antonio Verney, que no seu notavel livro, *O verdadeiro modo de estudar*, o orientou nas reformações de instrucção publica.

O medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches, que lhe forneceu idéas para as suas leis referentes á egualdade de christãos velhos e novos, á agricultura e outras.

Pode-se chamar a isto a *mã vontade preconcebida*. Forçava a nota ás conclusões a que queria chegar, porque o facto é que, em todos os tempos, os reformadores sempre tiveram inspiradores e collaboradores, estando o merecimento d'esses reformadores no criterio para saberem escolher e apreciar a collaboração.

Mas admiremol-o na forma humoristica *de dizer mal*, a proposito de Latino Coelho ter chamado *genio criador* ao Marquez de Pombal:

«Leis originaes, de estreme concepção de Sebastião de Carvalho—indisputavelmente d'elle —são uma que manda fazer o Canal de Oeiras para os vinhos do Conde se transportarem facilmente; outra que estabelece a feira de Oeiras para encarecer as propriedades do Conde e os generos da sua lavoira e a lei dos *contiguos* para encravar na sua quinta as pequenas propriedades limitrophes.»

Vontade de dizer mal, repetimos: o canal de Oeiras, é o emparedamento, em pequena parte, de um rio que desagua na Barra, e por onde nunca se podia fazer embarque nem desembarque; a feira nunca podia pegar em sitio que não era concentrico de uma vasta região productora, e se Camillo se quer referir, não a feira, mas a uma *exposição* que ali se projectou, como local apropriado nas visinhanças de uma grande cidade maritima, só vemos motivo para lhe tecer louvores

por uma iniciativa de onde não podia colher interesses privilegiados. Em quanto aos *contiguos*, não prevemos em que fosse aproveitada a lei, porque o morgadio, segundo um padrão ainda existente, quasi se restringiu ao que fôra adquirido por parentes seus.

Mas vejamos o final do capitulo, que é de sensação :

«A quarta criação genuina do Marquez de Pombal é a lei promulgada em 15 de Março de 1751, em que se prohibe pendurar cornos epigrammaticos ás portas das pessoas casadas. E não me consta que se celebrasse este rasgo civilizador nas actas do centenario. O legislador entendera que tão dura fazenda dentro das casas e á porta da rua era um pleonasmio, um luxo digno de pragmatica repressiva. Sempre grande este Marquez. Chegava até aos cornos, não direi da lua, mas dos seus concidadãos.»

A isto é que não ha que objectar !

E' da historia, é da tradição, já de muitas gerações, é da lenda mesmo, o esforço sobrehumano que o ministro desinvolveu no momento pavoroso em que a cidade do Tejo se derruiu em grande parte, em virtude do terremoto memoravel, que chegou a merecer a honra de poemas !

Pois o factio historiado e cantado é para Camillo uma cousa de pequena monta e de somenos importancia !

E exemplifica :

«Emquanto Sebastião de Carvalho, de luneta

no olho, e as costas direitas no respaldo da cadeira presidencial, assistia ás conferencias, viam-se por entre os escombros da casaria arrazada, os parochos e os religiosos salvando os moribundos e enterrando os mortos. D. João de Bragança, irmão do Duque de Lafões, por entre o acervo do pedregulho, arrancou da morte muita gente entalada nos vigamentos abatidos. Sampaio, um Monsenhor da Patriarchal, com as pessoas que lhe seguiram o exemplo, sepultou duzentos e quarenta cadaveres, e conduziu os feridos aos hospitaes. Pelos arrabaldes de Lisboa andavam varios fidalgos com os seus medicos curando os feridos. Os mosteiros abriram espontaneamente as suas cercas para hospitaes, e os frades davam aos feridos o seu pão e os seus disvelos de enfermeiros e consoladores. Os conegos regrantes e os oratorianos receberam em S. Vicente e nas Necessidades muitas familias desvalidas a quem sustentaram e abrigaram nas suas cercas. Os filhos bastardos de D. João V receberam no paço e nos jardins da Palhavã, mais de duas mil pessoas que alimentaram e vestiram durante muitos mezes.»

Mas... *quid inde?*

A conclusão é, *que todos souberam cumprir o seu dever*, como de resto, em taes casos, sempre acontece em Portugal, embora esta ncssa contemporaneidade dura e materialisada ande um pouco desnaturada da sua tradicional sentimentalidade.

Mas concluir d'ahi que a acção de Pombal foi secundaria, é força... de consoante.

De resto, o proprio auctor se desdiz sem dar por isso :

«Por escassez de capital não tinha de affligir-se o ministro. Havia abundancia de dinheiro e de viveres.»

Final do soneto :

«Não sei se Carvalho ganhou com o terramoto; perder é que de certo não perdeu. A sua casa da Rua Formosa ficou intacta. O parvoeirão do Rei disse que isso era uma prova de que Deus protegia o seu ministro, e o Conde d'Obidos respondeu:— *Certo é, Senhor; mas semelhante protecção acharam tambem os moradores da rua Suja.*»

O capitulo em que trata das medidas pombalinas referentes ao commercio dos vinhos, é curiosissimo de factos, embora nem sempre o seja de imparcialidade, e embora tambem a famosa aiçada descricionaria, que foi ao Porto, se não possa nunca justificar nos seus effeitos sanguinarios por nenhuma especie de eschola economica ou processos financeiros.

Segundo Camillo, o Marquez veio a seguir os exemplos do seu contemporaneo Frederico II: *syndicalisava todos os ramos de commercio*, como hoje se diria.

Companhias para tudo, com a nota official, e como a falta de iniciativa individual dos naturaes em certo modo justificava.

A mais importante foi a *Companhia geral dos vinhos do Alto Douro*, imaginada pelo dominicano José Mansilha para desfazer no jogo ganancioso dos inglezes, que compravam o afamado vinho do Porto ao desbarato, e pelos preços que *elles queriam attribuir-lhe*.

Esse vinho subiu de 10 mil réis em pipa, e em média, na compra aos lavradores, mas, na opinião do auctor, *o ministro, na sua profunda ignorancia das leis economicas, que podia ter aprendido na longa residencia na Inglaterra, executava impetuosamente os seus alvitres antes de os meditar, porque aquelles 10 mil réis representavam apenas a sordida confederação dos compradores, era um preço retrahido e contrafeito que devia ceder a outra ordem de providencias*.

Depois d'isto vem a historia da alçada, a que já nos referimos, entendendo que toda a responsabilidade da severidade e crueldade de alguns castigos pertence, integra, ao ministro, e nunca ao escrivão d'essa alçada, José de Mascarenhas, a quem muitos atribuem todas as culpas.

Depois, *Pombal e Garção*, ou sejam o homem de estado e o poeta; em regra geral o que ha de mais avesso em temperamentos e processos de accionar: a politica e a poesia.

Mas d'esta vez não temos libello accusatorio; bem pelo contrario, porque o auctor começa logo por estas palavras:

«As nodoas de sangue indeleveis na memoria do Marquez de Pombal são bastantes. Não é pre-

ciso invental-as. E' até obrigatorio, agora mais que nunca, delir da historia as inuteis aleivosias que infamam Sebastião José de Carvalho e que andam na tradicção favorecidas pela ignorancia.»

Em resenhistas litterarios encontra-se referido que Correia Garção fôra encarcerado por vingança do Marquez, ferido na sua vaidade pelo poemeto louvaminheiro *Ao infante D. Pedro não consentindo que se lhe levantasse uma estatua*, onde vira allusões que lhe eram pesoaes.

Mas a verdadeira causa da prisão foram os exçessos da sua poesia em materia amorosa, correspondendo o verso aos seus desejos fesceninos.

Transcrevemos :

«O poeta não era a summa descripção em pessoa. As *Delias*, as *Philis* e as *Claras* dos seus poemas conhecidos e ineditos não eram entes puramente imaginarios. Garção, descuidando a fé jurada á esposa, cantou e amou varias damas com a facundia congenial dos genios da sua tempera aquecidos no exemplo contagioso dos mestres de Horacio, Tibullo e Propercio algum tanto com os tons fesceninos de Marcial.»

Assim, aos 49 annos, parece que *desgraçou* uma donzella, sua visinha e filha do general Francisco Maclean, official escossez ao serviço de Portugal.

Documentada a aventura por effeito de uma carta leviana, o escossez formulou queixa, e dando-se-lhe sa-

tisfação em harmonia com a patente e situação de estrangeiro, Garção foi preso, morrendo na cadeia no dia em que se lhe assignava o mandado de soltura.

Mas se Camillo defende o Marquez da accusação de perseguidor, tiranno e arbitrario do poeta que lhe bulira nas suas prosapias, não quer admittir que Pombal fosse o introductor dos garfos em Portugal, benemerencia limpa que lhe atribue John Smith, Conde da Cornota e cunhado do Marechal Saldanha, em um dos capitulos das suas memorias,

Escreve com a sua graça inimitavel :

«Se isto assim fosse, em Pórtugal, antes de 1745, comia-se sordidamente sem garfos, com os dedos engordurados e as belfas n'um escorrimto de gemas d'ovos, obrigadas a todos os fricassés e empadas. Um jantar de mesa redonda seria uma grande pia de cevados; e as mãos das senhoras besuntadas de salchichas de porco, em vez de provocarem beijos, mostrar-se-iam muito reconhecidas ao fino brinde de uma quarta de sabão.»

Mas de facto, Pombal não fôra o introductor dos garfos, pois que elles já se usavam em Portugal 200 annos antes. Nada menos de dois seculos!

Camillo documenta a sua affirmativa com o testimonho de varios auctores, e conclue :

«Receei que algum centenarista, enganado

pelo sr. John Smith, viesse agora para ahi dizer, no dia 8 do proximo mez de maio, que o grande Marquez de Pombal, trazendo os garfos de Londres, evitara que os portuguezes comessem com os dedos porcamente.»

Para Camillo o Marquez, duranre 24 annos, serviu-se do tribunal da fé em quanto lhe utilisou ter na mão do inquisidor o torno de tortura, o açoite e o cirio de cera amarella que accendia a fogueira, e foi só quando poucos lhe faltavam para cahir no oprobio, que lhe lembrou que a protervia sanguinaria era obra da Companhia de Jesus. Nem sequer lhe applaude, nem admitte que lhe louvem, o expediente de ter avocado ao Conselho d'Estado os processos julgados pelos inquisidores, pelo facto de se confirmarem autos de fé por motivos irrisorios, que especifica, e de se ter queimado gente viva como acontecera em Evora.

Mas quantos crimes teria evitado essa ultima instancia, que se não considera como golpe profundo nos exa-geros julgadores do Santo Offieio?

Um dictado portuguez affirma *que mais vale tarde do que nunca.*

Eram, não eram verdadeiras as intervenções da Companhia de Jesus nos actos da Inquisição?

Parece que o não eram, porque jesuitas houve, e de nomeiada, como o Padre Antonio Vieira, que cahiram sob a sua alçada.

Tambem não temos duvida em admittir que o odio preoccupadissimo do Marquez ao jesuita fosse parte n'essa attribuição, mas no entanto a reforma nos anti-

gos regimentos inquisitoriaes de D. Pedro de Castilho e de D. Francisco de Castro, representa, manifestamente, uma conquista do poder civil.

No entanto, é interessantissima a parte do livro que se intitula o *Marquez de Pombal e a Inquisição*. Compende numerosos factos; dá pormenores interessantes da prisão dos meninos da Palhavã, a quem não valeu, perante o despotismo do ministro omnipotente, o serem irmãos do Rei, e a proposito da duplicidade de Pombal, que ao passo que prohibia a leitura de livros desagradaveis ao Santo Officio, estipendiava o erudito Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que em latim lhe traduzira os estatutos da Universidade, para agredir o Papado na essencia dos seus dogmas e artigos disciplinares, *não sendo mais suave para Roma que as invectivas dos grandes herisiarchas dos seculos XV e XVI*; a proposito dos processos bifrontes do grande homem de estado, atira-me com este medonho articulado:

«Quando nos dará a historia um homem semelhante, uma tão impenetravel, uma tão absurda depravação? Quem me explicará a sinistra idéa do ministro—philosopho que permittia os tractos espertos nos herisiarchas, prohibia com severidades acerbas a leitura e posse das obras hostis ao Santo Officio, mandava ao mesmo tempo publicar obras eivadas de jansenismo e do racionalismo de Voltaire, e fazia queimar os livros orthodoxos que alimentavam a piedade boçal dos seus contemporaneos?»

«Convinha antes do centenario trazer á luz a tenebrosa monstruosidade d'este character incoercivel e unico na historia.»

Dos inquisidores passemos aos jesuitas; aos jesuitas em largas partes victimas de muitas politicas no decorrer dos tempos, e de quem por muitas vezes, como se vê de diversas passagens dos seus livros, Camillo não tomou a serio as apregoadas malfeitorias, que por essas politicas lhes eram attribuidas. Até, em uma das suas cartas dirigidas a Silva Pinto, escreve que não sabe em que cottação os jesuitas se encontram no espirito critico do tempo, e é ainda em tom ironico que n'este capitulo elle se exprime, dizendo que é só como catholico que elle se submete aos juizos da bulla de Clemente XIV, extractando os seus termos. Mas a sua intenção n'este particular, referente ao Ministro de D. José, encontra-se expressa n'êste periodo :

«O que eu pretendo sustentar é que o Marquez de Pombal matou jesuitas sem prova de culpa, uns nas masmorras da Junqueira, outros nas do Castello da Foz, muitos de fome nos porões dos navios de transporte, e o mais irresponsavel de todos, porque era demente, em estrangulação publica e infamantissima na Praça do Rocio.»

Fazendo meio ao episodio nacional, descreve-nos a situação dos politicos e encyclopedistas em relação á Companhia, com Voltaire na frente, o maior dos immortaes sem character que conhecemos; com Voltaire que escrevia a Helvecio :

«Destruídos os jesuitas, venceremos o infame.»

Mas não é da melicia de Jesus que elle quer occupar-se, mas sim, e principalmente, do caso particular do Padre Malagrida, que Pombal fez prender e garrotar, não obstante ser um homem de quem *se não conheciam vicios, sendo notorias as suas virtudes*; a quem o povo ajoelhava nas ruas; a quem as classes elevadas prestavam culto; que a Rainha D. Marianna d'Austria tinha em particular estimação, e a quem D. João V, *Sardaplo comatoso rodeado de algalias e seringas*, se confessava constricto nos paroxismos da morte, o ponto final das suas muitissimas mundaneidades.

Malagrida contava 72 annos, cortados de fadigosos trabalhos, ensinando e missionando na America; estivera preso por mais de dois annos, concluindo Camillo que a perversidade do ministro omnipotente, e por ventura ferido em qualquer interesse ou vaidade, se exercera, alfim, sobre um mentecapto, que nunca podia ser accusado de se envolver na conspiração dos fidalgos, que por ventura, até, talvez quizesse evitar.

Debicando no feitio da complexa individualidade de Pombal, apresenta-nos este como temperamento muito dado ao bello sexo, já depois das suas aventuras de rapaz, que foram muitas em Portugal e na Inglaterra.

E' vel-o nas proximades dos 70 annos :

«Elle tinha cincoenta e tres pedras do tamanho de grãos de bico no coração; porém, como o coração lhe media palmo e meio, tudo conforme com o relatorio do dr. Picanço, que o embalsamou, ainda lhe restava espaço que ardesse na doce chamma. Era estrangeira a mosca verde que zumbia na cabelleira de Sebastião José, pul-

verisada de simonte, porco por dentro e por fóra, avaro sordido ao declinar da vida, tratando-se domesticamente com miseria, servindo-se de um só creado, depois que nomeiou official de secretaria o escudeiro que trouxera de Vienna. O velho chacal tinha ainda nevroses de lascivia, e escrevia cartas em francez a convidar com languentos requiebros e gemidos de solitaria rôla a femea.»

O episodio é documentado, pois se auctorisa em uma carta que foi encontrada por Francisco Palha, archivista do ministerio do Interior, em um masso com o titulo: *Cartas ministeriaes politicas*, que Martens Ferrão não consentiu que se publicasse, mas que Soriano, tendo-a visto e examinado, affirma ser do proprio, expondo n'estes termos a sua opinião:

«Não se pode duvidar da authenticidade da carta em questão, já pelo character da letra, que n'ella se vê, e que sem nenhuma duvida é do Marquez de Pombal, como poderão verificar pessoas que d'ella têm conhecimento, e já pelo proprio sinete que a fechou, tendo impresso no lacre as armas do referido Marquez.»

Vem a seguir um rol de violencias *pombalinas*, principiando pelo episodio do alemtejano João de Sousa, pretendente insoffrido, que em Villa Viçosa descarregou um fueiro, puxado de pulso forte, sobre o corpo irresponsavel de D. José I.

Isto deu azo a que d'ali em diante o Rei andasse

cercado de muitas cautellas, a ponto de só dar audiencia resguardado por uma balaustrada; cautellas que abrangiam o seu favorito, que se escoltava de um esquadrão de dragões de Aveiro com as espadas núas, não se apeando nunca da sege sem se amparar no hombro do capitão da guarda, que tinha o seu quartel em casa comvesinha á do ministro.

Acrescenta :

«Não obstante, no dia 6 de setembro de 1771, o Marquez de Pombal, quando sahia da côrte, ladeado de cavallaria e em frente da guarda do paço que lhe fazia a continencia, foi apedrejado por um homem andrajoso, que lhe rasgou a cortina da portinhola com a primeira pedrada, e antes de ser preso ainda lhe arremessou segunda. Este homem deixou-se amarrar com a mais fleumatica impassibilidade, e mostrava-se glorioso da fnçanha quando o conduziam para o Forte da Junqueira.»

No rol d'essas violencias especialisam-se :

A prisão do Ministro da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Côrte Real, prisão effectuada em seguida a um jantar que elle offerecera aos diplomatas estrangeiros, *mostrando-se muito mais alegre que de costume*, como o Conde de Bârcchi mandava dizer para França ao Conde de Choiseul.

Pombal fez sahir o collega, *o homem mais amavel do seu tempo*, para os arrabaldes do Porto, d'ali mandou-o

para a Beira, depois para Mazagão, a seguir para as Berlengas, e por fim para Peniche, onde morreu.

O encarceramento no Forte da Junqueira, do lavrador alemtejano de appellido Toscano, compadre de Diogo de Mendonça, e accusado de, por vingança do desterro d'este, projectar a morte do Marquez.

Ignorando-se o destino final de Toscano, é possível a hypothese de ter sido assassinado na prisão.

O procedimento havido com o Bispo do Pará, que foi mandado recolher no mosteiro de S. João da Pendurada, onde morreu, sendo o seu castigo resultante do facto d'elle no Brazil dar á lingua em desabono dos processos politicos do ministro preponderante e arbitrario.

A seguinte sentença—que de facto provoca calafrios—lavrada pelo proprio Marquez, e fundamentada no depoimento *de uma só testemunha* :

«Justiça que el-rei nosso senhor manda fazer n'este reo, chamado João Baptista Pelle, genovez de nação, que seja conduzido em carro, insignias de fogo, ao largo da Praça da Cordoaria no sitio da Junqueira, e ali vivo lhe sejam cortadas as mãos, e que depois seja tirado e desmembrado por quatro cavallos, e feito o seu corpo em pedaços, que serão consumidos em fogo até ficarem reduzidos a cinzas as quaes se lançarão ao vento; e isto por conjurar com outros socios contra a vida do illustrissimo e excellentissimo Marquez de Pombal, primeiro ministro e secretario d'estado, immediato á real pessoa, e seu logar tenente, sendo-lhe achado para o exe-

crando assassinato instrumentos de fogo, para com elles o executar no faustissimo dia dos annos do dito senhor, e inauguração da sua real estatua equestre.»

O Marquez de Pombal, ao sahir do governo, deixara, de facto, as finanças mais que equilibradas: um *superavit* de 75 milhões de cruzados, nem menos.

Não em relatorios, mas em dinheiro de contado e sem nenhuma complicação de escripta.

Mas a questão, o que era essencial, não estava nos milhões, mas sim na fórmula, nos processos por que elle os juntara.

Camillo dá alguns exemplos, mas nós queremos limitar-nos ao commentario:

«A administração dos dinheiros do estado pelo Marquez de Pombal tem sido gabada como norma e carta de guia para ministros da fazenda. E' o suffragio das multidões n'este anno de 82.

«.....

«Pelos processos, morosos e periclitantes da liberdade e do constitucionalismo nenhum ministro lusitano chegará a enthesourar 75 milhões, e duvido até que Portugal tenha de seu, livres de dividas, 75 réis.»

Chega a parecer um artigo de fundo do nosso tempo!

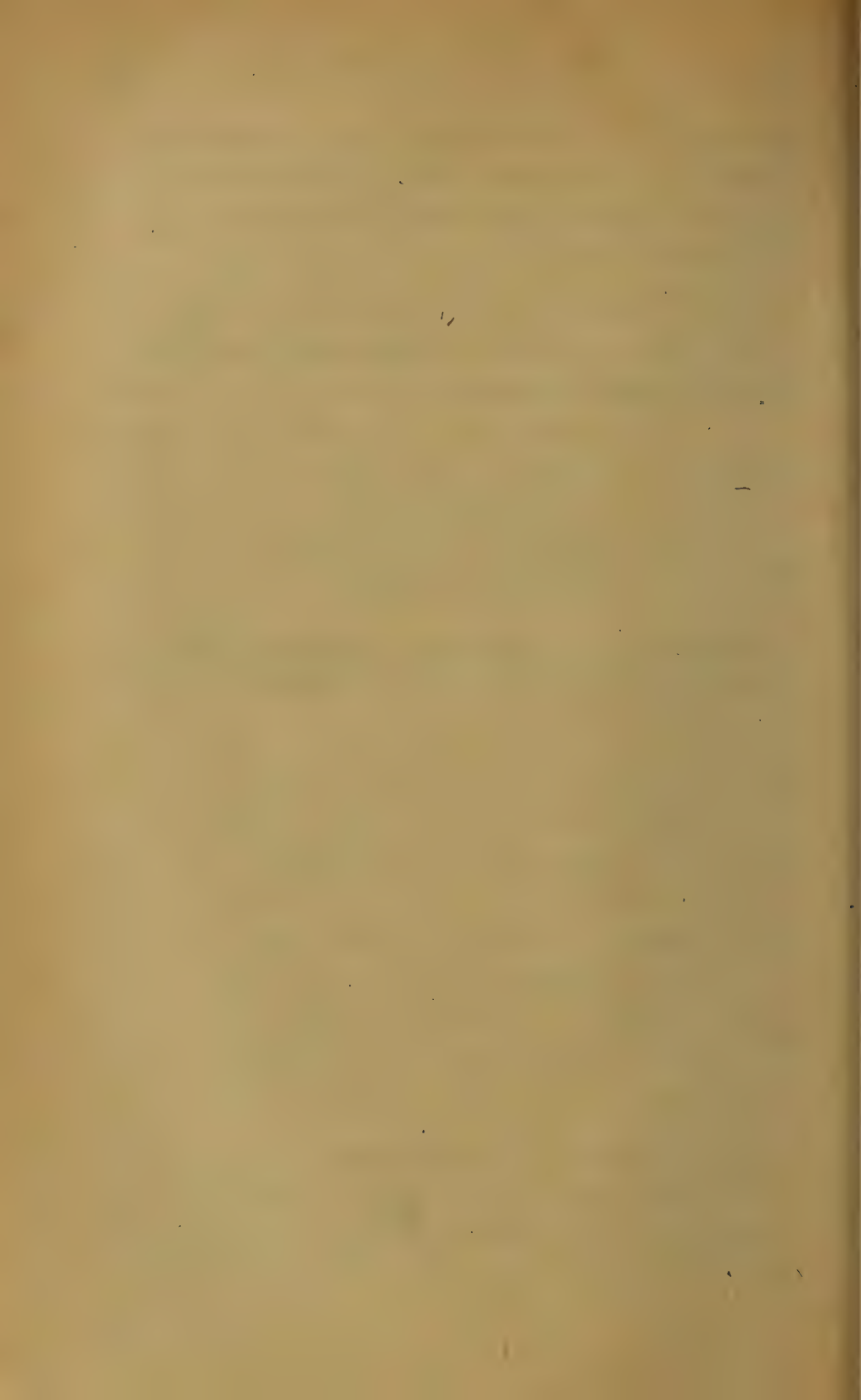
Proseguindo no libello, o escriptor accusa o famoso ministro de ter mandado lançar fogo ás campanhas da Trafaria, onde viviam 5:000 pessoas, pelo facto de ali

se acoutararem muitos rapazes fugidos aos processos arbitrarios do recrutamento militar do tempo, e por fim, sem dó, retrata-o na decadencia da submissão perante os inimigos triumphantes.

O lião não soubera morrer como féra, mas tambem é verdade que ao lião moribundo não faltou o escouceamento dos onagros, com um poeta de valor na frente, Nicolau Tolentino d'Almeida :

*Armas de ouro gravadas
Ser-te-ão por mim erigidas
E por ti mesmo traçadas,
Em sangue humano tingidas
E com mil leis penduradas.*

Pode-se dizer que tudo encerra uma lição do passado para ensinamento de vindouros.



Maria da Fonte

Não se trata propriamente da historia do movimento religioso, fiscal e politico que assim tomou nome na chronica nacional.

Não.

Ouvimos que Manuel Passos, que pela acção do senhor seu mano José, habilidoso e ferrenho propagandista, chegou a ter *subditos*, no conceito do Rei D. Fernando II, e que ainda por intermedio do irmão mandou absoluto na Junta do Porto, offereceo um dia a Camillo os muitos documentos que possuia sobre a revolta de 46, para elle os pôr em ordem historica e critica, e que o grande romancista não quizera acceitar a incumbencia.

Assim devia ser, porque Camillo, quasi sempre apaixonado ao tratar dos acontecimentos dos seculos XVI, XVII e XVIII, d'essa paixão não poderia eximir-se ao dissertar sobre factos seus contemporaneos, tendo vivido no meio d'elles e muitas vezes em relações intimas, pelo jornalismo, com alguns dos seus protogonistas.

D'este modo, o seu livro *Maria da Fonte* não podia ser, como não é, uma *historia*, nem elle tão pouco o apresenta com essas proporções, antes pelo contrario o sub-

intula com todos estes dizeres: *A proposito dos Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1845, publicados recentemente pelo reverendo Padre Casimiro, celebrado chefe da insurreição popular.*

Sabe-se o que foi essa revolta, incendio que rebentou no Minho em Maio de 1846, determinado por questões de materia de recrutamento, e que pode talvez d'est'arte synthetisar-se nas suas consequencias: rastilho do impressionismo popular, que os politicos fizeram alastrar por todo o reino; que deu em terra com os Cabraes; que levantou o Palmella, muito longe de ser estadista como soubera ser diplomata; que fez prender o Duque da Terceira; que teve como episodio o golpe de estado de 6 de outubro; que abortou a Junta do Porto, descricionaria, até em roubar os bancos, como um tyrannete de comedia, e de que era dono José Passos sob o rotulo de Conde das Antas; que ameaçou o paiz, ao mesmo tempo, com o miguelismo e com a republica; que regressou aos Cabraes, e que foi caminhando sempre d'esta maneira, n'um circulo vicioso de revoltas, até chegar á vergonha do Convenio de Gramido, alcançando por fim o porto de salvação, depois de muito sangue e de muita lama, da Regeneração redemptora, a que o sr. Theophilo Braga chama *burla*, com aquella mesma ligeiresa de criterio com que se sente e apregôa como apto, de saber, temperamento e educação, para ser o historiador definitivo dos nove seculos da vida portu-gueza!

Em poucas palavras cremos que pôde dizer-se que foi isto a *Maria da Fonte*, que os leitores podem conhecer de substancia, em antecedentes e consequentes, no erudito escriptor o sr. Barbosa Collen, tanto na parte da

Historia de Portugal, que é da sua authoria, como nos dois curiosos volumes que se intitulam *Entre duas revoluções*.

Não escreveu Camillo, repetimos, nem procurou escrever a historia da *Maria da Fonte*. Nem tão pouco fez um estudo social e politico do meio portuguez em que se enquadrou o episodio. O que elle fez foi arrumar um volume de 300 paginas de factos, de criticas, de humorismos, de phrases brilhantes e contundentes como arma assassina; em summa, um livro de deliciosas curiosidades sob um titulo notoriamente suggestivo para as multidões. Tão suggestivo, que o hymno respectivo ainda hoje, aos 24 dias do mez de Fevereiro de 1914, em que estamos lançando no papel estas linhas, reparte com outro hymno as honras officiaes de esfusiar nos momentos solemnes; hymno que sempre teve enorme consumo nos expedientes politicos, quando se tornava mister amedrontar os governos com a hydra revolucionaria, chegando no seculo passado, no periodo de 80, a ser estampado nas columnas de um orgão partidario monarchico, com aquelle desfastio inconsciente e leviano com que os partidos se defrontavam e se affrontavam, desprestigiando por vezes o regimen.

O padre Casimiro José Vieira, da villa do seu appellido, de presença perfeita, que se preparava para prégador, tendo assim, pela perfeição da sua figura, um dos requisitos de Quintilliano, entrou no movimento insurreccional por instigações de desforço contra os que lhe haviam desfeitoado a familia, e na velocidade adquirida do impeto, foi por ali fóra, até no seu espirito, por visualidade, se tornar crença a predestinação dos que exercitam missão na terra. N'este estado de intimo foi

proclamado *intendente geral da comarca da Povoá*, título a que se seguiram outros muitos títulos, e se collocou á frente de milhares de homens, fanaticos da sua palavra, amedrontando as tropas regulares, miguelista transigível com a rainha constitucional se ella se declarasse absoluta, e em contradicção com este criterio sempre com os Cabraes na rhetorica dos seus rancores, e tambem com os *maçons*, como elle chamava aos sacerdotes do malhete nos seus communicados para o *Periodico dos Pobres*, na preocupação constante d'elles serem os inimigos mais perigosos da patria.

E' o Padre Casimiro, evidentemente, um typo de valor pessoal aureolado de lenda: metade mystico, como os seus collegas de S. Graal, metade humanamente destemido e valente, como foram os nossos *freires* que combateram na dianteira dos recontros, desfraldando os seus mantos, nas guerras da Edade Media!

E é assim que tem explicação a facilidade e dedicação mutua com que se rodeou de forças populares, contando-se por muitos mil, os adeptos, e é assim tambem que se explicam os títulos religiosos de que se condecorou, e em que sobresahia o de *Protector* ou *Defensor das Cinco Chagas*.

Um livro de memorias escripto por este homem devia ser curioso, e sendo de facto escripto, é o livro de muita curiosidade sem duvida. Escreveu-o já no ocaso da existencia tumultuosa, quando com os seus achaques e com as suas saudades, mas sempre prazenteiro e anecdotico, se recolhera ao seu *Casal da Alegria*, em Margaride—vivenda edificada á custa de missas bem pagas, que lhe encommendavam do Brazil, e localisada

no sitio mais lindo e saudavel do Minho, de onde se avista o termo de sete freguezias.

Essas memorias, esses *apontamentos*, escriptos com uma desprezenciosidade litteraria encantadora, teem como recommendação prefacial umas cartas de Camillo, trocadas com o auctor e referentes á epoca politica e á estrutura da obra.

No seu fundo historico, sem recamos de linguagem nem reholhos eruditos, é o livro do Padre sobremaneira interessante, e formando elle a substancia da *Maria da Fonte* de Camillo, pois que as passagens referentes a Macdonnel, a D. Santhiago Garcia y Mendoza, que veio a morrer sendo consul de Portugal em Marselha, e ao pittoresco general *Caneta*, Antonio Joaquim dos Santos, negociante fallido na cidade de Braga, são meros episodios 'porque passa correndo, o grande escriptor extractou-o copiosamente. Tinha de facto muito por onde fazer extractos de novidade e impressão, mas o peor é que, preoccupadamente, fez commentarios de uma forma desapiedada e desmerecida da singeleza do homem e da simplicidade das suas intenções de chronista.

Mas como em Camillo tudo tem o seu valor maior ou menor, á *Maria da Fonte* basta, para lhe imprimir grande interesse, a parte primeira do livro, em que o auctor se propõe deslindar, e de facto *deslinda*, se a apreçada heroina, successora directa da Brites de Aljubarrota, «foi a personificação phantastica de uma collectividade de amazonas de tamancos, ou realmente existiu, em corpo e fouce roçadoura, uma virago e revolucionaria com aquelle nome.»

A muitas individualidades femininas da respectiva região do Minho se attribuiria, com muitas hypotheses e

muitas phantasias, a identificação do cognome historico,

Camillo passa tudo isso em revista, e por factos e argumentos, deduzidos pelos melhores processos da hermeneutica, processos que eram seus, pois que não se importava com os methodos classicos, foi apurando e depurando, até que se fixou, baseado nos melhores informes, na certeza de que a virago famosa vinha a ser uma exposta que Josefa Antunes, moradora junto á Fonte de Vido, no logar do Barreiro, freguezia de Font'Arcada, recolhera em 1822, e criara com taes mimos que a engeitada aos 10 annos ignorava a doutrina, não sabia pegar na roca, mas conhecia todo o repertorio das palavras obscenas, e aos 18, fortalecendo-se n'esta educação meral, iniciava a fertilidade do seu ventre, continuando a descendencia dos bastardos collocados ao leo onde quer que calhava, chegando aos 24 á completa maturação e espirito, a ponto de se tornar directora destemida do mulheroio que não queria que os enterramentos se realisassem fóra das egrejas.

O auctor amiuda-lhe a vida, até que, sem o dar como certo, lhe prevê o fim, depois de contar que ella, affeiçoando-se a um tambor, o acompanhara na divisão do Conde das Antas:

«Eu tenho para mim como certo que a verdadeira Maria da Fonte é a engeitada da Fonte de Vido, que em menina cantava bebedamente o *Rei-chegou* e era ladra, que em mulher deu alguns filhos á roda e o seu nome á revolução de um paiz; e que afinal, já muito sovada, se foi á vida das casernas com um tambor da divi-

são do Conde das Antas. A sua paragem derradeira deve ter sido a enxerga de uma enfermaria especialista.»

Tal é a personagem historica que dá o titulo ao hymno do maestro Frandoni, um dos hymnos nacionaes em Portugal.

Mas se esse hymno se toca em festas officiaes, já não se não canta na toada dos seus compassos:

*Viva a Maria da Fonte,
Com as pistolas na mão
Para matar os Cabraes
Que são falsos á nação.*

Posto isto, que no tocante á substancia do livro é o que se nos afigura de principal, passemos á revista de trechos e phrases.

Percorrendo as paginas da obra do Padre Casimiro, Camillo Castello Branco recorda nos bellos periodos que se seguem a sua mocidade e o meio politico d'esse tempo em Portugal:

«Sentia-me remoçar;—o sol da juventude a dissolver gêlos sobrepostos de mais de meio seculo. A primavera dos dezenove annos a refflorir violetas, redoços de trepadeiras e froixeis de folhagem veludosa para os ninhos das aves hilariantes. O coração a encher-se-me de côres, de aromas, de musicas, de fórmias e ideaes que eu tinha esquecido. Uma consolação ineffavel como deve ser a do asfxiado que, salvo á morte, de

subito, sorve, a peito cheio, haustos redemptores de oxigenio. Emfim, a ressurreição da memoria das cousas boas, dos sentimentos alegres—memoria apagada no frontal de um craneo vazio como um velho jazigo com as letras do epitaphio obliteradas.

«Esta tafularia de rhetorica só pôde apreciar-a um velho que haja sido moço, quando a Historia passava por esta nesga da Europa evolucionando os casos que o padre Casimiro José Vieira condensou no seu livro. E é preciso de mais a mais, que esse velho seja infeliz e sinta saudade atroz, sem desafogo e sem remedio, da sua mocidade. Porquanto, se a revolução do Minho lhe fôr a recordação horrente de uma época sinistra em as notas de dez pintos se descontavam ominosamente com 15 tostões e $\frac{1}{2}$ de perda; as Inscriptões a 32; a Hespanha a emprestar-nos tres milhões a 43 com commissão de 2 $\frac{1}{2}$ —se ella recorda com movimentos peristalticos dos seus intestinos baixos os toques a rebate nas torres e nos quarteis, o *leva arriba* canibalesco das casernas e das montanhas, os clarins estridulos dos esquadrões com as espadas nuas, as invasões de José de Passos aos Bancos (1), os 30:000 proletarios do *Padre Casimiro* «defensor das cinco chagas e general das duas provincias do norte» em redor de Braga a ulularem por D. Mi-

(1) Jose Passos tinha d'estes processos elementares: chegava a um banco do Porto, dava com a bengalla no *guichet*, e aberto este, dizia sem cerimoniaes... liberaes:—Deem-me cá 50 contos!

guel I, a fome das viúvas dos artistas e collarejas pelas ruas das cidades guinchando a *Luizinha*, os pianos com uma dysentheria democratica patuleando em familia o hymno do Antas e da Maria da Fonte, os matadouros de Valpassos, de Agrella, de Braga, de Torres Vedras, do Alto do Viso—se estas reminiscencias assustam a sua memoria de capitalista pacato, pondo-lhe no seu interior colicas de crises semelhantes, não leia.»

Mas leia esta transcripção enorme, e reconheça por ella que é verdadeira a phrase do Evangelho que *os tempos se aproximam succedendo-se*.

Referindo-se aos termos de apreciação do *Protector das Cinco Chagas* sobre a mulher que o Padre considera como sendo a *Maria da Fonte* genuina, chrismandando-a de *Judith portugueza*, ironisa assim :

«Acertou melhor chamando *Holofernes* ao sr. Conde de Tbomar, *cuja cabeça*—rhetoricamente, graças a Deus, andou *pendurada nas roçadouras das matranas e das donzellas do Minho*. Quanto a *donzellas*, o sr. Padre Casimiro não precisa ser mais rigorosamente classico e tecnico, que mestre Camões, para quem Ignez de Castro, mãe de alguns filhos, era a

..... pallida donzella.

Ellas eram, pelos modos, como as *donzellas virilmente experimentadas* de Horacio, na *Ode 14 do liyro III* :

..... *Et puellae*
Iam virum expertae.

Defronta com merecidas ironias a Manue! Passos, orago da jacobinagem inconsciente, e que ainda não recebeu, a nosso ver, da critica historica a apreciação merecida pelas suas doutrinações rhethoricas ao serviço das suas vaidades politicas :

«O setembrismo, bordando no seu estandarte victorioso o moto *Maria da Fonte*, resvalou dos seus briosos principios avançados. Passos Manuel devia indignar-se. Qual indignação! Elle propoz em 46 que se dispensasse a provincia do Minho de pagar o subsidio litterario como galardão aos serviços prestados á causa nacional. Não seria isto uma ironia do poeta de Bouças? Considerando que a provincia do Minho era alphabeticamente selvagem, acharia Passos Manuel absurdo obrigar-a a subsidiar cousas litterarias? Eu bem queria escapulir por esta espirituosa evasiva aquella estatua encazacada que está em Mattosinhos invocando a piedade da Arte.»

Na tactica e estrategia rudimentares do famoso Padre guerrilheiro figuravam muito, como as trombetas dos juizos finaes, os *businões*, que ecoando por montes e vales, arregimentavam multidões enormes em volta do caudilho.

A esses rudimentares apetrechos bellicos se refere Camillo n'estes termos :

«Portugal, em 1846, teve aquelle atavismo de uma selvageria *sympathica*; mas aquillo dos businões não podia continuar. Estavamos de mais amolentados em corrupção de ouvidos e do resto para podermos prescindir das charangas do nosso exercito, ricás de fadinhos, da Canna-verde e do Pirolito. Pois os businões eramos nós, eram Portugal, assoprado *symphonicamente*; e, se já houve musica *ethnica*, nenhuma raça a teve tão característica, em busios, businas e businões, como nós. Ah! Como o sr. Padre Casimiro, talvez impensadamente e por acaso, conquistou 30:000 homens arrebanhados por um transporte de orelhas, e arrastados pelo som horrendo dos barbaros instrumentos.»

Hoje ainda é pelas orelhas que demovem e determinam multidões; mas ás orelhas chama-se, mais *progressivamente*, *ouvidos*, a fim de que os homens se differenciem d'aquelle animal *sympathico* que pelo grande orelhamento é preconisado na sua estupidez paciente!

Agora admiremol-o na descripção da *psychologia* das recordações do passado em annos adiantados da vida :

«A vista retrospectiva lançada da beira do tumulto para os actos da juventude é uma falsa miragem sem a poesia das grandes rapazices, sem naturalismo, cousa invalida como documento humano, sem retoques de uma *idiosyncrasia* pittorescamente selvagem.»

Nem Horacio lhe escapa na sua immortalidade.

Leva assim a proposito do general Lacueva, que no seu entender não ganhara com valentia as dragonas do generalato :

«Foi Horacio que inculcou as doçuras de morrer pela patria. Olhem quem o disse! O intrujão que fugia sempre; e na batalha de Phillipis, atirou o escudo para as costas, unico lado que elle mostrava, e de longe, ao inimigo. Temos tido generaes que parecem Horacios Flacos... nas batalhas.»

Traduz d'esta maneira a resposta, dada ao Pinto Bastos da Junta, pelo *commandante das tres provincias em nome da santa religião*, que vinha a ser uma das rubricas de que o Padre Casimiro antecedia a assignatura nas proclamações declamatorias :

«Eu quero que a Rainha governe absoluta, e vossês querem que ella reine coacta. Eu posso ser um absolutista retrogrado : vossês são uns refinadissimos velhacos. A Rainha para vossês é simplesmente um real espantalho com pretensões a afugentar da painçada os pardaes damninhos dos outros partidos. Eu quero uma patria para todos, governada pela Rainha absoluta : vossês querem uma Rainha constitucional a garantir-lhes o exclusivo da gamella.»

O erudito Conde de Azevedo, Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca, ao tempo governador civil de

Braga, tentou, com promessas, desarmar e guerrilheiro incommodo, mas este respondeu-lhe:

«Que despreza a morte. *Que o não desfeiteia quem lhe tirar a vida, mas que o injuria quem lhe offerecer empregos ou dinheiro.* Que o respeite como commandante de duas provincias. Que exponha á Rainha o contheudo da sua carta, para que ella entre no conhecimento da mortandade que vai começar. Que se retira das Sete Fontes, mas que espera em breve as duas provincias em massa.»

Commentario de Camillo :

«N'aquelle tempo ainda faiscavam temperamentos indigenas assim desinteresseiros; hoje-porém, apresentem a qualquer alienista, ao Sena, a Julio de Mattos, ao Craveiro, um sujeito a bradar que não quer dinheiro nem empregos, e que offerecerem-lhe essas cousas é maior desfeita que a morte, e hão de ver como os especialistas os mandam summariamente a Rilhafoles ou á Cruz da Regateira, onde com certeza não entrou ainda um exemplar d'esta especie teratologica. O certo é que este padre foi preluçadamente idealizado na epopéa do cantor do Gama, *Canto X, estancia CL :*

*Que o bom religioso verdadeiro
... Não pretende... dinheiro.*

Para concluir :

«Pintar o vicio de modo que elle faça nojo, é mais efficaz que o melhor sermão sobre as transgressões da castidade. Petronio é um dos antigos mestres do realismo a nú. As orgias de Trimalchio revolvem as entranhas vomitivas do leitor, e por isso mesmo é que Burmann qualifica *Petronius* de varão sanctissimo, *viro sanctissimum*. Igual sanctificação cabe ao Marquez de Sade. Zola e os irmãos Goncourt entrarão no mesmo *Flos sanctorum*; e eu, se tiver descendentes que zelem os interesses agiologicos da minha memoria, talvez concorra com o *Euzebio Macario*, peorado pela *Corja*; e Padre Casimiro com o seu Matrimonio.»

E por aqui nos quedamos em materia de transcrições.

A respeito do livro *Maria da Fonte* podem diversificar as opiniões no tocante ao seu valor historico, mas cremos que o Padre Casimiro José Vieira, pela sua isenção de revolucionario e pela sua valentia aventureira, quando por mais não fosse, devia merecer a Camillo mais consideração pelo seu trabalho sincero e ingenuo, representativo de grande copia de factos.

Mas a harmonia de opiniões será completa pelo que se refere á fôrma perfeita por que elle communica aos leitores ainda as mais crueis e desapiedadas injustiças de opinião sobre os homens e os acontecimentos.

Ineditos de Camillo

Tem cabimento n'este trabalho, justificada e merecidamente, uma referencia demorada ao livro que sob o titulo—*Camillo Inedito*—publicou recentemente o illustre escriptor o sr. Visconde de Villa Moura, um dos fervorosos devotos do mais complexo dos escriptores portuguezes.

E' o compillador do *Camillo Inedito* um homem ainda na florescencia da vida, ponderado no orientação do seu espirito de estudioso, sempre util á litteratura nacional, e que apenas, por vezes, sacrifica o valor real e positivo dos seus trabalhos á fórmula preocupada em exprimir idéas e opiniões extra-muros do vocabulario commum, como so attesta ainda, a nosso ver, em phrases do *Prefacio* do livro em referencia.

E' uma questão de *processo*, de *meio*, de *moda* litteraria, mas que a construcção propria da lingua portugueza, com o modelo de Camillo na frente, muito bem dispensa para a exposição das nossas idéas, phantasias e irritações politicas.

E que o sr. Visconde de Villa Moura nos perdoe a impertinencia, que na intenção de sinceridade com que é escripta, na essencia do seu significado traduz o apreço com que de ha muito acompanhamos a sua faina de escriptor.

Abre o *Camillo Inedito* pela zincographia da declaração do suicida, datada de S. Miguel de Seide ás 10 horas da noite—noite de enregelada invernia, lá fóra e no espirito do grande desgraçado glorioso—de 22 de Novembro de 1886 :

«Os inarraveis padecimentos que se vão complicando todos os dias, levam-me ao suicidio unico remedio que lhes posso dar. Rodeado de infelicidades de especie moral, sendo a primeira a insania do meu filho Jorge, e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da familia. A mãe d'estes dous desgraçados, não promette longa vida ; e se eu pudesse arrastar a minha existencia até ver Anna Placido morta, infallivelmente me suicidava. Não deixarei cahir sobre mim essa enorme desventura, a maior, a incomprehensivel á minha razão, á minha grande comprehensão da desgraça. Esta deliberação de me suicidar vem de longe como um presentimento. Previ, desde os 30 annos, este fim. Receio que chegado o supremo momento, não tenha a firmeza de espirito para traçar estas linhas. Antecipo-me á hora final. Quem poder ter a intuição das minhas dôres, não me lastime. A minha vida foi tão extraordinariamente infeliz que não poderia

acabar como a da maioria dos desgraçados. Quando se lêr este papel, eu estarei gosando a primeira hora de repouso. Não deixo nada. Deixo um exemplo. Este abysmo a que me atirei é o *terminus* da vereda viciosa para onde as fatalidades me encaminharam. Seja bom e virtuoso quem o poder ser.

Camillo Castello Branco.»

Apenas accentuaremos, repetindo-a, uma phrase, por ventura representando o ultimo pensamento de Camillo, que é a synthese de uma philosophia moral :

«SEJA BOM E VIRTUOSO QUEM O PODER SER»

Na editoração dos ineditos, seguem-se as cartas dirigidas a *Manuel Negrão*, amigo intimo de Camillo, e, ao que se conclue, do numero dos sinceros e dedicados ; ao erudito bibliographo *Innocencio Francisco da Silva* ; ao dr. *Francisco Lourenço da Fonseca*, litterato e especialista ophtalmologico, que o tratara na doença que mais lhe revolucionava o temperamento nervoso — a caminhada prevista para o perdimento d'aquella vista previliigiada, que tão bem soubera olhar e apreender as formas abstrusas da sociedade do seu tempo ; a *Guilhermino de Barros*, que foi romancista historico de merecimento e poeta laureado da Academia Real das Sciencias ; a *D. Maria José Furtado de Mendonça*, poetisa que tinha a inspiração nativa dos simplices, que substituem com vantagem os requintes da arte ; ao *Visconde de Ouguella*,

seu companheiro de vida mundana e litteraria ; ao dr. *Ricardo Jorge*, uma das notabilidades scientificas, criticas e litterarias mais veridicas e confirmadas do nosso tempo ; a *João Caetano da Silva Campos*, romancista e jornalista, residente em Vianna do Castello ; ao dr. *João Chrysostomo Melicio*, *Visconde de Melicio*, redactor da camara dos deputados, deputado progressista e jornalista de varor ; ao fallecido dr. *Urbino de Freitas*, irmão de um seu grande e fervoroso amigo e admirador ; a *Arnibal Fernandes Thomaz*, intelligente e erudito, que empobreceu pela bibliographia e que ás letras portuguezas prestou serviços que nunca ninguem se lembrou de reconhecer condignamente ; ao sr. *Francisco de Castro Monteiro*, antigo deputado e funcionario superior da alfandega do Porto ; ao sr. *Eugenio de Castro*, poeta de inconfundivel originalidade, em plena maturação de um bello espirito ; ao sr. *Alberto Pimentel*, poeta, romancista e jornalista, o mais indefesso dos seus propagandistas, guardando com amor, o culto da sua admiração pelo mestre e amigo de sempre ; ao dr. *Victorino da Motta*, medico e professor, que tambem foi da nossa amisade, e a quem já fizemos referencias justas quando tratámos da *correspondencia epistolar* com Vieira de Castro ; a *D. Anna Placido*, a sua amante querida, a companheira das suas glorias e das suas desditas, a esposa rehabilitada pelo amor, em summa—*a mãe de seus filhos* ; a seu filho *Jorge*, em quem se apagou um talento artistico pela noite da loucura ; finalmente—*cartas a diversos*, a que se não assignala destinatarios.

Quasi todos estes documentos foram annotados com acerto e precisão pelo sr. Ville Moura, que depois de pesquizas benemeritas, os pode elucidar pelo melhor

processo que em trabalhos d'esta ordem se deve empregar: pela exposição dos factos e pelas referencias ás pessoas com que o escriptor trocara as suas impressões de amigo e de critico.

A proposito das cartas escriptas a Vieira de Castro e de muitas das que foram dirigidas ao polemista Silva Pinto e que este editou, já tentámos accentuar o feito individual de Camillo em materia de epistolographia; o *feitio*, escrevemos, e escrevemos bem, porque se nos referissimos a *processo*, mentiamos ao character d'esses documentos, porque Camillo, nas suas cartas como em toda a sua litteratura, não tinha processo nem systema. Devia escrever essas cartas *currente calamo*, dando vassante ao seu estado d'alma ou de espirito conforme as circumstancias de momento.

D'essas cartas vamos fazer transcripções, tanto mais que de todas as cartas que conhecemos de Camillo, algumas das colleccionadas no livro do sr. Villa Moura são das que habilitam a conhecer a psychologia intima de Camillo—que não aquella psychologia que entrava no commercio da editoração, das brigas litterarias e na conversa da *Aguia d'Ouro*, do *Palheiro*, da *Assembleia*, do *Gremio*, do *Marrare* ou do *Martinho*.

O seu amigo Manuel Negrão pedira-lhe objectos das escavações da Citania, sabendo da intimidade que elle tinha com o sabio despremiado que foi Francisco Martins Sarmiento

Camillo, a brincar, responde-lhe com estas verdades de observação:

«Respondeu-me que a Citania apenas dera cacos; todavia, faria selecção de alguma cousa

aproveitavel para me enviar. Nunca veio nada. Estes esfossilisadores de ruinas são mais avarentos que os das minas de ouro. Eu o que te posso offerecer para o teu museu archeologico é o teu decrepito Camillo.»

Depois, tambem a Manuel Negrão, refere-se assim á primeira das suas amantes consagradas :

«Vi hoje nos jornaes a noticia da morte de uma D. Patricia Emilia de Barros, de Villa Real. Era a mãe de minha filha Amelia. As personagens da minha comedia vão assim cahindo no palco em que eu já mal posso andar.»

Uma Dona Patricia!

Chega a parecer, sendo o epilogo desdenhoso de uma paixão, a rubrica de uma caricatura!

Ainda conhecemos Innocencio Francisco da Silva, tão digno de reconhecimento nacional como fôra e é o abade de Sever, Diogo Barbosa Machado. Innocencio, na sua especialidade, era sapientissimo, mas tinha um temperamento brusco, acompanhado de uma vaidade enorme. Melindroso em ressentimentos litterarios, como mulher em materia de amores, por um nada se zangava e irritava, e Camillo, que de certo o conhecia muito bem, preoccupadamente lhe entornou o balsamo da consolação, que muito devia ser apreciado pelo insigne compilador do *Diccionario Bibliographico* :

«Brevemente publicarei na *Gazetta Littera-*

ria o meu juízo ácerca da obra. Vai ella na retaguarda dos mais abalisados. E' o soldado que mancou e vai no couce da bagagem. E a proposito de *couce*. Tomara eu que V. Ex.^a pozesse de uma vez para sempre o aziar do desprezo nos focinhos da récova de cavalgaduras que a um tempo zurram e escouceiam. Aquelle Carreira de Merda...» (1)

Teve por vezes d'estes *realismos*; o *humorismo* é que era a nota permanente, e tanto que até humorisava com a propria desgraça :

«Hoje de tarde perdi completamente a vista do olho direito, mas não perdi a esperança de lhe annunciar ámanhã a perda do olho esquerdo.»

Nas cartas a Guilhermino de Barros, que ao tempo era director geral dos correios e telegraphos, pede favores para pretendentes que se encostavam á sua protecção.

Ao que nos consta, nunca se negava a essas recommendações, e devemos referir que foi a pedido seu que Manuel da Assumpção, quando ministro da justiça no ultimo gabinete de Fontes Pereira de Mello, nomeiou delegado do Procurador Regio o escriptor e jurisconsulto Trindade Coelho, que poz fim á vida como o fizera Camillo.

(1) *Carreira de Mello*, que foi director de um collegio e debicou com o *Diccionario*.

As suas lamentações sobre velhice e doenças eram permanentes. Quando novo, se dizia velho, e com saúde, queixava-se desdoente.

Os seus livros etão cheios de lamentações.

Mais uma :

«Effectivamente toquei a extrema de uma idade prodigiosa para mim, que ha 25 annos me considero sempre moribundo.

«Cheguei aos 60 espantado de como se pode vir tão longe, com tamanha carga de amarguras, deixando a alma espedaçada por esses silveiras da longa estrada. Muito forte é o homem, minha senhora, e muito custa a acabar.»

Das lamentações passando ao riso, e no desdem pelos que faziam comparações da sua obra com a de outros escriptores—como se por ventura elle tivesse pareenças com algum!—, commenta d'esta fórma :

«Li o artigo do Barradas, em que me chama Victor Coussin, o chefe do eclectismo em Portugal. Palavra de honra, meu amigo, diabos me levem se eu sabia que era aquillo! Um d'estes dias um jornal de Barcellos chamou-me Henry Heine, outro d'ahi até me chamou Gerson e Quevedo: não sei o que dizem de Lamego e Trancoso,

«O que eu queria não era parecer-me em funções encephalicas com alguém; se me arranjasse forças nas pernas que me levantassem á altura

de alguns andarilhos celebres, isso é que eu desejava, meu Ricardo Jorge...»

Um bello trecho de critica—como diremos?—de critica pessoalista, fóra de theorias, restringindo-se a impressões, é este, que se encontra em uma carta dirigida ao sr. Eugenio de Castro :

«Comprehando essa emocional e ascetica modalidade da sua alma juvenil; mas não posso admirar-a e aplaudir-a, a esta hora muito adiantada das illusões perdidas.

«Na minha idade, encrostada das lições duras de longa experiencia sob o peso asperrimo da vida, e por isso impenetravel á piedade das lyras e dos pulpitos, os casos orthodoxos que V. Ex.^a conta são para mim petreficações mysticas de nenhum valor, como documentos humanos, nem, sequer, suggestivamente piedosos para os espiritos emancipados que hão de ler o seu livrinho infantil. Creio bem que V. Ex.^a seja mais poeta convencionalista; n'esta obra de pura arte de que um pietista que faz a sua profissão de fé em deliciosas rimas.»

Agora o final, apropriado ao destino que teve o homem que se chamou Camillo Castello Branco, Visconde de Correia Botelho; trecho de uma carta para D. Anna Placido, sua esposa :

«Em tempo disseste-me que seria bom acabarmos ambos ao mesmo tempo. Não succumbas

emquanto poderes viver e amparar o Jorge, mas quando elle morrer, não tenhas pena de deixar este inferno de tantos annos, para que nenhum de nós teve o coração preciso e a valentia da responsabilidade no infortunio.»

Bem fez o sr. Visconde de Villa Moura procurando e publicando estes documentos : ha n'elles pedaços d'alma, pedaços de espirito e pedaços de coração de Camillo Castello Branco.

Fechando

Está concluída, por este 3.^o volume, a nossa revista á extensíssima e consagrada obra camilliana, podendo ser que ainda um dia voltemos ao trabalho, quando todos, ou o maior numero dos ineditos do grande escriptor obtenham a publicidade que merecem e lhes é devida de direito. Porque de Camillo tudo é aproveitavel, tudo; tudo contem lição e ensinamento, não devendo perder-se nada, principalmente para dar correccão á boa linguagem portugueza, na elasticidade e maleabilidade da sua forma constructiva.

Anda essa linguagem tanto e tanto abastardada, mórmente depois que a quizeram modelar oficialmente, que a regressão, com o mestre de todos na frente, chega a ser uma imposição de bom patriotismo.

Percorremos tudo quanto se nos afigurou ser genuinamente característico da individualidade do escriptor, do que lhe marca character, do que o affirma como romancista primacial, como dramaturgo, como historiographo, como poeta, como critico mordente e caustico, como

humorista inimitavel, como polemista destemido, de varrer uma feira litteraria.

Apartámos do seu complexo trabalho as notas mais salientes, que só podiam perder, por ventura, por lhes não corresponder condignamente o relevo que procurámos dar-lhes. Mas ellas, isoladas do nosso commentario despretencioso e correntio, ficaram no entanto valendo por si—valendo tudo.

Não desconhecemos os senões, que são muitos, do nosso trabalho. Pecca elle, sem duvida, pela influencia suggestionadora dos processos de jornalista, que temos sido por largos annos. *Qui a bu, boira.* Não podemos exhibir-nos, reos confessos, quasi sempre que nos referimos aos factos, aos homens e aos costumes, nossos contemporaneos, a essa influencia, e por mais que muitas vezes procurassemos fugir-lhes, elles impozeram-se á nossa vontade e ficámos presos á corrente pelo machinismo do habito.

Chassez le naturel, il revient au galop.

Assim escreveu Destouches na comedia *Le glorieux*, e tem sido o facto observado por tanta gente, que a phrase se tornou formula consagrada em materia de costumes, de politica e de litteratura.

Vá dito por nós, prevenindo o que possa ser dito por outros e sentido por muitos.

A nossa prosa, entremeiada pela de Camillo, servirá de imprimir, pela lei dos contrastes, o maximo relevo a esta. E' como moldura de madeira tosca que enquadra tela de artista genial.

Fica sendo esta a nossa consolação sincera, pois que o motivo principal que nos determinou a coordenar estes livros foi a de procurarmos ser propagandistas da obra

de Camillo Castello Branco, na intensão patriotica, *intensão nacional*, de contribuirmos por todos os meios para que essa mesma obra genial se generalise o mais possivel na leitura dos dois grandes povos irmãos, Portugal e Brazil, atravez das milhares de leguas maritimas que nos separam, pois que para a communicacão de idéas, communhão de ideaes e harmonia de sentimentos, o riacho do Coia é maior fronteira que o Atlantico na immensidade das suas aguas.

Que outros, com real valor positivo, continuem na propaganda, a que justificadamente acabamos de chamar *nacional*. Poderão ir muito mais adiante, em brilho de forma e condensação de critica; em coração, porém, se nos egualarem, não poderão exceder-nos; e isso nos compensará do trabalho, que muito bem sabemos que é inglorio.

Vão por vezes repetidas passagens e phrases que se parecem na fórma e na idéa; mas como a fórma era bella e a idéa era brilhante, muito de proposito deixámos que se repitissem n'estes livros. Uma phrase latina diz assim: *Bis repetita placet*. As cousas repetidas agradam, e em Camillo tudo é de encanto, embora algumas vezes nem sempre a sua litteratura seja justa.

Como prometteramos de principio, como se tratasse de um cosmorama, fizemos passar perante os leitores a grande *fita*, como modernamente se diz, dos personagens da sua galeria romantica e realista. E que enorme é a multidão d'esses typos, homens e mulheres, de todas as edades, de todas as classes, de todos os costumes, os mais diversos, de todas as educações, as mais contrarias, completando-se todos no conjuncto da vida de uma sociedade, historica e contemporanea, apanhada no

flagrante das suas virtudes e dos seus vicios, das suas heroecidades e das suas cobardias, das suas grandezas e dos seus ridiculos!

E satisfeito assim o compromisso a que nos obrigaramos, fechamos o noosso trabalho por fazer votos para que, governos e povos, saibam, por uma arrancada de nobreza espiritual, prestar a homenagem definitiva que é devida ao grande, ao enorme *escriptor portuguez*, nacionalissimo escriptor, que n'um trabalho de mais de meio seculo concorreu para affimar a sua patria no campo da belleza e da arte!

FIM

INDICE

	PAG.
Prolongando	1
Theatro	5
Othelo, o Moura de Veneza	43
Duas epochas da vida	55
Coração, Cabeça e Estomago	63
O general Carlos Ribeiro	75
Correspondencia epistolar	81
Horas de paz	95
O vinho do Porto	107
A Caveira da Martyr	113
O romance de um homem rico	131
Vaidades irritadas e irritantes	139
A Brasileira de Prazins	145
A Corja	153
Serões de S. Miguel de Seide	159
A Senhora Rattazzi	175
O carrasco de Victor Hugo José Alves	181
A Cavallaria da Sebenta	193
No Bom Jesus do Monte	205
Cartas	221
A' Bohemia do Espirito Santo	231
Virtudes antigas	239

	PAG.
Quatro horas innocentes	249
Duas horas de leitura	259
Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas.....	267
Historia	283
D. Antonio Prior do Crato	289
Á lenda de Machin.....	297
Gil Vicente	301
Sá de Miranda.....	305
Raças finas	307
Tragedias da India.....	311
Perfil do Marquez de Pombal.....	315
Maria da Fonte.....	343
Ineditos de Camillo	359
Fechando	367

O

PQ
9261
C3Z64
v.3

Castro, Sergio de
Camillo Castello Branco

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 07 020 5